

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Geografia**

Silvana Maria Moretti

**FÁBRICA E ESPAÇO URBANO: A INFLUÊNCIA DA INDUSTRIALIZAÇÃO NA
FORMAÇÃO DOS BAIRROS E NO DESENVOLVIMENTO DA VIDA URBANA EM
BLUMENAU**

Orientador: Prof. Msc. Luís Fugazzola Pimenta

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano

Florianópolis/SC, janeiro de 2006.

Fábrica e Espaço Urbano: a influência da industrialização na formação dos bairros e no desenvolvimento da vida urbana em Blumenau

Silvana Maria Moretti

Coordenador _____

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.

Presidente: _____

Prof. Msc. Luís Fugazzola Pimenta (UFSC)

Membro: _____

Prof. Dr. José Messias Bastos (UFSC)

Membro: _____

Prof. Dr. Nelson Popini Vaz (UFSC)

Membro: _____

Prof. Dr. Vilmar Vidor (FURB)

Florianópolis-SC, 29 de agosto de 2006.

Este trabalho é dedicado aos meus pais Luiz e Vilma e ao meu companheiro Joni.

AGRADECIMENTOS

Registro meus agradecimentos:

À minha família, pela compreensão e apoio;

Ao Professor Luís Fugazzola Pimenta, orientador desta pesquisa, por sua atenção e pelos encaminhamentos;

Aos membros da banca, pelas ótimas contribuições ao trabalho;

À Secretaria do Programa de Pós Graduação em Geografia, pelo profissionalismo e colaboração;

Às pessoas entrevistadas e que contribuíram com informações preciosas para a pesquisa: Osório de Faveri, Lindolfo Bohmann, Egon Belz, Agostinho Lang, Christa Siebert, Esmeralda Otte, Werner Siebert, Orlaff Otte, Olga Reinert Cerutti, Maria José Tesch, Dulce da Veiga, Arlindo da Veiga, Hélio Simão e Maria Celeste Simão e em especial a Adalberto Day, além de colaborador, um grande amigo;

À professora e amiga Claudia Siebert, pelas sugestões e pelo empréstimo e cessão de documentos imprescindíveis para a pesquisa;

Às funcionárias das indústrias pesquisadas, pelas informações fornecidas: Thaísa (TEKA); Bianca Schuldt (KARSTEN); Maria de Fátima Marchi (ALTENBURG); Vanusa Nowasky (PLÁSTICOS CREMER);

Às alunas Maria Fernanda Gevaerd e Cristiane Retore, que espontaneamente contribuíram de forma valiosa;

A Bruno Beduschi pela colaboração na elaboração e diagramação dos mapas apresentados;

A todos aqueles de maneira direta ou indireta, contribuíram no desenvolvimento da pesquisa.

RESUMO

Blumenau, cidade industrial de colonização europeia do século XIX no estado de Santa Catarina, iniciou sua industrialização no final do século, beneficiando-se de uma estrutura social e de legados técnicos de imigrantes que contribuíram no desenvolvimento de suas indústrias e evolução urbana. Um dos fatores que determinou uma forma peculiar da cidade foi a necessidade de descentralização das indústrias têxteis que procuravam recursos hídricos e grandes espaços, criando bairros apartados do centro urbano, formando uma estrutura que se nucleou pelos vales dos afluentes do Rio Itajaí-açu. Isoladas, as fábricas foram grandes responsáveis pela constituição dos bairros da cidade, dando-lhes conformação a partir do estabelecimento industrial, de onde se desdobravam desde as habitações operárias até as residências mais abastadas, o comércio, os templos religiosos, escolas, associações culturais e esportivas. Uma vida urbana assim se constituía em torno das atividades destas fábricas. Esta pesquisa tem importância, pois abordará a evolução urbana e social, tendo como enfoque a constituição e crescimento dos bairros em suas relações com as indústrias, analisando diferentes períodos até suas grandes mudanças na década de 1970. Após esta década, nota-se uma maior independência dos bairros com relação às indústrias, ocasionada principalmente por crises econômicas e reestruturações que afetaram, em muitos casos a hegemonia destas empresas dentro do contexto econômico de Blumenau.

ABSTRACT

Blumenau, an industrial city in the State of Santa Catarina, colonized by Europeans in the 19th century and where industrialization began in the end of 19th century, benefited from a social structure and technical legacy from immigrants who contributed to the city's development and urban evolution. One of the factors that determined the peculiar layout of the city was the need for decentralization of textile industries seeking for resources which included large land areas. This helped create district isolated from the urban center forming a structure that placed them in the valleys of the Itajaí Açu river tributaries. Isolated, the factories were responsible for the creation of the city's districts which took form based on the industrial establishment where the following started to be built: factory worker's homes, wealthier homes, small businesses, religious temples, schools, as well as cultural and sports associations. Urban life therefore was constituted around factories' activities. The present research has its importance in that it deals with urban and social evolution focusing on the districts' constitution and growing related their industries, analysing different periods, from early days up to the great changes in the 1970's. After this decade a greater district independence from industries may be perceived, due to mainly economical crises and restructuring which affected, in many instances, the hegemony of these industries in the economic context in Blumenau.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 2.01** Localização do Município de Blumenau no Estado de Santa Catarina e na Região Metropolitana do Vale do Itajaí.
- FIGURA 2.02** Mapa Político do Município de Blumenau.
- FIGURA 2.03** Atual divisão de bairros do Município de Blumenau.
- FIGURA 2.04** Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí.
- FIGURA 2.05** Vista aérea parcial da área urbana de Blumenau.
- FIGURA 2.06** Influência dos lotes coloniais nos loteamentos.
- FIGURA 2.07** Aspecto de uma colônia no início da imigração.
- FIGURA 2.08** Distribuição da colonização alemã pelo estado de Santa Catarina.
- FIGURA 2.09** Vista de uma propriedade colonial próspera em Blumenau.
- FIGURA 2.10** Mapa da Colônia Blumenau, em 1864.
- FIGURA 2.11** Vista do porto de Blumenau, no início do século XX.
- FIGURA 2.12** Mapa do Município de Blumenau, em 1924.
- FIGURA 2.13** Mapa do Município de Blumenau, com indicação dos desmembramentos ocorridos até a década de 1930.
- FIGURA 2.14** Limites distritais do Município de Blumenau, na década de 1950.
- FIGURA 2.15** Delimitação das Zonas Urbana e Suburbana dentro do perímetro urbano, de acordo com a Lei Municipal nº 926 de 1959.
- FIGURA 2.16** Vista frontal da Estação Central da Estrada de Ferro Santa Catarina, por volta de 1920.
- FIGURA 2.17** Aspecto inicial da Empresa Industrial Garcia.
- FIGURA 2.18** Conjunto arquitetônico da Companhia Hering, no início do século XX.
- FIGURA 2.19** Curtume Otte, no início do século XX.
- FIGURA 2.20** Construção da ponte da Estrada de Ferro Santa Catarina sobre o Rio Itajaí-açu.
- FIGURA 2.21** Fábrica de Chapéus Nelsa.
- FIGURA 2.22** Vista da edificação da Fábrica de Gaitas Hering, em 1930.
- FIGURA 2.23** Tecelagem Kuehnrich, em 1926, junto à residência do fundador.
- FIGURA 2.24** Electro Aço Altona, em 1934.

- FIGURA 2.25** W.S. Cremer S.A., na década de 1940.
- FIGURA 2.26** Artex, em 1937.
- FIGURA 2.27** Sul Fabril, na década de 1950.
- FIGURA 2.28** Vista da movimentação em frente a Empresa Industrial Garcia, em 1971, um pouco antes da fusão com a Artex.
- FIGURA 3.01** Desenho da vista panorâmica do familistério de Godin.
- FIGURA 3.02** Exemplo de vila particular, a 1ª Villa da Economizadora Paulista, de 1907.
- FIGURA 3.03** Vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 1946.
- FIGURA 3.04** Uma das tipologias arquitetônicas utilizadas na construção das casas da vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 1948.
- FIGURA 3.05** Tipologia arquitetônica mais utilizada na construção das casas da vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 1948.
- FIGURA 3.06** Conjunto de casas da vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 1966, apresentadas em um cartão-postal da época, como uma das belezas de Blumenau.
- FIGURA 3.07** Casa remanescente da antiga vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 2003.
- FIGURA 3.08** Casa remanescente da antiga vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 2003.
- FIGURA 3.09** Conjunto arquitetônico da Companhia Hering, no início do século XX.
- FIGURA 3.10** Casa alugada a funcionários da Companhia Têxtil Karsten, em uma foto de 2003.
- FIGURA 3.11** Granja Itoupava Norte, localizada próximo à Tecelagem Kuehnrich e de propriedade da família.
- FIGURA 3.12** Mapa da Sede da Colônia Blumenau, em 1900, com indicações dos principais elementos urbanos citados por Peluso (1991), no que diz respeito às características do plano urbano.
- FIGURA 4.01** Unidades Espaciais definidas por Mamigonian, em 1965.
- FIGURA 5.01** Primeira Sociedade de Atiradores (*Schützenverein*) de Blumenau.
- FIGURA 5.02** Bandinha de Blumenau.
- FIGURA 5.03** Piquenique realizado na década de 1930.

- FIGURA 5.04** Aula de ginástica em Blumenau.
- FIGURA 5.05** Confirmação de crianças, na Igreja Luterana de Itoupava Seca.
- FIGURA 5.06** Vista do Hotel Cabeçudas, na cidade de Itajaí.
- FIGURA 5.07** Hotel Holetz, no início do século XX.
- FIGURA 5.08** Vista do Grande Hotel Blumenau, em 1962.
- FIGURA 5.09** Baile de Debutantes, em Blumenau, na década de 1950.
- FIGURA 5.10** Foto aérea de 1972, que mostra a Rua Amazonas ainda passando por dentro do Parque Fabril da Empresa Industrial Garcia, o mesmo acontecendo com a Rua Emílio Tallmann.
- FIGURA 5.11** Foto aérea de 1981, que mostra o novo traçado da Rua Amazonas, passando por fora do antigo Parque Fabril da Empresa Industrial Garcia.
- FIGURA 5.12** Vista do Parque Fabril da Empresa Industrial Garcia, em 1962.
- FIGURA 5.13** Incorporação da Empresa Industrial Garcia ao Parque Industrial da Artex, com indicação dos referenciais urbanos, em 1974.
- FIGURA 5.14** Situação da Unidade Espacial do Garcia, após a incorporação da Empresa Industrial Garcia ao Parque Industrial da Artex.
- FIGURA 5.15** Vista da Cooperativa de Consumo dos Funcionários da Empresa Industrial Garcia, em 1967.
- FIGURA 5.16** Escola Hollenweger, em 1933.
- FIGURA 5.17** Antigo prédio onde eram realizadas as atividades do Clube de Caça e Tiro Jordão, em 1936.
- FIGURA 5.18** Salão Hinkeldey e Cine Garcia.
- FIGURA 5.19** Estádio do Amazonas Esporte Clube, em 1970.
- FIGURA 5.20** Time do Amazonas Esporte Clube, campeão da Liga Blumenauense de Futebol em 1957.
- FIGURA 5.21** Equipe de Atletismo do Amazonas, em 1966.
- FIGURA 5.22** Festa do Centenário da Empresa Industrial Garcia, no campo do Amazonas, em 1968.
- FIGURA 5.23** Prédio do *Schwesternheim* e Templo Luterano do Garcia inaugurado em 1933.
- FIGURA 5.24** Igreja Nossa Senhora da Glória, em 1945.
- FIGURA 5.25** Dirigido por Francisco Kumm, o primeiro ônibus motorizado de

- Blumenau fazia a linha Centro-Itoupava Seca.
- FIGURA 5.26** Hotel Franke, no ano de 1900.
- FIGURA 5.27** Companhia Paul, na década de 1920.
- FIGURA 5.28** A mesma edificação em 1971, já abrigando a Fábrica de Gaitas Hering.
- FIGURA 5.29** Companhia Salinger, no início do século XX.
- FIGURA 5.30** Vista parcial do bairro Itoupava Seca, na década de 1950, onde aparece em destaque, a Electro Aço Altona.
- FIGURA 5.31** Foto aérea de 1972, que mostra a localização das principais indústrias e as principais referências urbanas da Unidade Espacial das Itoupavas, nesta época.
- FIGURA 5.32** Foto aérea de 1981, que mostra a localização das principais indústrias e as principais referências urbanas da Unidade Espacial das Itoupavas, nesta época.
- FIGURA 5.33** Escola Particular de Altona (Itoupava Seca).
- FIGURA 5.34** Grupo de amigos à mesa (*Stammtisch*).
- FIGURA 5.35** Cervejaria Jennrich.
- FIGURA 5.36** Equipe de remo da Sociedade Recreativa e Esportiva Ipiranga, em 1952, treinando no Rio Itajaí-açu, no bairro Itoupava Seca.
- FIGURA 5.37** Figura extraída do Noticiário Cremer, cuja legenda diz: “Partida inaugural, disputada pelo Sr. Heinz Schrader, Diretor Presidente da Firma, na qual demonstrou que, além de um grande administrador, é um ótimo desportista”.
- FIGURA 5.38** Anúncio da Festa de Natal promovida pelo Clube Esportivo Cremer.
- FIGURA 5.39** Diretor Presidente da empresa, recebendo os cumprimentos do Papai Noel, na festa natalina do Clube Esportivo Cremer, em 1969.
- FIGURA 5.40** Festa Junina, no Clube Esportivo Cremer, em 1969.
- FIGURA 5.41** Igreja da Cruz, em 1932.
- FIGURA 5.42** Lançamento da Pedra Fundamental da Igreja Marthin Luther.
- FIGURA 5.43** Vista do bairro Bom Retiro, na década de 1920.
- FIGURA 5.44** Vista do bairro Bom Retiro, na década de 1940.
- FIGURA 5.45** Fábrica de Anil “Azul Otte”.

- FIGURA 5.46** Foto aérea de 1972, que mostra uma maior multiplicidade de usos, nesta época, na Unidade Espacial do Bom Retiro.
- FIGURA 5.47** Foto aérea de 1981, que mostra o uso industrial, já predominando na maior parte da Unidade Espacial do Bom Retiro.
- FIGURA 5.48** Vista do Complexo Industrial da Companhia Hering, na década de 1950.
- FIGURA 5.49** Vista do Complexo Industrial da Companhia Hering, na década de 1980.
- FIGURA 5.50** Vista do Curso Primário Bom Retiro, em 1965.
- FIGURA 5.51** Escola de Mulheres (*Frauenschule*), em 1920.
- FIGURA 5.52** Sede da Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering, em 1965.
- FIGURA 5.53** Festa Junina na Associação Atlética Cultural Hering, em 1970.
- FIGURA 5.54** Figura retirada do Jornal da Associação Desportiva Hering, mostrando a festa comemorativa ao Dia do Trabalhador, em 1985.
- FIGURA 5.55** Figura retirada do Jornal da Associação Desportiva Hering, mostrando os diversos times que disputariam o torneio interno de futebol de salão.
- FIGURA 5.56** Hospital Municipal da Rua Itajaí.
- FIGURA 5.57** Vista da Estrada de Ferro Santa Catarina, correndo em paralelo à Rua Itajaí, na década de 1950.
- FIGURA 5.58** Vista da Sul Fabril na década de 1960.
- FIGURA 5.59** Aspecto geral da Unidade Espacial da Rua Itajaí, na década de 1950.
- FIGURA 5.60** Equipe de remo da Sociedade Desportiva Recreativa Sul Fabril.
- FIGURA 5.61** Saída da excursão para Balneário Camboriú, em 1968.
- FIGURA 5.62** Festa em comemoração ao Dia das Mães, em 1966.
- FIGURA 5.63** Um dos Diretores da empresa saúda os presentes à Festa de Natal em 1966.
- FIGURA 5.64** Vista de parte da Unidade Espacial do Centro, e núcleo inicial da Colônia Blumenau, na década de 1940.
- FIGURA 5.65** Vistas da Rua 15 de Novembro, todas de um mesmo ângulo.
- FIGURA 5.66** Vista da Rua 7 de Setembro, na década de 1950.
- FIGURA 5.67** Implantação da Avenida Presidente Castelo Branco.

- FIGURA 5.68** Vista da favela Farroupilha.
- FIGURA 5.69** Vista do porto de Blumenau, no início do século XX.
- FIGURA 5.70** Hospital Santa Isabel, no início do século XX.
- FIGURA 5.71** Maternidade *Johannastift*, logo após a sua inauguração.
- FIGURA 5.72** Hospital Santa Catarina, no início do século XX.
- FIGURA 5.73** Ao fundo, edificação da Escola Alemã de Blumenau.
- FIGURA 5.74** Edificação do *Theater Frohsinn*, logo após a sua inauguração.
- FIGURA 5.75** Elenco do Teatro *Frohsinn* de 1900 a 1902.
- FIGURA 5.76** Trem lotado, a caminho de uma das festas na Colônia, em 1915.
- FIGURA 5.77** Vista do Hotel Elite, na década de 1940.
- FIGURA 5.78** Vista do Hotel Pauli, em 1900.
- FIGURA 5.79** Encontro de blumenauenses no bar de Oscar Gross, para beber cerveja e conversar.
- FIGURA 5.80** Vista do Cine Busch, ao lado do Hotel Holetz, na década de 1940.
- FIGURA 5.81** Treinamento do *Turnverein*.
- FIGURA 5.82** Equipe do *Turnverein* Blumenau, em 1933.
- FIGURA 5.83** Igreja Católica São Paulo Apóstolo, em suas várias fases.
- FIGURA 5.84** Igreja Evangélica de Confissão Luterana, da Unidade Espacial do Centro, em 1877.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACA	Associação Atlética Cultural Altona
AACTH	Associação Atlética Cultural Têxtil Hering
ACIB	Associação Comercial e Industrial de Blumenau
BNH	Banco Nacional de Habitação
CELESC	Centrais Elétricas de Santa Catarina
EFSC	Estrada de Ferro Santa Catarina
ETE	Estação de Tratamento de Efluentes
FAMOSOC	Feira de Amostras de Santa Catarina
FURB	Fundação Universidade Regional de Blumenau
ITCH	Indústria Têxtil Companhia Hering
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IPPUB	Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Blumenau
PIB	Produto Interno Bruto
PMB	Prefeitura Municipal de Blumenau
SDR	Sociedade Desportiva e Recreativa
SAMAE	Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto
SEPLAN	Secretaria Municipal de Planejamento Urbano
SESI	Serviço Social da Indústria
SFH	Sistema Financeiro da Habitação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	28
1.1 A colonização e o desenvolvimento econômico.....	28
1.2 A formação de uma economia regional e o surgimento da indústria.....	30
1.3 Os processos econômicos influenciam a formação do espaço urbano de Blumenau.....	34
1.4 Os processos econômicos influenciam o desenvolvimento social e a vida urbana em Blumenau.....	38
1.5 Espaço, cultura e cotidiano.....	42
2 A EVOLUÇÃO URBANA E ECONÔMICA.....	48
2.1 Dados gerais.....	48
2.2 A imigração.....	56
2.3 A urbanização e a industrialização.....	61
2.3.1 A formação e a delimitação do espaço urbano.....	67
2.3.2 A industrialização	74
2.3.2.1 Primeira fase da industrialização (1880-1913).....	75
2.3.2.2 Segunda fase da industrialização (1914-1939).....	80
2.3.2.3 Terceira fase da industrialização (1940-1967).....	89
2.3.2.4 Quarta fase da industrialização (1968-1980).....	91

3. AS POLÍTICAS PATERNALISTAS E A MORFOLOGIA URBANA INFLUENCIAM A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.....	95
3.1 As políticas paternalistas.....	95
3.1.1 A habitação como forma de paternalismo.....	96
3.1.2 O paternalismo em Blumenau.....	103
3.2 Morfologia urbana.....	114
4. A LOCALIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS INDÚSTRIAS E A FORMAÇÃO DAS UNIDADES ESPACIAIS.....	119
5 CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DOS BAIRROS SURGIDOS: O DESENVOLVIMENTO DA VIDA URBANA.....	129
5.1 Introdução.....	129
5.2 Desenvolvimento da vida urbana em Blumenau.....	130
5.2.1 Início da colônia e primeira fase da industrialização de Blumenau (1880-1913).....	130
5.2.2 Segunda fase da industrialização de Blumenau (1914-1939).....	139
5.2.3 Terceira fase da industrialização de Blumenau (1940-1967).....	142
5.2.4 Quarta fase da industrialização de Blumenau (1968-1980).....	145
5.3 A vida urbana e cotidiana nas unidades espaciais.....	146
5.3.1 Unidade Espacial do Garcia.....	148
5.3.1.1 Desenvolvimento urbano: surge a primeira unidade espacial.....	148
5.3.1.2 Ensino: das <i>schulgemeinde</i> às escolas mantidas pelas empresas...	155
5.3.1.3 Vida social e cultural: a diversão do operariado.....	158

5.3.1.4 Vida religiosa: a comunidade e a empresa unidas pela religião.....	169
5.3.2 Unidade Espacial das Itoupavas.....	172
5.3.2.1 Desenvolvimento urbano: o comércio como atividade inicial.....	172
5.3.2.2 Ensino: as <i>schulgemeinde</i> formam os futuros empreendedores.....	179
5.3.2.3 Vida social e cultural: as associações são responsáveis pela sociabilização de todas as classes sociais.....	183
5.3.2.4 Vida religiosa: a igreja luterana domina o espaço.....	197
5.3.3 Unidade Espacial do Bom Retiro.....	199
5.3.3.1 Desenvolvimento urbano: em função da Companhia Hering.....	199
5.3.3.2 Ensino: a empresa é responsável pela educação, no bairro.....	202
5.3.3.3 Vida social e cultural: o bairro industrial depende da área central para se divertir.....	208
5.3.3.4 Vida religiosa: uma atividade inexistente no bairro.....	214
5.3.4 Unidade Espacial da Rua Itajaí.....	215
5.3.4.1 Desenvolvimento urbano: o caminho para o litoral foi responsável pela evolução urbana.....	215
5.3.4.2 Ensino: uma atividade dependente da área central.....	217
5.3.4.3 Vida social e cultural: poucas atividades se desenvolveram no interior da unidade espacial.....	217
5.3.4.4 Vida religiosa: é na Unidade Espacial do Centro, que a comunidade encontra apoio espiritual.....	223
5.3.5 Unidade Espacial do Centro.....	224
5.3.5.1 Desenvolvimento urbano: o local do início da Colônia Blumenau.....	224

5.3.5.2 Ensino: lugar das principais escolas.....	233
5.3.5.3 Vida social e cultural: o núcleo desta atividade na colônia e no município.....	235
5.3.5.4 Vida religiosa: local das igrejas matrizes.....	249
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	252
REFERÊNCIAS.....	256

INTRODUÇÃO

Blumenau é uma cidade industrial de colonização européia, fundada no estado de Santa Catarina. Nascida em 1850, de uma colônia alemã, iniciou sua industrialização no final do século XIX, beneficiando-se de uma estrutura social e de legados técnicos de imigrantes que contribuíram muito na formação e desenvolvimento de suas indústrias e na sua evolução urbana.

Pólo industrial com predominância têxtil, seu quadro espacial foi, até meados do século passado, composto de uma aglomeração principal central, e de pequenas aglomerações satélites. É uma característica que contrasta com o quadro da maior parte dos centros industriais brasileiros.

Um dos fatores que determinou a forma peculiar da cidade foi a necessidade de descentralização das indústrias têxteis que procuravam recursos hídricos e grandes espaços, e dessa forma criavam unidades espaciais apartadas do centro urbano, formando assim uma estrutura urbana que se nucleou pelos vales dos ribeirões afluentes do Rio Itajaí-açu. Assim isoladas, as fábricas foram grandes responsáveis pela constituição dos bairros da cidade, dando-lhes conformação a partir do estabelecimento industrial, de onde se desdobravam desde as habitações operárias até as residências mais abastadas, o pequeno comércio, os templos religiosos, escolas, associações culturais e esportivas. Uma vida urbana assim se constituía em torno da atividade destas sociedades fabris, combinando transações econômicas com vida social e gerando múltiplas trocas interpessoais. O bairro passa a ser o lugar da representação da vida social e da realização do conjunto das manifestações da comunidade local.

A influência das indústrias, na formação destas unidades espaciais, deu-se principalmente até a década de 1970, período de auge no crescimento e desenvolvimento da industrialização em Blumenau. Após esta década, nota-se já uma maior independência dos bairros e de seus moradores com relação às indústrias, ocasionada principalmente por crises econômicas e reestruturações que

afetaram, em muitos casos a hegemonia destas empresas dentro do contexto econômico e espacial do município.

Em pesquisas iniciais, constatou-se a existência de vilas operárias próximas às primeiras indústrias que podem ter sido o núcleo inicial de alguns dos bairros de Blumenau. Este é um dado pouco difundido e com poucos registros existentes apesar de sua extrema relevância para a história, cultura e memória urbana do município.

São poucos os registros históricos dos bairros blumenauenses. Pouco se sabe sobre sua origem, evolução e importância no contexto do Município. Esta pesquisa terá importância neste sentido, pois abordará a evolução urbana, tendo como enfoque a constituição e crescimento dos bairros ou unidades espaciais e suas relações com os estabelecimentos industriais, analisando-se diferentes períodos. Apesar das semelhanças no surgimento de algumas unidades espaciais blumenauenses, muitas possuem características muito peculiares e particularidades que se procurou identificar e descrever, resgatando as características físicas e sociais, desde a formação do espaço urbano até o desenvolvimento da vida urbana.

Ao iniciar-se a pesquisa, constatou-se que a bibliografia sobre a história da cidade de Blumenau, de sua colonização e do seu desenvolvimento industrial é bastante ampla e diversificada. Porém, informações específicas sobre os primórdios das empresas, do seu entorno e do desenvolvimento dos bairros aonde estão inseridas, são praticamente inexistentes. Ou seja, a historiografia sobre Blumenau, aborda apenas superficialmente a questão espacial. Estranha-se a inexistência, junto das principais indústrias blumenauenses de arquivos históricos e iconográficos, ou até mesmo museus, que pudessem abrigar tais documentos. Estranha-se, inclusive, a escassez de documentos mais significativos, junto ao Arquivo Histórico Municipal de Blumenau. Porém, entende-se que alguns acontecimentos podem ter gerado tal situação: reestruturações internas das indústrias, mudanças de sede e as grandes enchentes da década de 1980. Pensa-se, inclusive, que esta pesquisa possa incentivar a formação de arquivos ou bancos de dados referentes ao assunto, que possam servir de base para a melhor compreensão da cidade.

Em função da quase inexistência de bibliografia, grande parte dos dados foram coletados através de depoimentos. Felizmente, antigos operários ou os descendentes dos industriais, como forma de nostalgia e lembrança guardam além de sua memória, objetos e retratos significativos, que em muito, contribuíram para o desenvolvimento deste estudo. São pessoas já com idade avançada, que em pouco tempo não estarão mais presentes para contribuir, mostrando mais uma vez, a importância e urgência da pesquisa. Recorreu-se, também a fotografias de época, para a análise da paisagem urbana em transformação e ao estudo de cartografia histórica. Deve-se ressaltar que a precisão destes mapas é bastante precária, já que a instrumentalização utilizada para a sua elaboração era bastante rudimentar. Porém, felizmente existem tais registros para contribuir com este trabalho. É importante lembrar, também, que nomenclaturas utilizadas nestes mapas, correspondem àquelas da época de sua elaboração, sendo que muitas destas denominações já não são as utilizadas em outros períodos. Espera-se deixar claro, quando ocorrerem tais situações.

Com relação à deficiência bibliográfica, espera-se produzir um material que venha a contribuir para a formação dos profissionais que pesquisarão este assunto futuramente, como arquitetos, urbanistas, geógrafos, historiadores, sociólogos, entre outros. Pela forma peculiar como aconteceram as implantações industriais e o desenvolvimento dos bairros a serem estudados em Blumenau, acredita-se que a pesquisa será uma contribuição também para estudos futuros sobre a formação, evolução e consolidação das cidades industriais brasileiras.

Portanto, a principal intenção que se tem com esta pesquisa, é de resgatar, organizar, analisar e compreender os dados ligados à formação dos bairros de Blumenau em suas relações com as indústrias, para que se conheça melhor este aspecto da formação do seu espaço urbano e das relações estabelecidas historicamente entre o espaço e a sociedade. O que se busca, enfim, é o resgate da memória, já que experiências próprias mostram que na sociedade atual pouco tem sido o interesse por este aspecto. A grande maioria das pessoas se ocupa com o seu presente, alienando-se de sua própria história, sem enraizar-se no passado. Preservar a memória urbana de uma cidade é preservar sua identidade cultural e social, tornando possível um presente e um futuro constituídos a partir de raízes do passado.

Neste caso, entende-se por bairro, não um espaço urbano delimitado por lei municipal, já que estes espaços inexistiam no período temporal inicial desta pesquisa. Os bairros propriamente ditos, com delimitação aprovada por lei municipal, vão existir oficialmente a partir de 1956¹, portanto, os espaços estudados, não vão possuir delimitação física precisa² e em alguns momentos, serão tratados também como “unidades espaciais”. O trabalho será desenvolvido, baseado no que se entendia como área urbana, na época, o que será abordado e detalhado no Capítulo 02.

Tem-se também, a intenção de incentivar a preservação dos remanescentes arquitetônicos do princípio destas indústrias, como edificações fabris e residenciais (vilas operárias e residências dos proprietários), que estão se perdendo uma a uma, numa forma de descaso com as instituições que fizeram desenvolver o Município. São poucos estes remanescentes, contudo, em alguns bairros ainda estão presentes. Sempre se teve, em Blumenau, a preocupação com a preservação de exemplares da arquitetura em técnica enxaimel ou de outras épocas significativas da evolução histórica do município, porém nunca houve incentivo ou interesse pela preservação das edificações remanescentes das principais indústrias blumenauenses, que em muitos casos são exemplares únicos.

Pretende-se, também, resgatar e registrar manifestações da vida urbana e cotidiana, peculiares à imigração alemã e cultura da população de Blumenau, incentivadas muitas vezes pelos industriais, algumas também já perdidas.

Vale salientar, que tem-se a noção da extensão deste assunto e que o mesmo não se esgotará no contexto desta dissertação. Posteriormente, com o material que já se dispuser, pretende-se dar continuidade e desenvolver ainda mais esta pesquisa o que pode resultar inclusive, em publicações direcionadas ao assunto.

É evidente e já comprovada, através de estudos e pesquisas, a influência da industrialização no desenvolvimento urbano de Blumenau. Contudo, algumas perguntas nortearam o interesse por essa pesquisa: No que as indústrias

¹ Com a aprovação da Lei Municipal nº 717, que “divide o perímetro urbano da cidade em zona central e bairros” (BLUMENAU, 1956).

² Serão compreendidos pelo entorno das unidades fabris estudadas, até onde possuíam influência.

contribuíram para a vida urbana do local onde estavam implantadas? Como surgiram e se desenvolveram as unidades espaciais? Quais são as suas particularidades e peculiaridades? Qual a influência das indústrias nestas peculiaridades? Que tipos de usos e costumes se desenvolveram? Qual a influência da cultura germânica na gênese do traçado urbano de Blumenau? Este traçado influenciou a escolha dos locais para implantação das indústrias? O que levou os industriais a implantarem suas indústrias nos locais onde foram implantadas? O assistencialismo praticado pelos empresários, que implantaram vilas operárias como forma de prover moradia para o operariado, pode ter sido responsável também, pelo desenvolvimento dos bairros surgidos no entorno das fábricas?

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é estudar a influência da industrialização na formação do espaço urbano e desenvolvimento da vida urbana de Blumenau.

Como objetivos específicos pretende-se:

- Indicar e descrever os bairros ou unidades espaciais surgidos do desenvolvimento urbano e social no entorno das implantações industriais;
- Entender como a industrialização, em Blumenau, influenciou o surgimento, o desenvolvimento e a vida urbana deste Município;
- Verificar as particularidades e características das unidades espaciais blumenauenses que tiveram influência direta das indústrias no que diz respeito aos vários usos, costumes e atividades ali praticados;
- Estudar como se deu a dinâmica de crescimento dos bairros industriais blumenauenses, desde o seu surgimento, até 1980;
- Verificar a existência de vilas operárias no entorno das fábricas e entender se tiveram influência no surgimento dos bairros do Município de Blumenau;
- Verificar a influência da cultura germânica na forma urbana presente em Blumenau, e entender qual a influência desta forma na localização das primeiras indústrias do Município.

Na tentativa de responder aos objetivos acima expostos, estruturou-se a apresentação dos resultados desta pesquisa através dos seguintes capítulos:

- **Capítulo 01** - Referencial teórico;
- **Capítulo 02** - A evolução urbana e econômica;
- **Capítulo 03** - As políticas paternalistas e a morfologia urbana influenciam a formação do espaço urbano;
- **Capítulo 04** - A localização das primeiras indústrias e a formação das unidades espaciais;
- **Capítulo 05** - Características principais dos bairros surgidos: o desenvolvimento da vida urbana.

No **Capítulo 01**, buscou-se aprofundar conceitos que fizessem compreender os elementos teóricos que justificam a escolha do tema. Foram pesquisados os componentes econômicos e sociais da formação do espaço urbano, de extrema importância para compreensão dos fatores que influenciaram a situação pesquisada. Tornou-se necessário buscar estes conceitos em autores que através de um processo dialético, desvendam a produção do espaço urbano, com ênfase para a sociedade industrial. São eles: Castells (1983), Marx (1982), Santos (1981, 1991, 1992 e 1994), Correa (1995), Lefebvre (1999), entre outros. Além deste tema, buscou-se, no Capítulo 01, um melhor entendimento dos primórdios da colonização e dos fatores que levaram Blumenau a um processo de industrialização. Neste aspecto, o trabalho de Seyferth (1974), representa uma contribuição teórica importante. Houve a necessidade, também de aprofundamento teórico nas matérias de Geografia Humana e Geografia Cultural, para o entendimento da influência da sociedade, da cultura e da memória, na formação do espaço urbano. Neste sentido, as referências foram Claval (2001), Cosgrove (1998), Heller (1992) e Correa; Rosendahl (1998).

A seguir, sentiu-se a necessidade de estudar a evolução urbana e econômica de Blumenau, entendendo-se o processo que leva até a industrialização. Este é o

tema do **Capítulo 02**. Quanto aos dados históricos, houve a necessidade de pesquisar inicialmente a imigração alemã e a colonização. Sobre este tema, buscou-se referências em Piazza (1988), que aborda um panorama geral da imigração para Santa Catarina, a partir dos primeiros movimentos povoadores e, a seguir, enfocando a fundação e o desenvolvimento de cada colônia; em Weimer (1983 e 1992) e novamente em Seyferth (1974). Waibel, geógrafo alemão que viveu no Brasil e estudou principalmente a geografia agrária, traz em sua obra “Capítulos de geografia tropical e do Brasil” (1979), um capítulo dedicado ao estudo da colonização européia no sul do país, sendo esta também, uma leitura importante. Para discorrer sobre o processo de industrialização e urbanização de Blumenau, utilizou-se as seguintes fontes: Singer (1968), Hering (1987), Dias; Teixeira; Sanches (1987), Silva (1988), Vidor (1995), Pimenta (1998), Siebert (1999), Petry; Ferreira; Weiss, (2000) e, Santiago; Petry; Ferreira, (2001). Em pesquisa publicada em 1968, Singer, um dos principais estudiosos da economia brasileira, descreve o “Desenvolvimento econômico e evolução urbana”, de cinco das principais cidades com economia industrial da época: São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. Esta obra demonstra a importância da indústria blumenauense, em uma época em que as demais cidades estudadas, ao contrário de Blumenau, tratavam-se de capitais estaduais. Hering (1987) contribui para o entendimento da formação e desenvolvimento da indústria catarinense e mais especificamente as empresas têxteis situadas nas áreas de colonização alemã, na região do Médio Vale do Itajaí. Utiliza, para isso, como estudo de caso, a Companhia Hering, de Blumenau, e Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, de Brusque. Também o trabalho de Vidor (1995) representa uma contribuição teórica importante. O autor faz uma análise sócio-econômica, com o objetivo de reconhecer as inter-relações dos processos de industrialização e urbanização das cidades do Nordeste de Santa Catarina. Inicia descrevendo o processo de imigração; posteriormente, descreve o processo de acúmulo de capital e, nos dois últimos capítulos, vai tratar especificamente da industrialização e urbanização da área de estudo. Na obra, “A fibra tece a história” (2000) elaborada para descrever a contribuição da indústria têxtil no desenvolvimento de Blumenau e editada em comemoração aos 150 anos do município, Petry; Ferreira; Weiss apresentam uma das pesquisas mais recentes sobre o desenvolvimento econômico de Blumenau e em alguns momentos, trazem ótimos aspectos, também do seu desenvolvimento urbano. Da mesma forma,

Santiago; Petry; Ferreira (2001) contribuem enormemente, através da obra comemorativa aos 100 anos da ACIB (Associação Comercial e Industrial de Blumenau), entidade que muito contribuiu para a história econômica da cidade. Autores como Figueira (1980), Hering (1950), entre outros, também servirão de suporte na definição e entendimento destes temas.

Seguindo-se a linha de raciocínio apresentada nos objetivos, pretende-se, no **Capítulo 03**, entender como as políticas paternalistas e a morfologia urbana tiveram influência na formação do espaço urbano de Blumenau. Para isso, pesquisou-se através de bibliografia, experiências significativas desenvolvidas na Europa, que antecederem essa prática, entendendo a evolução do pensamento que leva até ela. O principal autor pesquisado foi Guerrand (1991). Blay e Bonduki irão contribuir substancialmente para o entendimento do surgimento de moradias operárias no Brasil. Blay (1981, 1985) traz sua contribuição através de duas obras, onde descreve o processo, na cidade de São Paulo, berço da industrialização brasileira. Bonduki (1998), por sua vez, faz um excelente relato das origens e do desenvolvimento da habitação social no Brasil, contribuindo para o conhecimento das práticas paternalistas e do surgimento das vilas operárias. Outra referência importante foi Bollafi (1981), que traz o entendimento de como se desenvolveram as políticas habitacionais no Brasil, tema importante para a compreensão da existência das políticas paternalistas adotadas em Blumenau. Para entender-se a morfologia urbana de Blumenau, houve a necessidade de pesquisar Peluso (1991), que em seu estudo, “Tradição e plano urbano”, destaca a importância da cultura de um povo, na formação de seu espaço urbano. Foi a referência mais significativa para esta temática.

No **Capítulo 04**, começa-se a descrever a localização das primeiras indústrias blumenauenses e a formação das unidades espaciais surgidas a partir das implantações industriais. Para isso, torna-se mister a verificação da tese desenvolvida por Mamigonian (1965), principal fonte deste Capítulo, que na década de 1950, desenvolveu o “Estudo geográfico das indústrias de Blumenau”, onde descreveu o processo de industrialização, as características geográfico-econômicas das indústrias e o quadro espacial da atividade industrial no Município. Sua pesquisa está sendo considerada, a principal referência bibliográfica deste capítulo, além de estar colaborando de forma geral, para todos os temas abordados e estudados.

Correa (1995), neste Capítulo, vai auxiliar no entendimento dos processos e formas espaciais, sendo um deles a descentralização, principal fenômeno urbano do processo de implantação industrial de Blumenau.

No **Capítulo 05**, o principal da pesquisa, descreveu-se as características principais dos bairros surgidos e o desenvolvimento da vida urbana. Utilizou-se como fonte, os estudos de Kormann (1994, 1995) que nos quatro volumes da obra “Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)”, traz informações valiosíssimas sobre o tema da pesquisa; em Silva (1988); em Deeke (1995) e em Renaux (1995), estes últimos, com obras que tratam também da história do desenvolvimento econômico, urbano e social de Blumenau, onde se pôde colher diversas informações sobre a vida urbana que se desenvolveu no período estudado. Muitos dados foram colhidos, também, em artigos da Revista Blumenau em Cadernos e em antigos jornais internos das indústrias, encontrados no Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva. Além destas referências, e de outras com menor importância para este Capítulo, grande parte das informações foram colhidas através de entrevistas.

Dentro destes limites, portanto, a metodologia adotada foi a pesquisa documental (bibliográfica, iconográfica e cartográfica) e a coleta de depoimentos através de entrevistas. Para a pesquisa bibliográfica, foram pesquisados livros, periódicos e trabalhos acadêmicos, (teses, dissertações, relatórios de pesquisa, etc.). Como se pôde comprovar, a bibliografia sobre alguns dos assuntos abordados é escassa. Por este motivo foram realizadas, também, pesquisas de campo e entrevistas com funcionários antigos, ex-funcionários das fábricas, descendentes dos operários e industriais bem como com moradores e ex-moradores das vilas operárias e entorno das indústrias. Não foi utilizado um questionário fechado, já que se tratavam, na maioria, de pessoas idosas que preferiram descrever suas memórias em forma de conversa informal. Contudo, direcionou-se a conversa com perguntas como:

- Como era o bairro, na época em que o senhor (a) trabalhou na empresa? Existiam todos os equipamentos necessários ali, ou havia a necessidade de sair do bairro para alguma coisa?

- A empresa foi responsável pela implantação de algum equipamento importante do bairro?
- O (a) senhor (a) acha que o bairro se desenvolveu em função da indústria?
- O (a) senhor (a) morava próximo à indústria? E seus colegas de trabalho?
- O (a) senhor (a) residiu na vila operária da empresa? Como era a vida comunitária lá?
- Quais facilidades e promoções, a indústria oferecia aos funcionários?
- O (a) senhor (a) participou de alguma sociedade cultural desenvolvida no seu bairro?

Nestas visitas, pôde-se também coletar dados através de percepção, entendendo, assim, como aconteceram às alterações urbanas mais significativas.

Pesquisas fotográficas e cartográficas, para o levantamento de imagens e mapas da cidade em épocas distintas, foram realizadas e tiveram como fonte o Arquivo Histórico Municipal, o acervo das indústrias estudadas, a bibliografia utilizada e o acervo de moradores e pesquisadores que gentilmente os disponibilizaram para esta pesquisa. Em resumo, foram realizadas pesquisas em documentos originais, complementadas pelas entrevistas, possibilitando o confronto entre os documentos e a memória dos entrevistados.

Para a definição do recorte espacial da pesquisa, torna-se necessária a descrição do processo de desmembramento do Município de Blumenau e a formação do seu perímetro urbano, que será realizada no Capítulo 02. A princípio, a delimitação de nossa área de estudo, será de aproximadamente ao que correspondia, na década de 1950, ao perímetro urbano da cidade. Como não foram encontrados materiais cartográficos oficiais que delimitassem essa área, utilizou-se da legislação existente, que definiu e alterou a área do Município e de seu perímetro urbano, no decorrer dos anos.

O recorte temporal estará compreendido entre 1850, que corresponde à chegada dos primeiros imigrantes e 1980, que corresponde ao último ano de

crescimento das indústrias e do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, o que será descrito com mais detalhes, posteriormente. Entende-se que após esta data vai ocorrer uma maior independência dos bairros e seus moradores, em relação às indústrias ali existentes, já que as crises econômicas e as reestruturações internas afetaram, em muitos casos a hegemonia destas empresas dentro do contexto econômico de Blumenau.

Espera-se que o leitor possa percorrer com interesse as páginas deste trabalho e encontre aqui, informações que lhe sejam úteis.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A COLONIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Para o desenvolvimento deste item, recorreu-se ao estudo de Seyferth (1974), profunda pesquisadora da colonização do Vale do Rio Itajaí. Para ela, os primeiros imigrantes, vinham completamente iludidos quanto ao tipo de vida que iriam ter no Brasil e estavam totalmente despreparados para explorar um lote de terras coberto de floresta e isolado numa área despovoada. Muitos traziam da Alemanha louças finas, grossos cobertores, roupas de lã e até móveis pesados. Gastavam seu dinheiro no país de origem com equipamentos inúteis e chegavam à área de colonização sem recursos para iniciar a exploração do lote. (1974, p. 56-57).

Desde o início, a técnica agrícola adotada pelos imigrantes foi a policultura sendo que, por esse motivo, o colono trabalhava na lavoura durante todo o ano, plantando sempre a mesma roça, produzindo o necessário à subsistência da família. “Estes imigrantes estabeleceram na região uma sociedade camponesa que manteve alguns traços característicos da sociedade de origem combinados com outros que surgiram no novo ambiente [...]”. (SEYFERTH, 1974, p. 28).

Para Seyferth, a ocupação da terra se deu, em função do terreno que era muito acidentado e coberto de floresta. Depois de demarcadas as picadas principais (linhas coloniais) e os lotes, a cada família foi atribuída uma parcela que variava entre 25 e 30 hectares. “Os lotes foram marcados paralelamente uns aos outros, de ambos os lados das picadas ou dos ribeirões e se estendiam numa longa faixa em direção ao fundo do vale.” (1974, p. 47). “As linhas coloniais serviram como vias de comunicação e muitas delas foram transformadas em estradas posteriormente.” (1974, p. 53). Nos cruzamentos destas linhas coloniais geralmente surgiam pequenos povoados reunindo algumas residências, uma capela e uma casa

comercial. Seyferth destaca, ainda, que nestas comunidades, dois elementos importantes aparecem: de um lado, a pequena propriedade agrícola (colônia) constituindo a unidade econômica; de outro, a vila, constituindo a unidade social do camponês. (1974, p. 54).

Esses povoados usualmente reuniam algumas casas de colonos vizinhos que, pela disposição dos lotes no ponto em que duas ou três picadas se encontravam, se aproximavam mais umas das outras. Em razão dessa proximidade, aparecia um pequeno entreposto comercial, quase sempre de propriedade de um colono que também se dedicava à agricultura, e uma capela, onde um pastor ou padre [...] esporadicamente rezava a missa. Nesses povoados a venda ocupava posição de destaque, não tanto pelo volume do comércio nela realizado mas pelo fato de ser o ponto de reunião para os vizinhos - o local das conversas e da vida social. A diferença entre um comerciante deste tipo e os da vila [...] era muito grande: no primeiro caso, a venda se constitui num trabalho suplementar do colono, cujo maior rendimento está na agricultura - e ele vive da produção da sua lavoura - no segundo caso, o comerciante se dedica apenas ao comércio, monopolizando os meios de transporte e impondo os preços das mercadorias. As vendas desses pequenos povoados nunca chegaram a fazer concorrência às vendas da vila; ao contrário, quase sempre tinham um vínculo de dependência em relação às mesmas. (SEYFERTH, 1974, p. 85-86).

A vila “basicamente, era um aglomerado com características semi-urbanas, inserido na área colonial.” (1974, p. 84).

Porém, apesar destes intercâmbios, o isolamento da área colonial levou o camponês a produzir o máximo na sua propriedade e adquirir o mínimo, visando à poupança para a aquisição de mais terras. Por este motivo, as atividades econômicas dentro das propriedades incluíam não apenas a agricultura e criação de animais, mas também uma pequena indústria doméstica (*Hausindustrie*)³ destinada à transformação da produção agrícola para consumo próprio e para venda. Alguns colonos dedicavam-se à *Technischeindustrie* que era o trabalho nas serrarias, cervejarias e olarias que porém, nunca consistia na atividade principal dos mesmos. (SEYFERTH, 1974, p. 66-67). Aqueles que não dispunham de atafona ou engenho tinham de recorrer a seus vizinhos ou aos vendeiros. Arados, animais e roças também muitas vezes eram alugados e pagos com produtos agrícolas. Isto se dava

³ Segundo Seyferth (1974), provavelmente o termo exato empregado pelos próprios colonos era *Landwirtschaftlicheindustrie*, que designa a atividade realizada nos engenhos e atafonas.

pelo alto custo dos animais domésticos e pela dificuldade de adquirir ferramentas. (SEYFERTH, 1974, p. 69-70). Esta procura por atividades complementares por alguns colonos, se dava pelos seguintes motivos: a produção excedente da lavoura era trocada com os proprietários de casas comerciais e o colono quase nunca recebia pagamento em dinheiro pela sua mercadoria; ao receber seu lote contraía uma dívida que deveria ser paga parceladamente; as dificuldades iniciais na propriedade, a espera da primeira colheita, o tempo que uma família de colonos perdia aguardando na sede administrativa até lhe ser atribuído um lote⁴ faziam com que gastassem os poucos recursos trazidos e contraíssem mais dívidas. Outros trabalhos realizados eram a construção de picadas e estradas; nas serrarias como “puxadores” de madeira; e o trabalho artesanal. (SEYFERTH, 1974, p. 78).

1.2 A FORMAÇÃO DE UMA ECONOMIA REGIONAL E O SURGIMENTO DA INDÚSTRIA

Os colonos desenvolveram sua economia a partir da mão de obra familiar, cultivando produtos para a subsistência e, a partir do excedente gerado, produzindo também para o mercado regional. Como quase todos os colonos produziam o mesmo tipo de excedente, produziam também os mesmos valores de uso. Enquanto o número de novos imigrantes era proporcionalmente elevado, em relação aos colonos já estabelecidos, os primeiros constituíam, um mercado suficiente, para os segundos. Faltava uma divisão do trabalho, já que esta região não possuía um bom produto de exportação, pois suas características físicas não lhe permitiam cultivar um produto de boa aceitação no mercado internacional. Também não poderia possuir um bom produto para o mercado interno de outras regiões do país, pois com relação à localização, estava em posição desvantajosa para concorrer com economias melhor situadas. (SINGER, 1968, p. 111). Na medida em que a

⁴ Geralmente seis a oito meses.

população foi se adensando, abriram-se maiores possibilidades de estabelecer maior divisão social do trabalho. Pouco a pouco uma economia artesanal foi-se diferenciando da atividade agrícola. (SINGER, 1968, p. 99). O aumento da população levou a uma expansão do mercado interno e, portanto, ao crescimento da divisão social do trabalho entre o campo e a cidade. Conforme crescia o excedente da produção comerciável, iam surgindo as condições para o desenvolvimento da indústria. Esta afirmação de Singer, reforça a tese de Marx que diz que,

[...] primeiro, não existe troca sem divisão de trabalho, quer natural, quer como resultado histórico; segundo, a troca privada supõe a produção privada; terceiro, a intensidade da troca, do mesmo modo que sua extensão e tipo, são determinadas pelo desenvolvimento e articulação da produção; por exemplo: a troca entre a cidade e o campo, a troca no campo, na cidade etc. A troca aparece, assim, em todos os seus momentos diretamente compreendida na produção ou por ela determinada. (1982, p. 13).

Conscientes das bases onde deveria se assentar o desenvolvimento regional, os empresários do Vale Rio do Itajaí-açu trabalharam, também, organizando o território, para permitir a ampliação do raio de ação de captação do produto agrícola e de distribuição no mercado nacional. “As associações de capitais locais, além de promover a resolução dos problemas de transporte de mercadorias, foram fundamentais para o desenvolvimento de infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento econômico microrregional.” (PIMENTA, 1998, p. 73). Porém, o transporte e o comércio constituíram-se em monopólio dos vendedores que controlavam, no início do século XX, praticamente todas as atividades econômicas da região.

Eram, pois, os únicos elementos que podiam acumular capitais que não se limitavam aos recursos reduzidos de uma pequena propriedade agrícola. Essa acumulação de capital comercial que precedeu a industrialização só foi possível, a partir da absorção da pequena produção dos colonos. (SEYFERTH, 1974, p. 116-117).

Algumas destas vendas se transformaram em grandes negócios que se dedicaram à importação de diversos produtos: ferragens, combustível, cimento, porcelanas, vidros, tintas, remédios, tecidos e artigos de moda.

Os próprios colonos, levando seus produtos para as casas comerciais da vila e deixando nelas o pequeno lucro conseguido nas trocas, acabaram beneficiando duplamente os comerciantes: de um lado, estes últimos compravam a produção agrícola e vendiam suas mercadorias por preços extorsivos e, de outro lado, figuravam como 'guardiões' das economias dos colonos. O lucro obtido era investido em pequenos empreendimentos ligados à exploração da terra e das florestas, outra forma de obter dos colonos parte da sua produção. Tornaram-se, em conseqüência, os verdadeiros donos do capital e o manipularam inicialmente para ampliar a pequena produção, a fim de melhorar as condições do comércio de exportação, explorando engenhos e serrarias. Mais tarde, essa acumulação possibilitou um investimento maior, no sentido de desenvolver a indústria têxtil [...]. (SEYFERTH, 1974, p. 117-118, grifo da autora).

Segundo Seyferth e concordando com a autora, a maior parte dos trabalhos que tratam da colonização alemã no sul do Brasil sugerem que a industrialização partiu do artesanato ou, das oficinas que se transformaram em fábricas. Como já se pôde constatar, esta não é a realidade. No início da colonização o artesanato era apenas uma atividade complementar dos colonos, que tinham a necessidade de transformar os produtos da lavoura em artigos vendáveis. Portanto, em cada propriedade, as necessidades do momento determinavam a atividade artesanal. (1974, p. 120-121). Conclui-se, portanto, que o progresso das pequenas indústrias vinculadas ao trabalho do artesão não foi suficientemente grande para permitir uma industrialização em escala maior. Inclusive, uma boa parte delas desapareceu depois da Segunda Guerra Mundial, tanto em função da decadência da lavoura como do progresso acelerado da indústria têxtil. Os artesãos não tinham condições técnicas e nem capital para iniciar a atividade têxtil. (1974, p. 123-124). Quem possuía o capital, eram os comerciantes.

Seyferth lembra também, que a industrialização ocorreu num momento em que a exploração agrícola chegava a seu ponto de saturação, "se fazendo sentir em virtude do esgotamento das propriedades mais antigas e da contínua entrada de novos imigrantes." (1974, p. 126). Waibel colabora com a idéia de que o esgotamento das propriedades agrícolas incentivou o desenvolvimento da indústria quando descreve os sistemas agrícolas utilizados pelos imigrantes, dando a entender que esse pode ter sido um dos motivos do abandono parcial da agricultura, na colônia Blumenau. Segundo esse autor, quando se estudam os métodos agrícolas dos colonos europeus no sul do Brasil, nota-se que a maioria utiliza um

sistema muito primitivo, que consiste em queimar a mata, cultivar a clareira durante alguns anos e depois deixá-la em descanso, revertendo em vegetação secundária, enquanto nova mata é derrubada para ter o mesmo emprego⁵. (1979, p. 245). O problema principal, no caso das propriedades das áreas de imigração européia, é quanto ao seu tamanho, que variava entre 25 a 30 hectares e, para Waibel, uma propriedade deste tamanho é excessivamente pequena para a aplicação do sistema de rotação de terras, especialmente em regiões montanhosas⁶. Com isso, os solos se esgotam rapidamente, as colheitas decrescem e a estagnação econômica se instala. (1979, p. 256-257). Hering colabora com essa idéia, afirmando que “não há dúvida sobre a importância da etapa da exploração agrícola para a instalação da indústria; apenas seu peso não pode ser superestimado”. (1987, p. 38).

Aos poucos, surgia então, a indústria têxtil, que se anunciava como a fonte principal de trabalho acessório da família camponesa, uma vez que as serrarias diminuía e não se construíam mais estradas. Resumindo então, foram três as principais causas determinantes da industrialização com base na indústria têxtil: “a existência de capital local garantido pelo comércio; a potencialidade de um mercado consumidor na região; e a existência de mão-de-obra aproveitável entre os agricultores reforçada pela presença de alguns artífices especializados [...]” (SEYFERTH, 1974, p. 127).

No início da industrialização, ainda não existia distinção entre campo e cidade sendo que os dois espaços eram interdependentes e se influenciavam mutuamente. Segundo Queiróz (1978, p. 28) quando aparece numa sociedade global, a distinção campo-cidade dá-se com uma relação de dominação-subordinação que os coloca em posições recíprocas diferentes, conforme a produção de riqueza esteja centralizada pelo campo ou pela cidade.

O vendeiro se transformou em empresário industrial, manipulando capitais anteriormente empregados na exploração dos recursos agrícolas e naturais, visando sempre a um aumento da produção da fábrica. Mas, ao mesmo tempo, permaneceu exercendo sua atividade de comerciante dentro do sistema tradicional da colônia: era a forma mais simples de manipular lucrativamente o trabalho dos operários, assim como de garantir o

⁵ Na linguagem dos economistas rurais, este sistema é chamado de rotação de terras.

⁶ Fazendo um cálculo rápido, Waibel concluiu que o tamanho mínimo de uma propriedade onde se quer aplicar este sistema, deve estar entre 55 e 65 ha em terra boa, e entre 80 e 105 ha em terra ruim. A consequência é que o colono tem que usar uma rotação muito mais curta e cultivar a capoeira a cada cinco ou mesmo três anos.

escoamento da produção em âmbito regional. [...]. A produção capitalista mais ampla só seria possível com a montagem da indústria de base que incluísse as fases iniciais da tecelagem (fiação e tinturaria), eliminando, assim, os gastos com a importação de fios tingidos. (SEYFERTH, 1974, p. 130-131).

1.3 OS PROCESSOS ECONÔMICOS INFLUENCIAM A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE BLUMENAU

Para entender como o surgimento da indústria vai influenciar a formação do espaço urbano de Blumenau, tornou-se necessário buscar conceitos em autores que através de um processo dialético, desvendam a produção do espaço urbano, com ênfase para a sociedade industrial. Estes autores também serão a base para o desenvolvimento do item 1.4, a seguir. É importante lembrar que o conhecimento sobre a produção do espaço vai além das ciências geográficas e que não foi o capitalismo o inventor da cidade. A cidade como forma de adensamento da população em determinado território, já existia a milhares de anos. Porém, vamos nos deter no entendimento dos processos de relação entre o desenvolvimento do capitalismo e o conseqüente aparecimento de formas de urbanização que não podem ser entendidas separadas das relações sociais trazidas por este.

Lefebvre chama de sociedade urbana, à sociedade que nasce da industrialização, ou pelo processo que domina e absorve a produção agrícola. Ou seja, quando as relações sociais são as relações de produção e a concentração da população acompanha a dos meios de produção. (1999, p. 15). Para Castells, “a ‘sociedade urbana’, no sentido antropológico do termo, quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação”. (1983, p. 100, grifo do autor).

De acordo com Queiróz:

O processo de industrialização tem sido considerado como um poderoso motor de urbanização, no sentido de que é gerador de concentrações de população trabalhadora num mesmo local, o que promove a implantação de novas estruturas sócio-econômicas entre os grupos humanos, associada a uma nova e crescente estruturação do espaço; uma dicotomia nítida entre cidade e campo, determinando também novas formas do 'habitat', novos padrões de circulação e de transporte; o que se associa a novos estilos de vida e novos comportamentos sociais, a novas exigências de mercado tanto no que diz respeito aos bens quanto ao trabalho; e, finalmente, [...] a novas exigências nos níveis de eficiência das atividades sócio-econômicas. Chega-se até a dizer que a Revolução Industrial teria tido como resultado uma Revolução Urbana... (1978, p. 42, grifo da autora).

Segundo Castells, as cidades atraem a indústria devido a dois fatores essenciais: mão-de-obra e mercado. Como consequência, a indústria desenvolve novas possibilidades de empregos e serviços. Porém, o processo inverso também ocorre: onde há matérias-primas e meios de transporte, a indústria provoca a urbanização. Portanto, nos dois casos, o elemento dominante é a indústria, que vai organizar a paisagem urbana. (1983, p. 23). Lefebvre (1999, p. 25) corrobora com esta hipótese quando diz que a indústria se implanta próxima às fontes de energia, das matérias-primas e das reservas de mão-de-obra. Portanto, ela pode se implantar em qualquer lugar, mas cedo ou tarde alcança as cidades pré-existentes, ou constitui cidades.

Complementando, Santos diz que “a produção se impõe invariavelmente com um certo ritmo, e os períodos históricos [...] transformam a organização espacial. (1992, p. 49)”. Em cada período do desenvolvimento de Blumenau, uma modalidade de transporte (fluvial, ferroviário ou rodoviário) foi determinante para o desenvolvimento urbano, por possibilitar a chegada dos imigrantes e dos insumos, o escoamento da produção na direção do litoral, do planalto e das outras colônias e para aproximar cada vez mais da zona rural o mercado urbano local.⁷ Pimenta reforça esta idéia ao afirmar que para que se cumprisse um circuito produtivo na região do Vale do Rio Itajaí, tornava-se necessária a constituição das condições gerais de produção, criando condições de acessibilidade e transporte relativamente sincronizado ao tempo de produção e de circulação mundiais. Os meios de

⁷ O transporte fluvial foi, nos primeiros trinta anos da colônia, o mais importante. A Estrada de Ferro Santa Catarina teve suas linhas prolongadas por todo o Vale do Itajaí principalmente durante os anos vinte e trinta do século XX. Mais tarde vai se intensificar a construção de rodovias.

comunicação e transporte foram, assim, fundamentais para a competitividade dos produtos produzidos nesta região. (1998, p. 72-73). A melhoria do sistema de transporte por sua vez abria novos horizontes para o escoamento da produção dando impulso ao incipiente comércio inter-regional de manufaturas.

Assim, torna-se importante resgatarmos através de Santos e Elias, os conceitos de fixos e fluxos:

O espaço é, também e sempre, formado de fixos e de fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço. Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. [...] Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão, também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo. (SANTOS; ELIAS, 1994, p. 77).

A análise dos fluxos é às vezes difícil, mas o estudo dos fixos permite uma abordagem mais cômoda, através dos objetos localizados: comércio, escolas, hospitais, fábricas... Cada tipo de fixo surge com suas características, que são técnicas e organizacionais e a cada um destes fixos corresponde uma tipologia de fluxos. Um fixo, é um objeto técnico mas também um objeto social, graças aos fluxos. Fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente. “E a capacidade de mobilizar uma massa no espaço é dada exatamente pelo poder econômico, político ou social, poder que por isso é maior ou menor segundo as firmas, as instituições e os homens em ação.” (SANTOS; ELIAS 1994, p. 77-78). Podemos analisar as indústrias de Blumenau como os fixos, bem como os demais equipamentos de cultura, lazer, religião, ensino e comércio, que se originaram a partir da formação do espaço e da sociedade, influenciados pelos fluxos gerados por estas indústrias, ou pelas atividades econômicas. As combinações entre fluxos e fixos ainda que aparentemente não mudem, não são as mesmas segundo os períodos.

A cada divisão do trabalho, muda o uso do território, em virtude dos tipos de produção reclamados das técnicas utilizadas e das formas como se exercem as instâncias de produção. (SANTOS; ELIAS 1994, p. 114-115). Por este motivo, o estudo da evolução deste processo se torna imprescindível. Cada periodização

representa relações espaciais que se consolidam, que se transformam e que se refazem, produzindo uma espacialidade peculiar dentro de cada momento histórico.

Embora a industrialização tenha começado cedo em Blumenau, seu progresso foi relativamente lento e isto também se refletiu no traçado da cidade e no próprio processo de urbanização. Os colonos, mesmo trabalhando nas fábricas, não abandonaram totalmente a exploração da sua propriedade agrícola. (SEYFERTH, 1974, p. 138).

Da mesma forma que antes dedicavam uma parte do seu tempo às atividades acessórias, no início da industrialização eles encararam o trabalho na fábrica como uma complementação, principalmente porque o número de vagas e os salários pagos não eram suficientemente atraentes para que houvesse uma tendência rápida de abandonar a agricultura. “Assim, o colono-operário não abandonava sua casa para ir residir próximo à fábrica onde trabalhava: preferia o deslocamento diário de algumas vezes, até 10 quilômetros.” (SEYFERTH, 1974, p. 138). Esta observação reafirma a tese dos fixos e fluxos desenvolvida por Santos e Elias.

Com a expansão industrial inicial identificam-se em Blumenau, duas áreas nitidamente diferenciadas: o centro, correspondendo à antiga vila, e os subúrbios. O centro, mais densamente construído, corresponde à área comercial juntamente com algumas das empresas têxteis maiores, sociedades recreativas, as duas igrejas (católica e luterana), as principais escolas, a prefeitura, delegacia de polícia, sede da empresa de eletricidade e residências. Os subúrbios são os prolongamentos das ruas principais (antigas picadas coloniais) nos quais as construções vão se tornando mais espaçadas e as propriedades têm um aspecto rural. “A ocupação total da antiga Colônia faz com que os subúrbios se confundam com a zona rural, onde as propriedades se sucedem contíguas umas as outras, não havendo verdadeiro isolamento.” (SEYFERTH, 1974, p. 139).

Portanto, o movimento das pessoas corresponde à etapa da produção que está se dando naquele momento. Todos são produtores, mesmo quem não está diretamente no processo de produção, já que também consome. Há, portanto, uma adequação da sociedade à paisagem e uma relação entre sociedade e um conjunto

de formas, materiais e culturais. “A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial.” (SANTOS; ELIAS, 1994, p. 73-74).

1.4 OS PROCESSOS ECONÔMICOS INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E A VIDA URBANA EM BLUMENAU

Os imigrantes que se situaram em Blumenau, compuseram toda uma realidade associativa e cultural.

Produzindo objetos e interações sociais transformaram as formas e suas relações. Nas iniciativas para dominar a natureza e submetê-la a seus desígnios, conformaram a paisagem e o espaço imprimindo-lhes marcas justapostas ou combinadas. Transformando as condições de vida que se lhe impunham, organizaram o cultivo agrícola até a produção do excedente, criaram as condições de circulação e o comércio, construíram fábricas, animaram o espaço regional. Moldaram a paisagem, atribuindo-lhe funções e valores. [...]. Combinando relações econômicas e pessoais, desenvolveram formas específicas de acumulação, mas, também, construíram uma sociedade local particular, onde o espaço urbano permitisse diferentes interações entre as classes e os setores sociais. (PIMENTA, 1998, p. 64).

A industrialização foi um fator indutor, condicionador e estruturador do espaço urbano em Blumenau. Assim, a cidade cresceu envolvendo as primeiras indústrias, que além de desencadear o desenvolvimento do espaço urbano, veio acompanhada do desenvolvimento da vida urbana, pois como cita Marx (1982), “com a transformação da base econômica, toda enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez.”

Lefebvre diz que as relações sociais são as relações de produção e que a concentração da população acompanha a dos meios de produção, assim o tecido urbano prolifera e corrói o que restou da vida agrária. (1999, p. 17).

Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. (MARX, 1982, p. 25).

A vida social baseia-se em organizações hierárquicas institucionalizadas que em muitos casos vai tomar uma forma afetiva. Noutros casos, a construção social tem fundamentos racionais, o interesse ou a eficácia. (CLAVAL, 2001, p. 113). A vida social desenvolve-se em escalas circunscritas: aquela da vizinhança, do bairro, e aquela da cidade. Enquanto os deslocamentos são lentos, é no nível mais próximo que é possível fazer a experiência da comunidade. (CLAVAL, 2001, p. 292). Implica, também na organização das vias de circulação e dos espaços públicos para permitir a uns e outros realizar as suas ocupações e reencontrar os membros da comunidade.

Ela mobiliza os estádios e os ginásios para a prática de esportes, igrejas ou templos onde se reúnem os fiéis, teatros, óperas e cinemas para os espetáculos, cafés e restaurantes para os momentos de relaxamento, edifícios especializados para o exercício de funções administrativas ou políticas, etc. (CLAVAL, 1999, p. 293).

Os ritmos e as necessidades da vida social completam os da produção para dar aos espaços humanizados os traços essenciais de sua estrutura funcional: eles determinam a disposição das casas, a forma das vilas e da cidades e a localização. (CLAVAL, 1981, apud CLAVAL, 1999, p. 293).

O indivíduo pode pertencer a vários grupos, na medida em que o fato de pertencer a grupos define-se através de uma certa analogia de interesses e de objetivos, bem como mediante uma certa atividade em comum. Mas há finalidades, interesses e atividades importantes, ao lado de outros que não o são na mesma medida. Isso origina uma hierarquização destes grupos: alguns serão os interesses principais (trabalho, relações familiares), os quais são assumidos igualmente por

eles; e alguns serão os interesses secundários (lazer, esporte, trabalhos voluntários, etc.). (HELLER, 1992, p. 66-67).

Castells colabora com o entendimento deste processo quando diz que deve-se considerar a urbanização como um processo de organização e de desenvolvimento, a partir da relação entre forças produtivas, classes sociais e formas culturais. Deve mais, explicar situações históricas específicas, bastante ricas para que apareçam as linhas de força do fenômeno estudado, a organização do espaço. (1983, p. 15). Diz também que “o espaço é um produto material em relação com outros elementos materiais, entre outros, os homens, que entram também em relações sociais determinadas, que dão ao espaço [...] uma forma, uma função, uma significação social.” (1983, p. 146, grifo do autor). “Analisar o espaço enquanto expressão da estrutura social resulta, conseqüentemente, em estudar sua modelagem pelos elementos do sistema econômico, do sistema político e do sistema ideológico, bem como pelas combinações e práticas sociais que decorrem dele.” (1983, p. 159-160).

Correa é partidário da mesma idéia pois entende que o espaço urbano capitalista é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. “A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial [...]” Porém, este processo o mantém simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e suas funções tenham mudado. (1995, p. 11). Complementa afirmando que a cidade capitalista é o lugar de ocorrência de uma série de processos sociais, entre os quais a acumulação de capital e a reprodução social. “Estes processos criam funções e formas espaciais, ou seja, criam atividades e suas materializações, cuja distribuição espacial constitui a própria organização espacial urbana.” Entre processos sociais e as formas espaciais, aparece um elemento mediatizador que viabiliza que os processos sociais originem as formas espaciais: é um conjunto de forças atuantes ao longo do tempo, impostas pelos diversos agentes modeladores, e que permitem localizações e realocações das atividades e da população na cidade. (1995, p. 36).

Segundo Santos (1991, p. 38), que também segue a mesma linha de pensamento, o espaço social, como toda realidade social, é definido metodologicamente e teoricamente por três conceitos: a forma, a estrutura e a função. A interpretação de um espaço só é possível através de uma análise global destas três categorias. Os movimentos sociais modificam as relações entre os componentes da sociedade, alteram os processos e as funções. Da mesma forma, o espaço geográfico se altera para atender às transformações da sociedade.

Para Santos e Elias, o espaço é um sistema formado pelas coisas e a vida que as anima: “Se a chamarmos de organização espacial, estrutura espacial, organização do espaço, estrutura territorial ou simplesmente espaço, só a denominação é que muda [...]”. (1994, p. 25). Deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a sociedade em movimento. O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, mas sim, coisas e relações juntas. “Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho”. (SANTOS; ELIAS 1994, p. 26 e 27).

Harvey diz que tempo e espaço são categorias “criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social” (1998, p. 189). O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana. “O espaço também é tratado como um fato da natureza, através da atribuição de sentidos cotidianos comuns.” (HARVEY, 1998, p. 188). Cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço. “Os indivíduos são considerados agentes movidos por um propósito engajados em projetos que absorvem tempo através do movimento no espaço.” (HARVEY, 1998, p. 195).

“As relações espaciais integram, ainda que diferentemente, as diversas partes da cidade, unindo-as em um conjunto articulado cujo núcleo de articulação tem sido, tradicionalmente, o centro da cidade.” (CORREA, 1995, p. 08).

[...] os bairros são os locais de reprodução dos diversos grupos sociais. Fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial, etc. O espaço urbano assume assim uma dimensão simbólica que, entretanto, é variável segundo os diferentes grupos sociais, etários etc. (CORREA, 1995, p. 09).

1.5 ESPAÇO, CULTURA E COTIDIANO

Carl Sauer, definiu “paisagem geográfica como o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural”. (CORREA; ROSENDAHL, 1998, p. 07). “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente. A área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (SAUER apud CORREA; ROSENDAHL, 1998, p. 09). Portanto, é através da paisagem que os geógrafos tem, geralmente, abordado a questão cultural. A idéia que se expandiu, foi a de que as formas visíveis revelavam tudo sobre a cultura dos grupos.

As paisagens trazem a marca das culturas e, ao mesmo tempo, as influenciam. As sociedades não têm existência fora do meio onde se instalaram. “É assim que o estudo das paisagens constitui um dos assuntos fundamentais da geografia cultural, - aquela que estuda a mediação pela qual os grupos humanos asseguram sua possessão sobre o espaço e submetem-se a sua influência.” (BERQUE , 1990 apud CLAVAL, 2001, p. 318).

A relação entre paisagem e produção está em que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho. Se os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo direto da produção, isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, distribuição e consumo. A paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências de espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes. [...] A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica

da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. [...] A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global. (SANTOS; ELIAS, 1994, p. 66).

Karl Marx, já havia definido que:

A idéia que se apresenta por si mesma é esta: na produção, os membros da sociedade apropriam-se [produzem, moldam] dos produtos da natureza para as necessidades humanas; a distribuição determina a proporção dos produtos de que o indivíduo participa; a troca fornece-lhe os produtos particulares em que queira converter a quantia que lhe coube pela distribuição; finalmente no consumo, os produtos convertem-se em objetos de desfrute, de apropriação individual. A produção cria os objetos que correspondem às necessidades; a distribuição os reparte de acordo com as leis sociais; a troca reparte de novo o que já está distribuído segundo a necessidade Individual, e finalmente, no consumo, o produto desaparece do movimento social, convertendo-se diretamente em objeto e servidor da necessidade Individual satisfazendo-a no desfrute. A produção aparece assim como o ponto inicial; o consumo, como ponto final; a distribuição e a troca aparecem como o meio-termo, que é assim dúplice, já que a distribuição é determinada como momento determinado pela sociedade, e a troca como momento determinado pelos indivíduos.

Produção, distribuição, troca, consumo, formam assim [segundo a doutrina dos economistas], um silogismo correto: produção é a generalidade; distribuição e troca, a particularidade; consumo, a individualidade expressa pela conclusão. (1982, p. 07).

Claval entende que:

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. (2001, p. 14).

Os grupos humanos transformam os meios naturais onde se instalam: os campos; os caminhos, as estradas, as vias férreas, as linhas de energia se unem numa malha de meios de comunicação sem a qual não haveria vida social possível. “A paisagem humanizada toma formas variadas que refletem as escolhas e os meios

de diferentes culturas. [...]. O espaço é o suporte das atividades produtivas dos grupos humanos.” (CLAVAL, 2001, p. 287).

Para Santos e Elias, “a paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério”.(1994, p. 65).

A paisagem urbana pode ser definida como o conjunto de aspectos materiais, através dos quais a cidade se apresenta aos nossos olhos, ao mesmo tempo como entidade concreta e como organismo vivo. Compreende os dados do presente e os do passado recente ou mais antigo, mas também compreende elementos inertes (patrimônio imobiliário) e elementos móveis (as pessoas e as mercadorias). (SANTOS, 1981, p. 185).

Porém, Santos e Elias entendem que, paisagem e espaço são coisas diferentes. O espaço resulta da união da sociedade com a paisagem. Por isso, paisagem e espaço complementam-se e se opõem. “Um esforço analítico impõe que os separemos como categorias diferentes, se não queremos correr o risco de não reconhecer o movimento da sociedade.” (1994, p. 72).

Castells afirma, também, que “uma cidade não é apenas um conjunto funcional capaz de gerir sua própria expansão, ela é também uma ‘estrutura simbólica’, um conjunto de signos, que permite a passagem entre sociedade e espaço, que estabelece uma relação entre natureza e cultura.” (1983, p. 278, grifo do autor). O que chama-se de “cultura urbana” corresponde uma certa realidade histórica: o tipo de organização social ligada à industrialização capitalista, em particular na sua fase competitiva. Ou seja, é o sistema de comportamento ligado à sociedade capitalista pois tal denominação sugere que estas formas culturais foram produzidas pela cidade. (CASTELLS, 1983, p. 107-109).

Em Blumenau, à medida em que se impôs uma nova maneira de reprodução da vida humana impôs-se também, um novo homem. A industrialização se fez como processo globalizador da sociedade, cujas mudanças não se achavam restritas ao aspecto econômico, mas atingiram toda a estrutura social. “E, à medida que o modo de produção capitalista produzia o operário, este o reproduziria não apenas

materialmente mas, também culturalmente.” (DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 167).

A partir destas definições, torna-se importante, portanto conhecermos o conceito de cultura. Para Cosgrove, cultura é “um conjunto de práticas compartilhadas comuns a um grupo humano em particular, práticas que foram aprendidas e transmitidas através de gerações” Para este mesmo autor, “a cultura não é algo que funciona através dos seres humanos; pelo contrário, tem que ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana [...]” (1998, p. 101). Para Claval, “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte.” (CLAVAL, 2001, p. 63). Ela só existe através dos indivíduos aos quais é transmitida, e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem. Ela é indispensável ao indivíduo e permite sua inserção no tecido social; dá uma significação à sua existência e à dos seres que o circundam e formam a sociedade da qual é membro. (CLAVAL, 2001, p. 90). A cultura passa assim de uns aos outros as representações coletivas: a ação humana é fundada diretamente sobre o instinto, e canalizado pela cultura, que supõe memorização de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. (CLAVAL, 2001, p. 81 - 83).

Paul Claval mostra como a geografia cultural, transforma-se com a urbanização e a industrialização, para ligar-se hoje às representações e aos sentimentos de identidade. A geografia cultural vai derivar da geografia humana que estuda a distribuição dos homens, de suas atividades e de suas obras na superfície da terra, e tenta explicá-la pela maneira como os grupos se inserem no ambiente, o exploram e transformam; pelos laços entre os indivíduos, pela forma como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território no qual vivem. (CLAVAL, 2001, p. 11). A geografia humana vai captar as realidades culturais, sob uma ótica reducionista: a ênfase é colocada sobre as técnicas, os utensílios e as transformações da paisagem. (CLAVAL, 2001, p. 40). No final do século XVIII, os praticantes da geografia humana procuram responder em que medida o destino dos povos está ligado ao país onde estão instalados. (CLAVAL, 2001, p. 19). Neste momento, as relações sociedade/meio tornam-se centrais para a disciplina.

A cultura que interessa à geografia é constituída pelo conjunto dos artefatos, e dos conhecimentos através dos quais os homens se relacionam com o meio natural. As formas pelas quais a cultura é transmitida de uma geração a outra ou de um lugar a outro, favorecida pelas trocas, pelos deslocamentos de curta duração ou pelas migrações, dependem do meio e do nível técnico. Elas contribuem amplamente para a diversidade das sociedades e visam ao mesmo tempo o ambiente material e o círculo social. (CLAVAL, 2001, p. 12-13).

Em resumo, a cultura é uma criação coletiva e renovada dos homens que molda os indivíduos e define os contextos da vida social que são, ao mesmo tempo, os meios de organizar e de dominar o espaço. As identidades coletivas que daí resultam limitam as marcas exteriores e explicam como diferentes sistemas de valor podem coexistir num mesmo espaço. Para Cosgrove, “a maioria das pessoas vive em sociedades que são divididas em classe, casta, sexo, idade ou etnicidade. Tais divisões geralmente correspondem à divisão do trabalho. Obviamente, uma posição diferente na sociedade significa uma experiência e consciência diferentes, até certo ponto uma cultura diferente”. (1998, p. 104).

“A realidade urbana, antes de nascer e de se afirmar, se vê *reduzida* de um lado pelo *rural* [...] e, de outro, pelo *cotidiano* industrial, [...], *cotidianidade* submetida às exigências das empresas e tratada conforme a racionalidade empresarial.” (LEFEBVRE, 1999, p. 38, grifos do autor).

Para Heller, a vida cotidiana é heterogênea, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social e a purificação. Além da heterogeneidade da vida cotidiana, Heller afirma que a sua hierarquia “não é eterna e imutável, mas se modifica de modo específico em função das diferentes estruturas econômico-sociais” (1992, p. 18). Neste sentido, a cotidianidade nas fábricas e em seu entorno residencial contém uma ordem hierárquica específica e determinada historicamente pelo modo de produção capitalista, onde a organização do trabalho ocupa posição central dentro da heterogeneidade deste espaço e das atividades praticadas. A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho. Ninguém consegue viver a ponto de

poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. O homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.

Segundo Castells, “as ‘unidades urbanas’ seriam assim para o processo de reprodução o que as empresas são para o processo de produção.” (1983, p. 288, grifo do autor). Há unidades urbanas na medida em que existem unidades deste processo de reprodução, definidas com base em um certo espaço cotidiano da força de trabalho. Tal especificidade do urbano historicamente decorre do domínio da instância econômica dentro da estrutura social [...]. (CASTELLS, 1983, p. 460).

2. A EVOLUÇÃO URBANA E ECONÔMICA

2.1 DADOS GERAIS

O Município de Blumenau, localizado no Estado de Santa Catarina, possui área total de 509,38 km², e população de 261.808 habitantes⁸, segundo dados do Censo Demográfico do IBGE realizado no ano 2000. A cidade é considerada, hoje, um importante pólo regional e estadual, devido à sua economia baseada na indústria e à importância de seu comércio e prestação de serviços. Apresenta, a terceira maior população do estado; está distante 140 Km de sua capital, a cidade de Florianópolis e é sede da Região Metropolitana do Vale do Itajaí.⁹

Situa-se aos 26° 55' 26" de Latitude Sul e aos 49° 03' 22" de Longitude Oeste de Greenwich. Seus limites são: ao norte, os municípios de Jaraguá do Sul e Massaranduba; ao sul, Guabiruba, Botuverá e Indaial; a leste Luiz Alves e Gaspar e a oeste, Indaial, Timbó e Pomerode. (IPPUB, 1996, p. 13). Observar Fig. 2.02.

Atualmente, Blumenau está dividida territorialmente em trinta e cinco bairros: Zona Central, Jardim Blumenau, Bom Retiro, Velha, Velha Central, Velha Grande, Água Verde, Victor Konder, Vila Nova, Escola Agrícola, Salto, Itoupava Seca, Boa Vista, Itoupava Norte, Ponta Aguda, Vorstadt, Ribeirão Fresco, Garcia, Glória, Progresso, Vila Formosa, Fortaleza, Fortaleza Alta, Salto do Norte, Salto Weissbach, Passo Manso, Badenfurt, Testo Salto, Vila Itoupava, Itoupavazinha, Itoupava Central, Tribess, Nova Esperança, Fidélis e Valparaíso¹⁰. (Observar Fig. 2.03).

⁸ Sendo 241.943 habitantes em área urbana e 19.865 habitantes em área rural.

⁹ Instituída pela Lei Complementar Estadual nº 162, de 06 de janeiro de 1998 e instalada em 16 de setembro de 1999.

¹⁰ Definidos a partir da aprovação da Lei Complementar Municipal nº 489 de 25 de novembro de 2004.

Possui ainda dois distritos: o Distrito da Vila Itoupava foi criado em 1943, através da Lei Estadual nº 941, e encontra-se a 25 km do centro da cidade, na parte Norte e, o Distrito do Grande Garcia, criado pela Lei Complementar Municipal nº 251 de 1999, que localiza-se na parte Sul da cidade, e incorpora os bairros Garcia, Glória, Progresso, Vila Formosa e Valparaíso.

O Município de Blumenau é cortado, no sentido oeste-leste, pelo Rio Itajaí-açu. Este rio é formado pela união do Rio Itajaí do Sul que nasce na Serra dos Faxinais, da Boa Vista e Serra Geral e do Rio Itajaí do Oeste que nasce na Serra Geral. Estes rios unem-se na cidade de Rio do Sul (observar Fig. 2.04). Dentro da cidade de Blumenau, seus principais afluentes são os ribeirões Garcia, da Velha, Itoupava e do Testo.

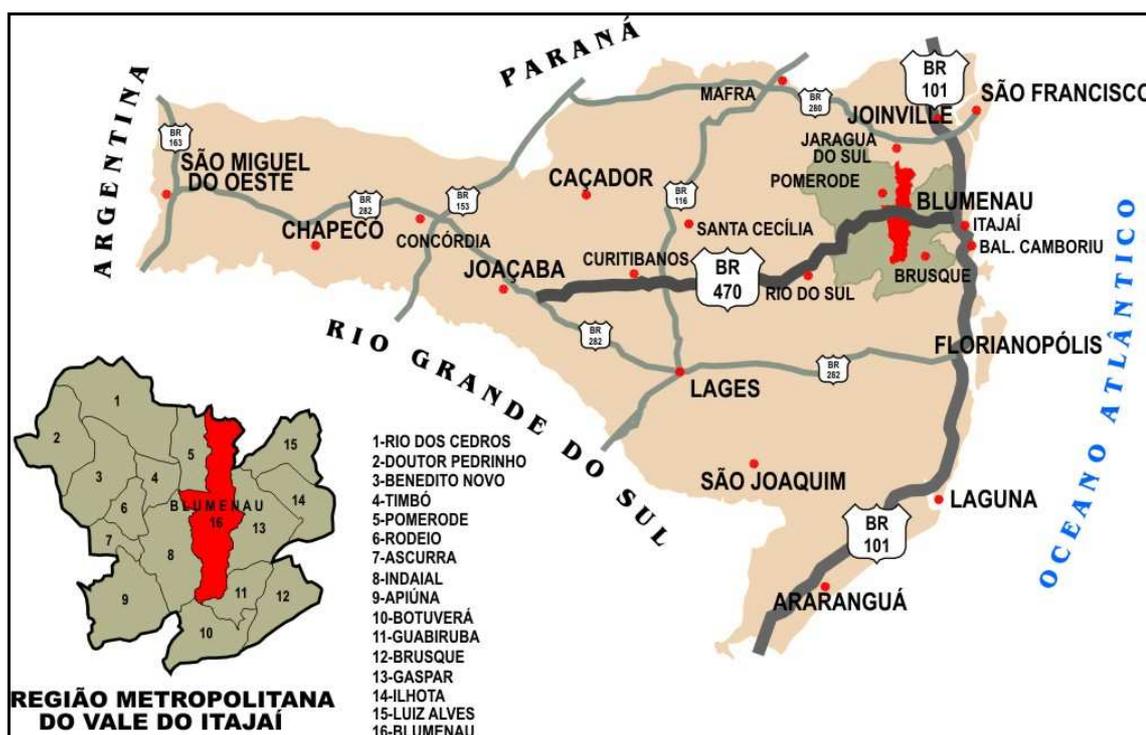


FIGURA 2.01 - Localização do Município de Blumenau no Estado de Santa Catarina e na Região Metropolitana do Vale do Itajaí.

Fonte: SEPLAN-PMB, 2004.

Sem Escala.



FIGURA 2.2 – Mapa Político do Município de Blumenau.

Fonte: SEPLAN-PMB, 2004.

Sem Escala.

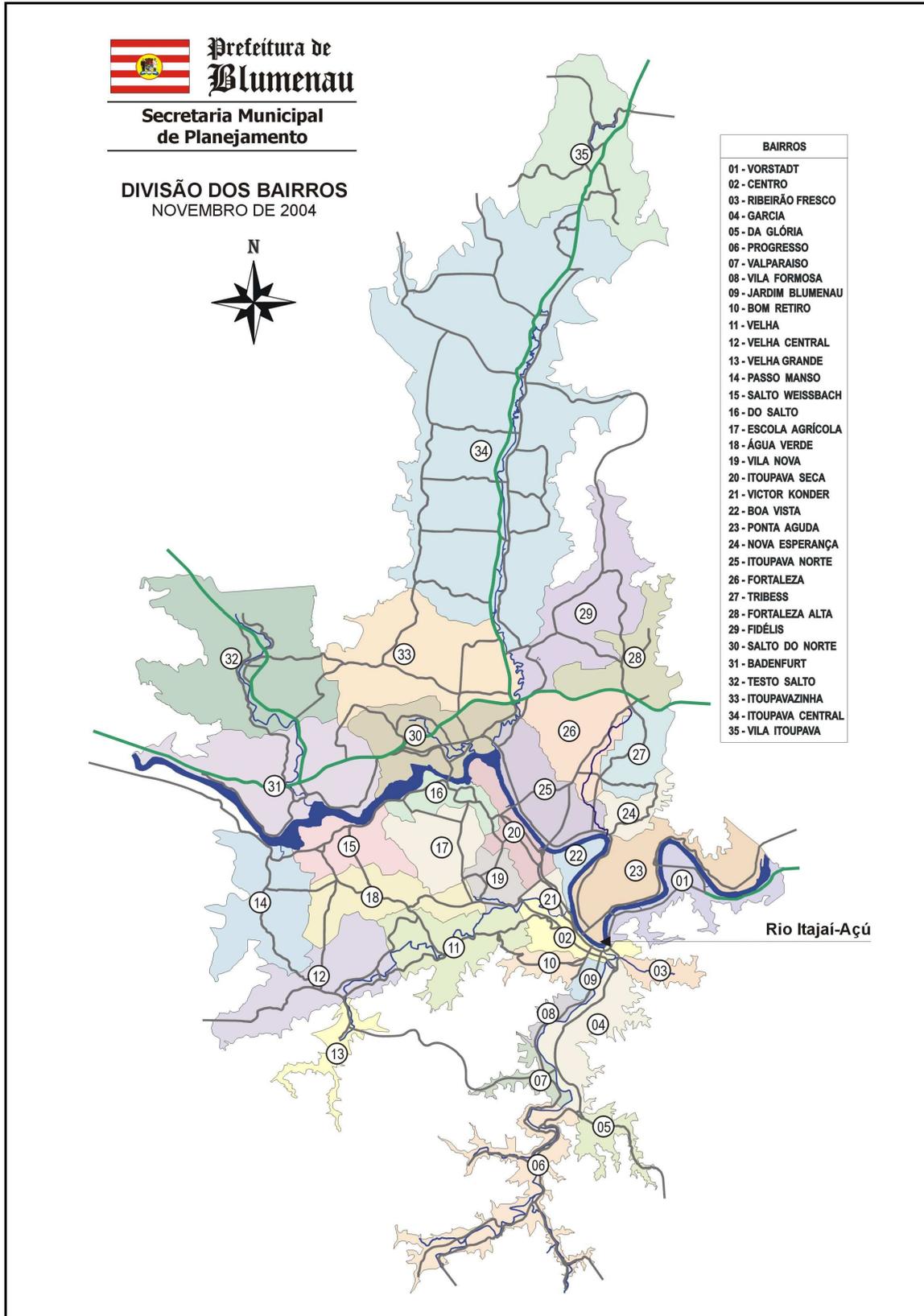


FIGURA 2.3 - Atual divisão de Bairros do Município de Blumenau.

Fonte: SEPLAN-PMB, 2004.

Sem Escala.



FIGURA 2.04 - Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí.

Fonte: Comitê de Bacias do Rio Itajaí.
Sem Escala.

A topografia da cidade de Blumenau é acidentada e apresenta grandes contrastes de altitude e declividade. As altitudes aumentam em direção ao extremo sul do Município, onde as cotas chegam a até 900 m, sendo esta também a área mais acidentada. A altitude na área central é de 14 m acima do nível do mar. Está inserida na unidade denominada de escudo catarinense, que caracteriza-se por encostas íngremes e vales profundos, que favorecem os processos erosivos.

“No lugar em que se acha a cidade, o vale do Rio Itajaí-açu apresenta-se largo, de fundo colmatado, [...] enquanto os interflúvios são colinas mamelonares.” (SANTA CATARINA, 1958).

“Segundo Koppen predomina o clima mesotérmico úmido com verões quentes (Cfa) e, segundo Thornthwaite, o clima é úmido, com temperatura média anual entre 18°C e 20°C. Quanto à pluviosidade, a quantidade de chuvas varia entre 1.600mm e 1.800mm anuais.” (SANTA CATARINA, 1986). Durante o outono e o inverno, os

ventos sopram de sul e sudoeste. Já durante a primavera e o verão, os ventos sopram de nordeste e leste. No verão, a umidade, o calor e a pouca incidência de ventos causam desconforto ambiental. As chuvas se distribuem por todos os meses do ano, havendo períodos de seca apenas nos meses de inverno.

Originalmente quase toda a área do Vale do Itajaí era coberta pela vegetação da Mata Atlântica. Trata-se de uma formação vegetal muito exuberante e complexa, formada por diversos agrupamentos distintos. Corre quase que paralelamente ao Oceano Atlântico, e se alarga sensivelmente para o interior, indo até altitudes compreendidas entre 700 e 800 metros. Além da vegetação nativa, podemos encontrar ainda, vegetação secundária que surge espontaneamente em áreas de derrubada e cultivo em regeneração. A formação vegetal que aparece no Município de Blumenau é a Mata Pluvial da Encosta Atlântica, conhecida também como Floresta Ombrófila Densa Costeira.

A evolução urbana da cidade deu-se principalmente, em função do desenvolvimento das indústrias e suas conseqüências vem sendo sentidas com maior intensidade nos dias atuais. Há conflito de usos do solo, poluição e dificuldade de acesso aos veículos de carga, gerando problemas de tráfego na área central. Isso se dá pois o sistema viário de Blumenau sofre um estrangulamento, quando apenas três ruas, confinadas entre o Rio Itajaí-açu e os morros, fazem a ligação entre os bairros da parte sul e os da parte norte.

Observando a Fig. 2.05, pode-se verificar que a topografia e a hidrografia originaram uma malha urbana de configuração radial, que apresenta poucas ligações diretas entre os vales e insuficiência de pontes sobre o Rio Itajaí-açu e sobre os ribeirões principais.

A partir de sua configuração espacial definida por rios e montanhas, e com a divisão dos lotes coloniais em estreitas e compridas faixas de terras paralelas entre si e perpendiculares às picadas abertas nos fundos de vale, foi aos poucos se formando o espaço urbano de Blumenau. Os primeiros caminhos abertos transformaram-se em ruas e são hoje as vias arteriais da cidade, os principais eixos de penetração nos bairros. (SIEBERT, 1999, p. 42).



FIGURA 2.05 - Vista aérea parcial da área urbana de Blumenau, onde se observa o Rio Itajaí-açu “rasgando” a malha urbana de configuração radial.

Fonte: Guia Digital de Blumenau, 2002.

Edição: Silvana Moretti, 2004.

A conformação e distribuição dos lotes coloniais influencia até hoje o desenho urbano da cidade. Como exemplo, temos os loteamentos que tendem a ter uma única rua, em linha reta, traçada perpendicularmente às curvas de nível, no sentido do comprimento da gleba, sem saída e sem ligação com os loteamentos vizinhos.

O uso do solo em Blumenau é fortemente influenciado pela topografia acidentada e, nos últimos anos, também pelas enchentes. Algumas áreas inundáveis se verticalizaram, outras tiveram o uso residencial substituído pelo comercial. As áreas mais altas, não atingidas pelas cheias, próximas da área central, se valorizaram, sendo comum encontrar áreas residenciais de alto padrão. (MORETTI, 1999, p. 31). O Plano Diretor Físico-territorial de Blumenau prevê como área de expansão urbana do Município, os bairros do norte e nordeste e tenta inibir a ocupação da parte sul já que possui dificuldade de acessos, além da topografia acidentada e geologia frágil.

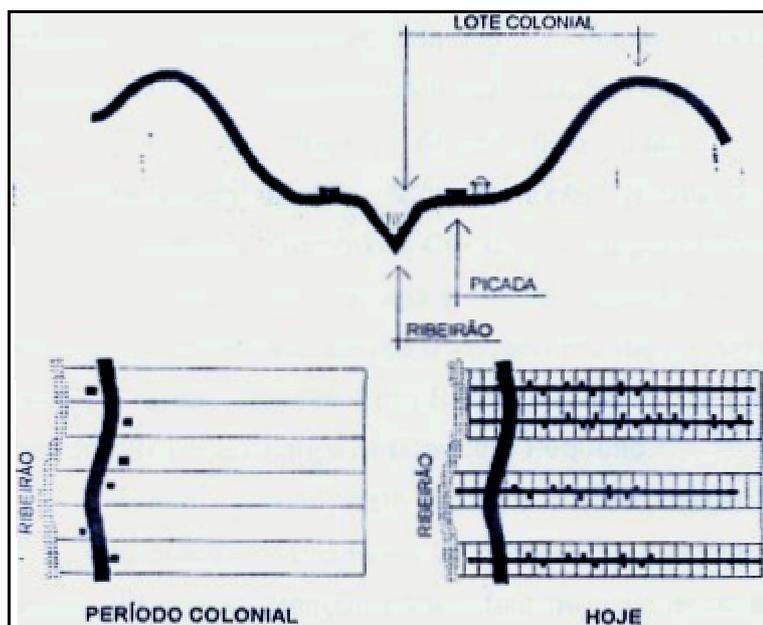


FIGURA 2.06 - Influência dos lotes coloniais nos loteamentos.

Fonte: SIEBERT, 1999, p. 52.

Noventa e oito por cento da população¹¹ recebe iluminação pública que é fornecida pela CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina) e os sistemas de abastecimento de água e coleta de esgotos no município são administrados pelo SAMAE (Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto), uma autarquia municipal. Hoje, a água tratada já é distribuída para 99% da população e passou a funcionar, a partir de 1998, a primeira Estação de Tratamento de Esgotos do município. Esta ETE foi implantada no bairro Garcia e já recebe esgotos domiciliares provenientes de 3% da população do Município. Este índice será ampliado para 26% com o Projeto de Recuperação Ambiental de Blumenau¹².

¹¹ Informações fornecidas pela CELESC, por telefone, em 03/03/2004.

¹² Informações fornecidas pela Divisão de Comunicação Social do SAMAE, através de resposta por correio eletrônico, em 03/03/2004.

2.2. A IMIGRAÇÃO

O Município de Blumenau, bem como todo o Vale do Rio Itajaí, foi colonizado por imigrantes europeus, principalmente alemães, que deram início ao seu desenvolvimento no século XIX. Para entendermos as condicionantes que levaram a esse processo torna-se importante compreendermos a conjuntura existente na Alemanha, no Brasil e na Província de Santa Catarina, neste período.

No início do século XIX, a Alemanha era um aglomerado de pequenos estados sem unidade política e com base econômica agrícola. Em muitas localidades, encontravam-se freqüentemente os sistemas de aldeias, onde persistia o regime de servidão feudal. Os camponeses permaneciam presos a terras que não lhes pertenciam, estando impedidos de deixá-las mesmo que fossem vendidas.

Segundo Weimer (1983, p. 22):

O século XIX iniciou, em território alemão, com o fim do domínio francês, depois das guerras napoleônicas de 1813 e 1815 [...]. A enorme divisão política do território havia trazido à tona toda a fragilidade do poder militar diante da agressão externa. Em consequência, foi feita uma incipiente tentativa de união administrativa dos territórios que viriam a formar a Alemanha na Confederação Alemã que se concretizou com o Congresso de Viena.

A composição da Confederação era muito diversificada e cada estado possuía suas próprias leis internas. A semelhança estava apenas em tratarem-se de pequenos estados pobres, com uma economia agrícola e com uma administração autoritária. Pode-se considerar, portanto, a fragmentação política, mantida pelo Congresso de Viena de 1815, um dos principais obstáculos do desenvolvimento econômico alemão. Além da revolução de 1848, uma série de guerras, até o ano de 1870, devastaram a Alemanha. (DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 57-58).

Nesta época, a população era composta de três classes sociais: a nobreza, a burguesia e o povo. A nobreza detinha o poder administrativo e a burguesia, o poder

financeiro. Quanto ao povo, tratavam-se dos camponeses, servos, artesãos e o proletariado, ou seja, não detinha nenhum poder: nem administrativo, nem financeiro. A sua subsistência muitas vezes era conseguida através de trabalho complementar, que poderia ser em outra propriedade rural, ou o trabalho assalariado, mas a oferta era pequena. Ainda na primeira metade do século XIX, sentiu-se, também, os efeitos da Revolução Industrial. Fertilizantes químicos e a maquinaria dispensaram mais pessoas das colheitas. Além disso, a produção fabril veio competir com o trabalho artesanal que era uma das formas de rendimento para os camponeses. Assim, se tornavam proletários e iam trabalhar na indústria por mais de doze horas por dia.

A Revolução Industrial teve na revolução agrícola e na maquinofatura os seus esteios básicos e configurou-se a partir do acúmulo primitivo de capital. Aparecia, assim, o capitalismo e como decorrência novas estruturas sociais. Suas principais conseqüências foram: a divisão técnica do trabalho, o aumento da produtividade, o despovoamento dos campos, a urbanização, as contradições econômicas e sociais, a consolidação das relações de subordinação e o surgimento dos primeiros movimentos sociais. (DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 21). O rápido crescimento da população e a migração do homem do campo para as cidades provocou um excedente de mão-de-obra, que se tornou barata, permitindo assim, o acúmulo de capital pela burguesia emergente. O aumento de produtividade somado ao excesso de mão-de-obra fez com que baixasse exageradamente os salários dos trabalhadores. Em resumo, a mudança no processo produtivo foi responsável pela consolidação do capitalismo e a confrontação de um novo quadro político, econômico e social em toda a Europa. É esta conjuntura que vai impulsionar para o Brasil, a onda imigratória. Os alemães viam a mudança para a América como uma forma de melhorar sua condição de vida e o grande ideal era conseguir ser o dono de sua própria terra.

O contexto do Brasil do século XIX transformou-se, em 1808, com o estabelecimento da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro. Nessa época, a centralização do poder econômico estava nas mãos dos latifundiários. O Príncipe Dom João tomou duas importantes medidas assim que chegou ao Brasil: a abertura dos portos e a autorização, da aquisição de terras por estrangeiros. Iniciou-se assim, o intercâmbio comercial com o mercado externo. A partir da independência do Brasil,

em 1822, surge a imigração européia, devido à grave situação política e econômica existente lá e à necessidade por parte do país, em possuir mão-de-obra, já que a Inglaterra, que possuía hegemonia comercial nesta época, havia tomado medidas contra o tráfico de escravos. “Havia ainda a necessidade de ocupação de imensas áreas desabitadas, principalmente nas fronteiras. Colocou-se, então, em prática a idéia de atrair trabalhadores livres através da divulgação, na Europa, do Brasil como lugar propício à colonização.” (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 36-38).

Portanto, o Brasil precisava de colonos livres “que cultivassem as terras de mata com o auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessados nem no trabalho escravo, nem na criação de gado.” (WAIBEL, 1979, p. 231). Este deveria ser tanto soldado quanto agricultor, para poder ao mesmo tempo defender sua terra e cultivá-la. Neste período, este tipo de colono seria melhor encontrado “na Europa Central, onde os soldados desengajados dos exércitos de Napoleão e camponeses pobres oprimidos estavam prontos a emigrar para qualquer país do mundo.” (WAIBEL, 1979, p. 231).

A primeira colônia fundada por alemães, no Brasil, foi a Colônia Leopoldina, na Bahia, em 1818. A partir de então, imigrantes alemães se estabeleceram em vários estados brasileiros, sendo direcionados especialmente para a Região Sul, que oferecia melhores condições climáticas à adaptação dos europeus. A primeira colônia alemã no sul do Brasil foi estabelecida, em 1824, no Vale do Rio dos Sinos e recebeu o nome de São Leopoldo.

Porém o período do primeiro império, sob o reinado de Dom Pedro I, se caracterizou pela irregularidade e o abandono com relação à política de povoamento. (VIDOR, 1995, p. 19). O Imperador causou prejuízo aos imigrantes estabelecidos, ao suprimir do orçamento todos os créditos destinados à colonização estrangeira, em 1830. As províncias foram incumbidas de criar dispositivos legais para dar prosseguimento ao estímulo para o povoamento, mas a medida não evitou a disseminação de uma péssima imagem do Brasil entre os europeus. Por este motivo, na Alemanha, foi estabelecida uma Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães, que tinha por objetivo verificar o exato nível de vida dos colonos e investigar quais seriam os melhores locais, no Brasil, para novas colônias.

Este quadro somente foi amenizado quando Dom Pedro II assumiu o governo. Para desfazer a propaganda negativa no exterior, regulamentou a aquisição de terras, o que garantia maior segurança aos estrangeiros que se radicavam no Brasil. “Se bem que as primeiras reformas não tenham resolvido os problemas, elas foram o ponto de partida na pesquisa de uma melhor maneira para atrair uma população espontânea, que caracterizou a gestão de Dom Pedro II, de 1840 a 1889.” (VIDOR, 1995, p. 19). A campanha de reabilitação da imagem do Brasil, como bom destino para a imigração de europeus, rendeu bons resultados frente aos agentes imigratórios da Europa. Em 1846, o farmacêutico alemão Hermann Bruno Otto Blumenau, que veio ao país representando a Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães, aprovou a política pública promovida pelo imperador. Percorreu vários núcleos germânicos, levantando dados e diagnosticando as condições de vida de seus conterrâneos.

Com relação à conjuntura de Santa Catarina, nesta época, era uma província economicamente não muito expressiva. A quase totalidade de sua produção destinava-se ao mercado interno, com o que obtinha recursos para adquirir os gêneros que necessitava, de outras regiões. A estrutura minifundiária e a escassa presença de escravos completavam o perfil de subsistência da economia, cujas exportações concentravam-se em produtos primários. O papel da província era eminentemente político, cumprindo a estratégia de ocupação de territórios e defesa contra eventuais invasões dos países vizinhos.

Desde o início de sua formação, o estado catarinense esteve caracterizado por ser dividido territorial e economicamente em zonas autônomas, com a inexistência de um eixo centralizador. Seus primeiros anos de colonização litorânea estiveram marcados pelo interesse de sustentação e defesa militar da então colônia brasileira e também por ser importante território de passagem para a apreensão do gado gaúcho. [...]

Esse tipo de ocupação significará a desintegração entre as áreas litorânea e planaltina, e terá reflexos tanto a nível econômico quanto a nível sócio-cultural. O fracionamento existente entre o planalto e o litoral, assim como a formação de áreas autônomas foi em certa medida, influenciado pela estrutura geográfica singular. A serra Geral, por exemplo, era um sério obstáculo entre as comunicações litorâneas e planaltina.

Santa Catarina, portanto, ao contrário das províncias exportadoras, não possuía uma economia integrada. (DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 43).

“O único povoamento no interior do território de Santa Catarina era o de Lages, que foi criado em 1771 ao lado da estrada que liga São Paulo ao Rio Grande do Sul.” (VIDOR, 1995, p. 17). Para abrir uma nova frente em direção ao interior, no ano de 1829 foi fundado no Vale do Imaruí o primeiro núcleo catarinense de origem alemã: a Colônia São Pedro de Alcântara. Quando esteve em Santa Catarina, em 1846, Hermann Blumenau visitou esta Colônia e em 1848, novamente em Santa Catarina, visita a região do Rio Itajaí-açu, onde encontra já vários aglomerados humanos e, também, alemães que haviam migrado de outras colônias. Acompanhou-o na viagem, o comerciante Ferdinand Hackradt, com quem se associou para formar uma Companhia de Colonização. (PIAZZA, 1988, p. 124).

A Companhia de Colonização geralmente era constituída no país de origem dos imigrantes. Começava por tentar obter um contrato de colonização do governo de um país de imigração e, em troca, comprometia-se a introduzir neste país um certo número de imigrantes e instalar os serviços públicos necessários. Em contrapartida, o governo interessado concedia uma área de terra à Companhia e a subvencionava. Esta, por sua vez, empregava agentes recrutadores e fazia acordos com empresas de transporte. Empregava capital nas obras iniciais de colonização e cedia aos colonos terras e equipamentos gratuitamente ou pelo preço de custo. Na medida em que esta progredia, tornava-se mais fácil atrair colonos e a terra se valorizava. Com a venda de terras por preços cada vez mais elevados, recuperava o capital investido e obtinha os lucros. Tratava-se de um investimento a longo prazo e sujeito a riscos, pois havia muitas possibilidades do empreendimento fracassar já, que os primeiros imigrantes podiam ser vitimados por doenças tropicais ou por ataques de índios; as dificuldades iniciais podiam induzir os colonos a abandonar o local, procurando melhores oportunidades em colônias mais antigas e sólidas. (SINGER, 1968, p. 88).

Blumenau e Hackardt fizeram explorações ao longo do Rio Itajaí-açu e resolveram que na proximidade da foz dos ribeirões Garcia e Velha seria o melhor local para o estabelecimento de uma colônia. Em junho de 1849, após conseguir a concessão das terras, Blumenau partiu para a Alemanha com a intenção de encontrar interessados em colonizar tais terras. “[...] propunha às pessoas que quisessem partir, uma vida livre e próspera, liberdade de pensamento e aquisição de um lote de terra, coisas que os alemães em vias de partir, não tinham mais.”

(VIDOR, 1995, p. 27). Em 02 de setembro de 1850, chegaram ao local da Colônia Blumenau dezessete imigrantes. Hackradt, para abrigá-los, construiu um galpão nas proximidades da foz do ribeirão Garcia, que recebeu o nome de “casa de recepção”.

Durante o ano de 1852, começaram os trabalhos de medição e demarcação dos lotes, para proceder a fixação de fato (não ainda de direito) dos colonos. (VIDOR, 1995, p. 27). A cada família foi atribuída uma parcela de tamanho entre 25 e 30 ha (com 200 ou 300 m de largura por um ou mais quilômetros de extensão), sendo 2/3 geralmente constituídos de terras montanhosas. Esses lotes precisavam ser pequenos, pela ausência de áreas planas e extensas, como também devido à origem social dos imigrantes, na maioria minifundiários. Distância maior entre os lotes também faria perder o espírito comunitário que deveria se formar entre os recém-chegados.

2.3 A URBANIZAÇÃO E A INDUSTRIALIZAÇÃO

Apesar da dedicação do proprietário da colônia e de seus imigrantes, os primeiros dez anos foram muito difíceis. A ausência de recursos financeiros próprios para atendimento das necessidades imediatas, apesar dos empréstimos concedidos pelo Governo Imperial, dificultava o desenvolvimento do empreendimento, implicando na redução do número de novos imigrantes que chegavam. Porém, isso não impediu que a colônia progredisse.

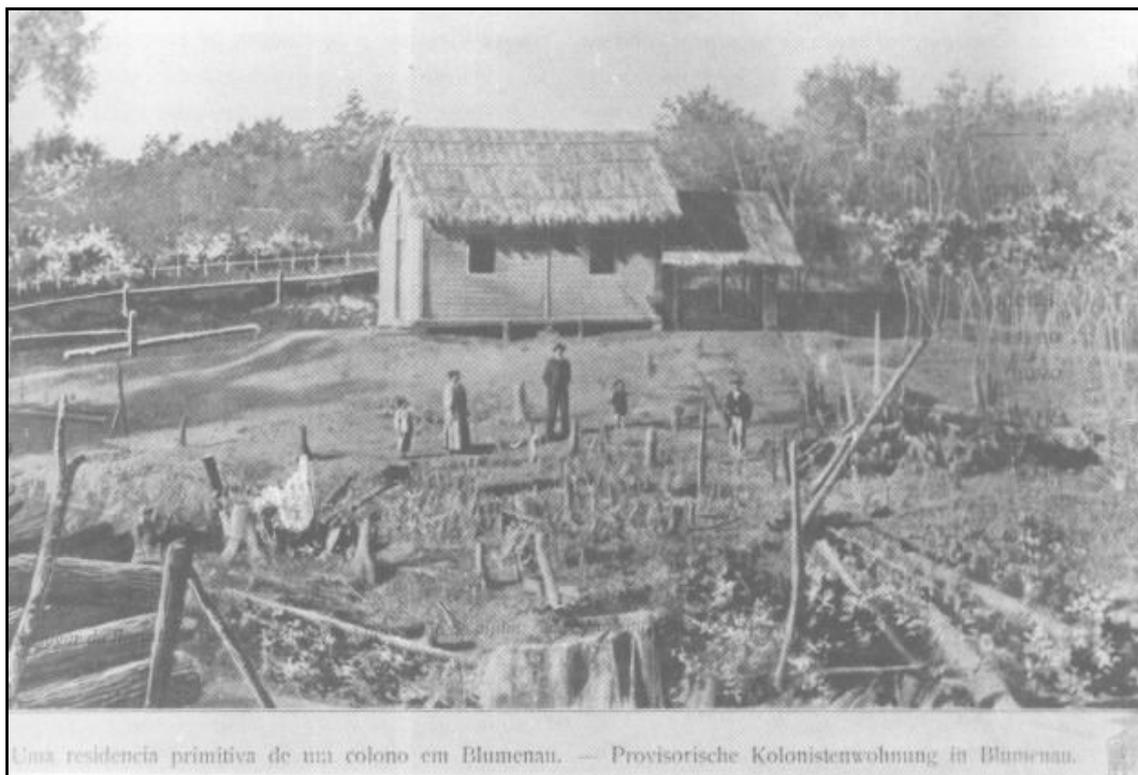


FIGURA 2.07 - Aspecto de uma colônia no início da imigração.

Fonte: RENAUX, 1995, p. 87.

O núcleo inicial e centro da colônia estava implantado junto à foz do ribeirão Garcia. A expansão da colônia deu-se primeiramente ao longo deste ribeirão para o sul, e depois ao longo dos demais ribeirões, seguindo claramente um plano urbano de origem germânica¹³.

A solução para a falta de recursos chegou em 1860, quando a posse da colônia foi entregue ao governo imperial. Esta foi avaliada em 120 contos de réis, dos quais 85 contos foram descontados de empréstimos tomados por Hermann Blumenau. A ele coube apenas a importância de 35 contos e a honraria de continuar como diretor da colônia, por nomeação do imperador. Com a passagem de Blumenau à situação de colônia oficial, a falta de recursos para investir em obras

¹³ Esta conclusão pode se extrair de Peluso (1995), que estudou algumas cidades de Santa Catarina, fundadas até meados do século XIX, e distinguiu, no estado, basicamente dois tipos de plano urbano: um tem como elemento principal, a praça central que emoldura a igreja (de origem cultural portuguesa); o outro, menos predominante, adapta-se ao relevo, partindo do centro comercial (de origem cultural germânica).

públicas deixou de existir. Em função disto, o desenvolvimento se acelerou, gerando um aumento no número de imigrantes. Foi necessário então, a demarcação das terras acima do Salto do Norte até a foz do ribeirão Testo, conforme se pode observar no mapa da colônia Blumenau de 1864¹⁴ (Fig. 2.10).

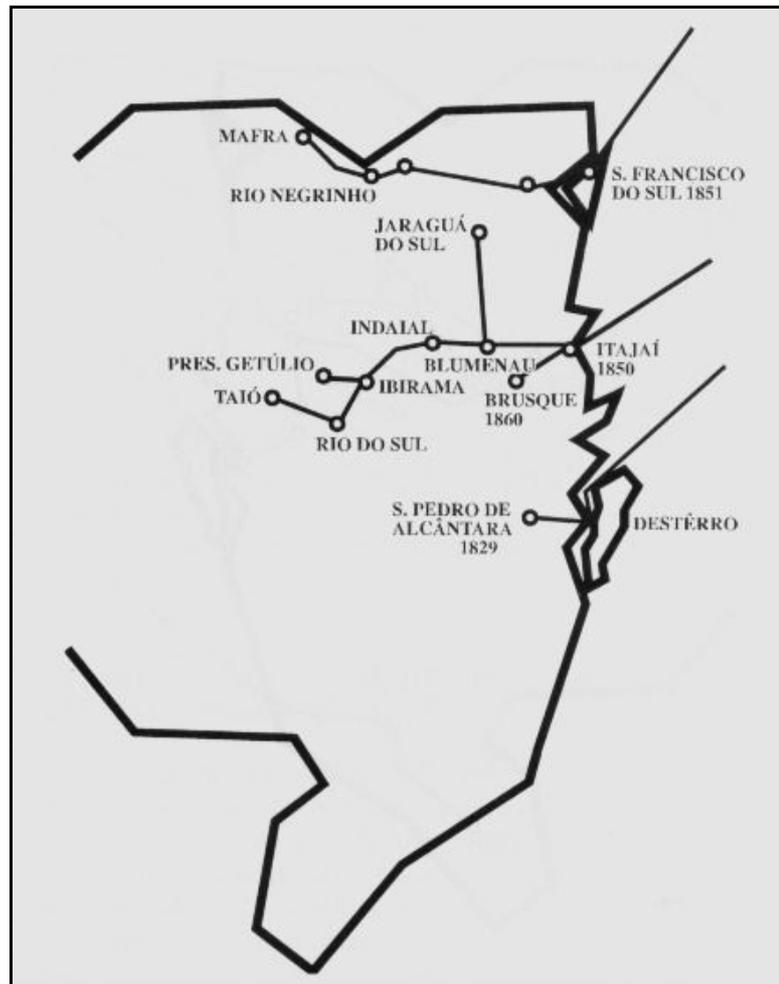


FIGURA 2.08 - Distribuição da colonização alemã pelo estado de Santa Catarina.

Fonte: SIEBERT, 1997, p. 79.

¹⁴ Este é o primeiro registro cartográfico, da ocupação espacial de Blumenau. Foi elaborado 14 anos após a Fundação da Colônia e seu título é *Karte des bewohnten theils der colonie Blumenau süd-brasilien* (Mapa da área habitada da Colônia Blumenau no Sul do Brasil).



FIGURA 2.09 - Vista de uma propriedade colonial próspera em Blumenau, após anos de trabalho e dedicação.

Fonte: RENAUX, 1995, p. 89.

No ano de 1863, a população da colônia já era de 2.058 habitantes, mais que o dobro da população existente quando ainda era propriedade particular. Neste mesmo ano, iniciou-se a abertura do caminho que a ligaria ao planalto de Lages. Foi também neste período finalizado o caminho que ligava a sede da Colônia ao porto de Itajaí. O Doutor Blumenau preocupava-se naquele momento, com a continuidade do povoamento. Para isso, voltou à Alemanha em busca de candidatos interessados e lá permaneceu como representante do governo imperial para assuntos imigratórios, de 1865 a 1869, quando voltou à colônia. O povoado chegou ao final desta década já com 5.985 pessoas. Quando passou a ser administrada pelo Império, em 1860, Blumenau tinha uma área de 1.034 quilômetros quadrados, em contraste com os seis mil quilômetros quadrados ocupados nove anos depois. A população fora igualmente multiplicada por seis. A infra-estrutura crescia no mesmo ritmo. (SANTIAGO; PETRY; FERREIRA, 2001, p. 21). Baseada no trabalho familiar e na policultura de subsistência, a colônia prosperava.

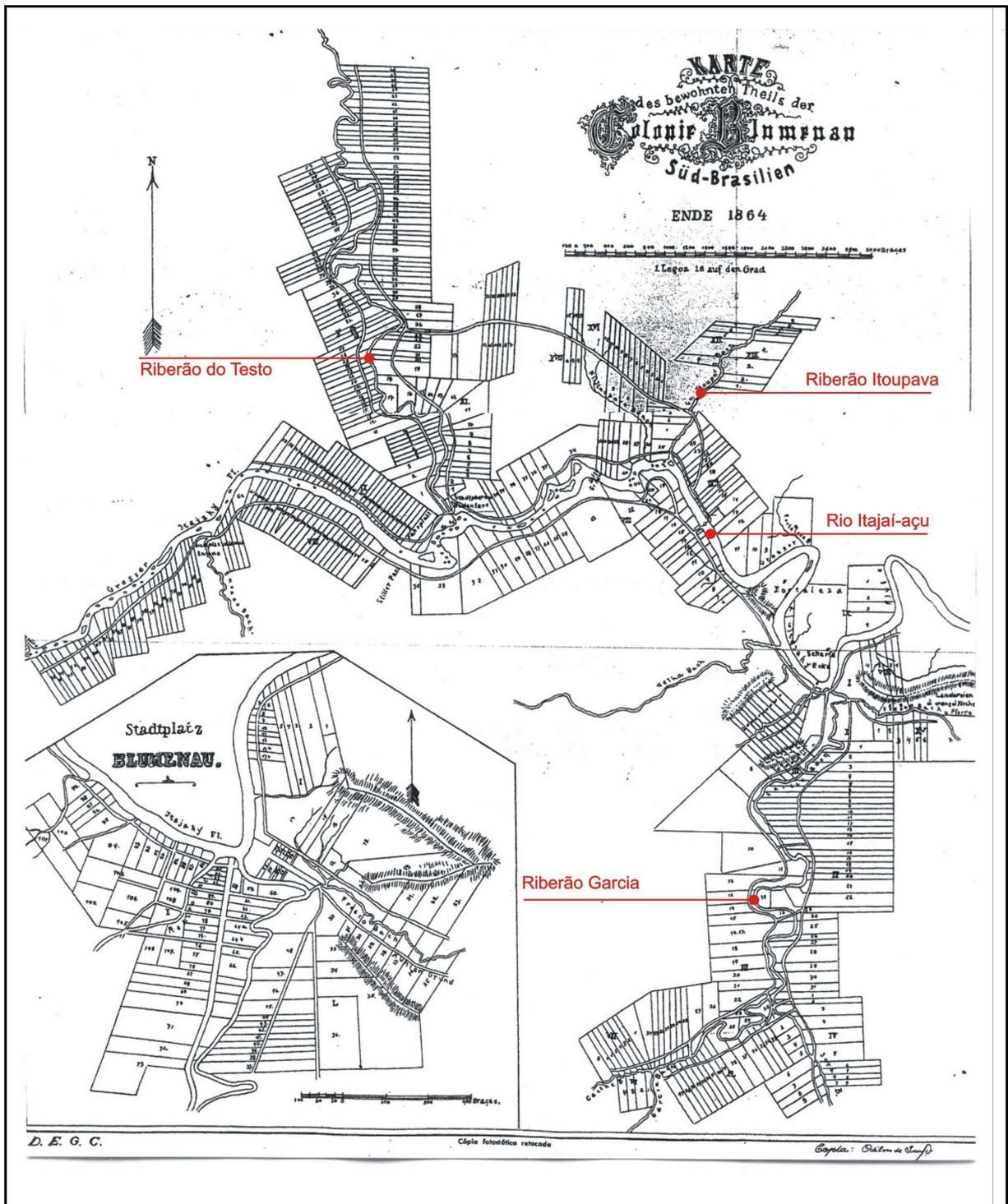


FIGURA 2.10 - Mapa da Colônia Blumenau, em 1864.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

Cedido por Claudia Siebert.

Editado por Silvana Moretti.

Escala Gráfica.

Em 1877, Guilherme Asseburg, cônsul alemão em Itajaí, criou a primeira empresa de transportes fluviais a atender Blumenau. Lanchas a vapor passaram a ligar duas vezes por semana o porto marítimo de Itajaí a Blumenau. Em 1879 um grupo de comerciantes blumenauenses fundou a Companhia Fluvial de Blumenau, fazendo o mesmo trajeto, primeiramente pelo navio a vapor “Progresso” e depois, em 1890, pelo “Blumenau”.



FIGURA 2.11 – Vista do porto de Blumenau, no início do século XX.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

Com o tempo, sentiu-se a necessidade da emancipação da Colônia Blumenau, o que aconteceu em 4 de fevereiro de 1880. Neste mesmo ano, uma grande enchente atingiu a região, causando enormes prejuízos e impedindo a instalação do município. Foram necessários três anos para a recuperação física da cidade. “Apesar de 1880 registrar valores reduzidos na sua economia, decorrentes da inundação, os meses que antecederam esta calamidade marcaram o início da indústria têxtil no Vale do Itajaí.” (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 66).

2.3.1 A formação e a delimitação do espaço urbano

A área onde foram instalados os colonos alemães em Blumenau, com o término da expansão da frente colonizadora em 1897, era de 10.610 Km², com onze distritos inclusive a sede Blumenau e com população total de 100 mil habitantes. (HERING, 1988, p. 33), o que pode ser observado na Fig. 2.12. A partir da década de 1930, diversos desmembramentos são efetuados, provavelmente com o objetivo de enfraquecer o poder político de Blumenau, no período da nacionalização¹⁵. (SIEBERT, 1997, p. 87). O primeiro desmembramento, do distrito de Bela Aliança, deu origem ao município de Rio do Sul, em 1930. Além de Bela Aliança, os distritos de Gaspar (1934), Indaial (1934), Timbó (1934), Hammonia (1934) e Rodeio (1936), seriam igualmente separados nos anos seguintes, conforme mostra a Fig. 2.13.

A situação permaneceu inalterada até a o final da década de 1950, quando a realização de um novo desmembramento, a partir de Blumenau deu origem ao Município de Pomerode em 1958. (SIEBERT, 1997, p. 87 - 88). Posteriormente, somente o distrito de Massaranduba ainda seria desmembrado de Blumenau, após a década de 1950. A área do município seria então de 714 Km² aproximadamente, e a população, de cerca de 42.000 habitantes. A população da área urbana, correspondia a aproximadamente 19.000 habitantes. (KLEINE, 1950, p. 195).

Quanto à definição do perímetro urbano do município de Blumenau, espaço este que interessa à pesquisa, conclui-se que várias foram as leis que o descreveram e alteraram, conforme demonstra-se a seguir:

¹⁵ Segundo Seyferth (1982, p. 175), a campanha de nacionalização foi instituída por Getúlio Vargas, após o golpe de 1937, que levou o país à ditadura do Estado Novo, com um governo autoritário e nacionalista. O programa de ação tinha como premissa erradicar as influências estrangeiras atuantes, principalmente, nos três Estados do sul, e inculcar nas populações de origem européia (especialmente alemães, poloneses e italianos) o sentimento de brasilidade. Portanto, pretendia a assimilação compulsória ou forçada das minorias citadas, através de uma legislação específica, que colocou à margem da lei a maior parte das instituições (sociedades assistenciais, imprensa, escola, etc.) consideradas "estrangeiras" (grifo da autora).

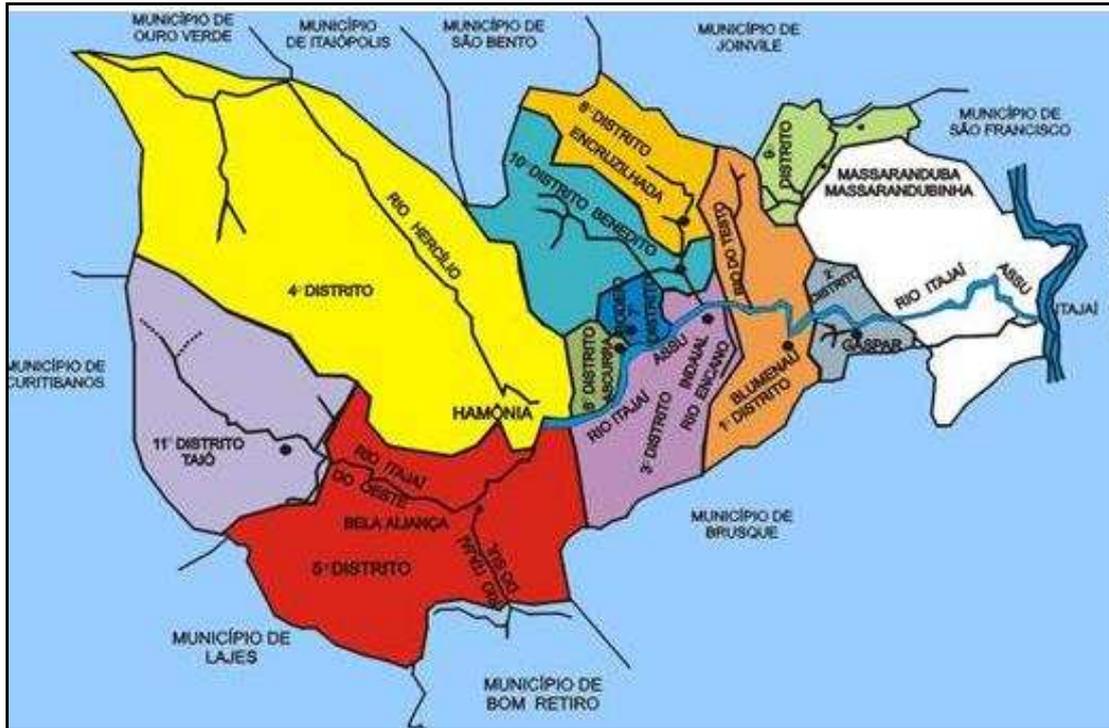


FIGURA 2.12 - Mapa do Município de Blumenau, em 1924.

Fonte: SEPLAN - PMB.

Sem Escala.

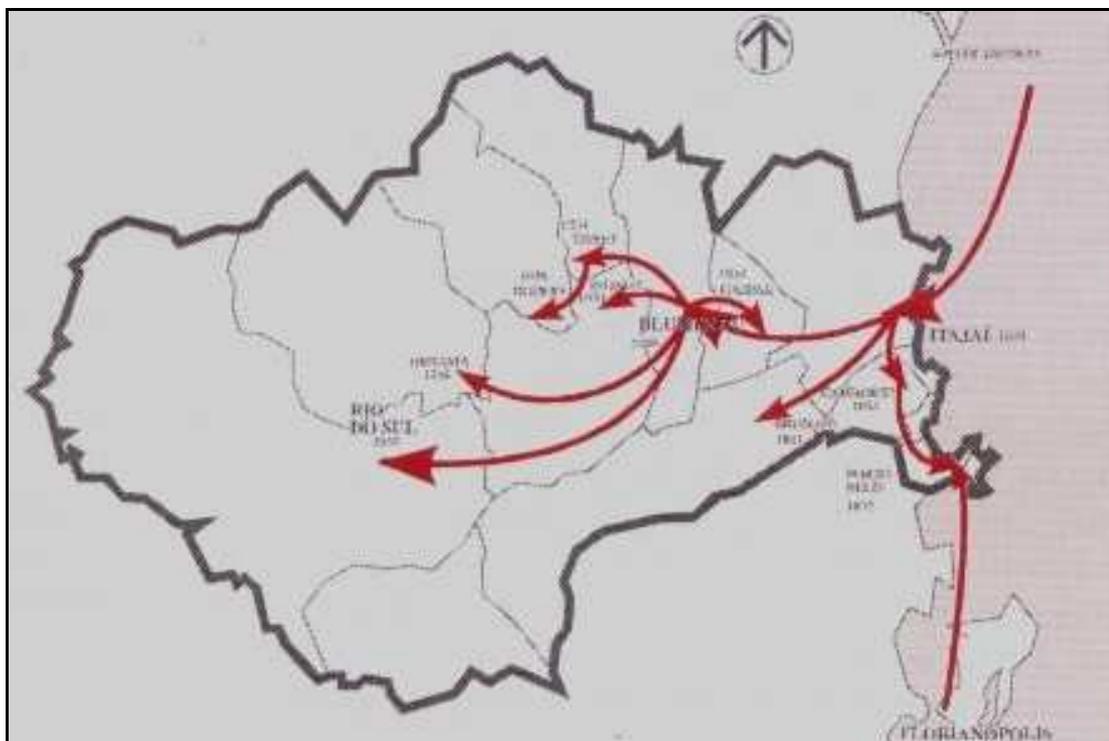


FIGURA 2.13 - Mapa do Município de Blumenau, com indicação dos desmembramentos ocorridos até a década de 1930.

Fonte: SIEBERT, 1997, p. 88.

Sem Escala.

A primeira lei que tratou do assunto foi o Decreto-lei nº 45 de 1939, aprovado na gestão do prefeito José Ferreira da Silva, que “adota em todo o território do Município o Código de Construções” dividindo-o em três zonas: urbana, suburbana, e rural. A zona urbana “é a determinada nas plantas da cidade e vilas e compreende a área que fica dentro do perímetro urbano, como tal fixado em lei”¹⁶. A zona suburbana “compreende todas as ruas, praças e estradas fora da zona urbana, onde seja lançado o imposto predial, quer em torno dessa zona, quer em povoados isolados no Município”. A zona rural “compreende toda a área do Município, fora da zona urbana e suburbana”. (BLUMENAU, 1939). Por este decreto, e sem as plantas que o acompanham, fica difícil identificar o que seria o perímetro urbano na época.

Em 1948, a Lei nº 37, vai aprovar o Código de Posturas do Município de Blumenau, na gestão do prefeito Frederico Guilherme Busch Jr. Esta “define as zonas central, urbana, suburbana e rural”, cuja delimitação “será estabelecida em lei especial”¹⁷. Esta lei irá definir também, os limites municipais: “o território municipal compreende os distritos de Blumenau, Rio do Testo e Itoupava, pelos limites com outros municípios, definidos nas leis estaduais”. (BLUMENAU, 1948), Na época, o Município fazia limite com os municípios de Jaraguá do Sul, Joinville, Araquari, Itajaí, Gaspar, Brusque, Indaial e Timbó.

Posteriormente, em 1951, na gestão do Prefeito Hercílio Deeke, a Lei nº 215, “altera a área do perímetro urbano da cidade, descrita no Decreto-Lei 45/1939.” (BLUMENAU, 1951). Nesta lei, algumas áreas consideradas suburbanas, pela lei anterior, tornam-se agora urbanas. Pôde-se notar, pela descrição, que foram incluídas áreas por onde estaria passando o leito da Estrada de Ferro Santa Catarina e algumas áreas de entorno das maiores indústrias da época, como Teka, Sul Fabril e Artex.

A Lei nº 717 de 1956, aprovada na segunda gestão do Prefeito Frederico Guilherme Busch Jr., “divide o perímetro urbano da cidade em zona central e bairros”. (BLUMENAU, 1956). É a primeira vez que se delimitam bairros na cidade. Foram criados por esta lei a Zona Central e os bairros Jardim Blumenau, Bom

¹⁶ Tais plantas não foram encontradas.

¹⁷ Que somente seria aprovada onze anos depois.

Retiro, Petrópolis, Velha, Victor Konder; Vila Nova, Asilo, Salto, Itoupava Seca, Boa Vista, Itoupava Norte, Ponta Aguda, Vorstadt, Ribeirão Fresco, Garcia, Glória Progresso e Vila Formosa. Entende-se por esta lei, que estes bairros faziam parte da zona urbana, e o restante da cidade, das zonas suburbana ou rural. Vale frisar que todos estes bairros, com exceção de Itoupava Norte e Ponta Aguda, estão localizados ao sul do Rio Itajaí-açu, o que indica que quase toda parte norte, ainda encontrava-se no perímetro rural.

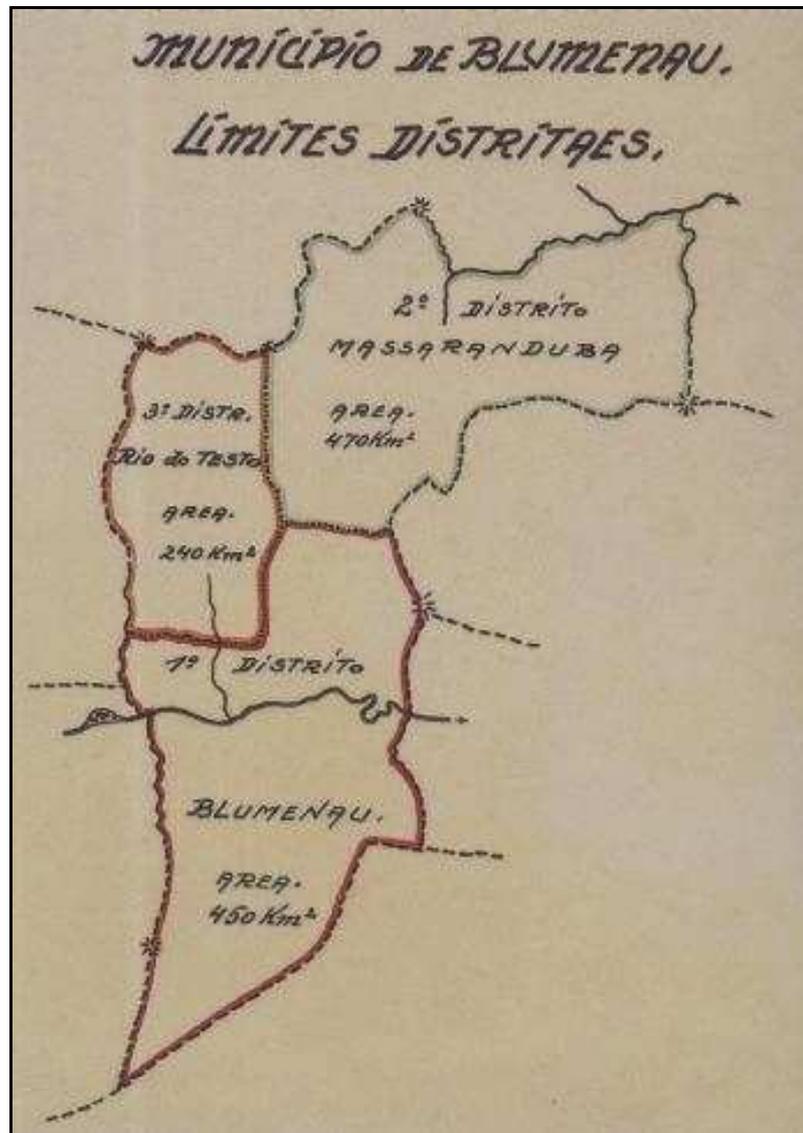


FIGURA 2.14 – Limites distritais do Município de Blumenau, na década de 1950.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000.

Sem Escala.

Em 1958, na gestão deste mesmo Prefeito, a lei nº 842, “regulamenta a inclusão de vias públicas no perímetro urbano da cidade”. Novamente uma lei vai definir para o Município, as zonas urbana e suburbana, cuja delimitação será fixada em lei especial. Segundo a lei, a Zona Urbana “abrangerá as parcelas da cidade já razoavelmente urbanizadas, apresentando, predominantemente, ruas que preencham os seguintes requisitos: a) iluminação pública; b) pavimentação a macadame ou saibro; c) rede de água”. A Zona Suburbana “abrangerá as parcelas menos urbanizadas situadas em maior distância do centro da cidade, e que representem Zonas de ‘influência’ ou extensão desta”. (BLUMENAU, 1957, grifo do autor). Segundo esta mesma lei, todas as disposições do Código de Posturas vigorarão, indistintamente, em ambas as Zonas, mesmo onde este só fala de “Zona Urbana”. Somente em 1959, o Prefeito Frederico Guilherme Busch Jr., irá regulamentar os artigos 6º e 7º do Código de Posturas (Lei 37/1948) “dando delimitação às zonas urbana e suburbana dentro do perímetro urbano” (BLUMENAU, 1959), através da Lei nº 926. Esta Lei usa para delimitar estas duas zonas, vias e ribeirões conhecidos da cidade e algumas referências difíceis de localizar, como por exemplo, terrenos de propriedade privada ou referenciais urbanos da época, que não mais existem. Por exemplo:

Começa na ponte da Estrada Geral de Blumenau-Indaial no final da Rua José Deeke, segue por uma linha seca até a Escola Alberto Stein, daí segue por outra linha seca até a propriedade de Emil Gerke na Estrada Velha-Weissbach, continua por outra linha seca até o Clube Concórdia na Rua Euclides da Cunha. (BLUMENAU, 1959).

Além disso, muitas destas vias já tiveram a sua denominação alterada, dificultando, assim a delimitação correta. A Fig. 2.15 traz, uma delimitação aproximada, já que não foram encontrados, mapas oficiais com as delimitações destas zonas. E, por ter sido este o perímetro urbano, que melhor conseguiu-se delimitar, dentro do período temporal desta pesquisa, será este utilizado como o recorte espacial do estudo.

Posteriormente, a Lei nº 1044 de 1961, já na segunda administração de Hercílio Deeke, vai incluir, “no perímetro urbano da cidade, diversas vias públicas” (BLUMENAU, 1961), do bairro Vorstadt (transversais da Rua Itajaí e Rua São Bento), mostrando a evolução urbana da área de entorno da indústria Sul Fabril.

Em 1968, na administração do Prefeito Carlos Curt Zadrosny, a Lei nº 1528, vai novamente alterar o perímetro urbano da cidade. Trata-se apenas de uma complementação do perímetro anterior, ampliando-o nos bairros Bom Retiro, Progresso, Glória e Garcia, mostrando mais uma vez a evolução destes bairros, que sofriam influência direta das principais indústrias da época. Outra vez usa referenciais urbanos difíceis de serem identificados nos dias atuais, como novas vias urbanas identificadas por códigos, como por exemplo:

[...] segue por uma linha que acompanha esta cota, até encontrar as nascentes do Ribeirão Bom Retiro, sobe por este Ribeirão até encontrar a cota de 100 metros, segue pela cota 100, interceptando a BL-133 a aproximadamente 1.800 metros da Rua Amazonas, continua pela cota 100, até encontrar uma perpendicular à estrada BL-122, distante 1.500 metros da Rua Progresso, seguindo por esta perpendicular, atravessando a BL-122 até encontrar a cota 120 metros; [...]. (BLUMENAU, 1968).

Em 1974, na administração de Félix Christiano Theiss, as leis nº 2021 e 2022, vão fixar o novo perímetro urbano da cidade e do distrito da Vila Itoupava. Para esta delimitação, já foram utilizados marcos geográficos. Esta delimitação já avança o perímetro urbano para a parte norte do Município, espaço este, que não se pretende abordar nesta pesquisa, o que ficará claro no Capítulo 4. Esta foi a última alteração antes da Lei Complementar nº 83 de 1995, que fixou os limites utilizados nos dias atuais.

2.3.2 A industrialização

Voltando à origem da industrialização, em Blumenau tema já abordado no referencial teórico, Mamigonian (1965, p. 72), defende que:

[...] o tipo de colonização favoreceu numa medida importante a industrialização de Blumenau. Criou um excedente econômico que permaneceu em parte, em Blumenau, e foi dividido entre os comerciantes de exportação e importação, diferentes comerciantes varejistas, colonos mais abastados e artesãos, e permitiu, assim, a constituição de uma base financeira indispensável a todo início industrial.

O comércio serviu como gerador de capital. Embora nem todo o volume de capital proveniente dessa atividade fosse aplicado na indústria, a maioria delas foi formada a partir de capital acumulado por cada um destes tipos de comércio. (DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 107-108).

Em seu Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau, publicado em 1965, Mamigonian destacava três fases que haviam marcado a industrialização no Município. Uma primeira fase caracterizava o início da industrialização indo de 1880 até 1913. Uma segunda fase iniciava-se com a primeira guerra mundial podendo ser delimitada entre 1914 e 1939. O terceiro período considerado, iniciava-se após a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Outros autores também dividem a industrialização que se desenvolveu no Vale do Itajaí em fases. Hering (1987, p. 10-11) divide da seguinte forma: primeira fase, de 1820 a 1880, quando se compuseram os antecedentes da industrialização em Santa Catarina; segunda fase, de 1880 a 1914, corresponde ao nascimento da indústria e; a terceira fase, de 1914 a 1945, representa o período de expansão das empresas têxteis tradicionais do Vale do Itajaí.

Siebert e Otte (2002, p. 31 - 32), dividem assim: 1879 a 1889 - surgimento e crescimento do setor industrial; 1890 a 1910 - desenvolvimento mais lento devido à relativa saturação do mercado; 1914 a 1945 - crescimento das pequenas e médias empresas, conquistando o mercado interno e externo; 1945 a 1963 – nova queda na

representatividade com o crescimento das cidades vizinhas e um elevado índice de urbanização, no qual ficou definitivamente caracterizada a vocação blumenauense; 1963 a 1980 - retomada do desenvolvimento e grande avanço da industrialização, melhoria dos transportes e das comunicações e crescimento das indústrias têxteis. As autoras ainda vão citar outras duas fases, que não irão interessar a esta pesquisa.

Singer (1968) utiliza a seguinte cronologia: primeira fase (1883-1914) - início da industrialização; segunda fase (1914-1950) - a economia de Blumenau se integra no mercado nacional e; terceira fase (1950-1968) - Blumenau, no presente e no futuro (descrição da situação das indústrias na época de sua pesquisa).

Após análise das cronologias apresentadas, decidiu-se utilizar, aquela adotada por Mamigonian, adaptando-a ao recorte temporal definido para esta pesquisa. Considera-se esta a mais adequada e mais coerente pois o autor utiliza como referências iniciais e finais, datas relevantes para a história do Município, da industrialização de Blumenau e referências mundiais, que em muito influenciaram este processo. Também se está levando em consideração que esta tenha sido a primeira pesquisa em Geografia, onde se faz esta divisão cronológica, o que a torna mais coerente com a pesquisa em curso. Além dos três períodos definidos por Mamigonian, utilizar-se-á também um quarto período, que vai de 1968 até 1980. Este período reflete-se em grande crescimento industrial e urbano, acompanhando as taxas elevadas de crescimento da economia brasileira.

2.3.2.1 Primeira fase da industrialização de Blumenau (1880-1913)

Segundo Mamigonian, “as primeiras verdadeiras indústrias nasceram trinta anos após o início do povoamento: uma malharia (Hering - 1880) e duas tecelagens de algodão (Karsten - 1882 e Garcia - 1885)”. Para o autor, nesta fase, certo número de artesanatos agrícolas foram instalados: moinhos, alambiques, cervejarias, curtumes, charutaria, assim como certo número de artesanatos não agrícolas: tipografias, marcenarias e ferrarias. Algumas destas atividades artesanais acabaram

por transformar-se em indústrias e outras desapareceram. As demais, continuaram no estado artesanal, tais como os moinhos e as marcenarias. (1965, p. 68). Hering (1950, p. 169) diz que “em 1863, as três cervejarias então existentes representavam, pode-se dizer, a única indústria realmente fabril, comparada com os demais estabelecimentos, que se compunham de engenhos apenas”.

Nesta fase, surgiram muitas melhorias ao nível de infra-estrutura no Município. No ano de 1901, o surgimento da luz elétrica ocorreu devido à iniciativa de Frederico Guilherme Busch, um comerciante da região, que construiu uma pequena usina. Blumenau foi a primeira cidade de Santa Catarina a ter iluminação pública. Em 1907, tem início a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, que ligaria o Município com a área de colonização do Alto Vale do Itajaí. Este trecho foi inaugurado em 1909.



FIGURA 2.15 – Vista frontal da Estação Central da Estrada de Ferro Santa Catarina, por volta de 1920. No local, hoje se encontra a sede da Prefeitura Municipal de Blumenau.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

Descrever-se-á a seguir, detalhadamente, o surgimento e desenvolvimento das principais indústrias blumenauenses desta fase:

A maioria dos pesquisadores afirma que a **Empresa Industrial Garcia** nasceu da iniciativa de Gustav Roeder, ex-sócio da Tecelagem Roeder, Karsten & Hadlich, que fundou em 1885 uma tecelagem no Vale do Ribeirão Garcia. Citam-se outras vezes, também as datas de 1883 e 1884, para o início do empreendimento. Porém, afirma-se em outras fontes, que teve início, em 1868, através do imigrante Johann Heinrich Grevsmühl, que em 1860, instalou uma atafona e uma serraria em suas terras. Com o progresso deste empreendimento, decidiu investir no ramo têxtil. Para isso, associou-se a dois vizinhos que conheciam a técnica de tecelagem: Johann Gauche e August Sandner. Surgia assim, a empresa Johann, Heinrich & Grevsmühl. Johann Grevsmühl foi o proprietário dessa empresa até 1876, quando a vendeu a Gustav Roeder. Em 1877, Roeder teve que retornar a Alemanha, em busca de materiais para implementar sua empresa e desativou-a momentaneamente. Quando retornou a Blumenau, uniu-se a Johann Karsten, em 1882, para formar a empresa Roeder, Karsten & Hadlich. Segundo o pesquisador Adalberto Day¹⁸, em 1883 Roeder retorna ao Vale do Garcia para dar continuidade ao empreendimento que chamou Tecidos Roeder Ltda. Em 1906, com a morte da sua esposa, Roeder liquidou a empresa. Os compradores foram Júlio Probst e Sallenten e por esse motivo a empresa passa a chamar-se Empresa Industrial Garcia & Probst. Em virtude da forte concorrência estrangeira, a firma passou por dificuldades, até que em 1918, retirou-se Probst, principal acionista entrando capitais de outras localidades. Passou a chamar-se então, Empresa Industrial Garcia. (HERING, 1950, p. 186).

¹⁸ Informações fornecidas em entrevista realizada em 21/08/2003.



FIGURA 2.16 - Aspecto inicial da Empresa Industrial Garcia.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

Outra indústria deste período, a **Companhia Hering** surgiu da iniciativa de Friedrich Hermann Hering, que em meados do século XIX, soube da colônia fundada pelo Doutor Blumenau em Santa Catarina, e resolveu conhecer o povoado, a fim de procurar possibilidades de uma nova vida. Por prudência, deixou a família aos cuidados do irmão Bruno e veio sozinho para o Brasil. Por acaso, adquiriu em Joinville um tear circular e um caixote de fios e iniciou uma tecelagem. Ao constatar as possibilidades de manter toda a família, providenciou a vinda destes, em agosto de 1880. A fábrica era muito pequena e situava-se na atual rua 15 de Novembro. No início, bastavam os membros da família para transformar o que se produzia no tear circular em artigos. Entretanto, ao serem adquiridos o segundo e terceiro teares, foi necessário buscar operários e um espaço maior. Adquiriu-se, então, no Vale do Ribeirão Bom Retiro (em 1897), um terreno que dispusesse de força motriz hidráulica. “Os Hering também se transferiram para as imediações, formando uma interessante composição de extensão entre a indústria e a residência”, (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 74), como se pode observar na Fig. 2.18.

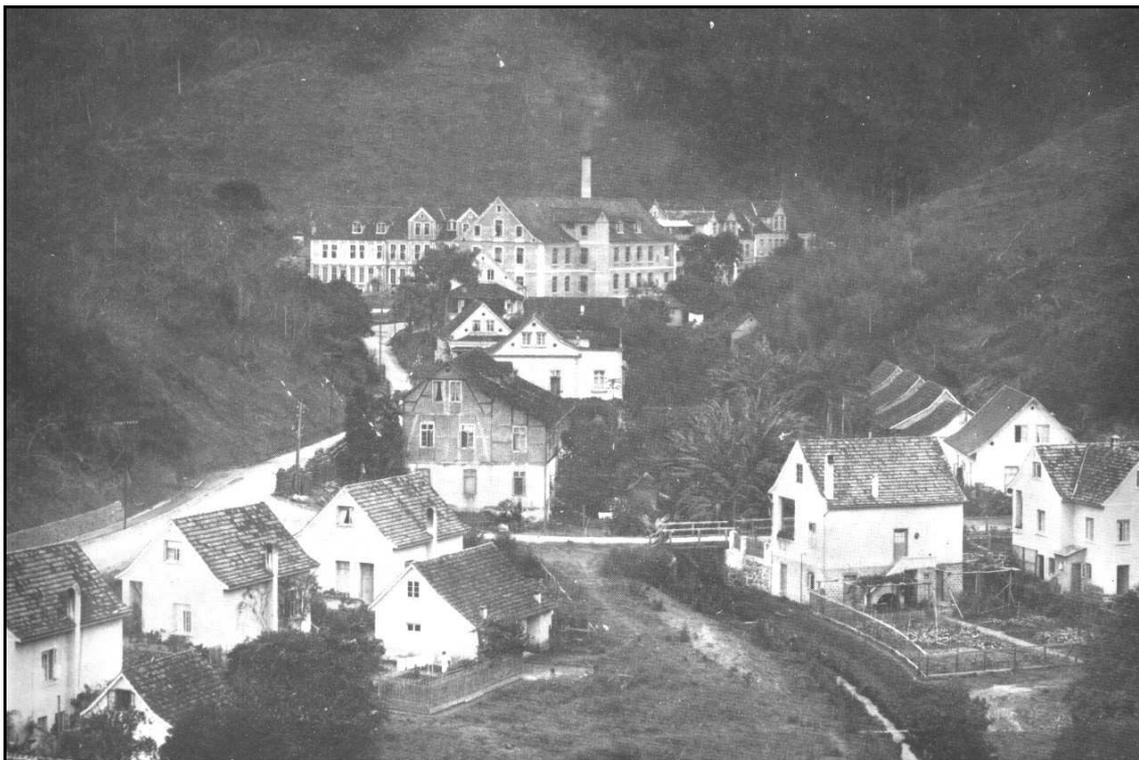


FIGURA 2.17 - Conjunto arquitetônico da Companhia Hering, no início do século XX.

Fonte: DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 157.

Em 1860, a família Karsten, entre eles o primogênito Johann de 20 anos, emigrou de Schleswig-Holstein, Alemanha. Inicialmente a família permaneceu por um ano em Petrópolis, Rio de Janeiro, cuidando de uma fazenda de café do Império. Posteriormente Johann transferiu-se para a Colônia Blumenau, onde encontrou um terreno com queda d'água, no atual bairro de Testo Salto e ali iniciou suas atividades na agricultura e pecuária, instalando uma atafona de milho e uma serraria, em 1869. A grande enchente de 1880 destruiu as construções de Karsten, que começa então a planejar a implantação de uma tecelagem. Juntando suas economias, Johann e seu amigo, o comerciante Heinrich Hadlich, formam o capital para iniciar o empreendimento. Karsten encarrega-se da construção do prédio, enquanto Hadlich, em 1881, parte para a Alemanha para adquirir as máquinas. No Rio de Janeiro, Hadlich encontra o técnico em tecelagem Gustav Roeder, que é convidado a participar do projeto. Hadlich permanece pouco tempo na Alemanha e Roeder¹⁹, onze meses depois, volta trazendo seis teares e uma pequena fiação. Surgia assim,

¹⁹ Que iniciou a Empresa Industrial Garcia

em 1882, a empresa Roeder, Karsten e Hadlich, que começou a operar no ano seguinte. Contudo, em 1885 e 1886, Roeder e Hadlich, respectivamente, retiram-se da sociedade. Em 1916, os filhos de Johann Karsten, Christian e João assumem a administração da empresa que em 1933, torna-se uma sociedade anônima com o nome de **Companhia Karsten**.

“Fora do ramo têxtil, encontramos em Blumenau no ano de 1880 a instalação de um curtume, por Oswaldo Otte, que beneficiava couros procedentes de vários pontos do sul do país.” (DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 110). Foi denominado **Curtume Otte**. Observar Fig. 2.19.



FIGURA 2.18 - Curtume Otte, no início do século XX.

Fonte: Arquivo Pessoal de Orlaff Otte.

2.3.2.2 Segunda fase da industrialização de Blumenau (1914-1939)

Mamigonian (1965, p. 68) destaca a primeira guerra mundial, que acelerou o processo de substituições das importações, como marco inicial da segunda fase da industrialização em Blumenau, caracterizada pela consolidação das indústrias existentes, principalmente as alimentares e, a partir de 1919, a chegada de muitos imigrantes com experiência industrial e comercial. Eles fugiam da hiperinflação e do pauperismo que sucederam a guerra. “Trabalharam nas empresas locais e alguns deles, após conseguirem reunir uma parcela de capital, uniram-se a empresários já estabelecidos para iniciarem novos empreendimentos.” (SANTIAGO; PETRY; FERREIRA, 2001, p. 63). Os colonos começaram a trabalhar também nas fábricas,

mantendo-se alguns ao mesmo tempo lavradores o que fez nascer nas áreas rurais ao redor da cidade pequenos aglomerados espaciais. (SANTA CATARINA, 1958). Durante a década de 1920, várias pequenas indústrias se instalam como as do ramo de tecidos, confecção, chapéus, gaitas de boca e móveis. Foi nesta fase que fundaram-se a indústria de alimentos Hemmer, as indústrias têxteis Cremer, Artex e Teka e a Fábrica de Gaitas Hering.

De acordo com Singer (1968, p. 124-125), em 1920, Blumenau ainda possuía uma economia essencialmente agrícola. Conforme o Censo daquele ano, de 72.213 habitantes, 28.530 constituíam a população ativa, dos quais 22.442, ou seja, 82%, trabalhavam na agricultura e 1.481, ou seja, 5%, na indústria. Tratava-se de um parque industrial modesto, porém, nada desprezível, tratando-se de um país pouco industrializado, como o Brasil.

Quanto à infra-estrutura urbana, na década de 1920, foram construídas grandes pontes de concreto e a empresa paulista Força e Luz foi adquirida por uma sociedade catarinense, passando a sede da empresa para Blumenau. Isto em muito contribuiu para o aumento do número de indústrias e maior desenvolvimento das já existentes. A navegação fluvial também foi melhorada, com a construção do cais do porto. Em 1926, iniciaram-se os trabalhos de prolongamento da Estrada de Ferro para o porto de Itajaí, começando-se pela construção da ponte sobre o Rio Itajaí-açu, na confluência com o Ribeirão da Velha.

A partir da década de 1930, dada a desarticulação e a rarefação do estado de Santa Catarina, poucas indústrias poderiam prosperar e por isso, tentavam penetrar nos mercados paulista e carioca. Assim, Blumenau antecipadamente incorporava um dos mecanismos da moderna industrialização brasileira: o crescimento por diversificação. Este mecanismo se tornou oportuno principalmente a partir do colapso das importações verificado em 1929. Sendo os artigos leves de consumo praticamente banidos da pauta de importações e não havendo similares nacionais, os industriais blumenauenses tinham assim, as melhores perspectivas de investimento. (CASTRO, 1972, p. 120).

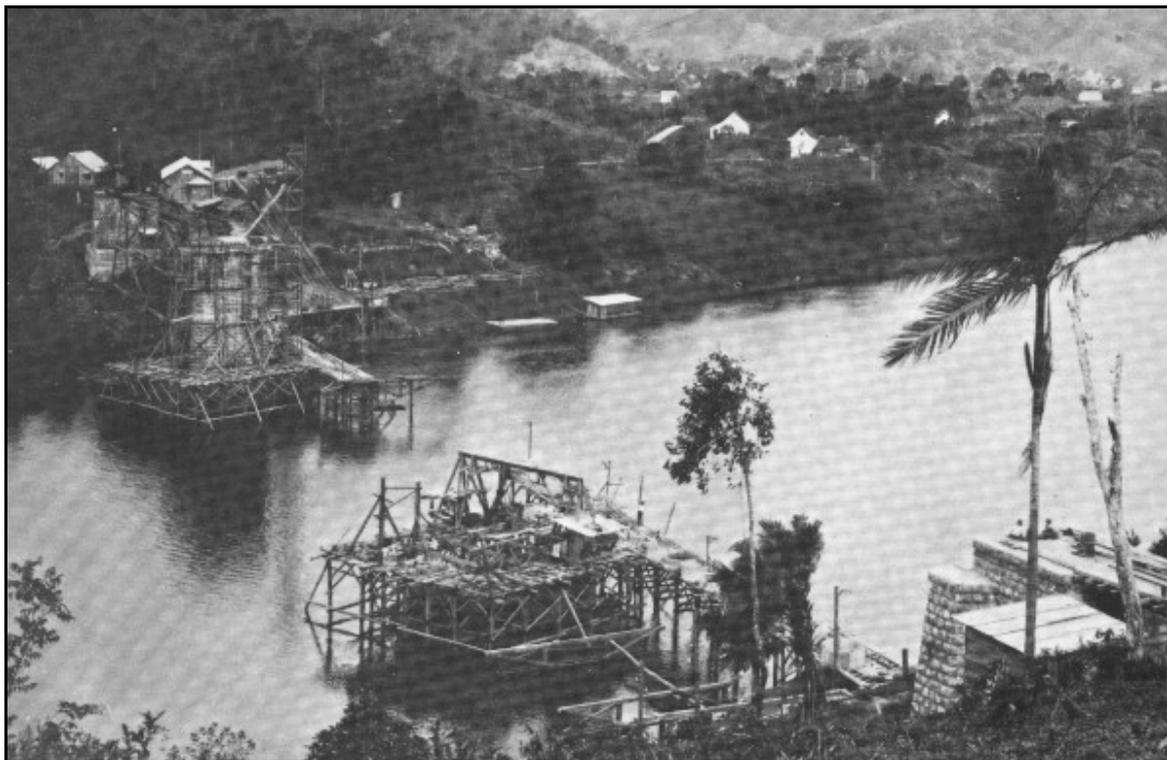


FIGURA 2.19 - Construção da ponte da Estrada de Ferro Santa Catarina sobre o Rio Itajaí-açu.

Fonte: DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 80.

Em 1939, explode a Segunda Guerra Mundial. A crise econômica e de abastecimento levou a população a enfrentar racionamentos. Porém, os maiores traumas produzidos pela guerra foram a perseguição e a supressão da cultura dos blumenauenses. A cidade sofria por ter sido colonizada por alemães, país que estava em guerra contra os aliados, dos quais fazia parte o Brasil.

Com relação a Companhia Hering, nesta segunda fase falecem seus fundadores. Hermann faleceu em 1915, aos 80 anos de idade. Ao lado de Bruno, Max e Curt Hering (filhos de Hermann) assumiram a gerência, com o cunhado Hermann Mueller-Hering. (FIGUEIRA, 1980, p. 29). Curt possuía muita sensibilidade para o comércio e no setor comunitário, exerceu também, grande influência em todos os movimentos, com especial atenção, para a música. Dedicou-se, também, à política, que sempre compreendeu como serviço à comunidade. (FIGUEIRA, 1980, p. 31). Esse empenho o tornaria prefeito de Blumenau, em 1927. Bruno Hering, faleceu em junho de 1918, aos 76 anos de idade. (FIGUEIRA, 1980, p. 32). Em 1929, a firma foi transformada em sociedade anônima e o primeiro diretor presidente

foi Paul Hering (filho mais velho de Hermann Hering). Para a Companhia Hering, os anos de 1934 até a II Guerra Mundial foram de constante aumento de produção e de reorganização interna.

Descrever-se-á, abaixo, o surgimento e desenvolvimento das novas indústrias da segunda fase:

A história da **Companhia Hemmer**, iniciou quando o alemão Heinrich Hemmer comprou dois lotes de terra, na localidade de Badenfurt. “Empreendedor, além de instalar uma ferraria, consertar espingardas, buscar alternativas para a indústria têxtil, fabricar balanças decimais e montar uma casa comercial, percebeu que o excedente do repolho que plantava poderia ser industrializado como *sauerkraut*²⁰. (KORMANN, 1994, p. 256, v.1., grifo nosso). A receptividade do *sauerkraut* fez com que Hemmer passasse a produzir também o pepino em salmoura. Em 1915 o negócio já era uma atividade empresarial e, a partir daí cresceu, ampliando a lista de produtos. Passou a denominar-se Irmãos Hemmer em 1927, com a morte do fundador, ficando sob a responsabilidade dos filhos Heinrich Hemmer Jr., Max e Fritz com a participação do genro Carl Rinnert. Além do chucrute, os irmãos diversificaram a produção introduzindo conservas de couve-flor, pickles, vinagre e mostarda. (KORMANN, 1994, p. 257, v.1).

Em 1922, a viúva Johanna Lueders Altenburg iniciou a confecção de chapéus. “Logo em seguida especializou-se em acolchoados e travesseiros, que fazia com algodão em pluma, lã de carneiro e penas de ganso e pato, artigos que aprimorou durante 20 anos [...]”. (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 90). Nascia assim, a **Fábrica de Acolchoados Altenburg**.

Em 1923, Rudolf Clasen e Hermann Weege também apostaram na fabricação de chapéus. Contrataram um especialista polonês, Rudolf Leder, e abriram as portas da empresa, localizada na rua São Paulo. Posteriormente, consagrou-se com o nome de **Fábrica de Chapéus Nelsa S/A**. (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 149).

²⁰ Uma conserva do legume hoje conhecida como *chucrute*.

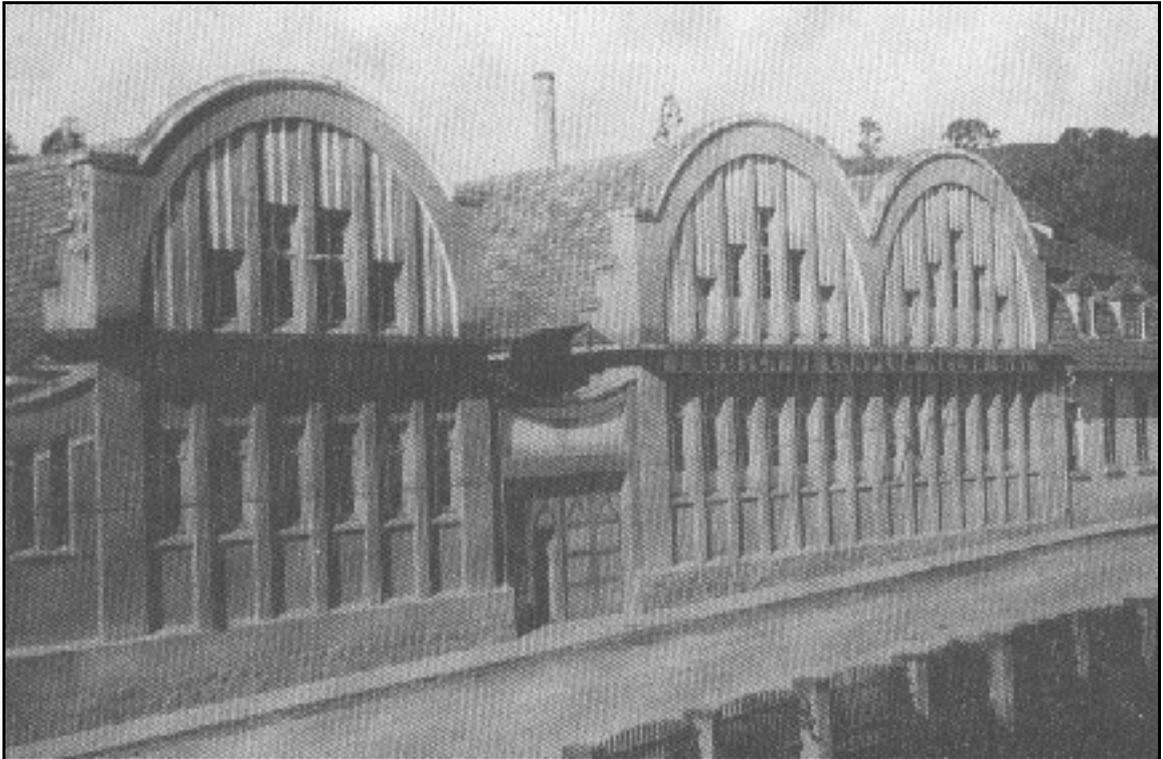


FIGURA 2.20 - Fábrica de Chapéus Nelsa.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 149.

Também em 1923, Alfredo Hering e o sogro Paul Husadel, implantam em um barracão de madeira, no atual bairro de Itoupava Seca, uma modesta fábrica de gaitas-de-boca: a **Indústria de Gaitas Hering**. Para ampliar a fábrica, em 1927, resolve-se vender ações e transformar o empreendimento em sociedade anônima. (KORMANN, 1994, p. 216, v.1). Alfred Hering faleceu em agosto de 1937 e Alice, sua esposa, assumiu a direção da fábrica e ampliou a linha dos produtos com a fabricação de acordeões, harmônios elétricos e pequenos órgãos.



FIGURA 2.21 - Vista da edificação da Fábrica de Gaitas Hering, em 1930.

Fonte: SANTIAGO; PETRY; FERREIRA, 2001, p. 66.

Nesta fase da industrialização de Blumenau, surgiu também a **Tecelagem Kuehnrich**. Estimulada pela difícil situação econômica da Alemanha do pós-guerra, a família Kuehnrich imigrou para Blumenau, em 1924. Infelizmente, não se adaptou à região e retornou à terra natal. Permaneceu aqui apenas o filho mais novo, Paul Fritz, que se casou um ano depois. (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 144). Trabalhou por dois anos como operário e em 1926 registrou sua firma própria, uma indústria de acolchoados no bairro Itoupava Norte, atuando como mestre e tendo o auxílio da própria esposa e de quatro funcionários. Em 1929 passou a produzir também camisas. Em 1931 comprou dois teares e passou a fabricar tecidos. Para buscar os recursos necessários ao aumento da firma, transformou-a em sociedade anônima em 1935, adotando a denominação de Companhia Kuehnrich S.A. Em 1941, sua denominação social foi modificada para Tecelagem Kuehnrich S.A., estabelecendo-se o logotipo com as letras “T”, de “Tecelagem”, e “K”, de “Kuehnrich”, originando assim o nome “Teka”.

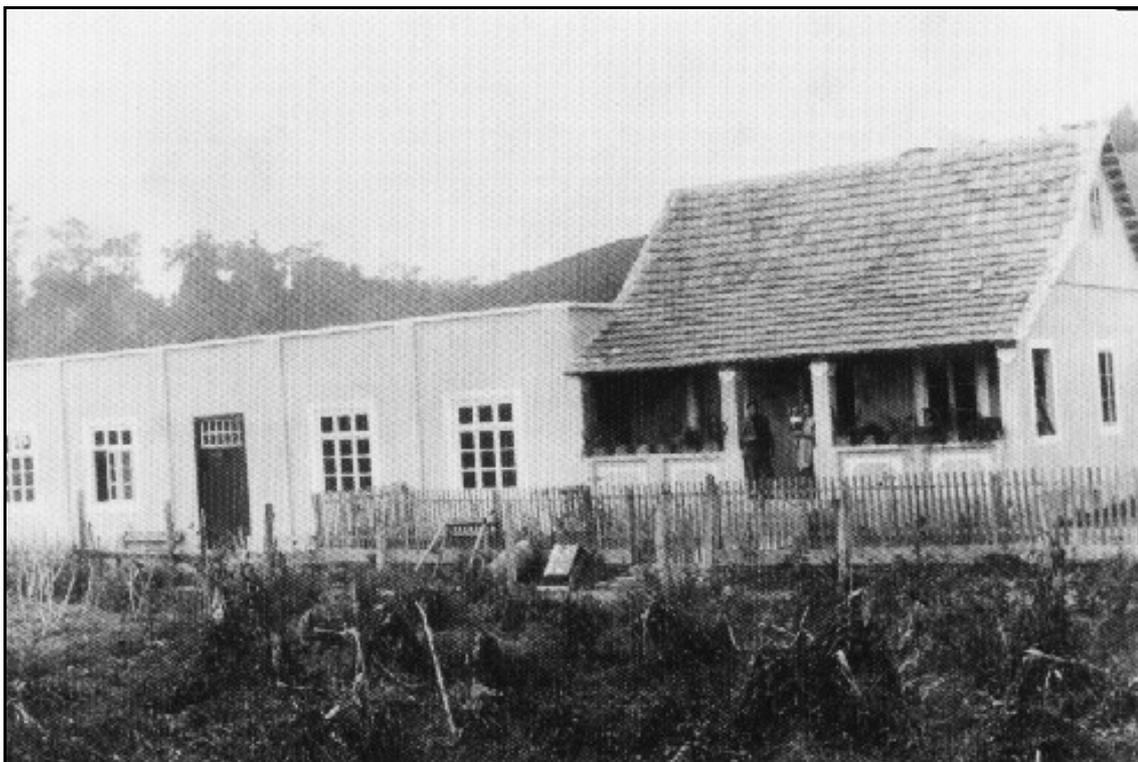


FIGURA 2.22 - Tecelagem Kuehnrich, em 1926, junto à residência do fundador.

Fonte: SANTIAGO; PETRY; FERREIRA, 2001, p. 64.

A empresa Werner & Auerbach foi fundada pelo engenheiro Paul Werner, em 1924, em sociedade com Ernest Auerbach, em Itoupava Seca. Paul Werner veio da Alemanha para instalar a primeira Companhia Telefônica de Blumenau em 1923, e já no ano seguinte montou esta pequena fundição de ferro, logo transformada em fábrica de máquinas para serrarias, usinas e moinhos. A partir de 1934, sua razão social foi mudada para **Electro Aço Altona S.A.**, já que a partir de então, este passou a ser o único metal trabalhado pela empresa.

A **Haco** foi estabelecida, em 1928, na localidade de Vila Itoupava. No início, a empresa fabricava cadarços de algodão com teares convencionais. Foi adquirida pela família Conrad, quando Johanna Conrad veio ao Brasil visitar o irmão no Norte de Santa Catarina. Heinrich, marido de Johanna, iniciou produzindo fitas para reforço de golas das camisetas da Hering.

[...] o filho Carl Heinz, então com oito anos de idade, veio sozinho de navio juntar-se aos pais, que estavam há três anos em Blumenau. Cresceu vendo o pai cuidar da administração e a mãe Johanna coordenar a produção. Aos 14 anos começou a trabalhar na empresa, sendo um dos principais

responsáveis pelo seu crescimento. Em 1937 deu-se a primeira tentativa de fabricar etiquetas tecidas, com a compra de teares usados em São Paulo. A partir de então, este foi o principal produto da empresa. (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 150).



FIGURA 2.23 – Electro Aço Altona, em 1934.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

O surgimento da firma **W.S. Cremer**, primeira produtora brasileira de gazes medicinais, data de 1935. O imigrante alemão Werner Siegfried Cremer, representante comercial de artigos medicinais, ao mudar-se para Blumenau uniu-se a um grupo de homens de negócios, que possibilitaram a criação da fábrica: Alwin Schrader, como diretor presidente; Max Victor Hering (neto de Hermann Hering), como vice-presidente; entre outros sócios. Werner Cremer assumiu a função de diretor-gerente. (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 174).

A **Artex** surgiu, em 1936, da iniciativa de Theóphilo Bernardo Zadrosny, que convidou o tecelão austríaco, Otto Huber, que já trabalhava há trinta anos na Empresa Industrial Garcia, para fundar uma nova indústria têxtil, ao lado desta. Fez parte também da sociedade, o comerciante Ricardo Peiter. O capital inicial serviu para a aquisição de 10 teares importados, que inicialmente serviram à confecção de toalhas de mesa.

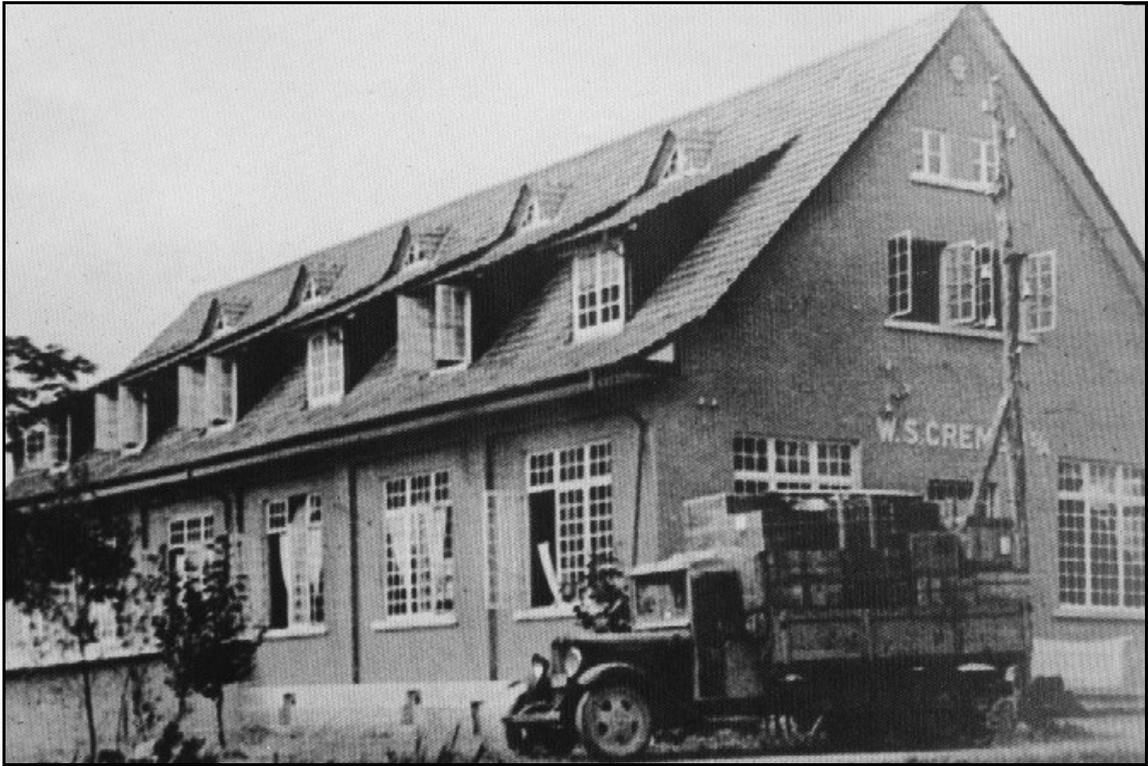


FIGURA 2.24 - W.S. Cremer S.A., na década de 1940.

Fonte: SANTIAGO; PETRY; FERREIRA, 2001, p. 92.



FIGURA 2.25 – Artex, em 1937.

Fonte: ARTEX, 1986.

2.3.2.3 Terceira fase da industrialização de Blumenau (1940 - 1967)

Em 1940, Blumenau já era uma cidade industrial importante com 2.000 operários aproximadamente. É a partir desta data que Mamigonian identifica a terceira fase da industrialização de Blumenau. Este defende que a guerra marca uma evolução: grande expansão das indústrias existentes e chegada a Blumenau, após 1945, de novos imigrantes qualificados. (1965, p. 68). Como o limite temporal final da terceira fase da industrialização blumenauense definido por Mamigonian não está claro, como já comentou-se anteriormente, utilizar-se-á o ano de 1967 para finalizar este período. Escolheu-se esta data, pois a partir de 1968, ano seguinte, as taxas de crescimento do Brasil, passam a se elevar.

A urbanização de Blumenau avança na década de 1940. “A população que se dedica à agricultura cai de quase a metade, em 1940, a um quinto da população ativa em 1950.” (SINGER, 1968, p. 131).

Veja-se a descrição das principais indústrias que surgiram nesta fase:

A **Sul Fabril** foi fundada em 23 de janeiro de 1947, por Paulo Fritzche e Maurício Márcio da Graça. Ambos trabalhavam, antes, numa fábrica de camisas, o primeiro na administração e o segundo na parte técnica. A fábrica iniciou confeccionando camisas de tricoline e artigos de malha. O primeiro prédio era alugado na rua Itajaí, próximo de onde está localizada a fábrica hoje. No início, contava com 23 funcionários e quatro máquinas de costuras. Com o avanço das vendas, Fritzche comprou mais cinco máquinas e um ano depois, já adquiria o primeiro tear para a produção de malha. Em 1953, muda-se para a sede própria e instala o refeitório para os funcionários. Em 1955, instala a Cooperativa de Consumo e em 1956, entrega aos seus funcionários a Sede da Associação Desportiva e Recreativa Sul Fabril.

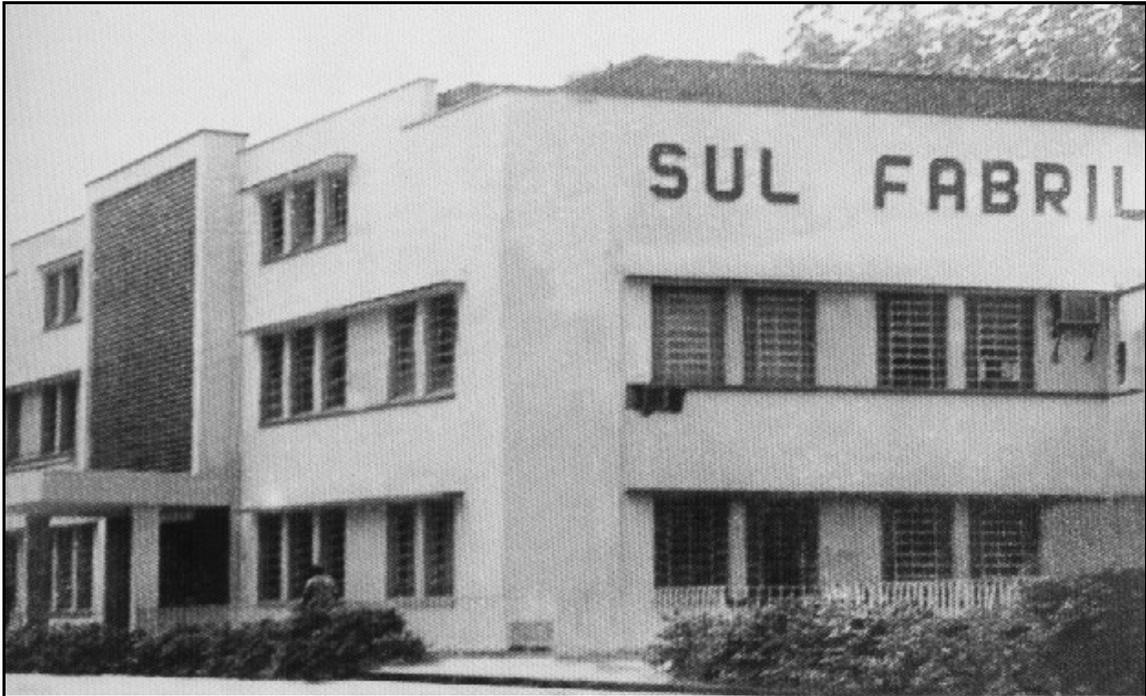


FIGURA 2.26 - Sul Fabril, na década de 1950.

Fonte: SANTIAGO; PETRY; FERREIRA, 2001, p. 113.

A **Cristais Hering S.A.** foi fundada em 1950, por Alice Hering, viúva de Alfred Hering, após sua visita a uma fábrica de cristais na Europa. Contratou um técnico, adquiriu a maquinaria e fundou mais uma empresa inédita em Blumenau, iniciando suas atividades fabricando copos de cristal.

Cecília Weege Lischke, herdeira dos donos da Fábrica de Chapéus Nelsa, arrojou-se ao buscar uma alternativa, em 1953, quando os chapéus estavam saindo de moda. Teve a idéia de manufaturar roupas íntimas sem costura lateral, no estilo *body-size*, cuja demanda nacional era atendida somente com importados. Com máquinas de tecer ribana fina e outros equipamentos de origem alemã, iniciou as atividades da malharia em 1953, no mesmo prédio onde o pai produzia chapéus, chamando-a **Malharia Majú**. As atividades da Fábrica de Chapéus Nelsa encerraram-se em 1965, sendo que desde o início da Segunda Guerra, a Senhora Cecília já era responsável por sua administração.

2.3.2.4 Quarta fase da industrialização de Blumenau (1968-1980)

Pôde-se ainda identificar uma quarta fase no processo de industrialização de Blumenau, dentro do limite temporal definido para esta pesquisa. Utilizou-se a data de 1980, como limite final deste período, pois foi o último ano de crescimento econômico nacional, antes da crise que vai fazer cair o Produto Interno Bruto (PIB). A década de 1980 foi tachada por muitos analistas econômicos brasileiros como “a década perdida”. O Brasil enfrentou uma grande retração econômica, acompanhada de déficit público, inflação e aumento da dívida pública.

Em 1980 o PIB chegou a atingir 7,2% de crescimento anual. A essa época, a evolução dos juros internacionais, decorrentes ao segundo choque do petróleo ainda não se fazia sentir com tanto vigor, como ocorreu nos anos seguintes. Economias emergentes, como a brasileira, nos primeiros anos da década de 1980 foram quase que inviabilizadas.

O fluxo de investimento nas atividades produtivas que após 1976 declinava moderadamente, a partir de 1979 e especialmente em 1981 sofreu um sério decréscimo. (DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 131).

Os ditames do Fundo Monetário Internacional diminuíram a estabilidade interna e aumentaram a dívida externa. De 10%, em 1981, a inflação saltou para 21% em 1983 e 220% em 1984. O Brasil, que nas últimas três décadas crescia em média 7% ao ano, garantindo que a renda per capita anual crescesse 4%, a partir de 1981 teve seu crescimento paralisado. (DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 129).

Porém, no período que compreende esta quarta fase, no Vale do Itajaí houve nítida acentuação da urbanização e do desenvolvimento do sistema de transportes e das telecomunicações. A partir da década de 1970, com a implantação de novo eixos rodoviários, com a desativação da Estrada de Ferro Santa Catarina e com a aprovação do primeiro Plano Diretor do Município, que impedia a implantação de novas indústrias e a ampliação das já existentes no interior dos bairros, as indústrias de Blumenau foram buscar terrenos próximos a estes eixos rodoviários para suas implantações, conferindo um novo modelo espacial de industrialização, mais semelhante ao padrão nacional (SIEBERT; MÁXIMO, 2002, p. 41). O período

posterior à crise do início dos anos 1980 resultou em profundas reestruturações da economia de Blumenau, caracterizadas sobretudo pelo enxugamento das estruturas das grandes empresas e pelo surgimento de muitas pequenas e micro empresas terceirizadas.

Quanto às indústrias existentes, “em 1961, a Artex ao completar 25 anos gerava 731 empregos diretos, ocupava uma área fabril de 75.383 m² e suplantava a casa de um milhão de metros lineares de tecidos felpudos.” (VIEIRA, 1986, p. 89). Em 1964, mudou-se a razão social para Artex S.A. Fábrica de Artefatos Têxteis e instalaram-se escritórios comerciais em São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo, “a diretoria da Artex no dia 13 de fevereiro de 1973, aprova plano para incorporação da mais antiga empresa têxtil de Blumenau, a Industrial Garcia, cujo parque fabril era limítrofe ao da Artex.” (VIEIRA, 1986, p. 90-91). O processo de incorporação durou 12 meses. Em 1980, vários prédios antigos foram demolidos, dando lugar a novas instalações. Em setembro de 1994 a família Zadrosny perde o controle acionário da empresa que é vendida para o Grupo Garantia-Polônia. Em 01 de junho de 2000, a empresa é vendida ao Grupo Coteminas (Companhia de Tecidos Norte de Minas).

A Indústria de Gaitas Hering, na década de 1960, vendeu a quase totalidade das ações para a indústria Hohner, da Alemanha. O prédio passou por várias reformas, sendo finalizado em 1975, ocupando uma área total de 15.000 m². Apesar de reestruturada em 1977, sob a razão social de Hering S.A. Brinquedos e Instrumentos Musicais permaneceu até 1979 como empresa estrangeira. (KORMANN, 1994, p. 217, v. 1). Desde a falência da empresa, em 1991, todo o complexo industrial foi abandonado e hoje se encontra em ruínas.

Em 1968, a Cremer teve sua denominação alterada para Cremer S.A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos e em novembro de 1970, inaugurou-se seu departamento de adesivos. (KORMANN, 1994, p. 215, v. 1).

Da mesma forma, a Sul Fabril reinvestia seus lucros na expansão do parque fabril, infra-estrutura e inovação tecnológica (VIEIRA, 1986, p. 89). Em meados de 1979, criava e implantava a Sul Fabril - Nordeste S.A. no estado do Rio Grande do Norte, também no gênero do vestuário e artigos têxteis. (VIEIRA, 1986, p. 90). Em 1999, a Sul Fabril faliu, deixando 2.100 funcionários desempregados.



FIGURA 2.27 - Vista da movimentação em frente a Empresa Industrial Garcia, em 1971, um pouco antes da fusão com a Artex.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

Neste período também, a Teka implantava filial no município de Arthur Nogueira, região algodoeira de São Paulo. Outra empresa importante que na década de 1970, expande consideravelmente seu parque fabril é a Electro Aço Altona.

Em 1973, a indústria têxtil Companhia Hering assina contrato com o grupo italiano Omino de Ferro e Mortaz, sediado em Pavia, para a instalação, em Blumenau, de uma nova indústria. Surge a **Omino Hering S.A.**, participando, o grupo Hering, com 55% do capital.

Em 1978, a Majú, irá instalar uma nova fábrica às margens da BR-470, concentrando lá, suas atividades. A indústria entrou em processo falimentar em 1994 e em 1995, o grupo Marisol (de Jaraguá do Sul) assumiu a empresa. Porém, em 2002, seu fechamento foi definitivo, deixando 390 desempregados.

Apenas uma indústria irá surgir neste período: a Dudalina. Na década de 1950, no município de Luiz Alves, Adelina Clara Hess de Souza dividia seu tempo

entre os afazeres domésticos e o armazém do marido, Rodolfo Francisco de Souza. Adelina, como toda mulher daquela época, aprendeu corte e costura e decidiu fazer camisas. Vendidas as primeiras peças, a comerciante usou todo o estoque de tecido, animando-se para contratar duas costureiras, com máquinas próprias, e estabelecer uma pequena confecção dentro de sua casa. Em 1968, instalaram-se em Blumenau, onde construíram a base para uma grande indústria, que em 1984 tornou-se a **Dudalina S.A.**, abrindo filiais em Santa Catarina e no Paraná. (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p.98).

A estas indústrias descritas durante os períodos cronológicos definidos, poder-se-ia acrescentar outras, mas em função da grande quantidade de exemplos optou-se por estes para mostrar, de uma forma geral, o quadro que caracterizou a formação das indústrias blumenauenses no final do século XIX e transcórrer do século XX. Foram estes os complexos industriais que causaram maior impacto no processo de urbanização de Blumenau. Contudo, torna-se importante destacar que muitas outras menores existiram, porém seria impossível nesta pesquisa, citar e descrever todas.

3. AS POLÍTICAS PATERNALISTAS E A MORFOLOGIA URBANA INFLUENCIAM A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

3.1 AS POLÍTICAS PATERNALISTAS

À medida que se deseja contar com uma produção de qualidade, é necessário criar um clima de 'cooperação' com a mão-de-obra: o paternalismo, presente durante o processo da industrialização foi grandemente bem sucedido, graças ao espírito herdado da Alemanha do século XIX. (MAMIGONIAN, 1965, p. 90, grifo do autor).

Pode-se definir o paternalismo, como um sistema social de relações paternais entre chefes e subordinados, como se formasse uma família. Trata-se de uma situação em que uma figura de autoridade supõe ser o melhor juiz das necessidades de uma pessoa, agindo como julgar conveniente, o que nem sempre será satisfatório para a pessoa interessada. (MELHORAMENTOS, 1997, p. 381).

O paternalismo dos patrões, em relação aos operários, foi uma prática que surgiu na Europa, no século XIX. Como solução proposta pela classe empresarial, no início possuía caráter filantrópico, porém posteriormente, passou a ser utilizado para garantir um suprimento de força de trabalho, controlar níveis salariais e dominar movimentos políticos. Eram oferecidos aos operários, facilidades como moradia, atendimento médico e odontológico, creche e escolas para as crianças, cooperativas de consumo, refeitórios gratuitos ou a baixo custo, etc. Em Blumenau, esteve mais presente nas indústrias têxteis.

3.1.1 A Habitação como forma de paternalismo

A moradia é um dos elementos essenciais da reprodução da força de trabalho: segue os movimentos de concentração, dispersão e distribuição dos trabalhadores e também provoca, em caso de crise, um estrangulamento no processo de produção. Nos locais onde as indústrias vieram a se implantar, necessitaram organizar, ainda que a nível de acampamento, a residência da mão-de-obra. Quando instalaram-se num tecido urbano já constituído, aproveitam a mão-de-obra, que já reside no lugar e incentivam, em seguida um forte movimento migratório. (CASTELLS, 1983, p. 187).

Com o advento da Revolução Industrial na Europa, muitos agricultores se vêem obrigados a migrar para as cidades à procura de trabalho. Esta grande demanda por habitação, não será suprida de imediato, o que vai fazer surgir subúrbios sem infra-estrutura básica, cortiços superlotados e outras formas precárias de moradia. Esta precariedade vai ocasionar grandes epidemias que levarão à morte milhares de pessoas. A partir desta preocupação, foram desenvolvidas inúmeras propostas de novos modelos de implantação industrial, como a Cidade Jardim proposta por Ebenezer Howard, na qual as áreas industriais estavam separadas da cidade por cinturões verdes; ou como a Cidade Industrial proposta por Tony Garnier que sugeriu pela primeira vez a criação de um distrito industrial para organizar a implantação das indústrias.

Segundo Guerrand (1991), estudiosos da época, começaram a perceber que a boa moradia era a melhor maneira de combater revoltas e epidemias. O sanitarismo aparece como ciência, associando a salubridade dos espaços urbanos à saúde pública. Surgiram, então, por volta de 1849, as Sociedades Filantrópicas. Estas sociedades se propunham a edificar vilas com habitações sadias, arejadas, alugadas por preços abaixo daqueles pagos pelas moradias insalubres. Seu principal idealizador foi Charles Fourier (1772-1837) que, estudando as leis de organização social e procurando meios capazes de remediar os males existentes em sua época, escreve a obra “Novo Mundo Industrial”, onde expõe um completo sistema, cosmológico e sociológico, partindo da idéia de que a falta de organização

do trabalho produz um enorme desperdício de forças, e conseqüentemente, torna a produção bastante inferior ao que deveria ser. Propõe então, na França, os falanstérios ou palácios societários, que se tratavam, segundo ele, de comunidades compostas, cada uma com cerca de dez mil pessoas, onde a distribuição de encargos seria de acordo com a “atração passional”, já que entendia que a natureza distribuiu aos indivíduos as vocações de tal maneira que ficam em perfeita harmonia com as necessidades que a humanidade possa ter. Nas habitações societárias, toda infra-estrutura era prevista. Eram divididas em apartamentos de diferentes tipos, para todos os orçamentos e havia restaurante comunitário que servia refeições a preço de custo. A primeira destas comunidades abrigava seiscentas pessoas em duzentas habitações²¹.

Contudo, a primeira iniciativa de um industrial, quanto à construção de moradias para seus operários, partiu de Jean-Baptiste André Godin, proprietário de uma fábrica de fornos de cozinha e estufas, em Guise, França. Godin foi influenciado pelo ideal de Fourier após a leitura de um artigo, em 1842. O palácio social de Godin, ou familistério, como era chamado, tornou-se célebre, e outros industriais, posteriormente, reproduziram ou adaptaram esta idéia. (GUERRAND, 1991, p. 370).

No Brasil, com o fim da escravatura, introduzia-se uma nova relação de trabalho: o trabalho livre. Embora nessa fase as reivindicações trabalhistas fossem quase inexistentes, a resistência a trabalho de longas jornadas e de baixa remuneração dava-se pelo abandono do emprego. Oferecer dormitórios, roupas e remédios era uma forma de remunerar e de prevenir conflitos. (BLAY, 1981, p. 148). No final do século XIX, a expansão dos estabelecimentos fabris criou a necessidade de maior contingente de força de trabalho. Com isso, vai surgir o problema habitacional, estendendo-se até a década de 1930. Em função disto, surgiram várias modalidades de moradia para a população operária, todas construídas pela iniciativa privada. Entre elas, as mais difundidas foram os cortiços, os vários tipos de vilas e as casas geminadas. (BONDUKI, 1998, p. 43). O mercado imobiliário era uma forma

²¹ Piazza (1988, p. 116), descreve a única iniciativa falansteriana desenvolvida em Santa Catarina, por um dos seguidores de Fourier: o médico homeopata Benoit Joseph Mure. Localizou-se na península do Saí, atualmente proximidades do município de São Francisco do Sul, em 1841. Essa não obteve êxito e a colônia “foi dissolvida enquanto que os ‘falansterianos’ se espalhavam pela Província de Santa Catarina. E, deste modo, esfacelou-se um sonho socialista...” (PIAZZA, 1988, p. 118, grifo do autor).

garantida de reprodução do capital a altas taxas de lucro e isso motivou alguns investidores a aplicar seu capital na construção de casas para aluguel, entre eles, os empreendedores imobiliários e os industriais. Os primeiros construíram as vilas particulares e os outros, as vilas operárias.

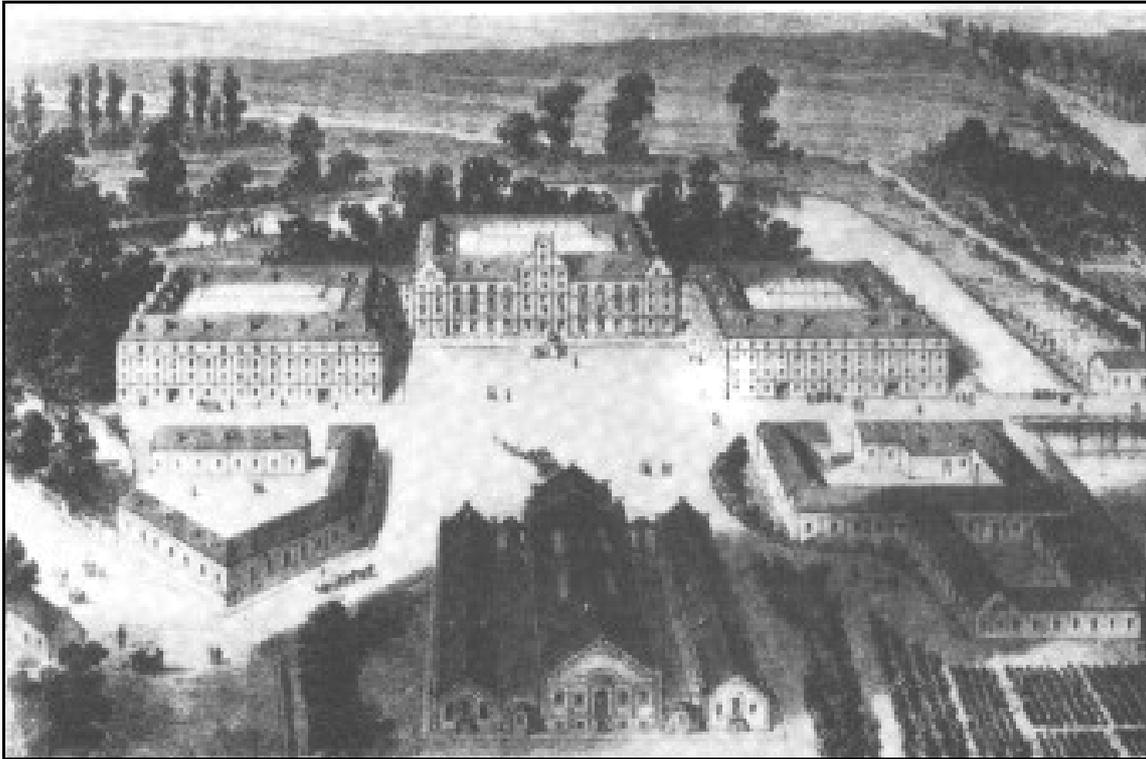


FIGURA 3.01 - Desenho da vista panorâmica do familistério de Godin.

Fonte: GUERRAND, 1991, p. 371.

Para os industriais, quanto à força de trabalho, não interessavam apenas solteiros, que podiam se hospedar nos dormitórios, mas sim garantir farta força de trabalho, contando com todos os braços da família. Esse foi com certeza o raciocínio da maior parte dos empresários ao decidirem pela construção das vilas operárias. (BLAY, 1981, p. 150). A casa era alugada a baixos preços, ou então financiada, para que o trabalhador a pagasse, a longo prazo, com o seu trabalho. Portanto, o operário além de empregado era também inquilino do imóvel da fábrica e usuário da rede de serviços que geralmente o industrial também oferecia, transformando o que seria uma simples relação patrão-empregado num relacionamento de dependência total. Ter o emprego significava ter a casa assim como perder o emprego significava perdê-la. As redes de serviços que integravam os complexos fabris, ao mesmo

tempo que apresentavam benefícios sociais para o operariado têxtil, também constituíam elementos legitimadores da dominação. Isso gerava um espírito de reciprocidade onde a submissão, a obediência, o respeito e o medo eram trocados pela estabilidade no emprego e lugar fixo na vila. Assim, a dívida com o patrão aumentava, e o operário valorizava tudo aquilo que lhe era concedido.

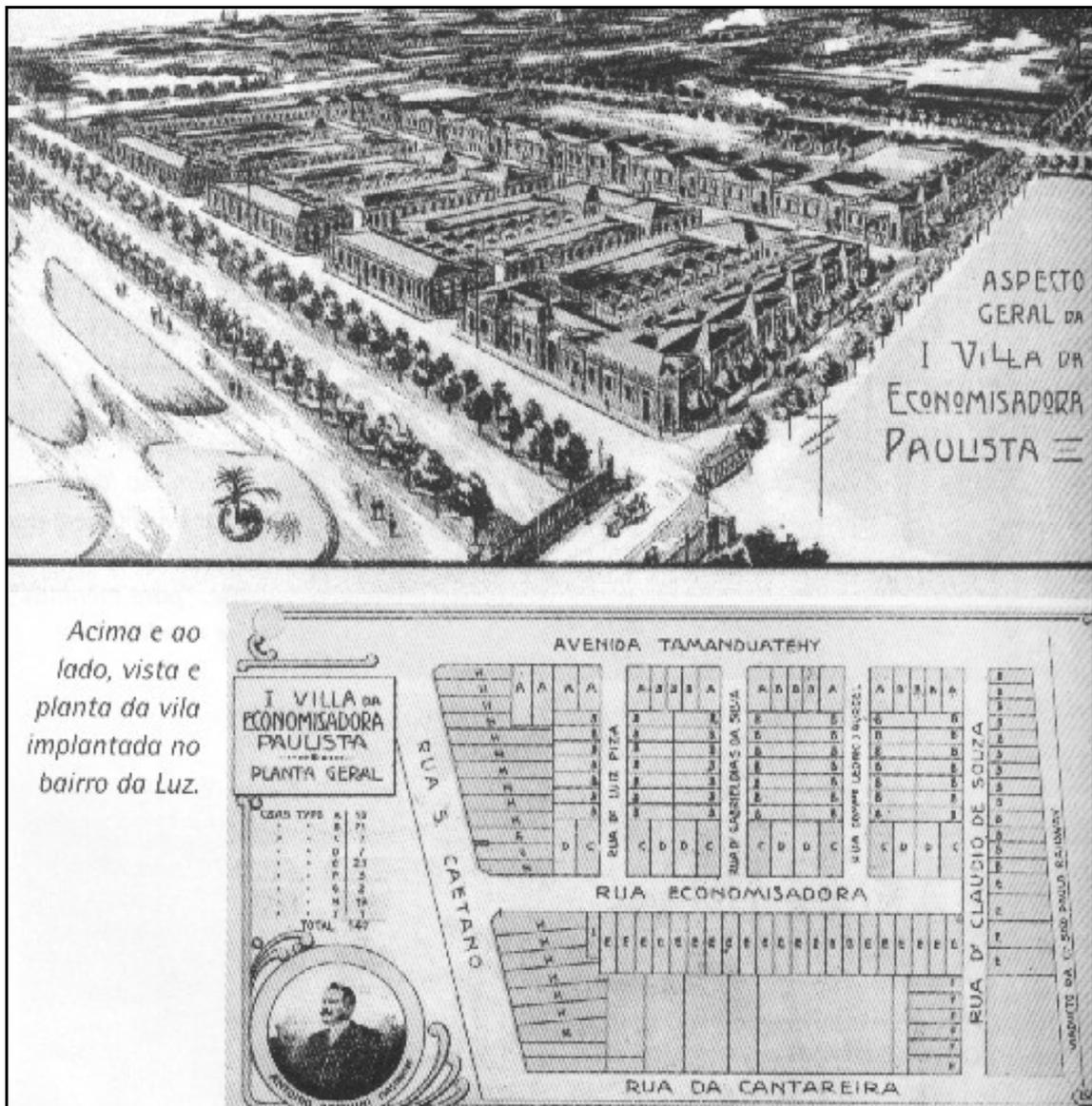


FIGURA 3.02 - Exemplo de vila particular, a 1ª Vila da Economisadora Paulista, de 1907.

Fonte: BONDUKI, 1998, p. 66.

Entre outros motivos que levavam empresas a construir vilas para seus empregados estava a necessidade de manter o pessoal de manutenção sempre próximo ao local de trabalho, de modo que pudessem ser convocados em qualquer eventualidade. Muitas empresas construíram não só vilas, mas verdadeiras cidadelas, porque se estabeleciam em locais isolados, onde não existia por perto, o mínimo de serviços e equipamentos urbanos. Contudo, como não havia casas para todos, os trabalhadores eram escolhidos geralmente de acordo com seu comportamento.

Harvey (1998), confirma o que já foi descrito quando diz que a disciplinação da força de trabalho para os propósitos de acumulação do capital envolve a mistura de repressão, familiarização, cooptação e cooperação, elementos que têm de ser organizados não somente no local de trabalho como na sociedade como um todo. Este tipo de atitude aparece a partir da transformação político econômica do capitalismo, surgida com o fordismo, em 1914.²²

A socialização do trabalhador nas condições de produção capitalista envolve o controle social bem amplo das capacidades físicas e mentais. A educação, o treinamento, a persuasão, a mobilização de certos sentimentos sociais [...] e propensões psicológicas [...] desempenham um papel e estão claramente presentes na formação de ideologias dominantes cultivadas pelos meios de comunicação de massa, pelas instituições religiosas e educacionais, pelos vários setores do aparelho do Estado. (HARVEY, 1998, p. 119).

No Brasil, a participação mais efetiva do Estado nas políticas habitacionais, se deu somente em 1946, quando foi constituída a Fundação da Casa Popular, primeiro órgão com o objetivo de promover a habitação, com a aplicação de recursos dos cofres públicos. Porém, a participação do Estado somente se intensificou a partir de

²² Chama-se de fordismo, o método de trabalho implantado por Henry Ford que introduziu o dia de oito horas e cinco dólares como recompensa para os trabalhadores da linha de montagem de carros que ele estabelecera em Michigan. O propósito era obrigar o trabalhador a adquirir a disciplina necessária à operação do sistema de linha de montagem de alta produtividade, e dar a eles renda e tempo de lazer suficientes para que consumissem os produtos que as indústrias estavam fabricando em quantidades cada vez maiores. Mas isso presumia que os trabalhadores soubessem como gastar seu dinheiro adequadamente. Por isso, em 1916, Ford enviou assistentes sociais aos lares dos seus trabalhadores para ter certeza de que o “novo homem” tinha o tipo certo de probidade moral, de vida familiar e de capacidade de consumo prudente. (HARVEY, 1998, p. 121-122, grifo do autor).

1964, com a criação do Sistema Financeiro da Habitação (SFH) através da Lei 4.380, com o objetivo de facilitar a aquisição de moradia própria, principalmente pelas camadas de baixa renda da população. Em 19 de junho de 1968 foi promulgada a Lei 5.455, que criou o Banco Nacional da Habitação (BNH) órgão público gestor do Sistema Financeiro de Habitação. Este sistema inicialmente empolgou os mutuários, bem como, o setor da construção civil, o que não durou muito tempo. Os seus objetivos foram desvirtuados com o desvio de verbas para a compra de casas de veraneio e imóveis luxuosos, desfalcando as fontes de recursos para a moradia popular. O reflexo destas distorções gerou em 1986 a extinção do BNH, sendo transferidas à Caixa Econômica Federal a responsabilidade pela gestão do SFH, bem como, todas as relações jurídicas e processuais.

Segundo Bolaffi, embora a criação do BNH tenha significado o reconhecimento explícito de um grave problema habitacional nos grandes centros urbanos do país e, por mais que o governo tenha assegurado ao banco as condições financeiras para enfrentar esse problema, nem a Federação, nem seus Estados e Municípios jamais chegaram a definir uma Política de Habitação, capaz de minorar os problemas das populações de baixa renda. (1981, p. 167). “Mas isso certamente não se deve a uma suposta incompetência nacional generalizada, nem à falta de meios, mas à ausência de diretrizes políticas consistentes e capazes de traduzir as metas e os planos em obras.” (BOLAFFI, 1981, p. 168).²³ Do pós-guerra para cá, o Estado brasileiro tem concentrado esforços para favorecer um processo de industrialização e de acumulação capitalista. Perante este quadro, a questão da legitimidade da intervenção do Estado na solução dos problemas das populações carentes perdeu o sentido. (BOLAFFI, 1981, p. 175). Bolaffi entende ainda, que se o único e verdadeiro objetivo do lançamento do Plano de Habitação Popular em 1964 tivesse sido o problema da moradia, provavelmente a solução teria sido a construção de casas populares para aluguel a baixo custo. “Essa solução não só tornaria a habitação acessível a um número muito maior de pessoas, como teria assegurado ao poder público um controle muito mais eficiente e racional do uso do solo urbano,

²³ Segundo Bolaffi (1981), os recursos realmente aplicados em programas habitacionais de baixa renda, não passaram de 9% do total de investimentos do BNH. No ano de 1975, a quantia destinada à baixa renda representou apenas 3% do orçamento total de investimentos para aquele ano, que deveriam ser destinados a todos os trabalhadores brasileiros cuja renda estava abaixo de cinco salários mínimos, ou seja, aproximadamente 80% de toda a população.

produzindo soluções urbanísticas mais satisfatórias e maiores facilidades na oferta de serviços públicos.” (1981, p. 181). Esta foi a medida adotada na Europa onde realmente se procurou solucionar a questão.

Quanto à produção da iniciativa privada, quando a casa é propriedade de um capitalista, ela é considerada uma mercadoria que pode ser vendida ou alugada.

O capital investido na casa persegue, como qualquer outro capital, o lucro. O capitalista só se interessará em construir casas se ele puder recuperar e ampliar seu capital através delas. Abolido ou não o aluguel, o capitalista continua obtendo “a mais-valia que se reparte depois na forma de renda do solo, de rendimento comercial, de lucro do capital, de impostos, etc., etc.” (ENGELS, 1971, p. 133, apud BLAY, 1985, p. 15).

Nas vilas operárias, em que o proprietário da casa é também o empregador, ele retirará do salário a mais-valia correspondente ao emprego direto da força de trabalho e mais a parcela da mais-valia que se reparte na forma de renda do solo. A quantidade de trabalho não pago pode continuar sendo a mesma, mas, na relação capitalista-operário, os capitalistas que também alugam a casa dispõem de um duplo mecanismo de extração da mais-valia, e uma dupla estratégia de acumulação de capital. (BLAY, 1985, p. 16).

Novamente Engels, (1971, p. 153 apud BLAY 1985, p.18) diz que quando o trabalhador investe suas economias na construção da casa própria, ele vai de certo modo convertê-la em capital, não para si mesmo, mas para o capitalista. Isto porque o aluguel, que deveria estar contido em seu salário, poderá ser deduzido, na medida em que ele não mais o paga. Conseqüentemente, reduzindo-se o item aluguel, vai se reduzir o custo de produção e reprodução da força de trabalho naquele montante, logo, o salário diminuirá. Portanto, Engels conclui que o operário continuará pagando o aluguel dessa casa, não mais em dinheiro, mas sob a forma de trabalho não pago que iria para quem ele trabalha.

3.1.2 O paternalismo em Blumenau

Voltando-se às práticas paternalistas, em Blumenau, estas também apareceram entre os industriais, principalmente do ramo têxtil. A década de 1940 marca, o acentuado aumento da preocupação social das empresas, resultante, principalmente, do crescimento das indústrias, que passam a ampliar o quadro de funcionários e também o faturamento, gerando por um lado pressão por benefícios e por outro, condições de criá-los e mantê-los. (SANTIAGO; PETRY; FERREIRA, 2001, p. 108). Os trabalhadores mantinham valores e tradições trazidos pelos antigos imigrantes. Geralmente, a identificação étnica e cultural entre patrões e empregados foi levada em consideração, não só para quem trabalhava como também para quem contratava. “Isso, aliado a outros fatores, fez com que os operários confundissem seus interesses com os da própria empresa.” (DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 175).

Porém, conforme descrevem Petry; Ferreira; Weiss, (2000, p. 149), já na década de 1920, os trabalhadores reivindicavam melhorias nas condições de trabalho, o que faz as autoras defenderem a hipótese de que as políticas paternalistas foram incentivadas principalmente por uma pressão social dos operários:

[...] em 1920 [...]. Os funcionários da Empresa Industrial Garcia declararam greve e reivindicaram melhorias nas condições de trabalho. O movimento paralisou a fábrica por alguns dias e adquiriu caráter diplomático, pois os líderes grevistas Fritz Koch e Georg Sterneck eram alemães e, devido ao incitamento, foram acusados de anarquistas. O governo federal interveio, decretando a expulsão de ambos do território nacional.

Apesar deste desfecho, a greve reverteu em conquistas sociais para os funcionários, que passaram a contar com seguro-doença, casas populares aos mais carentes, gratificações salariais e outros benefícios.

O aparecimento de vilas operárias, em Blumenau, também está vinculado à expansão das indústrias, já que houve um significativo aumento na contratação de funcionários. “A falta de imóveis para atender os trabalhadores levou industriais a seguirem o exemplo da Empresa Industrial Garcia, que ainda na década de 1920

implantou a primeira ‘vila operária’ de Blumenau.” (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 190, grifo das autoras).

Serão descritas, a seguir, as principais atividades paternalistas desenvolvidas e implantadas pelas principais indústrias têxteis blumenauenses: a Empresa Industrial Garcia, a Companhia Hering, a Karsten, a Artex e a Teka. Optou-se por estas, pois foram as que, além de uma série de atividades assistenciais aos operários, implantaram também as vilas operárias, que se considera um dos principais elementos iniciais da urbanização dos bairros blumenauenses.

A **Empresa Industrial Garcia** foi a primeira indústria de Blumenau a propor políticas paternalistas de assistência aos operários. Logo no início de suas atividades, construiu alojamentos nas proximidades da fábrica, em razão da falta de transportes para o bairro Garcia e de moradias disponíveis naquele local. Na década de 1920, seus administradores passaram a oferecer casas populares para seus empregados, alugadas a preços simbólicos, todas com a mesma tipologia construtiva. Em 1922, foram construídas 13 casas. Em 1933 este número chegou a 35. Em 1946, as primeiras casas foram demolidas e reconstruídas com outra tipologia arquitetônica. Eram casas simples, porém muito amplas. Em 1966, a vila operária chegou a um número próximo de 200 casas. Foi nesse mesmo ano, que a empresa decidiu vendê-las aos seus funcionários, em condições facilitadas.

Em conversa informal, com alguns ex-funcionários, sente-se por parte destes, muita nostalgia e saudade ao descrever a convivência dos moradores dentro da vila. Veja-se o relato do Senhor Adalberto Day, ex-funcionário da Empresa Industrial Garcia e da Artex e, ex-morador da vila operária da Industrial Garcia:

Quem é que não quer morar perto da empresa? Quem não quer trabalhar numa empresa que era a maior e mais poderosa da América Latina? Quem é que não queria morar próximo a ela? E como naquela época, todo mundo ganhava pouco, as pessoas tinham que ter onde morar... Elas não tinham onde morar, então a empresa construía casas e dizia: você pode morar aqui e por lei paga um aluguel simbólico. Todo mundo vivia feliz... Os salários eram baixos, mas também não existia fogão, televisão, carro... pra que também ganhar muito mais? As pessoas queriam trabalhar e queriam uma casa... quem não queria uma casa na Empresa Industrial Garcia? As casas da Garcia eram para uma família só e tinham a parte de baixo e a parte do sótão. Tinha 42 m² em baixo, mais 42 m² em cima e mais o rancho. Tudo dava mais de 120 m². Não tinha garagem porque ninguém tinha carro. Hoje

se combate muito o assistencialismo, mas isso fez muito bem para a comunidade. (informação verbal).²⁴

E completa:

E quando foi vendida a partir de 1966 para os empregados, inclusive meu pai comprou, foi vendida por um preço razoável, ou seja, o preço não foi caro, todo mundo tinha condições de comprar essas casas. Alguns foram indenizados com essa casa, então queriam sair da empresa para ganhar a casa. Todo mundo convivia junto, não se ouvia falar, com raras exceções, de empregados bêbados, drogados, era muito raro. Era uma aldeia familiar realmente essas pessoas que trabalhavam na Empresa Industrial Garcia. Por vários motivos: todo mundo ganhava o mesmo salário, então se todo mundo ganhava o mesmo salário..., moravam todos em casas iguais. A vida social era muito melhor, o convívio com as famílias era muito melhor e por isso [...] os filhos dos empregados iam trabalhar na Empresa quando chegava os 14 anos. Os pais já os empurravam para trabalharem na Empresa e tinha emprego para eles sim. Uma pessoa que começasse a trabalhar na Empresa Garcia trabalhava até se aposentar. (informação verbal)²⁵



FIGURA 3.03 - Vila Operária da Empresa Industrial Garcia, em 1946. Vista parcial da Rua da Glória.

Fonte: Arquivo Pessoal de Adalberto Day.

²⁴ Informações fornecidas pelo Sr. Adalberto Day, em entrevista realizada em 21/08/2003.

²⁵ Informações colhidas por Ellen Annuseck, em entrevista realizada com o Senhor Adalberto Day, em fevereiro de 2004 e cedidas gentilmente pelo entrevistado, para esta pesquisa.

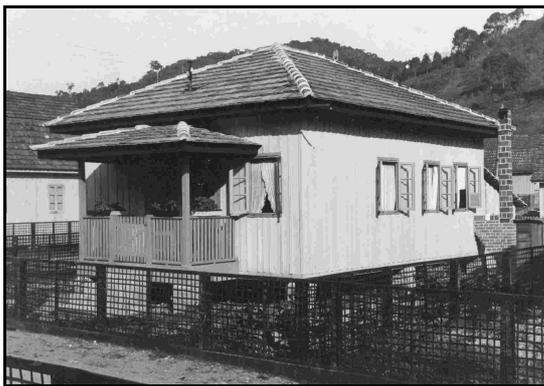


FIGURA 3.04 – Uma das tipologias arquitetônicas utilizadas na construção das casas da vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 1948.

Fonte: Arquivo pessoal Adalberto Day



FIGURA 3.05 – Tipologia arquitetônica mais utilizada na construção das casas da vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 1948.

Fonte: Arquivo pessoal Adalberto Day

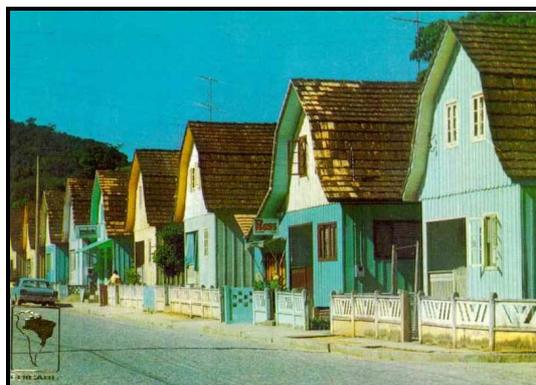


FIGURA 3.06 – Conjunto de casas da vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 1966, apresentadas em um cartão-postal da época, como uma das belezas de Blumenau.

Fonte: Arquivo pessoal Adalberto Day



FIGURA 3.07 - Casa remanescente da antiga vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 2003. (uma das tipologias utilizadas).

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

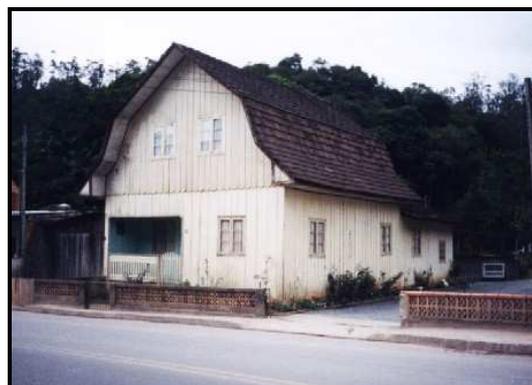


FIGURA 3.08 - Casa remanescente da antiga vila operária da Empresa Industrial Garcia, em 2003. (outra tipologia utilizada).

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Além da moradia, os trabalhadores recebiam uma cota em alimentação, para cada membro da família e possuíam a sua disposição assistência médica e odontológica gratuita, biblioteca, área de lazer e esporte, local de alfabetização para a comunidade, creche, clube para mães com filhos deficientes, centro de treinamento, cooperativa de consumo e refeitório a preços baixos. A indústria mantinha um seguro de vida gratuito para todos os empregados, que iniciava-se quando eram admitidos e se extinguia quando eram demitidos. Os operários eram também premiados com bônus em dinheiro ou produtos, ao completarem 25 anos de trabalhos prestados à empresa e por assiduidade (nenhuma falta no mês).²⁶ A Garcia promovia festas em datas comemorativas, distribuindo diversos prêmios aos funcionários e familiares.

Novamente através do relato do Senhor Adalberto:

A Empresa Industrial Garcia tinha uma solidariedade não só com o bairro mas com toda a comunidade. Por exemplo, tinha uma corporação de bombeiros na Empresa Industrial Garcia, foi a primeira de Blumenau. Essa corporação atendia a toda comunidade de Blumenau. Quando havia um incêndio a empresa tocava a sirene alto. Eles (os bombeiros) vinham, se dirigiam até a empresa e iam atender a esses incêndios. Inclusive eles atenderam a um incêndio que houve em 1965 na Artex, eles atenderam esse incêndio e praticamente salvou a Empresa Artex que era pequena nessa época. [...] A Empresa Garcia colaborava em muitos aspectos e quando havia alguma necessidade. E quando houve, por exemplo, a enxurrada de 1961, a Empresa Garcia ajudou todo mundo que sofremos, nós também sofremos, com a enxurrada e fomos ajudados. (informação verbal).²⁷

Em 1974, a Empresa Industrial Garcia, foi incorporada à Indústria Artex, que deu continuidade a parte destas atividades como será visto adiante.

A **Companhia Hering** também adotou a prática de políticas paternalistas. A primeira iniciativa aconteceu já na implantação da sede definitiva, no bairro Bom Retiro em 1897, quando ali foram construídas, além das casas para a família, dependências para acomodar os primeiros empregados. As refeições também eram preparadas no local de trabalho. Segundo Figueira (1980, p. 23), o principal

²⁶ Informações fornecidas em entrevista realizada em 21/08/2003.

²⁷ Idem.

incentivador destas políticas, foi Bruno Hering. Este autor cita a descrição das características pessoais de Bruno, por Gertrud Gross-Hering, filha de Hermann Hering:

Afável, solícito e prestativo, dentro da fábrica tornou-se o principal promotor das obras sociais, procurando não só melhorar a situação material dos operários, como também apoiá-los moral e espiritualmente. Criou uma biblioteca, mas, verificando que a freqüência era pequena, passou pessoalmente a ler, toda semana, as histórias mais atraentes para os operários, fazendo distribuição de doces. (FIGUEIRA, 1980, p. 23).

A Companhia Hering, também possuiu uma vila operária para alguns funcionários. O Senhor Lindolfo Bohmann diz que quando assumiu o cargo de chefe da vigilância, sentiu a necessidade de morar próximo à empresa:

Eu reivindiquei uma casa que estava sendo desocupada e eu consegui. A minha casa foi a última casa a ser demolida! Já tava tudo cercado de prédio. Naquela época, a primeira vila, do lado da fiação, era ocupada por parentes dos chefes de divisão. Eu por exemplo, já entrei pela necessidade de estar perto, pois eu fazia a segurança. Também ganharam os bombeiros, mecânicos, pessoal da manutenção, motorista, o pessoal de emergência. Estes eram privilegiados... (informação verbal).²⁸

Em 1935, foi efetuada pela empresa, a doação de um patrimônio, que seria empregado na assistência médico-hospitalar, adicional à aposentadoria, seguro de vida em grupo, sustento de operários doentes e na pensão de inválidos. (FIGUEIRA, 1980, p. 47). Na década de 1940, outras iniciativas de assistência social foram desenvolvidas: em 1941, inaugurou-se o refeitório, onde eram servidas refeições aos funcionários a preços bem acessíveis e a cooperativa de consumo e crédito; em 1945, foram criados a creche Hedy Hering e o ambulatório médico.

O lazer também foi incentivado. As instalações da Associação Desportiva e Cultural foram construídas com investimentos da empresa, no bairro da Velha, cabendo aos associados a manutenção e administração. No ano do centenário da

²⁸ Depoimento colhido em entrevista realizada na data de 18/02/2004.

indústria, passou-se a financiar, sem juros o tratamento dentário e a pagar metade das despesas com transporte e estudos dos trabalhadores.



FIGURA 3.09 - Conjunto arquitetônico da Companhia Hering, no início do século XX. Ao fundo, a indústria; à esquerda, as residências da família e à direita, a vila operária.

Fonte: FIGUEIRA, 1980, p. 33.

Um folheto comemorativo aos 100 anos da **Companhia Têxtil Karsten** traz a seguinte frase que demonstra a adoção de políticas paternalistas pela empresa: “Desde o início, através de seu fundador e posteriormente, através de seus sucessores, a assistência social aos funcionários mereceu sempre especial consideração por parte da Karsten, que vê o homem como fator vital da empresa”. (KARSTEN, 1982). Uma circular, do ano de 1981, direcionada aos funcionários da empresa, encontrada no Arquivo Histórico Municipal de Blumenau, dá a noção das facilidades oferecidas pela empresa aos seus funcionários, nesta época: ambulatório com assistência médica e odontológica, cooperativa de consumo, vila operária com 44 casas de aluguel, seguro em grupo, associação desportiva, jardim de infância, para filhos de funcionários e uma gratificação anual de 5% do total recebido durante

o ano. (INTEGRAÇÃO, 1981, p. 08). Segundo moradores, as casas de aluguel da Karsten estavam localizadas próximas à empresa, porém boa parte delas, já foi demolida ou totalmente alterada. Contudo, algumas ainda permanecem e continuam alugadas a alguns funcionários. É a única indústria de Blumenau, que ainda mantém casas de aluguel.



FIGURA 3.10 - Casa alugada a funcionários da Companhia Têxtil Karsten, em uma foto de 2003.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Através de pesquisas, encontrou-se a descrição das seguintes políticas assistencialistas praticadas pela empresa **Artex**: departamento de orientação social, com assistente social e psicólogo para atender os problemas de ordem psico-social dos empregados, atendimento médico para os empregados e seus familiares, creche onde as empregadas deixavam seus filhos enquanto trabalhavam, cantina com restaurante, salas de jogos de mesa e uma biblioteca para recreação e pesquisas escolares. (PEREIRA, 1976).

No início da década de 1940, a empresa também construiu casas para os seus operários, perto do parque fabril. Não passavam de 20 casas, geminadas duas

a duas (em uma mesma edificação, residiam duas famílias). Segundo Hering (1950, p. 179), posteriormente chegou a um número próximo de 40 casas. Não se pôde saber, qual era o critério utilizado para alugar estas casas. Tratava-se de um número muito reduzido para a quantidade de funcionários que a empresa possuía. Através do depoimento do ex-funcionário, Alfredo Gonçalves da Luz, colhido por Pereira, no jornal “Mensageiro Artex”, é possível precisar a localização da antiga vila operária, já que não se encontrou registros fotográficos.

É interessante que há 20 anos atrás não se pensava que a fábrica iria crescer tanto. Certa época a Artex tinha uma vila operária e estava construindo outras casas onde hoje é o filtro d’água, atualmente bem no centro da fábrica. O Sr. Wuensch naquela época disse que nem os meus filhos e nem os meus netos veriam a fábrica chegar ali naquele terreno, pois eram muitas as dificuldades para a empresa crescer. Uns cinco anos depois tivemos que derrubar as casas pois a fábrica já tinha chegado naquele terreno. (PEREIRA, 1976).

Como se pôde perceber, as edificações desta vila não mais existem.

Segundo o folheto comemorativo aos cinquenta anos da empresa, impresso pela diretoria, os operários também recebiam prêmios em dinheiro ou em produtos, em festas comemorativas e por assiduidade. Um outro aspecto da participação da Artex na comunidade estava na sua estrutura de segurança, que prestava auxílio aos funcionários e a toda Blumenau, atendendo inclusive escolas, comércio e outras indústrias em situações de incêndio, enchentes, enxurradas e outras calamidades. (ARTEX, 1986). Através do depoimento do ex-funcionário Willy Haag, ao jornal “Mensageiro Artex”, pode-se perceber o interesse da empresa em demonstrar a existência de uma boa relação patrão-empregado e a preocupação com o bem-estar dos mesmos:

[...] o Sr. Theóphilo preocupava-se muito com os empregados. [...] Eu cuidei também da hospedaria que havia em frente à fábrica, onde hoje está localizado o auditório e o Centro de Treinamento. Essa hospedaria foi construída porque não havia operários e a fábrica tinha que trazer gente de outras cidades. E eles ficavam hospedados uns dias na hospedaria até arranjam onde morar. [...]

Sempre gostei de trabalhar na Artex porque aqui a turma era muito boa, desde a diretoria até os colegas da seção. O que eu gostava mais é que os

diretores todo dia passavam pelo meu setor e perguntavam como estava indo e que problemas a gente tinha. (PEREIRA, 1976).

A **Teka** também possuiu uma vila operária e uma cooperativa de consumo, onde os funcionários adquiriam produtos a preços de custo. A partir de 1955, foi instalado um refeitório cobrando-se apenas, vinte por cento do preço de custo. Segundo Rolf Kuehnrich, proprietário da indústria, (1995, p. 31) “empregado bem nutrido tem melhor saúde, produz mais e melhor”, uma frase que caracteriza bem, uma das intenções dos industriais ao praticar o paternalismo: aumentar a produção. A vila operária foi erguida na década de 1950. “Eram 21 casas de propriedade da empresa e nove casas alugadas contratualmente pela firma [...]” (GUTZ, 1950, p. 181). As casas foram destinadas a funcionários que vieram de outras cidades para trabalhar na indústria. Segundo Kuehnrich, com a construção destas casas, “muitas famílias foram trazidas de Itajaí e todos os componentes, pai, mãe e filhos, começaram a tocar o 3º turno, aumentando a produção em mais 35%.” (1995, p. 19). Não foram encontrados registros fotográficos, contudo, através de depoimentos de ex-funcionários e ex-moradores, pode-se precisar que parte da vila operária estava localizada aos fundos da empresa, próxima à Granja Itoupava Norte, também de propriedade da família (atuais ruas 09 de Agosto e 1º de Maio) e parte estava localizada ao longo da Rua Paul Kuehnrich, em frente à fábrica. Também existia uma vila operária para os funcionários que trabalhavam na Granja. Segundo o Senhor Hélio Simão²⁹, ex-funcionário da Teka e ex-morador de uma das casas da vila operária, a Teka era a empresa que melhor remunerava seus funcionários, em Blumenau. Além disso, tinha um assistencialismo maior que as outras empresas. Uma vaga na Teka era muito disputada. Este complementa que:

No início, a Teka não era nada, porque a Teka tinha uma outra empresa, [...] que era a Granja. [...] era tudo comandada pelo fundador, ali nem os filhos comandavam, os filhos comandavam na empresa, mais ali dentro quem comandava era só o fundador.³⁰ (informação verbal).

²⁹ Entrevista realizada em 13 de janeiro de 2006.

³⁰ Idem.



FIGURA 3.11 - Granja Itoupava Norte, localizada próximo à Tecelagem Kuehnrich e de propriedade da família.

Fonte: KUEHNRIK, 1995, p. 21.

Oferecia-se, ainda, plano de saúde médico e odontológico coletivo e gratuito, e a mais curiosa das ofertas que se encontrou na pesquisa: barbeiro e cabeleireiro para atender não só aos empregados, mas também a toda sua família. A Teka também patrocinava cursos técnicos fora da fábrica, e proporcionava ajuda de custo para cursos universitários. No setor de lazer, auxiliou na formação das associações esportivas e recreativas, com a construção das instalações e doação de terrenos, para todas as unidades fabris.

Além das indústrias têxteis, também se encontrou práticas paternalistas e a possível existência de vilas operárias em outras indústrias, porém, por falta de informações mais precisas, preferiu-se omiti-las.

De todas as empresas citadas neste Capítulo, aquelas que ainda mantêm atividades fabris, continuam a oferecer algum tipo de facilidade aos seus funcionários, como atendimento médico e odontológico e algum auxílio escolar e alimentar, porém os subsídios são menores hoje, já que as empresas atravessam

crises financeiras e as leis trabalhistas trataram de regulamentar as obrigações dos empresários.

3.2 MORFOLOGIA URBANA

É importante, antes de entendermos a morfologia urbana de Blumenau, entendermos como se estruturavam as aldeias, na Alemanha, pois esta cultura influenciou também a formação da malha urbana das cidades colonizadas pelos alemães, já que no início, tratavam-se apenas de colônias agrícolas, vindo a evoluírem mais tarde, para núcleos urbanos.

De acordo com o que descreve Weimer sobre as formas de aldeamento na Alemanha, (1992, p. 58), “conforme a região e a origem cultural, elas se desenvolveram em formas-tipos que foram exaustivamente estudadas e sistematizadas por estudiosos alemães, que criaram uma terminologia própria que acabou por se impor universalmente”. Utiliza como fonte, Haushofer (1974, p. 27-31) e Radig (1955, p. 86-110), para descrevê-las:

A forma mais simples de aldeamento é o *Weiler*, que é um conjunto de alguns poucos sítios. Se ele cresce irregularmente, forma-se a *Haufendorf* (aldeia-monte) ou *Punktdorf* (aldeia-ponto), que é a forma mais comum das aldeias no Hunsrück. Se o *Weiler* se desenvolve ao longo de uma rua (via de regra, quando dois *Weiler* crescem um em direção ao outro) temos a *Strassendorf* (aldeia-rua), comumente encontrada na Vestfália. Quando a rua se alarga no meio da aldeia formando um ‘logradouro’ (o significado original da palavra era o de passagem pública para o gado), cria-se a *Angerdorf* (aldeia-logradouro). Ali era deixado o gado durante as noites de verão. Um tipo especial de *Angerdorf* é o *Rundling* (arredondado) em que a rua apenas dá acesso à aldeia e termina numa devesa (do latim ‘defensa’, que significa terreno cercado). Essa é a forma mais comum de aldeamento a leste do Elba, onde fica a Pomerânia (grifos do autor).

Seyferth, (1974) complementa descrevendo a *Waldhufendorf*³¹, indicando essa como sendo a forma de aldeamento utilizada na colonização do Vale do Itajaí. O *Waldhufendorf* associa trabalho agrícola e organização urbana. Ou seja, ao longo das vias são traçados, perpendicularmente, terrenos estreitos e compridos repetindo o modelo de povoamento do final da Idade Média em algumas regiões da Alemanha. A Hufen era demarcada a partir de uma via fluvial, indo do vale até o topo de uma montanha, em estreitas faixas de terra que variavam de 100 a 300 m de largura por um a mais quilômetros de extensão, constituindo a propriedade particular do camponês. A exploração da terra do Vale do Itajaí obedeceu em parte a essas características.

Em seu estudo, *Tradição e Plano Urbano*, Peluso destaca a importância da cultura de um povo, na formação de seu espaço urbano. Este estudo é de extrema importância para entendermos o processo de evolução e expansão e a morfologia urbana do Município de Blumenau, bem como a localização das principais indústrias, e constituição da malha urbana e dos bairros da cidade.

Os utensílios são objetos materiais usados pelos membros de uma sociedade de acordo com as suas exigências culturais. Sua criação e emprego constituem um dos elementos principais da cultura. Dentro dessa ordem de idéias, o plano urbano faz parte do equipamento cultural da sociedade em que nasce.

Para os sociólogos, a cidade é uma área em que indústria, comércio e serviços distribuem-se como resultado da interdependência dos membros de um grupo social. [...] Tais interdependências entre os seres humanos são realizadas no espaço físico. Nas cidades, elas se realizam através de ruas e praças traçadas durante a vida do núcleo para atender as interações dos indivíduos. Essa distribuição do espaço urbano, ou melhor, esse plano urbano [...] É resultado, portanto, da experiência do grupo social através do complexo que constitui sua cultura. (PELUSO, 1991, p. 355-356).

Segundo o mesmo autor, no século XIX, geralmente o traçado urbano surgia aleatoriamente ou respeitando-se o sítio onde seria implantado. A atividade profissional do urbanista surgiu mais tarde como consequência dos problemas urbanos do século XX, ocasionados pela Revolução Industrial.

³¹ *Wald*, significa floresta; *hufen*, pedaço estreito e alongado de terra e *dorf*, vila (tradução aproximada).

Santos confirma esta afirmação quando cita que o sítio é responsável por inúmeras circunstâncias da vida e da evolução urbanas, bem como da paisagem propriamente dita. Depende da história, já que se prende, geralmente, à atividade que fez nascer o organismo urbano. Salvo exceções, o sítio orienta o plano, assim como, o funcionamento da cidade. (1981, p 196).

Nos núcleos cujo plano foi elaborado por urbanista, temos o traçado urbano disposto por um técnico que é a mais alta expressão da cultura urbana do nosso século; nos agrupamentos em que faltou o urbanista, encontramos um plano ditado pela experiência cultural da sociedade, isto é, pela tradição. Na ausência, pois, de princípios urbanísticos, são as condições geográficas do sítio e a cultura do grupo que criou a cidade que orientam o arranjo do espaço urbano. Tomando-se cidades de uma mesma cultura, pode julgar-se que as diversidades são atribuídas às diferenças geográficas, enquanto as semelhanças o são ao equipamento cultural comum. (PELUSO, 1991, p. 356).

Como já foi citado, Peluso (1991) estudou algumas cidades de Santa Catarina, fundadas até meados do século XIX, e distinguiu entre elas, basicamente dois tipos de plano urbano: um de origem cultural portuguesa e o outro, de origem cultural germânica. Constatou, também, que religião e comércio são duas instituições comuns a todos os núcleos urbanos catarinenses e que muita influência têm sobre estes planos. Porém, a igreja somente terá importância e destaque nos planos de origem cultural portuguesa, o que não é o caso de Blumenau. Quanto ao comércio, este terá maior destaque, no plano urbano de origem germânica. Para exemplificar as conclusões a que chegou, Vitor Peluso, estudou quatro principais cidades catarinenses: duas de origem cultural portuguesa (Florianópolis e Lages) e duas de origem cultural germânica (Blumenau e Joinville). Interessa aqui, demonstrar suas conclusões com relação ao estudo da cidade de Blumenau. O autor observou, estudando antigos mapas de Blumenau,

[...] a tendência da cidade em se estender pelas baixadas, ao longo dos caminhos por onde chegavam os agricultores. Este, desenvolvido da maneira mais lógica para aquela população, era projetado e locado pelo agrimensor alemão que dirigia os serviços técnicos do núcleo. (PELUSO, 1991, p. 372).

Estes caminhos estavam traçados, ao longo dos cursos d'água, nas baixadas e planícies. Os elementos dominantes do plano de Blumenau, portanto, foram a rua comercial e a adaptação ao relevo.

Para chegar ao final deste estudo, fez um minucioso resgate histórico das origens dos planos urbanos das cidades alemãs. Destaca que as regiões ocidentais e meridionais da Alemanha estiveram submetidas ao domínio Romano, na Idade Média. “Nas cidades alemãs, que datam dos tempos de Roma, a evolução urbana é paralela às portuguesas, da mesma origem”. (PELUSO, 1991, p. 391). A origem dos colonizadores de Blumenau é, porém, de cidades da Alemanha setentrional e oriental, onde não houve influência romana no surgimento dos planos urbanos. Nas cidades onde houve influência romana, o clero era a classe social dominante e nos demais, era a burguesia.

O autor descreve Blumenau da seguinte forma (observar Fig. 3.12):

O porto fluvial foi o local do comércio. Três estradas se unem na travessia do Fresco Bach, chegando à rua ampla que vai ao porto [...]. A igreja foi colocada sobre uma colina nas imediações do núcleo, porém afastada dele [...]. A medida que o povoamento cresceu, os fregueses da cidade foram transitando pelas outras estradas, e assim o comércio se foi deslocando para atender a esses clientes. O lugar do comércio passou a ser, então, a rua paralela ao rio Itajaí, dando feição característica ao núcleo. Todas as ruas que então se abriram procuraram ser paralelas ou perpendiculares ao rio, obedecendo, sempre, ao relevo. (PELUSO, 1991, p. 394).

A zona sul da cidade foi uma das primeiras a ser povoada. Sua ocupação começou pela área plana, às margens do ribeirão Garcia. O núcleo inicial da colônia estava implantado junto à foz deste. O progresso da colônia estendeu o povoamento primeiramente ao longo deste ribeirão e depois, ao longo dos demais ribeirões.

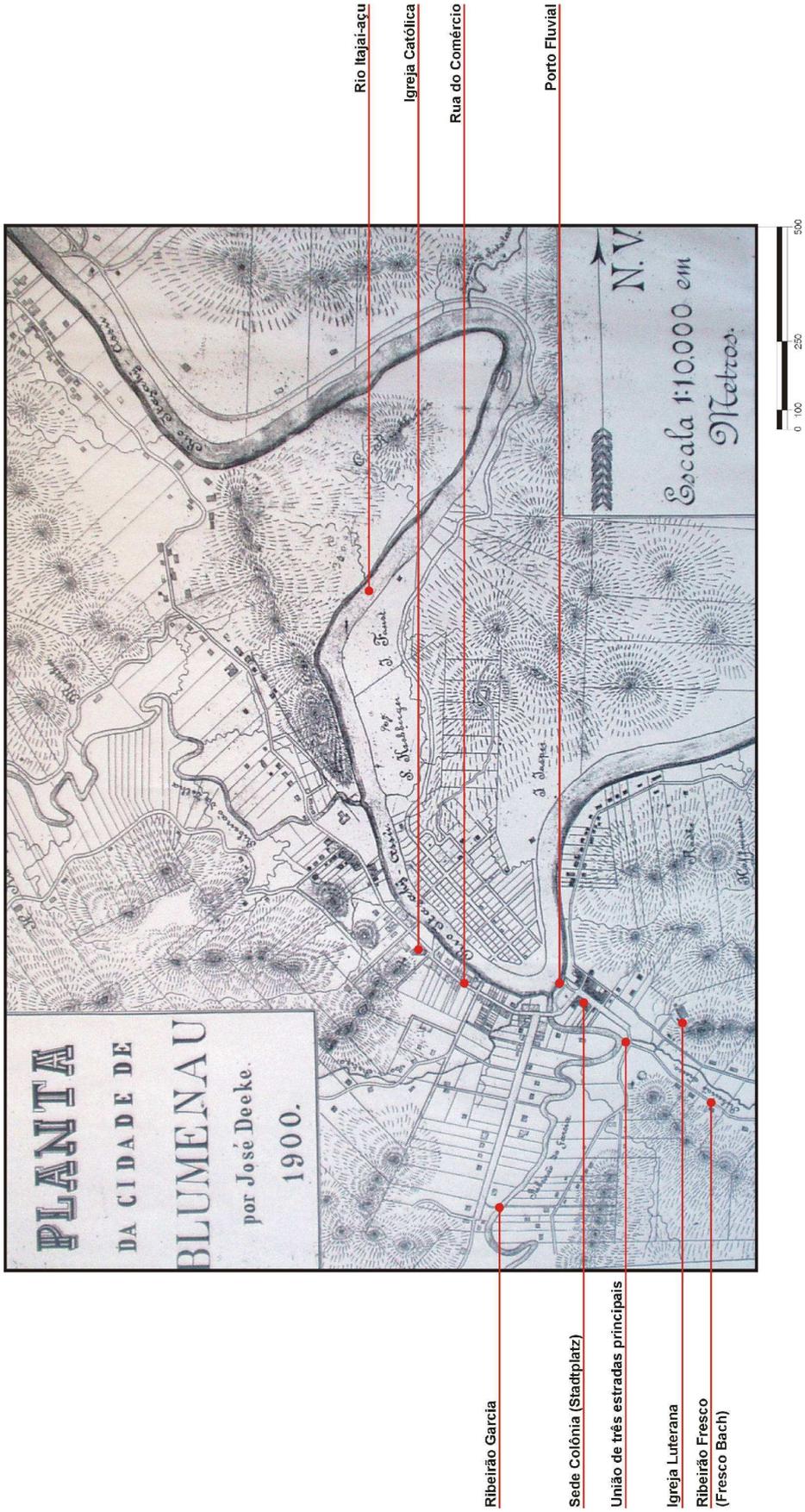


FIGURA 3.12 - Mapa da Sede da Colônia Blumenau, em 1900, com indicações dos principais elementos urbanos citados por Peluso (1991), no que diz respeito às características do plano urbano.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.
Cedido por Cláudia Siebert.
Edição: Silvana Moretti, 2004.
Escala Gráfica.

4. A LOCALIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS INDÚSTRIAS E A FORMAÇÃO DAS UNIDADES ESPACIAIS

Conforme afirma Correa, “a partir de meados do século XIX a industrialização vai gerar dois padrões locacionais intra-urbanos. De um lado um padrão envolvendo áreas que eram periféricas, mas não distantes do espaço urbanizado de modo contínuo.” (1995, p. 53). Tratavam-se de fiações e tecelagens localizadas junto às fontes de energia hidráulica que isoladas da cidade, tinham junto a si uma força de trabalho, residindo em vilas operárias, criando assim um espaço industrial constituído de lugar de produção e de residência. “Em breve este espaço seria efetivamente incorporado à cidade, tornando-se um bairro ou um subúrbio.” (1995, p. 53). O segundo padrão locacional envolvia as indústrias que não eram dependentes da força hidráulica, e localizavam-se no espaço que hoje constitui a Área Central. Em geral, derivavam das antigas manufaturas do período anterior à industrialização, e que se achavam espalhadas por toda a cidade. A descentralização industrial iniciava-se nos primórdios do século XX, quando as deseconomias externas da Área Central, a introdução de novas técnicas produtivas e o aumento da escala de produção, tornaram, para muitas indústrias, impraticável esta localização. “Entretanto, nem todas as indústrias descentralizaram-se, mas aquelas que o fizeram, ou que nasceriam longe da Área Central, tornaram mais complexa a organização espacial da cidade.” (CORREA, 1995, p. 53-55).

Mamigonian observa que a atividade industrial foi o principal aspecto de modelamento do quadro espacial em Blumenau, de tal forma que “não existia aglomeração urbana antes do aparecimento das indústrias”. (1965, p. 132). Para chegar a uma explicação sobre a distribuição das indústrias em Blumenau, este autor volta ao início do processo de industrialização para averiguar as razões da escolha dos sítios dos estabelecimentos industriais.

Em 1900, Blumenau se compunha de diferentes zonas rurais localizadas nos fundos de vales próximos à *stadtplatz*, situada à margem direita do Itajaí-Açú, no ponto onde a navegação cessava. Mas a sede da Colônia Blumenau era uma aglomeração de apenas 157 casas, um pequeno centro

de *export-import*, de outras atividades terciárias e alguma atividade de transformação (tecidos, madeira, etc.). Assim, grande parte dos estabelecimentos industriais precedeu a formação de uma verdadeira aglomeração urbana. Ora, isto explica a presença de várias indústrias no centro e na periferia do centro atual, [...]. (MAMIGONIAN, 1965, p. 136, grifo do autor).

Para Mamigonian (1965), os meios de locomoção não tiveram tanta influência na localização industrial: a estrada de ferro construída no início do século era destinada principalmente à colonização do Alto Vale do Itajaí e partia de Blumenau, ponto terminal da navegação. Outros condicionantes determinaram a implantação das indústrias na malha urbana de Blumenau: a propriedade de um terreno, a presença de mão-de-obra nas zonas rurais e a necessidade de estar próximo aos cursos d'água, para a geração de energia. Para o empresário industrial que já possuía um terreno, a implantação da empresa se deu neste local. No caso dos industriais que não o possuíam, a escolha considera principalmente o preço dos terrenos e, em certos casos, a proximidade de sua residência. Mas, sem dúvida, quando o principal condicionante não foi o terreno, a localização estava vinculada à necessidade de energia. Em Blumenau, não existia eletricidade até o início do século XX, e três dos grandes estabelecimentos têxteis nasceram no fim do século XIX, sendo obrigados a satisfazer eles mesmos suas necessidades. Em função disso, a Industrial Garcia foi instalada no Vale do Ribeirão Garcia, a Companhia Hering no Vale do Ribeirão Bom Retiro e a Karsten no Vale do Ribeirão Testo. Todas estas indústrias estavam distantes, entre 5 e 14 km da sede da colônia. Com o crescimento das fábricas, houve também a necessidade de mais mão-de-obra. Os grandes estabelecimentos tentaram recrutar trabalhadores em vários municípios vizinhos. Contudo, algumas indústrias preferiram implantar unidades nas zonas rurais dos arredores para utilizar uma parte dos colonos que não queriam partir ou que não queriam enviar seus filhos para trabalharem na cidade.

Confirmando o que descreve Mamigonian, Pimenta (1998, p. 76), afirma que alguns estabelecimentos,

[...] nascem associados à casa comercial e à residência familiar, como a Hering. [...] necessitando ampliar suas atividades, transferem, posteriormente, para as margens do ribeirão Bom Retiro em 1897, a fábrica

associada à residência familiar e de trabalhadores, exceção feita à casa comercial que permanece no centro. [...] Estas fábricas pioneiras constituíram-se como força de atração, não somente em termos de criação de outras fábricas e da expansão da atividade têxtil, mas também, como elementos de desenvolvimento da malha urbana.

Correa também confirma a tese de Mamigonian quando diz que o processo de descentralização aparece como uma medida das empresas visando eliminar as deseconomias geradas pela excessiva centralização e pela menor rigidez locacional no âmbito da cidade, em razão do aparecimento de fatores de atração em áreas não-centrais (1995, p. 45). Afirma também que os grandes proprietários industriais, em razão da dimensão de suas atividades, são grandes consumidores de espaço pois necessitam de terrenos amplos e baratos que satisfaçam requisitos locacionais pertinentes às atividades de suas empresas. “Deste modo a ação deles modela a cidade, produzindo seu próprio espaço e interferindo decisivamente na localização de outros usos da terra.” (CORREA, 1995, p. 15). Além disso, as grandes fábricas não dependem mais da área central para realizar todas as suas operações, pois nela própria são produzidas algumas matérias-primas e bens intermediários. Pode assim, adicionar outras vantagens, como o custo do terreno e a proximidade da força de trabalho. (CORREA, 1995, p. 47).

Assim como ocorreu com a Revolução Industrial, na Europa, a industrialização de Blumenau irá reforçar o papel das cidades como pólos, onde os espaços passam a se integrar cada vez mais, em que o rural vai se subordinando de maneira progressiva às necessidades do urbano, e onde o modo de vida urbano passa a ser predominante. Esse processo, porém, é gradativo e não homogêneo.

Sobre o surgimento dos bairros operários, utilizar-se-á, como fonte principal, também o estudo de Mamigonian (1965). Para o autor, a relação residência-trabalho foi também responsável pelo desenvolvimento do entorno das indústrias. A maioria dos operários preferia estar morando perto da empresa, e com isso, o desenvolvimento destas áreas foi mais acelerado. Esta relação, no início da década de 1960, era direta: 80 a 90% dos operários dos grandes estabelecimentos de Blumenau moravam num raio inferior a 3 km de seu trabalho. (MAMIGONIAN, 1965, p. 141).

Petry; Ferreira; Weiss, também contribuem para o entendimento do surgimento dos bairros operários. Segundo as autoras, o perfil social do entorno das empresas blumenauenses foi consideravelmente alterado na década de 1940, em função do aumento da população ativa. Os produtos industriais tiveram uma grande demanda no mercado, em função da proibição das importações. Com isso, as indústrias tiveram disponibilidade de recursos para a modernização do parque fabril, incorporando novas tecnologias, e contratando mais pessoal. A falta de imóveis para atender os trabalhadores levou os industriais a implantarem vilas operárias, ampliando a malha urbana do entorno. (2000, p. 190).

Como já se pôde constatar, a descentralização ocorrida em função de diversos fatores foi responsável pelo surgimento de uma estrutura urbana polinucleada, em Blumenau. O relevo de vale de fundo plano cercado por morros, compartimentou não somente o povoamento rural do século XIX, mas também a aglomeração urbana formada a partir da atividade industrial. As fábricas estão dispersas no espaço urbano, a maioria das quais estão normalmente longe do centro, em diferentes cantos da cidade, ou mesmo fora da aglomeração principal.

Para explicar a descentralização, em função do processo de industrialização, Mamigonian (1965), dividiu a cidade em dez unidades espaciais (ou pólos) onde as indústrias apareciam como centro das influências. Para o autor, cinco destas unidades espaciais estavam na aglomeração principal³² e as cinco outras estavam em uma zona de dependência, chamada pelo autor também, de semi-rural.

Das cinco unidades espaciais localizadas na aglomeração principal, três foram consideradas mais importantes e com maior influência na formação do espaço urbano e duas foram consideradas secundárias:

A organização do espaço industrial blumenauense é fruto da ação dos 5 pólos importantes, situados na aglomeração principal e dos 5 outros situados na zona de dependência. Os 3 pólos principais organizam cada um uma parte de Blumenau: Itoupava para o norte, Garcia para o sul e Bom Retiro para o oeste. O centro e a rua Itajaí têm papéis muito inferiores. (MAMIGONIAN, 1965, p. 144).

³²O que correspondia aproximadamente, à área urbana, na época.

Como se pode constatar, as unidades espaciais (ou pólos) de Itoupava, Garcia e Bom Retiro, são consideradas as principais e as unidades espaciais (ou pólos) do Centro e Rua Itajaí, são consideradas as secundárias, dentro da aglomeração principal, pelo autor.

Pelo estudo de Mamigonian (1965), a Unidade Espacial do Garcia, tinha até 1965, como centro de influência, as indústrias Garcia e Artex. Aparecia também, com menor influência, a indústria de beneficiamento de fumo Souza Cruz, fundada em 1952. Através de pesquisas, constatou-se, também, a existência da Tecelagem União, fundada em 1943. Esta unidade foi responsável pelo surgimento do bairro Garcia, e posteriormente, dos bairros da Glória e Progresso e localidades rurais conhecidas como Garcia Alta e Jordão.

A Unidade Espacial das Itoupavas estava constituída por cinco grandes fábricas: Gaitas Hering, Cristais Hering, Cremer, Electro Aço Altona e Tecelagem Kuehnrich, que estão hoje inseridos nos bairros de Itoupava Seca e Itoupava Norte. Mamigonian constatou que 93% dos operários destas indústrias moravam nestes bairros. Esta unidade contribuiu para a formação posterior de alguns outros bairros: Vila Nova, Escola Agrícola, Salto do Norte, Fortaleza, Salto Weissbach, Itoupavazinha e Itoupava Central. Acrescentar-se-á ainda a esta unidade espacial a Indústria de Acolchoados Altenburg e a Fábrica de Chapéus Nelsa, não citadas pelo autor, mas que também influenciaram o processo.

A Unidade Espacial do Bom Retiro, de acordo com Mamigonian, tinha como estabelecimento principal de influência, a Companhia Hering e deu origem posteriormente ao bairro da Velha e zonas rurais conhecidas como Velha Central, Velha Grande e Ribeirão Branco. Constatou-se através de pesquisas que outros estabelecimentos também influenciaram o desenvolvimento desta unidade espacial, porém, com muito menos intensidade: o Curtume Otte, a Fábrica de Anil Otte e a Fábrica de Meias Hering.

Para o autor, cada uma destas três partes da aglomeração blumenauense possuía um forte grau de integração interna e, conseqüentemente, de autonomia em relação à área central. Caracterizaram-se pela presença de fábricas, pela residência dos industriais e diretores e pela residência de uma mão-de-obra que ali trabalhava.

Para completar a idéia da autonomia destes bairros, é preciso dizer que seus serviços públicos não são talvez tão desenvolvidos como no centro, mas pelo menos suas ruas principais são pavimentadas, equipadas em serviços de água, luz e esgotos e servidas de ônibus. São equipados em comércio, oficinas de consertos e outros serviços superiores aos elementares: comércios de alimentos, de tecidos, de móveis, farmácia, oficinas de bicicletas, rádio, relógios, calçados e ainda barbeiros, alfaiates, marceneiros. (MAMIGONIAN, 1965, p. 146).

A paisagem dos arredores das fábricas era composta também pelas vilas operárias. Estes bairros possuíam também clubes de futebol e de dança e começavam a ter certos serviços mais raros, até então encontrados apenas no centro. Geralmente, nas unidades espaciais, as indústrias, os serviços e as residências ricas e médias estavam nas vias principais enquanto as residências operárias, localizavam-se nas transversais. (MAMIGONIAN, 1965, p. 146).

Quanto às unidades secundárias, dentro da aglomeração principal, Mamigonian detectou que até a década de 1950, a quantidade de serviços públicos, era inferior aos existentes nos bairros principais, principalmente no que diz respeito à iluminação e pavimentação. (MAMIGONIAN, 1965, p. 148).

A rua Itajaí, apesar do pouco espaço, constitui uma unidade espacial independente, e tem um equipamento geral e uma estrutura social semelhantes aos outros bairros-pólos, mas está longe de organizar a parte leste da aglomeração, da mesma maneira que estão organizados o norte, o sul e o oeste. (MAMIGONIAN, 1965, p. 145).

Em 1947 foi fundada a Sul Fabril S.A. A empresa cresceu com a compra de vários terrenos nas imediações, que foram usados para construção e ampliação da fábrica. Esta é a mais recente das grandes indústrias e por esse motivo esta unidade espacial influenciou pouco o desenvolvimento do entorno, durante o período temporal delimitado para esta pesquisa.

A Unidade Espacial do Centro, foi, no início da colônia o local de implantação de todos os equipamentos principais da cidade, inclusive as primeiras indústrias. A partir do momento que as indústrias têxteis necessitaram de força hidráulica para

mover suas máquinas, passaram a se transferir para os vales mais distantes. Para Mamigonian, o centro e sua periferia, incluindo a Ponta Aguda, irá possuir, à época de sua pesquisa, poucas unidades industriais, mas do ponto de vista residencial, é ali que estarão implantadas as casas de alguns industriais, especialmente na Alameda Rio Branco. Quanto aos equipamentos existentes nesta parte da cidade, é suficiente dizer que eram em maior quantidade em relação às outras unidades espaciais.

Mamigonian assim explica o surgimento dos pólos das zonas de dependência (semi-rurais): na década de 1940, houve um período de escassez de mão-de-obra. Os grandes estabelecimentos fizeram esforços para recrutar trabalhadores em vários municípios vizinhos. Porém, pela dificuldade neste recrutamento, muitos acabaram implantando unidades nas zonas rurais dos arredores para absorver a mão-de-obra local. (1965, p. 138). Estas unidades espaciais eram formadas principalmente por operários-colonos, que dividiam o trabalho na agricultura com o trabalho nas indústrias, sendo freqüentemente, mão-de-obra feminina. Eram em número de cinco, conforme Mamigonian: Fábrica de Etiquetas Bordadas Haco, na Vila Itoupava; Companhia Têxtil Karsten, no Testo Salto; Companhia Jensen e Gaitas Hering (seção de afinação), na Itoupava Central; Filial da Companhia Hering, em Encano³³; Hemmer e Artex (fiação), em Badenfurt. (1965, p. 139 - 140).

Considera-se, portanto esta divisão espacial proposta por Mamigonian, como o ponto de partida da base espacial desta pesquisa. Observar Fig. 4.01.

Pesquisou-se outros núcleos industriais surgidos após a pesquisa de Mamigonian, tentando, com isso, encontrar outras unidades espaciais de desenvolvimento, surgidas dentro do período temporal definido. Sabe-se que a partir da década de 1970, com a saturação do sistema viário, e mais tarde, com as grandes enchentes de 1983 e 1984, as indústrias de Blumenau buscavam se instalar em áreas mais elevadas e de fácil acesso rodoviário. Também já não precisavam mais da energia hidráulica para movimentar suas máquinas, já que a energia elétrica a substituía. Nesta época também foram implantadas as principais rodovias federais e estaduais que cortam o município, sendo que muitas indústrias foram ali se

³³ Atualmente, um bairro do Município de Indaial.

instalar. Mais tarde, a formulação de legislação urbanísticas e a aprovação do primeiro Plano Diretor da cidade, tratou de reforçar a necessidade da mudança de localização do uso industrial para próximo dos eixos rodoviários.

Na década de 1980, também por conta das enchentes, o poder público sentiu a necessidade de implantar um distrito industrial, em local livre de cheias, com o temor de que muitas indústrias decidissem por mudar suas instalações para outras cidades. Segundo Correa, “o distrito industrial, de localização periférica, resulta de uma ação do Estado visando, através da socialização de vários fatores de produção como terrenos preparados, acessibilidade, água e energia; e, de acordo com interesses de outros agentes sociais, como proprietários fundiários e industriais, criar economias de aglomeração para as atividades de produção industrial.” (1995, p. 56).

Nos últimos anos, o processo de industrialização de Blumenau, assumiu novas características, com o fechamento de empresas, fragmentação, ou relocação de outras, a automação e a terceirização. “Esta transformação ocorreu como parte do processo de adaptação das indústrias de Blumenau, ao modo de produção flexível, com sua inserção na divisão internacional do trabalho.” (SIEBERT; MÁXIMO, 2002 p. 05). Também, a conscientização ambiental e os conceitos de desenvolvimento sustentável levaram as indústrias a um controle ambiental mais rígido, o que também implica em alterações. (SIEBERT; MÁXIMO, 2002, p. 09). No final do século XX, essas alterações nos processos industriais, estão gerando uma nova relação entre a cidade de Blumenau e a indústria, em termos sociais, ambientais, econômicos e espaciais. A terceirização faz surgir inúmeras micro-empresas dispersas na malha urbana, desfazendo os pólos que fizeram surgir os bairros de Blumenau.

Portanto, encontrou-se outras unidades espaciais de menor importância, surgidas no final do período temporal desta pesquisa que merecem ser citadas, porém é importante deixar claro que a lógica que os formou, não foi a mesma que fez surgir as unidades espaciais definidas por Mamigonian:

- **Unidade Espacial do bairro da Velha**, onde encontrou-se as indústrias:

1. **Omino**, pertencente ao grupo Hering, fundada em 1973;

2. **Seção de costura da Companhia Hering**, fundada em 1974, conhecida como Unidade Água Verde, construída com a finalidade de descentralizar as atividades da empresa e ao mesmo tempo, aproveitar a mão-de-obra disponível nas imediações. A unidade fabril já foi extinta e junto dela foi construída também a sede da Associação Desportiva para os funcionários;

3. **Empresa Schwanke**, fábrica de beneficiamento de algodão, fundada em 1951.

• **Unidade Espacial de entorno das rodovias**. São alguns exemplos de indústrias que vão seguir este parâmetro de ocupação:

1. **Ártico Indústria de Refrigeração Ltda**, instalada em 1972, às margens da BR-470, numa área de 45.000 m². Fabrica balcões frigoríficos, geladeiras comerciais e câmaras frigoríficas.

2. **Plásticos Cremer**: Em 1974 a Cremer adquiriu a Plamenau, situada no bairro Vila Nova e dela nasceu a Plásticos Cremer. Em 1979, ganhou um novo prédio no bairro Badenfurt, onde permanece até os dias de hoje.

3. **Majú**: Transfere seu parque industrial, da Rua São Paulo (bairro Itoupava Seca), para a BR-470, em 1978.

5. CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DOS BAIRROS SURGIDOS: O DESENVOLVIMENTO DA VIDA URBANA

5.1 INTRODUÇÃO

Como já se pôde verificar, até então, muitas das unidades espaciais detectadas por Mamigonian, tiveram a sua evolução iniciada a partir de uma implantação industrial. Este foi o caso das unidades do Garcia e do Bom Retiro.

A Unidade Espacial das Itoupavas teve suas principais indústrias implantadas a partir da década de 1920, época que marca um processo de maior desenvolvimento desta área. Antes disso, se desenvolveu em função de outras condicionantes, como as vias comerciais principais, a Estrada de Ferro Santa Catarina e o funcionamento de algumas pequenas indústrias artesanais, como principalmente as cervejarias.

As unidades espaciais secundárias, do Centro e da Rua Itajaí, tiveram um desenvolvimento semelhante ao das Itoupavas, porém, apenas na Unidade da Rua Itajaí, uma indústria importante viria a se implantar, na década de 1940: a Sul Fabril. A Unidade do Centro se desenvolveu praticamente em função da atividade comercial, porém, também com muita influência das indústrias.

A pesquisa se deterá nas cinco unidades espaciais situadas na aglomeração principal. As unidades da zona de dependência não serão descritas, pois suas características eram semi-rurais, conforme definiu Mamigonian, pouco se desenvolvendo com características urbanas no período temporal definido para a pesquisa.

Porém, iniciar-se-á descrevendo o desenvolvimento da vida urbana da cidade de Blumenau de uma forma geral, utilizando-se a periodização já definida no

Capítulo 02, já que muitos acontecimentos e atividades, aplicam-se a todas as Unidades Espaciais.

5.2 DESENVOLVIMENTO DA VIDA URBANA EM BLUMENAU

5.2.1 Início da colônia e primeira fase da industrialização de Blumenau (1850-1913)

As atividades associativas, muito presentes no início da Colônia Blumenau, colaboraram para o desenvolvimento de relações comunitárias e permitiram o aparecimento de expressões artísticas e culturais. Mas, certamente, a intensidade da vida associativa nos núcleos coloniais foi motivada pela falta de assistência do Estado no que se refere às suas obrigações básicas: saúde e educação. As comunidades possuíam um grande número de sociedades de auxílio mútuo, escolares e outras que se encarregavam da defesa dos interesses dos colonos, da manutenção e construção das escolas e hospitais, asilos e orfanatos, tendo como base financeira às contribuições dos associados e eventuais quermesses. O incentivo ao esporte amador, à ginástica, à música, às festas com bailes ou outras atividades sociais, ao teatro, etc., é característica importante das associações. (SEYFERTH, 1990, p. 52-54).

Com relação ao ensino, a grande maioria dos imigrantes era alfabetizado, muitos até com instrução de grau médio e superior. Por isso, tinham interesse em ter seus filhos alfabetizados também. Porém, o governo da província não atendia aos pedidos de criação de escolas públicas ao longo das estradas coloniais. Por isso, os colonos decidiram com seus próprios recursos, resolver o problema, através da criação de Comunidades Escolares (*Schulgemeinde*), integradas pelos pais dos alunos de determinada localidade que, mediante o pagamento de uma taxa mensal e com a prestação de serviços pessoais, possibilitavam à diretoria escolhida,

promover a construção de prédio para a escola e a contratação dos professores. (SILVA, 1988, p. 240). Em muitas das escolas, os pais tinham a responsabilidade de mandar seus filhos às aulas e, independentemente disso ocorrer, tinham que pagar as mensalidades ou, ainda, em algumas sociedades, pagar uma contribuição relativa àqueles que não freqüentavam a escola, embora tivessem em idade de freqüentá-la. Em outras, havia a preocupação com o desenvolvimento de atividades que ultrapassavam aquelas desenvolvidas na sala de aula como: artes cênicas, canto, atividades de lazer, divulgação de literaturas populares e, ainda, preocupação em dispor à comunidade uma biblioteca. (HILLESHEIM; BRUNS, 2002, p 64-65).

As duas primeiras escolas particulares começaram a funcionar em 1863: a de Itoupava Seca e a do Garcia. (SILVA, 1988, p. 241). Daí por diante, o número de escolas particulares, dirigidas pelas *Schulgemeinde* foi crescendo de ano para ano. Essa situação perdurou até quando o governador do estado, Vidal Ramos, decretou uma reforma geral do ensino, criando escolas públicas em 1911, nas principais cidades. Em Blumenau, foi construído o Grupo Escolar Luiz Delfino, inaugurado em 1913. Orestes Guimarães, nomeado Inspetor Geral das Escolas Subvencionadas pelo governo federal, estabeleceu, em Blumenau, a sede deste órgão que incentivou forte campanha de nacionalização das escolas do município.

Quanto à vida social e cultural, quando as atividades ainda eram artesanais, a primeira manifestação associativa que se desenvolveu foram as Sociedades de Atiradores. Essas sociedades promoviam festas que contavam com a participação de toda a Colônia. A Sociedade de Atiradores (*Schützenverein* ou *Schützenhaus*) foi trazida da Alemanha tal como funcionava lá no século XIX. (SEYFERTH, 1974, p. 89). Apesar de o *Schützenverein* ter sido criado com o objetivo principal de praticar o tiro ao alvo e outros esportes, suas atividades concentravam toda a vida recreativa e cultural dos colonos: comemorações, bailes, desfiles, apresentações musicais e teatrais, etc. Nas aldeias da Alemanha, onde as famílias residiam em casas próximas, havia um maior convívio entre os membros da comunidade, por isso, instituições como as sociedades recreativas não tiveram tanta importância. No Vale do Itajaí, em virtude do povoamento disperso, o convívio entre os habitantes da área colonial só podia se realizar em ocasiões esporádicas, entre elas nas festas das sociedades recreativas. (SEYFERTH, 1974, p. 90). Tornaram-se, portanto, um espaço de conagração dos associados, cumprindo a função de preencher as

necessidades sociais daquela região e promovendo a união e cooperação da comunidade. Inclusive exerceram fundamentalmente o papel de elemento aglutinador da cultura germânica, buscando preservar os aspectos culturais herdados dos colonizadores. (FERREIRA; ABREU, 2005, p. 65-66).



FIGURA 5.01 - Primeira Sociedade de Atiradores (*Schützenverein*) de Blumenau.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 113.

Logo surgiram também, as associações esportivas, de canto e de teatro. As associações de ginástica (*Turnverein*), de tiro e de canto (*Gesangverein*), refletiam a vida pública da comunidade e incentivavam colonos a se agruparem em torno de atividades comuns. (SEYFERTH, 1974, p. 91). A função principal destas associações era reforçar os laços culturais com a terra de origem, buscando implantar um espaço de convivência e integração entre os colonos. As associações cumpriam a função de controlar os lazeres através de mecanismos de organização interna, como os regimentos e estatutos, que também se refletiam fora do espaço associativo, na medida em que o associado deveria manter uma postura idônea para ser aceito na associação. Serviam também para ocupar o tempo ocioso dos

imigrantes, já que isso, para eles, era sinônimo de malandragem. (FERREIRA, ABREU, 2005, p. 67-68).

A participação dos colonos nas sociedades de canto e nos grupos teatrais, representaria enorme sacrifício não fossem o seu entusiasmo e a singular atração que os mesmos sentiam por essas modalidades artísticas. Muitos vinham de bem longe, quase sempre a pé, a cavalo às vezes, percorrendo estradas quase intransitáveis para assistirem aos ensaios. Rapazes não raro, após um dia inteiro de trabalho árduo, punham-se, à noitinha, a caminho da sede do povoado e, ali, permaneciam até altas horas, estudando os papéis que lhes eram destinados para as próximas apresentações, ou repetindo, em exercícios estafantes, as canções [...] para, no dia seguinte, mal o sol clarear a cristas dos montes, entregarem-se novamente às duras lidas da roça. (SILVA, 1988, p. 198-199).

As crianças também participavam ativamente de atividades sociais e culturais. As festas de Páscoa eram divertidíssimas, pois o fictício coelho depositava seus ovos em esconderijos, e as crianças tinham que procurá-los. Os ovos eram cozidos e coloridos com tintura extraída de ervas. Tempos depois formou-se o hábito de guardar as cascas dos ovos, pintá-las e enfeitá-las, recheando-as com amendoim envolto em açúcar ou balas. Quanto aos festejos de Natal, estes já começavam no dia de São Nicolau (seis de dezembro), quando as crianças já recebiam presentes e algumas guloseimas. No dia 24 de dezembro, acontecia o *Weinachtsmann* ou o *Christkind*, quando a árvore de Natal era enfeitada, imitando a neve, lembrando aos colonizadores de sua pátria com canções, ceia de Natal, doces e brinquedos. Provavelmente as primeiras festas infantis tenham acontecido de forma espontânea durante os *Kraenzchen* e *Skat* dos adultos, quando as crianças se reuniam e brincavam. Mais tarde, sociedades e também particulares promoviam essas festas, geralmente no mês de outubro que usualmente contava com a seguinte programação: marcha das crianças do centro até a Sociedade de Atiradores; distribuição de café e doces; jogos diversos como pau de sebo, tiro ao pássaro, cavalo de pau, etc. Depois dos jogos era feita a apresentação do Teatro de Bonecos e após, acontecia o baile infantil que durava até as nove horas da noite. (KORMANN, 1994, p. 171-172, v. 2).

A música foi outra ferramenta de união entre os colonos. Em 1872, funcionavam em Blumenau quatro corais e em 1900, quando foi realizada a 1ª Festa

de Cantores, já eram doze. (KORMANN, 1995, p. 183, v. 3). Kormann, para avaliar a imponência com que se realizavam os festivais, cita um deles, realizado no dia 19 de março de 1922, nas dependências da Sociedade de Atiradores:

No dia da festa, a EFSC colocou trens especiais, que partiram de Hansa às 6 horas da manhã, com regresso às 10 horas da noite. Os cantores, ao chegarem a Blumenau, eram festivamente recepcionados e às 9 horas da manhã, marchavam com suas honrarias e bandeiras, [...] da estação da Estrada de Ferro Santa Catarina até a Sociedade de Atiradores, local da festa, onde, às 10 horas, além de apresentada a programação, foi realizada uma grande reunião festiva, com a participação de todos os corais. (1995, p. 184, v. 3).

Segundo Seyferth, de todas as sociedades existentes, “a dos cantores era a que mais influência tinha sobre as atividades familiares dos seus associados, já que aniversários, batizados e casamentos (para citar algumas das ocasiões) eram motivos suficientes para a realização de recitais.” (1982, p. 153). Este depoimento de Bruckeimer, também mostra a importância da música dentro das famílias:

A noite, papai e mamãe ensaiaram conosco cantos de natal e nós nos sentamos, até alta noite, nas escadas diante da nova casa e cantamos cantigas alegres que papai acompanhava na concertina. Sim, também quando já éramos grandes e papai estava em casa, fazíamos alegres noitadas de canto, que muitas vezes duravam até meia-noite. Também quando, em algum lugar, havia aniversário, reuniam-se moços e velhos e cantavam, faziam representações, comiam e bebiam que era uma beleza. E tudo na melhor harmonia. (BRUCKEIMER, 1969, p. 166-167, grifo do autor).

Outra prova de que a música era de grande importância na vida dos imigrantes é o relato³⁴ da Senhora Erica Martins Flesch, que imigrou em 1929, com a família, para Blumenau:

[...] minha aula de música começou quando eu tinha nove anos e vim para Blumenau, com o professor Dorhnik, que era um alemão e lecionava na

³⁴ Entrevista concedida à pesquisadora Cristina Ferreira, na data de 01 de junho de 2000, para o projeto “Resgate da Memória Oral do Vale do Itajaí”, desenvolvido em parceria com o Instituto Blumenau 150 Anos, em homenagem ao sesquicentenário de fundação do Município e publicada na revista Blumenau em Cadernos.

Escola Alemã. [...] a minha mãe sempre tinha um piano de cauda em casa. Mas aqui isso era muito caro, não podia comprar, mas um violino ainda dava conta de levar na despesa da casa. Então nós duas tocávamos. (ERICA, 2001, p. 61).

Além dos corais, Blumenau cresceu também embalada pelas músicas, executadas pelas *Musikkapellen* (Bandas Musicais ou bandinhas, como eram conhecidas). Desde o início da colonização, os professores que vinham contratados para lecionar letras eram aptos para lecionar música e reger bandas e corais, pois na Alemanha a música fazia parte do currículo escolar. Além dos professores, alguns colonizadores eram formados em famosas escolas de música e haviam atuado na Alemanha. (KORMANN, 1995, p. 227, v. 3). A primeira bandinha de Blumenau foi fundada por Hermann Ruediger e se caracterizava pelo estilo fanfarra.



FIGURA 5.02 - Bandinha de Blumenau.

Fonte: SANTIAGO; PETRY; FERREIRA, 2001, p. 27.

As bandas musicais e os bailes promovidos pelas sociedades, estimularam a construção de salões de bailes públicos na Colônia, geralmente por iniciativa de comerciantes. Eram democráticos, pois, todos se

confraternizavam, com grande alegria e muita cerveja fabricada na Colônia. (KORMANN, 1995, p. 232, v. 3).

O elevado número de salões existentes em Blumenau e região, dá uma noção da importância desta atividade.

Os salões, que geralmente funcionavam junto às casas comerciais, bem como as sedes dos Clubes de Caça e Tiro, estavam sempre disponíveis para qualquer manifestação social, artística, cultural e até política, pois além dos bailes serviam para apresentar peças teatrais, mágicos, cantores, músicos, corais, sessões de cinema e reuniões as mais diversas. (KORMANN, 1995, p. 238, v. 3).

Na comunidade, disseminaram-se também outras formas de lazer e entretenimento, que passaram a se desenvolver também ao ar livre, como os piqueniques, as aulas de natação no Rio Itajaí-açu e a prática esportiva, mobilizando até o interesse feminino.



FIGURA 5.03 - Piquenique realizado na década de 1930.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

O *Skat*³⁵ fez parte da vida do blumenauense desde o início da colonização. Trata-se de um jogo de cartas com inúmeras possibilidades diferentes de jogar e foi desenvolvido, na cidade alemã de Altenburg por volta de 1810. Com a fundação de Associações de Ginástica, outras modalidades eram praticadas, inclusive o futebol que começou por volta de 1910. Os clubes se multiplicaram, principalmente nas décadas de 1920 e 1930, integrados por amadores.

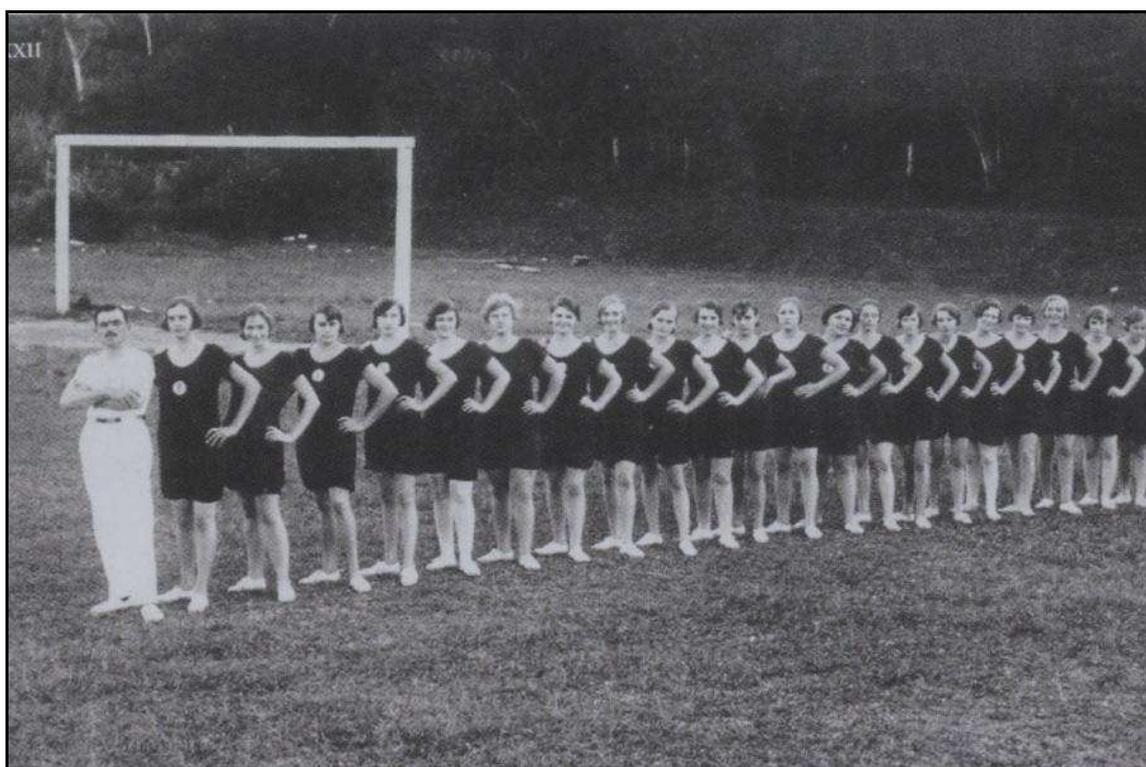


FIGURA 5.04 - Aula de ginástica em Blumenau.

Fonte: CURTIPASSI, 2001, p. 62.

Outra cultura que se disseminou foi o cinema. A comunidade de Blumenau, teve seu primeiro contato com o cinema em 11 de agosto de 1900, quando Eduardo Von Schultz exibiu no teatro *Frohsinn* um cinematógrafo. Sendo o cinema uma grande novidade para a época, todas as sociedades e salões abriram para exibição dos filmes. (KORMANN, 1984, p.18-19).

³⁵ O nome “Skat” provém da palavra italiana “scartare” (pôr de lado). (KORMANN, 1995, p.147, v. 4).

Quanto às atividades religiosas, a construção de capelas como centro das atividades coletivas da comunidade, se repete à medida que as paróquias foram sendo organizadas. Sua administração estava a cargo do clero, ou de uma espécie de diretoria integrada por pessoas notáveis da localidade, mais comum na comunidade evangélica luterana. A catequese ou o ensino confirmatório, ensinava além dos conteúdos bíblicos, como deveria ser a conduta de um bom cristão, os valores, a obediência e a importância de constituir família, sendo que o homem deveria ser o chefe da casa e à mulher caberia o papel de mãe, dona-de-casa e esposa. A “primeira comunhão” ou “confirmação” era um rito de passagem da infância para o mundo adulto.



FIGURA 5.05 – Confirmação de crianças, na Igreja Luterana de Itoupava Seca.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

As atividades religiosas fizeram surgir outra sociedade: a *Krankenverein* (Sociedade de ajuda aos enfermos) cujos sócios pagavam uma mensalidade de 500 réis e tinham direito a tratamento médico e a remédios com abatimentos. (SILVA,

1988, p. 200). Outra sociedade voltada às atividades religiosas e assistenciais foi a Associação de Senhoras Evangélicas (*Frauenverein*). Segundo Cecília Lischke³⁶:

Casei em 29 e em 30 mudei-me para Blumenau. Foi então que a senhora Kurt Hering me motivou a entrar no 'Frauenverein'. Eu também logo entrei e trabalhei junto toda semana na velha maternidade, [...]. E assim semanalmente ajudei no 'Frauenverein'. Nós fazíamos trabalhos manuais e a Frau do Pastor Scherer fazia as leituras, nos contava histórias da sua família ou de quaisquer outras famílias na Alemanha e assim por diante; e às vezes assuntos de religião. E foi desta forma que trabalhei no 'Frauenverein' até o irromper da guerra. Por causa da guerra, por assim dizer, o 'Frauenverein' foi fechado e nós abandonamos os nossos encontros...[...]. (HISTÓRIA, 2002, p. 90-91, grifo do autor).

5.2.2 Segunda fase da industrialização de Blumenau (1914-1939)

Quanto à educação, de 1918 para diante, as escolas particulares voltaram a se desenvolver, alcançando e ultrapassando o elevado grau de desenvolvimento atingido antes da Primeira Guerra. Os respectivos professores, adaptados ao novo estado de coisas, foram não apenas aperfeiçoando o estudo do português mas dedicando maior zelo e empenho no seu ensino. As escolas particulares foram aumentando de número. Em 1920 eram 40; em 1925 já eram 109, alcançando, em 1937, o número de 173 estabelecimentos de ensino. (SILVA, 1988, p. 254-255).

Blumenau crescia na sua agricultura, no seu comércio e nas suas indústrias. O ensino primário acompanhava esse extraordinário progresso, o particular muito mais que o público, mas este, também muito mais acelerado em comparação às décadas anteriores. (SILVA, 1988, p. 256). No relatório de gestão do município de Blumenau elaborado pelo então Superintendente Paulo Zimmermann, em 1919, haviam 40 escolas públicas (em 1917 eram 10) que atendiam cerca de 1600 alunos. Este número foi, duplicando-se ano a ano. (ZIMMERMANN, 1920, p. 48 apud

³⁶ Entrevista realizada em dois de dezembro de 1998, e publicada na Revista Blumenau em Cadernos em 2002. Importante lembrar que Cecília Lischke, foi herdeira da Fábrica de Chapéus Nelsa, presidindo-a de 1942 até 1965 (quando encerrou suas atividades) e também da Majú, criada em 1953.

HILLESHEIM; BRUNS, 2002, p. 63). Após o final da Primeira Guerra, as escolas particulares foram sendo reabertas.

Durante este período era comum as famílias de posse enviarem seus filhos para estudarem em grandes centros (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, etc), já que a Europa estava em guerra. Pôde-se comprovar isto através do depoimento da Senhora Cecília Weege Lischke, à pesquisadora Maria Luísa Renaux Hering³⁷.

E mais tarde quando meus irmãos mais velhos foram para o internato, primeiro aqui em Blumenau com o professor Zimmermann, bem mais tarde no Colégio Catarinense, e voltavam em férias e traziam amigos — os rapazes Gaertner, os dois Hoeschel e o Max Amaral - eu não devia brincar junto. [...] e quando depois, aos 13 anos, tive que ir para São Paulo, no pensionato, lamentei não ter podido levar uma boneca. Estudei primeiro na escola da colônia, tudo em alemão. Meu professor foi Karl Günther. Depois da guerra fui para o internato das freiras em Blumenau. A Escola Alemã fora fechada. [...]. Depois do colégio das irmãs meus pais quiseram que eu fosse estudar em São Paulo. As filhas da família Lorenz, [...] também estavam lá. Fiz até o que se chamaria de ginásio e embora quisesse muito continuar, não pude concluir o 'Habituar', o científico. Meus pais achavam que uma moça de 18 anos deveria pensar em casar. (HISTÓRIA, 2002, p. 54-55).

Quanto ao aspecto social e cultural, os lugares frequentados desde a infância (igreja, escola, casa de amigos e parentes), se ampliavam, com o ingresso no trabalho assalariado. As empresas ofereciam espaços de lazer, festas do trabalhador, jogos de futebol, sessões de cinema, etc. Eram comuns, a partir deste momento, também, a participação em bailes, passeios e piqueniques. As classes mais abastadas também faziam passeios até as praias mais próximas, hábito que mais tarde também vai se estender ao operariado. Nesta época ainda não havia o hábito de possuir uma casa de veraneio e a sociedade blumenauense hospedava-se em hotéis, na praia de Cabeçudas em Itajaí, como os conhecidos "Zwoelfer" (Hotel Cabeçudas) e "Herbst", que tratava-se de uma hospedaria para moças de família.

³⁷ Entrevista realizada em dois de dezembro de 1998, e publicada na Revista Blumenau em Cadernos em 2002.

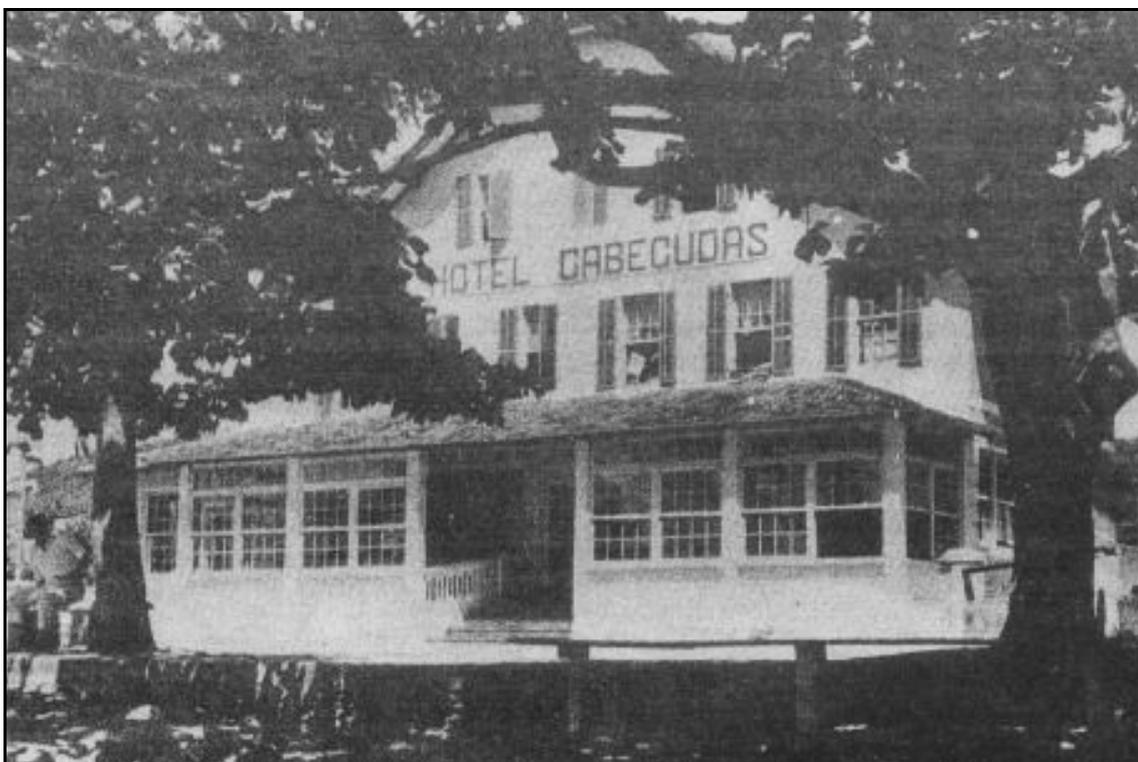


FIGURA 5.06 – Vista do Hotel Cabeçadas, na cidade de Itajaí, de propriedade do austríaco José Zwoelfer.

Fonte: RENAUX, 1995, p. 189.

Com a instalação do 32º Batalhão de Caçadores em 1939, em Blumenau, surgem relatos interessantes a respeito da cidade e sua sociedade. Rui Alencar Nogueira, um militar que serviu ao Batalhão nesse período, ligado aos interesses que sua instituição propunha, fez relatos de uma Blumenau ultrapassada, vivendo ainda no tempo dos colonizadores, com fortes tendências isolacionistas, com uma arquitetura antiquada, sofrendo com a falta de água encanada, onde as pessoas se trajavam como no século passado e havendo o interesse em se conservar e preservar, sem promessas de grandes modificações, tudo o que estes trouxeram da Alemanha. Percebe-se neste relato a intenção em demonstrar que os aspectos culturais germânicos são decadentes e antiquados, onde então a nacionalização veio trazer a modernidade do Novo Mundo, em contraposição às perspectivas européias do Velho Mundo. (CAREZIA; ROCHA, 2001, p. 89).

Sobre o esporte, o grande número de clubes de futebol levou à fundação da Liga Desportiva Catharinense em 1931, tendo à frente os clubes Tamandaré, Blumenauense, Fluminense, Amazonas, Guarany, Garciense, Brasil, Concórdia e Bom Retiro. O Brasil, o Blumenauense e o Amazonas eram as agremiações mais fortes da cidade. Na época do futebol amador, as partidas eram assistidas por pessoas de ambos os sexos e de todas as classes sociais, terminando geralmente, com um baile de confraternização. (KORMANN, 1995, p.155, v. 4). “O importante nessas competições era o espírito esportivo e o amor à camisa vestida por qualquer dos componentes das agremiações blumenauenses”. (DAY, 2003, p. 106).

5.2.3 Terceira fase da industrialização de Blumenau (1940 - 1967)

A campanha de nacionalização, de certa forma, eliminou os canais formais de atualização da etnicidade da maioria dos grupos, ao proibir instituições como a escola primária com ensino em língua estrangeira, a publicação de jornais, revistas, almanaques, ao fechar muitas das sociedades culturais e recreativas, etc. Com isso, esperava impor valores brasileiros que viessem substituir o sentimento de pertencer a outras nacionalidades. A maior parte dos jornais, revistas e almanaques que circulavam antes de 1939 não voltou a ser publicada depois de 1946. Algumas das associações culturais e recreativas também não voltaram à atividade, como foi o caso das *Gesangvereine* (sociedades de canto) teuto-brasileiras. Outras retomaram suas atividades, com nomes em português, mantendo apenas características esportivas. (SEYFERTH, 1990, p. 90). O comportamento aplicado às sociedades deixou muitas amarguras. Pouco a pouco, as restrições do período de guerra foram abandonadas. As associações passam a se apresentar e a reestruturar suas atividades, com o propósito de recompor uma nova dinâmica social, calcada nas tradições e costumes de seus antepassados, porém revestida por outros rituais com sinais de modernidade e renovação. (FERREIRA, ABREU, 2005, p, 66).

Com os Estados Unidos saindo vencedores da Segunda Guerra Mundial e impondo seu discurso através da economia, da política e da cultura, o discurso de germanidade começa a ser alterado. Observa-se grandes alterações nas

características culturais dos blumenauenses, através da massificação de produtos de consumo ou produtos culturais (da música, do cinema, etc), a partir do uso da mídia e da ação política.

Concomitante à modificação dos hábitos e dos comportamentos das pessoas a partir da década de 1940 em Blumenau, também a cidade sofre mudanças significativas em sua estrutura urbana. Com a construção de rodovias e ferrovias, o transporte fluvial é desativado em 1949. O sistema rodoviário privilegiou os caminhões e veículos, como sinônimo de desenvolvimento urbano e econômico. Nesta época, realizou-se o levantamento cadastral da cidade, o calçamento de ruas centrais, a ampliação da rede de água potável e da iluminação pública e a construção de novas escolas. Foram construídas, também, as pontes sobre o Rio Itajaí-açu, nos bairros de Itoupava Seca e Ponta Aguda e a estação rodoviária, na Rua 7 de Setembro, no Centro.

Em 1956, a antiga Igreja matriz localizada no centro da cidade, contando com uma arquitetura semelhante às igrejas católicas européias, é demolida e construída outra em seu lugar, com traços arquitetônicos retos e modernos. Em 1959, é demolido o Hotel Holetz, um dos principais cartões-postais da cidade, dando lugar ao Grande Hotel Blumenau, também com seus traços arquitetônicos racionais e retilíneos, procurando uma arquitetura que representasse o universal e não os regionalismos. (CAREZIA, ROCHA, 2001, p. 96). Outros grandes arranha-céus são erguidos na cidade, como os edifícios “Visconde de Mauá”, “Catarinense”, (na época, o mais alto de Santa Catarina, com 17 pavimentos), e “Impala”. A cidade vai, assim, perdendo as características coloniais. (SILVA, 1988, p. 180).

Com relação à vida social e cultural, da segunda metade dos anos 1950 em diante foi possível observar, que as associações iniciam um processo de abertura em relação ao seu funcionamento interno, aumentando a divulgação das assembléias e bailes a serem realizados. Se utilizam de todos os mecanismos possíveis para se manter em funcionamento, enfrentando a modernidade que se insurgia considerando as tradições como elementos do passado. (FERREIRA; ABREU, 2005, p. 76). A disseminação de outros esportes nas associações agora intituladas “Desportivas e Recreativas” pode ser observada e a prática do tiro ao alvo tornou-se coadjuvante dentro dos Clubes de Caça e Tiro. (FERREIRA, ABREU,

2005 p. 82). As novas gerações, nesta época, vão-se encaminhando para outras ocupações, para outros divertimentos: o futebol, o cinema, as domingueiras e os bailes.



FIGURA 5.07 - Hotel Holetz, no início do século XX.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva

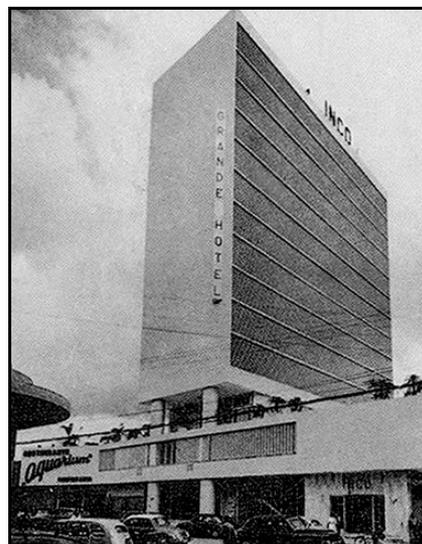


FIGURA 5.08 – Vista do Grande Hotel Blumenau, em 1962.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

É possível perceber o processo de assimilação de valores culturais através do cinema a partir dos anos 1950. Este momento histórico revela um período de alargamento das concepções culturais até então estabelecidas e o cinema, bem como a televisão e o rádio trouxeram informações, moldaram comportamentos e modificaram a vida familiar. (FERREIRA, ABREU, 2005 p. 76). Os cinemas ofereciam horários à noite e a tarde, sendo que estas últimas, conhecidas como *matinés*, eram as mais frequentadas. Os principais cinemas da cidade eram os Cines Busch e Blumenau, na Unidade Espacial do Centro; os Cines Carlitos e Mogk, na Unidade Espacial das Itoupavas e o Cine Garcia, na Unidade Espacial do Garcia.

Neste período, os grandes eventos sociais aconteciam na Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, localizada na Unidade Espacial do Centro, que se tornou um local de recepção das autoridades que chegavam à cidade. Também promovia concertos, apresentações teatrais e outros acontecimentos que mobilizaram a elite local e regional, como por exemplo os tradicionais bailes de

debutantes, surgidos a partir da década de 1960, quando as moças das famílias tradicionais, eram apresentadas à sociedade e a partir de então, poderiam freqüentar todos os eventos sociais da cidade. Este hábito ainda existe nos dias atuais.

Em 1941, é fundada a Liga Blumenauense de Desporto, e neste mesmo ano é realizado o primeiro campeonato oficial da entidade. O esporte passa a se profissionalizar.



FIGURA 5.09 – Baile de Debutantes, em Blumenau, na década de 1950.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

5.2.4 Quarta fase da industrialização de Blumenau (1968-1980)

A população blumenauense, no início da década de 1960, girava em torno de 67.000 habitantes e grande parte concentrava-se no entorno das empresas, evidenciando a força de atração que representava a atividade industrial. O crescente

número de pessoas em busca de emprego, contribuiu para alterar as antigas áreas coloniais, transformando-as em subúrbios urbanos. (PETRY, 2000, p. 101).

Motivadas pelos incentivos fiscais e pelas alterações da legislação trabalhista, as indústrias têxteis passaram a empregar centenas de mulheres para a jornada do terceiro turno. Essa nova situação gerou um êxodo rural em maior escala. As estatísticas revelam entre 1970 e 1980, um crescimento urbano em torno de 53,7%. (IPPUB, 1996, p. 28, apud PETRY, 2000, p. 107). Programas econômicos e sociais do governo federal favoreciam os capitalistas industriais, além do crescimento do comércio e conseqüentemente maiores ganhos de produtividade. Em Blumenau, esta nova situação gerou um novo ciclo de edificações de médio e grande porte, alterando o perfil urbano provocado pelo aumento da população e área de ocupação. (PETRY, 2000, p. 108). Com uma população de 157.288 habitantes, o censo realizado no início da década de 1980, informava que deste número, 31.700 pessoas vieram de outras cidades em busca de emprego. (IBGE, 1980 apud PETRY, 2000, p. 112).

Com relação ao ensino, em 1964, professores de Blumenau instalaram a Fundação Universitária de Blumenau, integrada pelas faculdades de Ciências Econômicas, Ciências Jurídicas, Filosofia e Letras. (SILVA, 1988, p. 260). Foi a primeira faculdade a ser instalada no interior do território catarinense.

5.3 A VIDA URBANA E COTIDIANA NAS UNIDADES ESPACIAIS

Conforme explica Castells (1983, p. 182), pode-se agrupar,

um conjunto de processos complexos, que têm a ver com a reprodução simples e ampliada da força de trabalho na sua relação com o espaço, por exemplo, a habitação, e também os espaços verdes, os equipamentos e, no plano da reprodução social e ideológica, o aparelho escolar e sócio-cultural.

Para melhor explicar este fenômeno, Castells denomina de “cultura suburbana” as normas da ‘sociedade de consumo’ individualizada e voltada para seu conforto estratificado, ligadas à fase monopolista e à organização padronizada da vida social” (1983, p. 128, grifo do autor). Enquanto que, da mesma forma que as cidades apresentaram historicamente uma diversidade de conteúdos culturais, os subúrbios e as unidades residenciais ostentam uma surpreendente variedade de modos de comportamento segundo sua estrutura social. “[...] se constitui em torno de uma subcultura e representa um corte significativo na estrutura social, podendo chegar até mesmo a uma certa institucionalização em termos de autonomia local.” (CASTELLS, 1983, p. 131).

Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. Estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associados às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos quotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes para compras no centro da cidade ou nas lojas do bairro, às visitas aos parentes e amigos, e às idas ao cinema, culto religioso, praia e parques. (CORREA, 1995, p. 07).

A articulação manifesta-se também de modo menos visível: através das relações espaciais envolvendo a circulação de decisões e investimentos de capital, mais-valia, salários, juros, rendas, a prática do poder e da ideologia. Estas relações espaciais são de natureza social, tendo como matriz a própria sociedade de classes e seus processos. (CORREA, 1995, p. 08).

As indústrias blumenauenses, de uma ou outra forma, sempre tiveram influência na vida urbana da população do local onde foram implantadas e do seu entorno: ou na implantação de vilas operárias; ou no patrocínio à criação de grupos folclóricos e culturais; ou na implantação de equipamentos esportivos e de lazer; muitas vezes, auxiliando, de alguma forma, nas atividades religiosas; e outras vezes, se responsabilizando também pelos estabelecimentos comerciais imprescindíveis à população. Serão descritas, a partir de agora, para caracterizar cada unidade espacial, seu desenvolvimento urbano, o ensino, a vida social e cultural e, a vida

religiosa, atividades que faziam desenvolver o cotidiano e a vida urbana das pessoas que ali viviam.

5.3.1 Unidade Espacial do Garcia

5.3.1.1 Desenvolvimento urbano: surge a primeira unidade espacial

A zona sul da cidade foi uma das primeiras a ser povoada pelos imigrantes. Sua ocupação começou na área plana, às margens do ribeirão Garcia.

As terras marginais do rio Garcia eram vulgarmente conhecidas por 'Die Kolonie' ('A colônia'), para distinguí-las de Velhapast ('pasto da Velha'), como se designavam as lavouras e construções às margens do ribeirão da Velha, pertencentes ao 'Kolonieunternehmer' ('empresário da colônia') como o próprio Dr. Blumenau se intitulava, e de 'Stadtplatz' ('zona da cidade'), que compreendia uma larga faixa de terra junto ao 'Grande Rio' entre a foz do ribeirão da Velha e o 'Morro do Aipim', e que, conforme revela o nome, reservou-se para a construção da futura cidade. (FOUQUET, 1950, p. 83 apud PIMENTA, 1998, p. 69, grifos do autor).

No Vale do Garcia constava, segundo mapa da Colônia de 1864, trinta e dois lotes na margem direita e trinta e quatro na margem esquerda. Ao longo do ribeirão foi construída a estrada à medida que eram demarcados os lotes, prolongando-se depois, sempre seguindo os ribeirões Garcia, Jordão e Caeté. Ao longo do Ribeirão Jordão foram demarcados dezoito lotes e ao longo do Caeté, doze lotes.

O nome "Garcia" teve origem no fato de já residirem neste local, no ano de 1846 (antes do início da colônia Blumenau), moradores que haviam migrado de uma localidade próxima ao rio Garcia do município de Camboriú, no litoral catarinense. Toda a área que compreendia esta unidade espacial possuía a denominação de bairro Garcia, que posteriormente foi sendo desmembrado. O bairro da Glória foi

criado em 1938 e em 1956, foram criados, por lei, cinco novos bairros: Garcia (agora com menor área), Progresso, Ribeirão Fresco, Vila Formosa, e Valparaíso.

A via principal desta unidade espacial, que margeia o ribeirão Garcia, até onde encontrava a Empresa Industrial Garcia e a Indústria Artex, recebeu o nome de Rua Amazonas. Outras vias principais eram as ruas Progresso e da Glória. Na rua Progresso, existiam poucas atividades e pouca infra-estrutura até a década de 1960. A Rua da Glória já possuía maior movimentação e infra-estrutura, pois era a via que dava acesso à vila operária da Empresa Industrial Garcia.

Até 1976, a rua Amazonas passava por dentro do Parque Fabril da Empresa Industrial Garcia. Existia também um cruzamento de vias que fazia a divisão entre os bairros Garcia, Glória e Progresso. Neste cruzamento existia uma praça com o nome de Getúlio Vargas e uma pequena ponte sobre o ribeirão Grevsmühl, que dava acesso às ruas Progresso e Glória. No ano de 1974 a empresa Artex incorpora a Empresa Industrial Garcia. A rua Amazonas, foi transferida para o lado leste da empresa Garcia, passando a fazer ligação direta com a rua da Glória. Da mesma forma a rua Emílio Tallmann teve um trecho desativado e incorporado ao pátio da empresa. A praça Getúlio Vargas também desapareceu e foi replantada, posteriormente em um local próximo. Boa parte das casas da vila operária foi demolida para dar lugar à ampliação do parque fabril. A seguir, duas fotos aéreas, a primeira de 1972 e a segunda, de 1981, dão a total dimensão das alterações urbanas ocorridas.

No início, o transporte, no Vale do Garcia era precário: circulavam apenas bicicletas, carroças e cavalos. Somente em 1959 é que a Rua Amazonas foi pavimentada. Antes, os empregados vinham a pé, ou de bicicleta, a não ser que morassem nas casas da vila operária, que ficavam todas próximas da Empresa Garcia, onde ouviam meia hora antes de começar o expediente, a sirene tocar. A primeira Empresa de ônibus a fazer o trajeto até o Bairro Garcia foi a Empresa Kumm & Cia, na década de 1960. Somente a partir de 1970 com o grande crescimento dos bairros, é que a empresa de ônibus Nossa Senhora da Glória levou o transporte coletivo até o bairro Progresso.

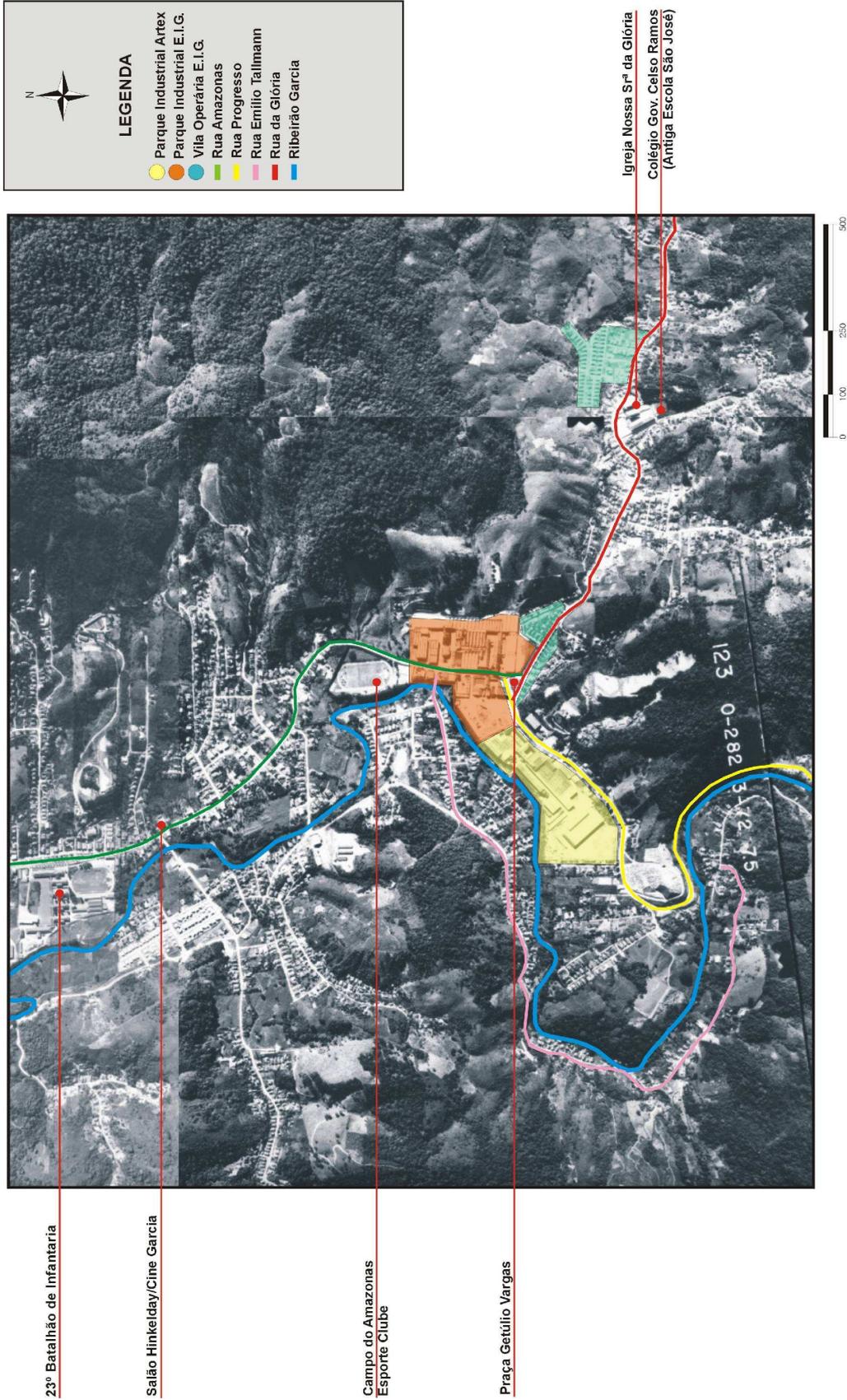


FIGURA 5.10 - Foto aérea de 1972, que mostra a Rua Amazonas ainda passando por dentro do Parque Fabril da Empresa Industrial Garcia, o mesmo acontecendo com a Rua Emílio Tallmann
Fonte: Aeromapa Brasil S/A, 1972.
Edição: Silvana Moretti; Bruno Beduschi, 2006.
Escala Gráfica.

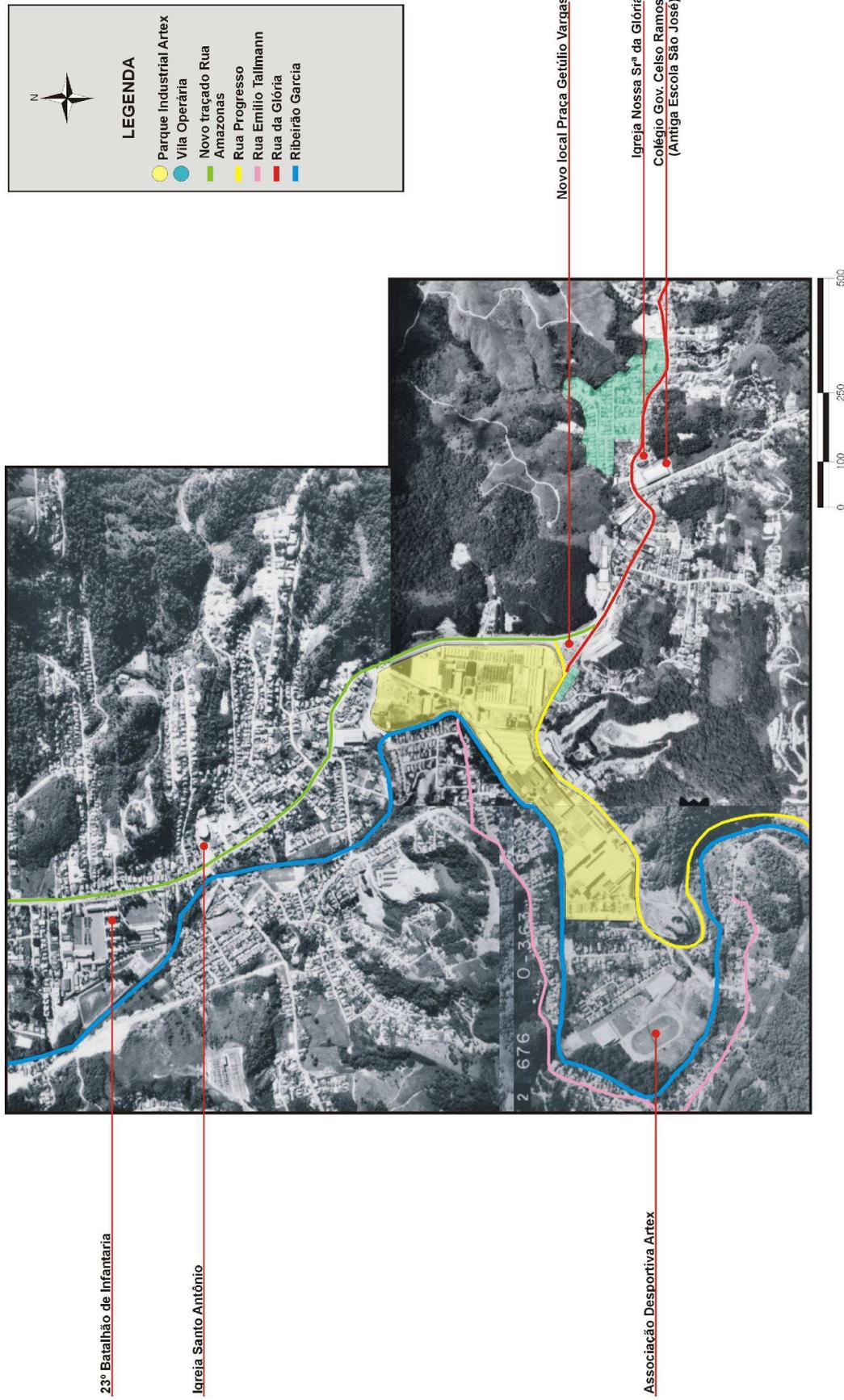


FIGURA 5.11 - Foto aérea de 1981, que mostra o novo traçado da Rua Amazonas, passando por fora do antigo Parque Fabril da Empresa Industrial Garcia (agora incorporado ao da Artex).
Fonte: Aerofoto Cruzeiro, 1981.
Edição: Silvana Moretti e Bruno Beduschi, 2006.
Escala Gráfica.

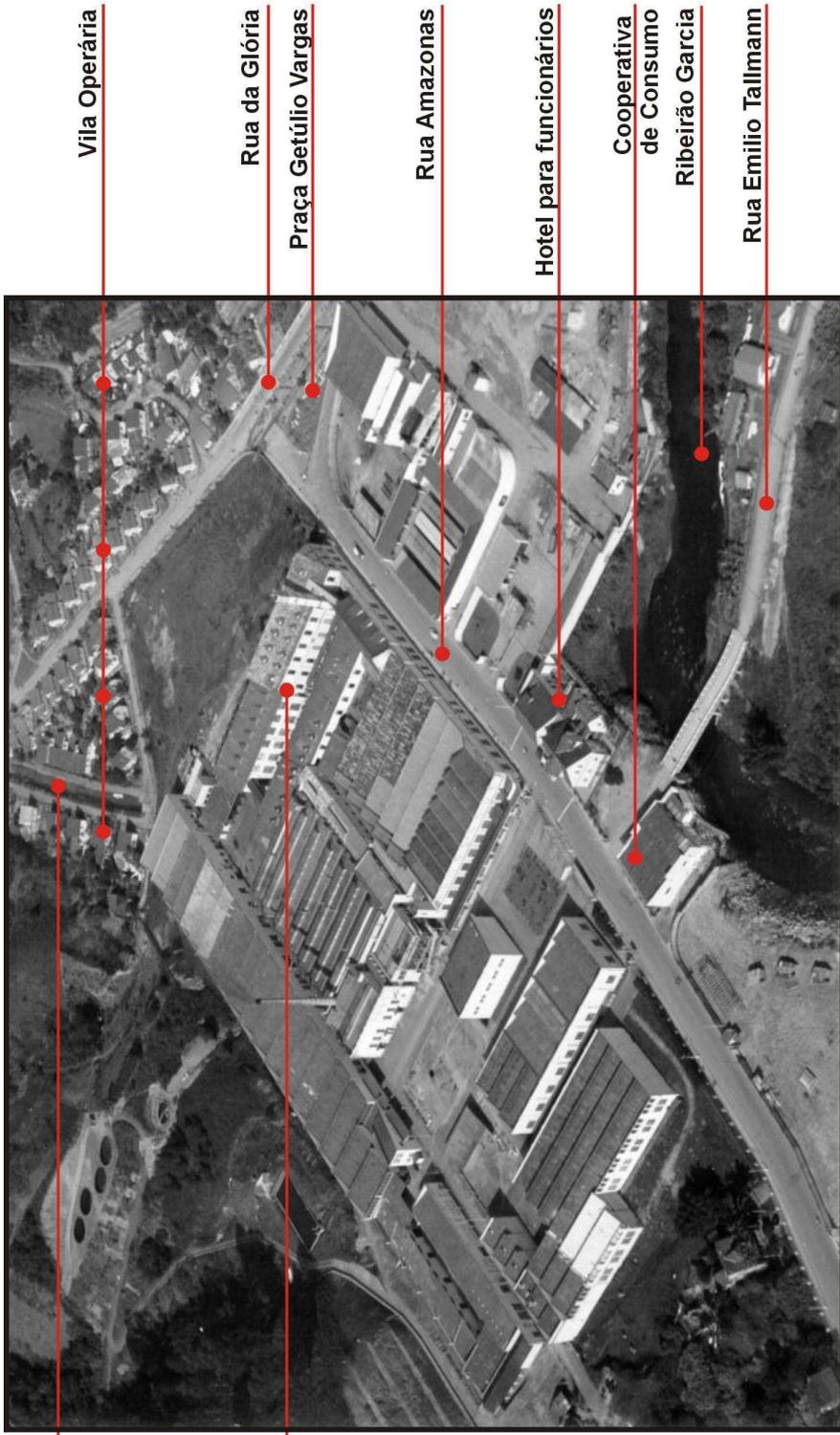


FIGURA 5.12 - Vista do Parque Fabril da Empresa Industrial Garcia, em 1962.

Fonte: Arquivo Pessoal de Adalberto Day.

Edição: Silvana Moretti, 2006.

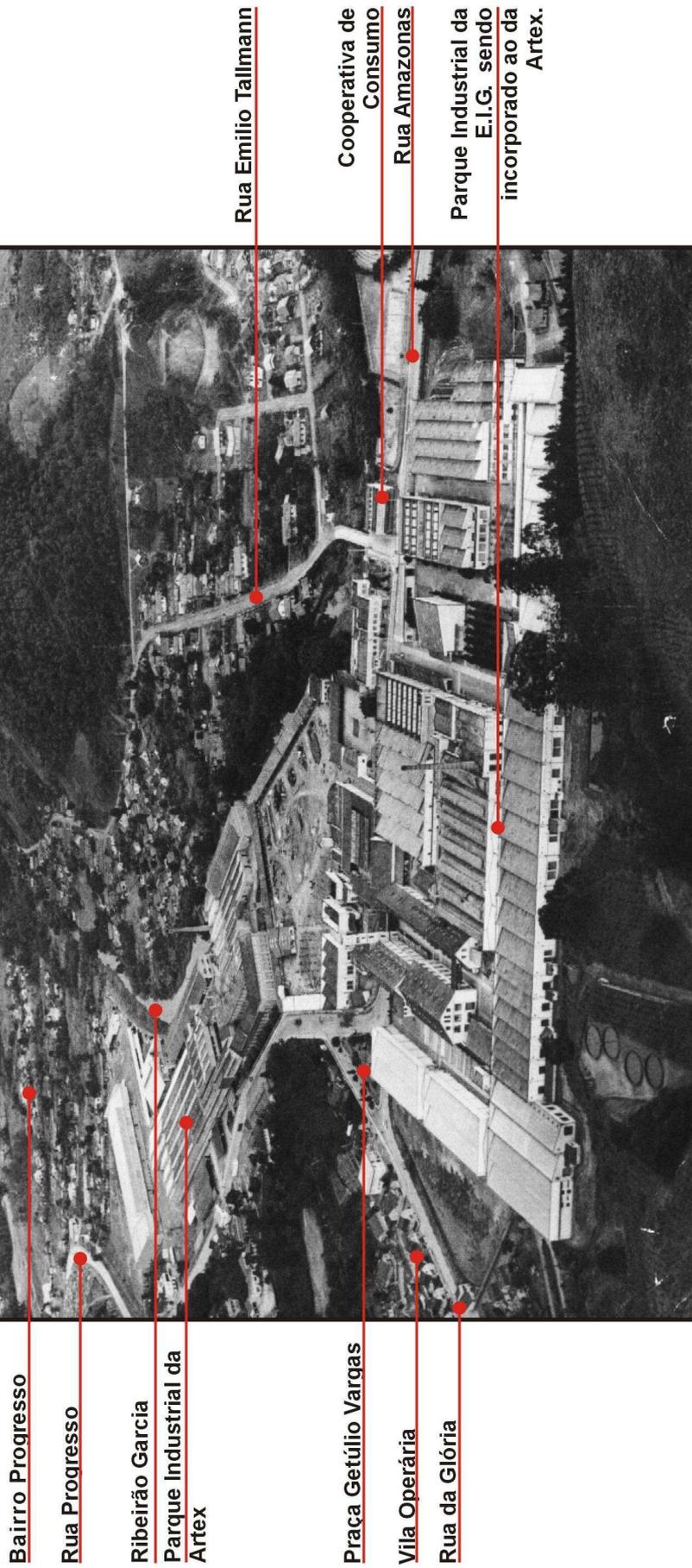


FIGURA 5.13 - Incorporação da Empresa Industrial Garcia ao Parque Industrial da Artex, com indicação dos referenciais urbanos, em 1974.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.
Edição: Silvana Moretti, 2005.

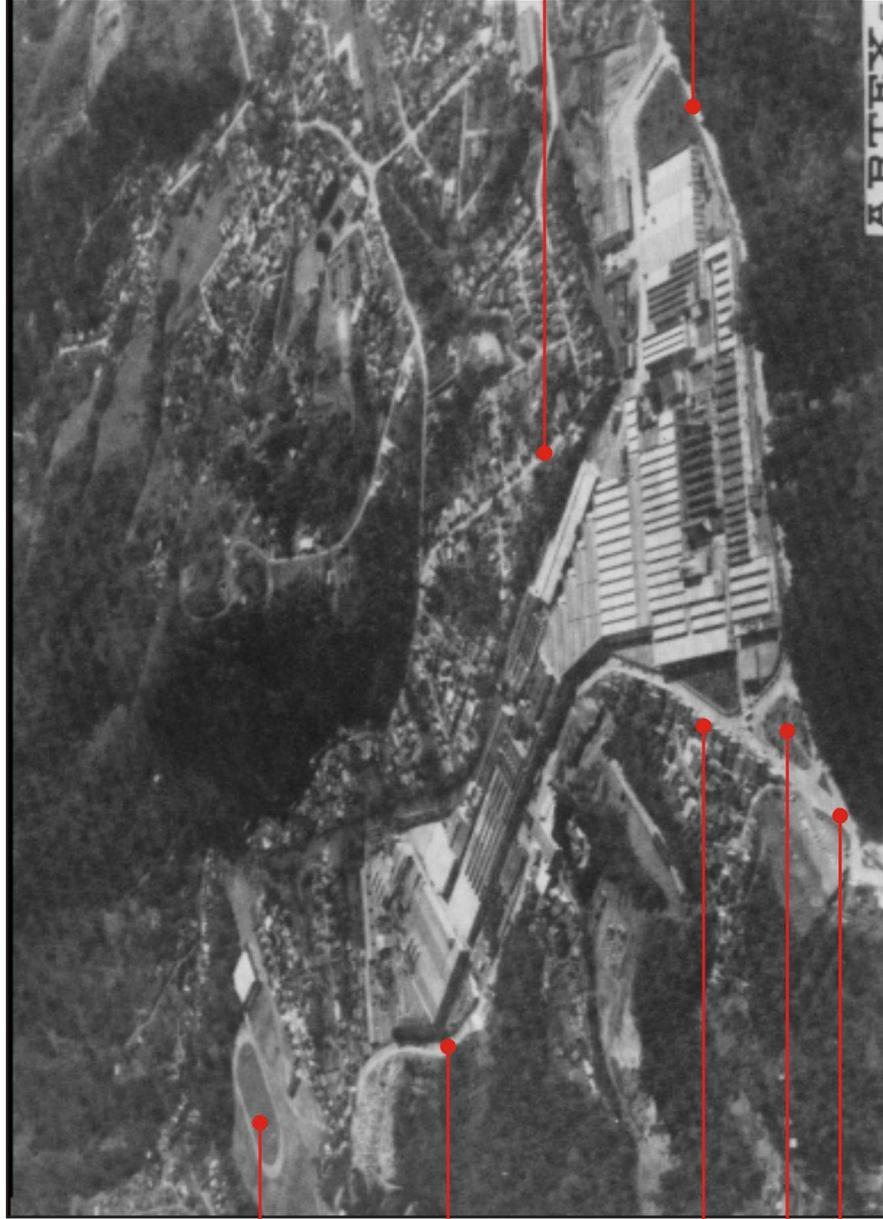
**Campo do América
Esporte Clube
(futura Sociedade
Desportiva Artex)**

Rua Progresso

**Casas remanescentes
da vila operária da
E.I.Garcia**

**Novo local da
Praça Getúlio Vargas**

Rua da Glória



**Rua Emilio Tallmann
(já sem a ponte sobre
o Ribeirão Garcia)**

**Novo tracado da
Rua Amazonas**

FIGURA 5.14 - Situação da Unidade Espacial do Garcia, após a Incorporação da Empresa Industrial Garcia ao Parque Industrial da Artex.

Fonte: VIEIRA, 1986, p. 103.

Edição: Silvana Moretti, 2006.

O comércio que antes era restrito às cooperativas das empresas Garcia e Artex, posteriormente se desenvolveu, com outras casas comerciais. Grande parte dos moradores do Garcia, hoje empresários, lojistas, políticos ou aposentados, passaram por uma destas indústrias, como funcionários. Aprenderam ali sua profissão, fizeram ali a sua faculdade o que possibilitou, posteriormente que abrissem seus próprios negócios.



FIGURA 5.15 – Vista da Cooperativa de Consumo dos Funcionários da Empresa Industrial Garcia, em 1967.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

Segundo o arquiteto Egon Belz,

Com o aumento do operariado, houve necessidade de cuidar da infraestrutura alimentar, porque estes não podiam sempre vir até o centro da cidade para fazer compras. Então, todas essas questões de necessidades fizeram com que esse bairro tomasse um progresso bastante grande. A mesma coisa aconteceu durante a segunda guerra mundial, quando começaram, também a faltar peças nas fábricas têxteis. O próprio pessoal das indústrias começou a fabricar essas peças aqui em Blumenau mesmo. Então, começam a aparecer as pequenas lojas, as pequenas vendas, porque também era difícil sempre se deslocar para pequenas coisas para o

centro. Bem mais tarde, também foram implantadas as agências bancárias. (informação verbal).³⁸

No ano de 1921 instala-se no bairro Garcia a 9ª Companhia de Metralhadoras Pesadas; que em janeiro de 1973, vai se tornar o 23º Batalhão de Infantaria. Este é também um referencial urbano importante desta unidade espacial.

5.3.1.2 Ensino: das *schulgemeinde* às escolas mantidas pelas

Com relação ao ensino, uma das primeiras escolas particulares a funcionar em Blumenau, esteve implantada no Garcia, sob a regência do professor Hermann Westendorff, em 1863. No Progresso, primeiramente foi fundada a Escola Municipal Pedro II, na localidade conhecida como Garcia Alto, em 1905. As duas escolas pertenciam às *Schulgemeinde*.

Na rua Júlio Heiden, no bairro Progresso existiu uma escola aproximadamente entre os anos de 1904 e 1945, conhecida como escola Hollenweger. As aulas eram ministradas pelo dono da escola, Rudolf Hollenweger, um suíço, que além de alfabetizar, ensinava vários ofícios. “Fundou em sua escola o primeiro Clube Agrícola de Blumenau, e sob o patrocínio do Governo Municipal escreveu um manual para as escolas primárias com noções de português, alemão, história do Brasil e do município, geografia, etc”. (KORMANN, 1994, p. 171, v.1). Os seus alunos também cantavam e representavam. Antes do professor Hollenweger, esta escola já existia, sendo que seu primeiro professor foi o Adolf Tallmann, entre 1904 e 1911 e o segundo foi o pastor Wilhelm Scherer, que nela permaneceu por cerca de dois anos. O terceiro, foi o professor Hollenweger, que ali permaneceu até meados da década de 1940.

Hollenweger foi um nome que marcou a vida cultural e social do Vale do Garcia, onde chegou em 1908. Reativou em 1911 o coral *Männer Chor Garcia I*³⁹, fundado em 1873 e foi um dos fundadores da Sociedade de Atiradores General

³⁸ Informação fornecida em entrevista realizada na data de 17/04/2004.

³⁹ Primeiro coral desta unidade espacial

Osório Garcia, em 1922 e do *Spitzkopf-Club* Garcia. Estas atividades descrever-se-á com maiores detalhes, a seguir. Hollenweger faleceu em Blumenau, no dia dois de fevereiro de 1949. (KORMANN, 1994, p. 171, v.1).



FIGURA 5.16 - Escola Hollenweger, em 1933.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

A escola de Educação Básica Governador Celso Ramos, foi fundada em 14 de fevereiro de 1929, no bairro da Glória, com o nome de Escola Paroquial São José. Servia, inclusive de capela à comunidade. As terras onde estão o colégio foram adquiridas da família Schatz, por toda a comunidade. Antes disso, os escolares deste bairro tinham que caminhar cerca de cinco quilômetros até a escola mais próxima. Com a expansão da Empresa Industrial Garcia, surgiu a necessidade de mais uma escola para atender os filhos dos operários. Um acordo, fez com que se definisse a Igreja Católica como proprietária, que administraria o patrimônio, em nome da comunidade. Em fins de 1951, a escola já contava com 500 alunos. Em 1971, com a implantação do novo plano estadual de educação, foi transformada em Escola Básica Governador Celso Ramos. Em 2002, o bispo da diocese de

Blumenau, vendeu o colégio ao governo do Estado, o que gerou revolta na comunidade, pois muitos funcionários da Empresa Industrial Garcia, independente de credo, posição social ou cultural, construíram voluntariamente este colégio. Na época os colaboradores receberam um diploma de honra ao mérito com os seguintes dizeres: “Legionários construtores da Escola São José, por trabalhos prestados”.⁴⁰

Outra escola fundada posteriormente foi a Escola Santos Dummond, localizada na Rua Amazonas, em 1939.

5.3.1.3 Vida social e cultural: a diversão do operariado

A distância que separava os primeiros colonizadores do Vale do Ribeirão Garcia não impedia que se reunissem, geralmente em fins de semana, e se manifestassem artisticamente.

Com a implantação da Empresa Industrial Garcia, o bairro tornou-se o mais populoso de Blumenau, atraindo muitos operários, cabendo a estes, com o decorrer dos anos, uma mudança estrutural nos costumes locais. Formaram-se várias associações, entre elas, associações de atiradores, canto, teatro, cultura, esporte e até mesmo uma associação de preservação ambiental.

No dia 30 de maio de 1880, foi fundada a primeira Sociedade de Atiradores no Garcia, e a quinta da Colônia, chamada de *Schützenverein Garcia Jordan*. Foi uma sociedade que passou por muitas dificuldades financeiras, mas que mantém suas atividades até os dias atuais. Não possuía sede própria, por isso as reuniões e os eventos sociais eram realizados no salão da casa comercial de Jacob Schmidt, com quem ficavam os maiores lucros das festas. Com o decorrer dos anos, o número de sócios foi aumentando gradualmente, mas a Sociedade já havia comemorado os cinquenta anos de fundação, e não possuía ainda a sua sede própria, apesar de possuir o terreno desde 1903. Como todas as demais

⁴⁰ Informações colhidas por Ellen Annuseck, em entrevista realizada com o Senhor Adalberto Day, em fevereiro de 2004 e cedidas gentilmente para esta pesquisa.

sociedades, teve que fechar suas portas em 1942, durante a guerra, somente reabrindo em 1951, com a total perda do material e documentação pertencente ao acervo social do Clube, que haviam sido confiscados pelas autoridades policiais. Após 76 anos de longa espera, foi lançada a pedra fundamental para a construção da sede própria, que foi inaugurada em 20 de julho de 1957. Somente após a inauguração da sede, foram comprados os stands e as armas para competição. Foram quase oitenta anos de dificuldades. (GOLL; SCHREIBER, 1980).

Anos mais tarde, em 1922, foi fundada a segunda associação, com o nome de Sociedade de Atiradores General Osório-Garcia, que funcionava no Salão Hinkeldey. A diretoria era integrada por Hermann Schreiber, Gustav Seiler, Walter Schneider (estes dois últimos, funcionários da Empresa Industrial Garcia), Max Hadlich, Heinrich Schreiber e Rudolf Hollenweger. (KORMANN, 1994, p. 166, v. 01).



FIGURA 5.17 - Antigo prédio onde eram realizadas as atividades do Clube de Caça e Tiro Jordão, em 1936. A imagem mostra o encontro de alunos das escolas Hollenweger e Pedro II, dirigidas respectivamente pelos professores Hollenweger e Praisig, ambos de descendência suíça, o que explica a bandeira que a aparece em destaque.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

O Salão Hinkeldey, foi construído por volta de 1911, por Hermann Hinkeldey e sua esposa. “Além dos bailes e domingueiras o Hinkeldey proporcionava teatro e cinema aos seus freqüentadores, em sua grande maioria, moços e moças de Blumenau e vizinhança, que passavam ali horas de agradável entretenimento”. (HEUSI, 1983, p. 280). O estabelecimento funcionou por mais de setenta anos, abrigou uma casa comercial (que vendia aviamentos, tecidos, fumo em corda, materiais de construção, mantimentos, bebidas, etc.), um hotel, bar, padaria, restaurante e um salão de festas. As sessões cinematográficas, que eram mudas e animadas pelo bandôion de Arnold Gauche, inicialmente eram realizadas uma vez por semana. A grande afluência do público fez com que Carlos Zuege e Arthur Lohse, em 1944, instalassem um cinema permanente, que ficou conhecido como Cine Garcia.

Segundo Day:

[...] havia as ocasiões em que a platéia batia os pés, assobiava e gritava para incentivar o mocinho. Naquele instante, o lanterninha interrompia bruscamente a exibição para chamar a atenção dos mais exaltados ‘baderneiros’ e ameaçava não continuar o espetáculo. Sem falar das vaias quando as enormes fitas se rompiam, ou acabavam, e precisavam ser emendadas ou trocadas.

Os freqüentadores iam a pé ou de bicicleta. As laterais do prédio ficavam lotadas de bicicletas, empilhadas umas sobre as outras. Era o maior entretenimento dos moradores do Garcia, que assistiam, principalmente nas tardes de domingo, aos maiores clássicos e seriados do cinema. Depois de assistir ao filme, o ponto de parada era o Bar ao Lado, do senhor Schoenfelder, onde era servido um delicioso sorvete caseiro... (2005, p. 28, grifo do autor).

Em 1972, o Cine Garcia foi vendido para a Empresa Meridional de Cinema. Em 1975, a Paróquia Santo Antônio adquiriu o prédio e a partir dessa data, foram ali também rezadas missas e realizadas reuniões religiosas. (KORMANN, 1995, p. 70, v. 4). O prédio foi demolido em 1979, quando ali foi construída a Igreja Católica do bairro Garcia.

Em 1950, mais uma sociedade foi acrescentada às já existentes no Garcia: a Sociedade Recreativa e Desportiva Centenário. De acordo com Kormann, que pesquisou seus estatutos, os objetivos da sociedade, eram “o desenvolvimento do bolão, a prática do esporte educativo, a promoção de reuniões e diversões de

caráter desportivo, cívico recreativo e cultural”. (KORMANN, 1994, p. 167-168, v.1). A Sociedade, que funciona até hoje, possui cancha de bolão, bocha e piscina, promove bailes sociais, bailes públicos, desfiles de modas e apresentações artística. A maioria de seus diretores foram funcionários da Empresa Industrial Garcia ou da Artex.



FIGURA 5.18 - Salão Hinkeldey e Cine Garcia.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

Por fim, em 1977, mais uma sociedade se constituiu no Garcia: a Sociedade Esportiva Horizonte.

Segundo o arquiteto Egon Belz, a Empresa Industrial Garcia, foi uma empresa modelo com relação ao lazer, principalmente para os funcionários. Tanto assim, que possuía uma organização esportiva e um time de futebol. Foi construído um estádio para os operários, bastante grande na época, que servia para as mais diversas atividades de lazer, inclusive cerimônias e festas importantes da própria cidade⁴¹.

⁴¹ Informação fornecida em entrevista realizada na data de 17/04/2004.

Segundo o depoimento do Senhor Adalberto Day⁴², vários empregados das indústrias desta unidade espacial, tinham outras atividades dentro da comunidade. Alguns participavam dos Clubes de Caça e Tiro, além de serem sócios dos clubes de futebol vinculados às empresas. Outros colaboraram não só financeiramente na construção da Igreja Nossa Senhora da Glória e da antiga Escola São José, como também com o próprio trabalho: logo após o expediente, almoçavam e iam trabalhar na construção. Também alguns empregados participavam de peças teatrais coordenadas por eles mesmos. Aos domingos, os operários iam às missas, depois ao Cine Garcia e logo após, iam assistir ao jogo de futebol no campo do Amazonas.

Novos moradores ao chegarem ao bairro, ou até à cidade, vinham a procura de emprego na Empresa Industrial Garcia. Eram bem recebidos de maneira geral, e quase sempre conseguiam emprego. Momentaneamente moravam com parentes nas casas populares, e logo eram construídas mais casas para então ali se estabelecerem.

O Amazonas Esporte Clube, clube de futebol vinculado à Empresa Industrial Garcia, surgiu em 1919, porém seu estádio foi inaugurado em 1932,

[...] ocasião em que a Banda da Empresa Industrial Garcia apresentou o 'Zapfenstreich' (retreta). A marcha festiva partiu do salão Hinkeldey até o local a ser inaugurado. Às oito horas da manhã, hasteamento da bandeira e inauguração do local de esportes. Às nove horas jogos para a juventude pelos alunos da Escola Garcia I, sob a regência do professor Hollenweger. [...] No local houve churrascada, bebidas, rifas, café e cuca. (KORMANN, 1994, p. 166-167, v.1, grifo da autora).

Essa descrição de Kormann, mostra a importância das festas na comunidade e a grande influência que as indústrias possuíam na vida cultural e cotidiana da população.

O clube Alvi-Celeste, ou Azulão como era conhecido o Amazonas, teve como primeiro local de treinamentos, o campo do 23º Batalhão de Infantaria. Depois, foi transferido para as proximidades da rua Ipiranga e lá ficou por quase cinco anos.

⁴² Idem

Finalmente, em 1926, mudou-se para o definitivo local, próximo à Empresa Garcia. (DAY, 2003, p. 107-108). Este time funcionou até 1944, quando teve suas atividades encerradas por Ernesto Stodieck, diretor da empresa, sendo reativado em 1952. O clube era muito querido na comunidade, assim como seus jogadores. Estes tinham que trabalhar na Empresa Garcia para fazer parte do time. Além do Amazonas existiam outros times de futebol no bairro: o Progresso, o Canto do Rio, o Horizonte, o Niterói, o América (este composto por funcionários da Artex) e o Atlético Operário. Segundo o Senhor Adalberto Day⁴³, o Amazonas foi um dos clubes mais famosos de Santa Catarina nas décadas de 1920, 30 e 40. Ele fazia frente a todos os times e chegou a derrotar a seleção catarinense de futebol por várias vezes. Alguns de seus jogadores, foram convidados para jogarem em times paulistas, cariocas, paranaenses e gaúchos.

O Senhor Adalberto, relembra com muita tristeza a enxurrada de 31 de outubro de 1961, que destruiu totalmente toda praça esportiva do Amazonas, inclusive o salão. Ali foram encontradas três vítimas fatais presas ao alambrado. Neste período de recuperação do estádio, o Amazonas treinava num estádio construído provisoriamente próximo de onde hoje é a praça Getúlio Vargas. Nos jogos oficiais, utilizava-se o estádio do Palmeiras Esporte Clube, na Unidade Espacial do Centro. Depois da enxurrada de 1961, a diretoria da Empresa Industrial Garcia, patrocinou a construção de um moderno estádio, com toda a infra-estrutura para competições esportivas existentes na época: basquete, vôlei, atletismo, ciclismo, etc., sediando até as competições dos primeiros Jogos Abertos de Santa Catarina. O estádio se enchia principalmente nas tardes de domingo, com torcidas uniformizadas, inclusive. Toda quarta-feira, neste estádio eram apresentadas projeções de cinema. Aconteciam ali também, as comemorações natalinas, juninas, do Dia do Trabalhador e Dia da Criança, patrocinadas pela diretoria do Amazonas e da Empresa. Foi muito marcante, também, a festa de comemoração do Centenário da Empresa Industrial Garcia, em novembro de 1968.

A incorporação da Empresa Industrial Garcia à Artex, em 19 de fevereiro de 1974, marcou o fim de uma era brilhante no esporte blumenauense. Os dirigentes da Artex fizeram questão de acabar com o clube, o que gerou revoltas por parte de

⁴³ Informação fornecida em entrevista realizada na data de 17/04/2004.

dirigentes, jogadores e torcedores. Ao saber do encerramento das atividades, alguns saquearam a sede e levaram tudo que o pudessem, para ter alguma recordação. “A própria direção da Artex fez vista grossa para o ocorrido, tanto é verdade que nada existe na atual Associação Desportiva Artex⁴⁴, que mostre a existência da agremiação.” (DAY, 2003, p. 110).

Conforme descreve, o arquiteto Egon Belz, com relação ao estádio do Amazonas:

A união da Empresa Industrial Garcia e da Artex, trouxe um grande impacto para a parte esportiva por que justamente na área onde estava implantado o estádio é que fizeram as estações de tratamento. E com isso, possivelmente, nunca mais se viram festas tão grandiosas, festas com o entusiasmo do operariado. A Artex construiu bem mais recentemente um estádio, mas infelizmente, não conseguiram mais levar a população àquele lugar porque não era do hábito deles, estava fora da sensibilidade deles. O local que eles tinham como primazia era justamente aquela área do estádio onde tinham grandes bambuzais fazendo sombra e lugares extremamente agradáveis, banhados em parte e como limite com o Ribeirão Garcia. Então essas coisas, essas mudanças por exemplo de espaços, quando durante muitos anos esses espaços eram cultivados com muito amor, para de repente, de um dia pro outro levar isso para uma outra área é bastante complicado e as pessoas não se habitam mais. É preciso dizer também que isso tudo se faz em nome do progresso, esse progresso eu falo entre aspas porque eu acho que se eu tivesse uma certa autonomia eu faria o possível e o impossível para não tirar esse estádio daí e fazer a estação de tratamento numa outra área e eu acho que seria possível, na época que se fez. Mas, parece-me que liquidaram com isso pra acabar com o clube Amazonas, que era o sustentáculo do lazer desse operariado do Garcia (informação verbal).⁴⁵

Confirmando o que afirma o arquiteto Egon, vale citar a idéia de Le Goff (1992) de que a memória coletiva se dá pela mescla de idéias e lembranças das diferentes pessoas que viveram em determinado lugar (das várias classes e grupos sociais). Os espaços identitários de uma cidade são parte primordial da memória coletiva. A partir do momento em que desaparecem, esta memória se perde. O aspecto racional se dá pelo encontro de diferentes grupos sociais que mantêm níveis de troca entre si. O homem constrói esses lugares com suas emoções, lembranças de experiências vividas, o que se repete e modifica constantemente. Ao desaparecerem, o campo do Amazonas e o Cine Garcia ficaram apenas na memória

⁴⁴ Construída posteriormente, onde estava localizado o antigo campo do América Futebol Clube.

⁴⁵ Informação fornecida através de entrevista realizada na data de 17/04/2004.

daqueles que os freqüentaram. A partir do momento que estas pessoas também desaparecerem, esta lembrança deixará de existir.

A Artex inaugurou sua primeira quadra de esporte (futebol de salão), apenas em 1966 e possuiu um time nesta modalidade denominado Esporte Clube Marinhos. Havia também um time de futebol de campo, denominado América Futebol Clube. Mais tarde, foi composto o Grêmio Juventude Artex, por jovens empregados, que desenvolviam atividades esportivas e teatrais. A partir de 1976, com a inauguração da Associação Desportiva Artex, todas estas atividades ficaram concentradas neste mesmo local. (PEREIRA, 1976).

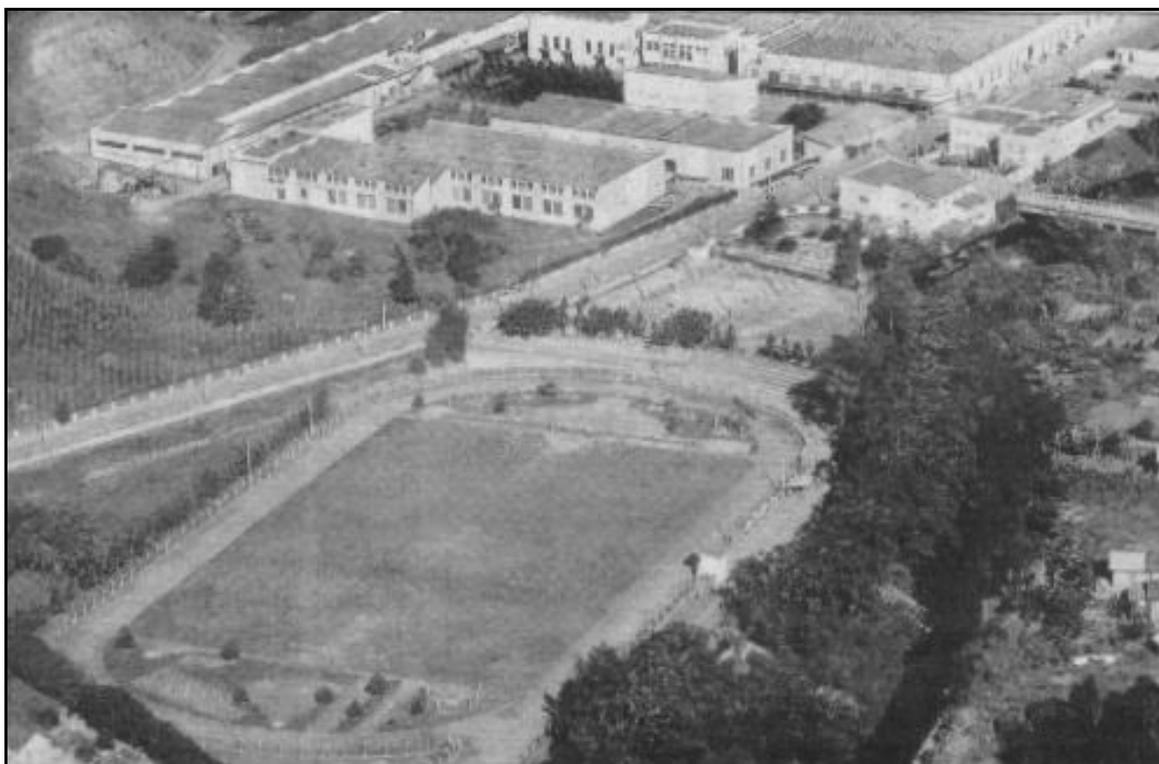


FIGURA 5.19 – Estádio do Amazonas Esporte Clube, em 1970.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.



FIGURA 5.20 – Time do Amazonas Esporte Clube, campeão da Liga Blumenauense de Futebol em 1957.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.



FIGURA 5.21 – Equipe de Atletismo do Amazonas, em 1966. O atletismo era disputado anualmente pelas equipes do Amazonas, do Olímpico e do 23º Batalhão de Infantaria.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.



FIGURA 5.22 – Festa do Centenário da Empresa Industrial Garcia, no campo do Amazonas, em 1968.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

Com relação à música, existem registros da existência de corais nesta localidade desde o ano de 1865. O primeiro foi o *Gesangverein Sängerbund Garcia*, com sede na propriedade de Johann Gauche, um dos fundadores da Empresa Industrial Garcia. Deste coral, faziam parte August Sandner, também fundador da Garcia, e outros muitos moradores do bairro, entre eles, muitos operários desta indústria, como por exemplo, Christian Imroth, Christof Mueller e Max Pagel. Mais tarde, August Sandner assumiu a direção da sociedade. Apesar dos esforços dos associados, este coral, com a morte dos mais velhos, paralisou suas atividades.

(KORMANN, 1994, p. 164, v.1). Em 1873, outro coral aparece no Garcia: o *Männer Chor Garcia I*. É provável que esse coral seja a continuidade do *Gesangverein Sängerbund Garcia*. Segundo Kormann, que provavelmente pesquisou seus estatutos, o objetivo da sociedade era “cultivar a arte do canto entre associados e promover bailes e outros divertimentos”. (KORMANN, 1994, p. 165, v.1). Em 1939, com a nacionalização, teve seu nome alterado para Sociedade de Cantores do Garcia. Em 26 de abril de 1920 foi fundado o Clube Musical Glória, nome este que acabou dando a origem ao nome do bairro homônimo.

No que concerne à preservação ambiental, já em 1927, foi fundado o *Spitzkopf-Club Garcia*, um tipo de associação inédita cuja finalidade, segundo seus estatutos era abrir,

[...] no morro acima, que tem uma altura de 915 metros, um picadão que será conservado aberto e limpo. Em lugar apropriado será construída uma cabana para preservar os visitantes de intempéries, etc. Será deste modo dado a particulares, sociedades e escolas a ocasião de apreciarem o belo panorama do dito morro ‘Spitzkopf’. Os caminhos de subida ao mesmo são particulares. (KORMANN, 1994, p. 176, v.1, grifo da autora).

Faziam parte da diretoria: Otto Huber (um dos fundadores da Artex), Rudolf Hollenweger, Alfred Grossweiler, Fritz Haase e Paul Scheidemantel Júnior.

Em 1936, começou a operar oficialmente a rádio clube de Blumenau, com o nome de PR C4, mas sabe-se que extra-oficialmente, estas transmissões se iniciaram em 1932, no interior da Empresa Industrial Garcia. Somente em 1936, obteve concessão para funcionar, sendo a pioneira em nosso estado e a quarta rádio inaugurada no Brasil. O seu fundador foi o radio-amador João Medeiros Jr., um dos diretores da Empresa Industrial Garcia. Medeiros também foi o primeiro a transmitir um jogo de futebol em Santa Catarina, no estádio do Amazonas (BERTOLLI, 2004, p. 04).

5.3.1.4 Vida religiosa: a comunidade e a empresa unidas pela religião

Com relação às instituições religiosas, as duas principais religiões seguidas nesta unidade espacial, bem como em toda a cidade eram a católica e a evangélica luterana. Seguem a seguir, a descrição do surgimento das principais entidades religiosas desta unidade espacial.

Em 1921, foi fundada a Sociedade Evangélica de Senhoras do Garcia. Estas pioneiras lançaram as bases para o desenvolvimento da futura Paróquia, quando no dia 9 de janeiro, na Escola Garcia I, deu-se a reunião de fundação do *Frauenverein* do Garcia, hoje com o nome de Grupo Esperança. Com incentivo da Senhora Mendel, esposa de um dos diretores da Empresa Industrial Garcia, convidou-se para a primeira reunião, quarenta e uma senhoras. Estava presente também a Senhora Elsbeth Koehler, que foi uma das fundadoras da Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau. Na segunda assembléia, foi definido o objetivo desta sociedade: visitas às pessoas doentes sem distinção de confissão religiosa e serviços assistenciais. Na terceira assembléia, foi decidido fazer o convite para que uma irmã diaconisa⁴⁶ (*schwester*) e parteira viesse para o Garcia. Foi então marcada, uma Festa Popular com intuito de arrecadar fundos para manter esta diaconisa. Neste período, a Senhora Ottilie Tallmann e seu esposo decidiram doar o terreno para a construção do primeiro *Schwesternheim* (Casa das Irmãs). Finalmente, em 1924 foi recepcionada em Blumenau a primeira Irmã Diaconisa, Wilhelmine Kohlhaase. O grupo de senhoras se encarregou do custeio da Irmã, que morou por um tempo com a família de Ottilie Tallmann, já que a Casa ainda não estava concluída, sendo a alimentação fornecida pela Empresa Industrial Garcia. Em 17 de agosto de 1924, foi inaugurado, o prédio do *Schwesternheim* em uma transversal da Rua Amazonas. Já em 1931, foi autorizada a compra de outro terreno mais amplo na Rua Amazonas e uma nova Casa bem maior e espaçosa foi construída e inaugurada em 1933. Esta

⁴⁶ As Irmãs Diaconisas (*Schwesteres*) vinham da Alemanha com a missão de “semear a Palavra de Deus”. Nos anos anteriores a 1920, enquanto não vieram diaconisas especificamente para o Garcia, a *Schwester* Christiane Samet se deslocava da Unidade Espacial do Centro para atender as parturientes do Garcia.

Casa serviria também de *Gottes Haus* (Templo). Ali foram oficiados os primeiros cultos da Paróquia. (PARÓQUIA, 2003).



FIGURA 5.23 - Prédio do *Schwesterheim* e Templo Luterano do Garcia inaugurado em 1933. Foto da década de 1940.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

O bairro Garcia recebeu sucessivamente seis Irmãs diaconisas da Alemanha, pela ordem: Wilhelmine Kohlhaase, Auguste Schlosser, Talea Haier, Martha Heimmühle, Martha Kunzmann e Frieda Claus. A mais famosa delas foi a *Schwester* Martha Kunzmann, que além de parteira era muito popular, devido à prática de caridade e espiritualidade. Atendia a todos sem distinção de confissão religiosa e era chamada pelo povo de “Anjo Branco”. Para a locomoção aos lugares mais distantes fazia uso de uma bicicleta que se encontra guardada na Paróquia. A *Schwester* Martha Heimmühle foi contratada, em 1935, especialmente para dar início aos trabalhos do Jardim de Infância⁴⁷, que iria funcionar na Casa das Irmãs. A primeira presidente desta entidade foi a Senhora Else Huber esposa de um dos fundadores da Artex, o Senhor Otto Huber. Este foi fechado em 1939 devido a 2^o Guerra Mundial e somente voltaria a reabrir suas portas em 1962. A partir desta data

⁴⁷ Nesta época, o Jardim de Infância, possuía uma função semelhante à das “creches” ou “maternais”, dos dias atuais.

recebeu o nome definitivo de Jardim de Infância Doutor Blumenau. (PARÓQUIA, 2003).

Em 1966, foi finalmente constituída a Paróquia Blumenau-Garcia e em 1968, foi adquirido um terreno onde seria construída a atual igreja. Em 22 de outubro de 1978, ocorreu o lançamento da Pedra Fundamental da Igreja que mais tarde seria denominada “Bom Pastor”. Antes disso, os cultos eram realizados no salão da Casa das Irmãs e o pastor residia também neste local. Em 1984, aconteceu a inauguração da casa pastoral situada ao lado da Igreja e em 1986, aconteceu o ato de Consagração da Igreja, iniciado com a despedida da Casa das Irmãs, antigo local de culto e seguindo com uma procissão da comunidade até a nova Igreja. (PARÓQUIA, 2003).

Porém, a grande maioria do operariado frequentava a Igreja católica de Nossa Senhora da Glória, no bairro da Glória, inaugurada em 1947. Segundo o Senhor Adalberto Day⁴⁸, para os moradores desta unidade espacial, a religião era fundamental para assegurar uma condição de vida mais humana e os bons costumes. A crença predominante era a católica, mas existiam os protestantes, evangélicos e outras religiões em menor escala. Este entende, também, que manter uma crença fazia parte de uma certa alienação, pois a maioria dos cidadãos eram semi-analfabetos, e acreditavam em tudo que lhes era imposto e induzido. Acreditavam que Deus gostava mais dos pobres, e com esse pensamento retrógrado e enganador os empregados muitas vezes contentavam-se com o pouco que ganhavam e não participavam de associativismo ou sindicato. Existia um vínculo entre a Igreja e a Empresa Garcia, pois era a fábrica que mantinha o templo, assim como as escolas do bairro. O Senhor Adalberto salienta, ainda, que até na década de 1960 existia missa toda a semana para os alunos da Escola São José, na Igreja Nossa Senhora da Glória e quem não fosse católico tinha que assistir por obrigação.

A senhora Erica Martins Flesch⁴⁹, descreve uma atividade religiosa, praticada entre as operárias católicas, da Empresa Industrial Garcia, na década de 1950:

⁴⁸ Informações colhidas por Ellen Annuseck, em entrevista realizada com o Senhor Adalberto Day, em fevereiro de 2004 e cedidas gentilmente para esta pesquisa.

⁴⁹ Entrevista concedida à pesquisadora Cristina Ferreira, na data de 01 de junho de 2000, para o projeto “Resgate da Memória Oral do Vale do Itajaí”, desenvolvido em parceria com o Instituto Blumenau 150 Anos, em homenagem ao sesquicentenário de fundação do Município e publicada na revista Blumenau em Cadernos.



FIGURA 5.24 – Igreja Nossa Senhora da Glória, em 1945.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

Naquele tempo se dava palestra para as moças de fábrica, juventude operária católica. Todo domingo eu ia lá no Garcia, na juventude operária católica feminina e dava palestras. Mas era mais no sentido moral, porque não era aquela agitação, era mais informação. (ERICA, 2001, p. 64).

5.3.2 Unidade Espacial das Itoupavas

5.3.2.1 Desenvolvimento urbano: o comércio como atividade inicial

A Unidade Espacial das Itoupavas também já era conhecida antes da chegada dos colonizadores alemães. A palavra Itoupava tem origem no tupi-guarani, significando corredeiras já que nesta área, o Rio Itajaí-açu possui saltos e pedras.

Fazem parte desta unidade espacial, os atuais bairros de Itoupava Seca, Salto e Itoupava Norte. Os dois primeiros, localizados na margem direita do Rio Itajaí-açu, o último, na margem esquerda.

No início, o atual bairro Itoupava Seca era conhecido por Altona, bairro perto de Hamburgo, na Alemanha. A denominação foi dada pelo coronel Pedro Cristiano Feddersen, que chegou a Blumenau no final do século passado para exercer atividades de comércio. O nome gradativamente foi desaparecendo, voltando o de Itoupava Seca.

A principal rua do bairro Itoupava Seca foi a rua São Paulo, aberta por volta de 1860, recebendo a denominação oficial em 16 de abril de 1916⁵⁰. A rua São Paulo servia como principal via de escoamento do Alto Vale do Itajaí para o litoral, estando localizada bem próxima a esta rua, a estação da Estrada de Ferro Santa Catarina e um pátio para oficina dos trens. A Itoupava Seca progrediu também, após a construção desta ferrovia que, no início ligava Blumenau a Indaial. Nas décadas de 1920 e 1930, nesta unidade espacial existia uma grande concentração de profissionais que exerciam atividades junto à Estrada de Ferro.

Segundo Correa, com a Revolução Industrial, as ligações da cidade com o mundo exterior ampliaram-se. Nesta ampliação as ferrovias tiveram um papel de destaque, tornando-se, a partir da segunda metade do século XIX, o mais importante meio de transporte inter-regional. A localização dos terminais ferroviários dentro das cidades fez-se o mais próximo possível um do outro e próximos ainda, dos portos, para garantir a diminuição dos custos de transbordo. Próximas a estes terminais, vão se localizar as atividades nascentes ou em ampliação, voltadas para o mundo exterior à cidade: o comércio atacadista, depósitos, escritórios, e a indústria. “Estas atividades criaram enorme mercado de trabalho, fazendo com que a área se tornasse, além de foco de transportes inter-regionais, o foco de transportes intra-urbanos, que também, a partir da segunda metade do século XIX, foram largamente ampliados.” (1995, p. 38-39). Essa descrição corresponde exatamente às características da Unidade Espacial das Itoupavas, no início do século XX.

⁵⁰ As datas das leis de criação das ruas referem-se apenas à sua denominação oficial, geralmente não coincidindo com a data de sua abertura.

O bairro Itoupava Norte estava, situado à margem esquerda do Rio Itajaí-açu, sem ponte que o ligasse diretamente ao bairro de Itoupava Seca que estava localizado à margem direita. Segundo Gutz, a travessia do rio acontecia usando-se uma balsa, que, além de não oferecer segurança, não correspondia às necessidades do trânsito. Além disso, a balsa suportava no máximo oito mil quilos, e os caminhões com carregamentos acima deste peso eram obrigados a dar uma volta enorme, passando pela ponte do Salto. (1950, p. 180). A ponte ligando a Itoupava Seca à Itoupava Norte foi inaugurada, em 1953, pelo Governador Irineu Bornhausen. A partir desta data foi desativada a balsa que fazia a passagem de carroças e os poucos veículos automotores que circulavam pelo município.

O bairro Itoupava Seca, em 1914, foi o primeiro a ter linha de ônibus até o Centro, conforme pode-se observar na figura abaixo:



FIGURA 5.25 – Dirigido por Francisco Kumm, o primeiro ônibus motorizado de Blumenau fazia a linha Centro-Itoupava Seca.

Fonte: BAUMGARTEN; SINDICATO, 2003, p. 37.

Como já foi citado, em função das importantes vias de transporte interregional que passavam por esta unidade espacial, casas comerciais importantes ali se instalaram.

Estabelecimentos que comercializavam de um tudo, desde alimentos até implementos agrícolas mais sofisticados também eram comuns em Altona, tais como a casa de comércio de Richard Paul, grande importador e exportador e a Cia. Salinger, poderosa empresa comercial iniciada pelos sócios Salinger e Peter Christian Feddersen. Lá estavam estabelecidos também o Restaurante Krueger, o sapateiro Hergert, o famoso Hotel Franke, a Padaria Sander, o relojoeiro Finster e o latoeiro Parucker. (BAUMGARTEN; SINDICATO, 2003, p. 25).



FIGURA 5.26 – Hotel Franke, no ano de 1900.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

A Companhia Paul, foi uma das mais importantes casas comerciais de Altona e a primeira a promover importação direta da Alemanha. Competia com as casas comerciais do centro da cidade, no final do século XIX e no início do século XX. Próximo desta, funcionava a Companhia Salinger. Nos dois comércios se vendia de tudo um pouco (comida, bebidas, leite, óleo, gasolina, etc). O apogeu da Companhia Paul ocorreu na década de 1920. Os dois comércios estavam estrategicamente localizados na antiga estrada que ia até o Alto Vale do Itajaí e próximas à Estrada de Ferro Santa Catarina, instalada mais tarde. O prédio da Companhia Paul foi adquirido pela Fábrica de Gaitas Hering, na década de 1950.

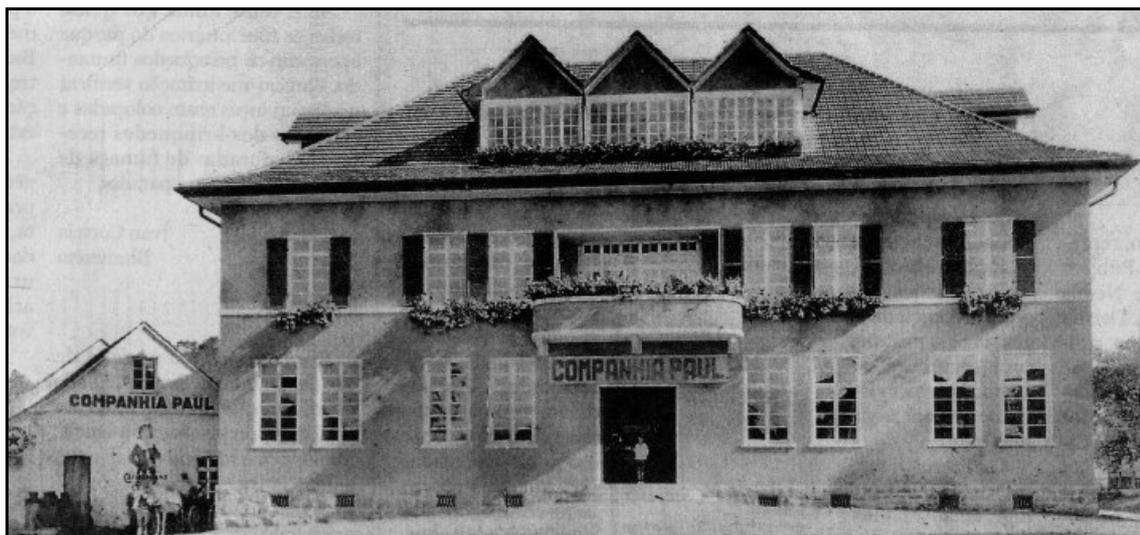


FIGURA 5.27 - Companhia Paul, na década de 1920.

Fonte: Álbum da família. Publicada na capa do Jornal de Santa Catarina de 30 e 31 de outubro de 2004.



FIGURA 5.28 – A mesma edificação em 1971, já abrigando a Fábrica de Gaitas Hering.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

Gustav Salinger, era o antigo procurador da casa comercial de Wilhelm Asseburg, em Itajaí. Em 1885, em sociedade com Feddersen, organizou e abriu sua casa comercial. Dentro em breve, tomaria proporções tais que os compartimentos do

prédio utilizado não mais lhe bastavam. Salinger então adquiriu uma parte do terreno da Família Thomsen, onde construiu a grande casa comercial e armazéns. A escolha do terreno, situado em local livre das enchentes, revela a visão de Feddersen, e também a sua habilidade como homem de negócios. O movimento diário da rua principal e o tráfego do Rio Itajaí-açu, navegável até Altona, aumentavam cada vez mais, atraindo para a localidade, novos habitantes. Oficinas, hospedarias e hotéis se instalavam, conseqüentemente trabalhadores das casas comerciais, procuravam habitação nas proximidades e com isso novas construções surgiram, bem como se desenvolveu a vida social, recebendo sempre o patrocínio de Feddersen. A construção do prédio do clube Teutônia, em 1893, foi por ele auxiliada. Para todas as festividades, não faltou a sua colaboração e foi por muitos anos, o presidente desta sociedade, mostrando mais uma vez a importância dos grandes comerciantes e industriais para com o desenvolvimento da vida social e cultural da localidade onde se instalavam. (HUMPL, 1950). Pedro Feddersen, patrocinou também, por muitos anos, o ensino em Altona. Primeiramente sócio da associação escolar *Hertel's Schule*, ingressou mais tarde como sócio da comunidade escolar de Altona, fundada em 1907, ajudando na aquisição do terreno e na construção do prédio. Além disso, fez muito pela Nova Escola Alemã, localizada na Unidade Espacial do Centro. Foi sempre, também um fervoroso associado da comunidade Evangélica de Blumenau.

De acordo com o livro comemorativo aos oitenta anos da Electro Aço Altona, outro empresário que contribuiu muito para o desenvolvimento urbano e social do bairro foi Paul Werner, maior acionista desta empresa. Contribuiu na construção das sedes dos clubes Ipiranga e América, da Igreja luterana de Itoupava Seca e, contribuiu também, para a construção de outros equipamentos importantes do Município como a escola Barão do Rio Branco, o hospital Santa Catarina e o hospital Santo Antônio. (BAUMGARTEN, 2004, p. 33). Segundo este mesmo livro, seu sucessor e filho Bernardo Wolfgang Werner, além de se dedicar à presidência da empresa a partir de 1947, foi eleito vereador entre 1955 e 1965, por quatro mandatos consecutivos, atuando em importantes ações, inclusive na implantação da Fundação Universidade Regional de Blumenau. (BAUMGARTEN, 2004, p. 40).



FIGURA 5.29 - Companhia Salinger, no início do século XX.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

Nesta unidade espacial, as indústrias também tiveram influência no traçado urbano. Segundo o Senhor Osório de Faveri, diretor da Teka, a rua Paul Kuehrich, foi duas vezes alterada. Ela passava, a princípio, entre os prédios de acabamento, tecelagem e fiação. Depois, em função de diversas ampliações da fábrica, teve o traçado alterado. Este complementa que, o bairro de Itoupava Norte nasceu, cresceu e evoluiu, basicamente em função da Teka. Acha que os bairros de Fortaleza e Belchior⁵¹, com certeza, também cresceram em função desta indústria, pois grande parte do operariado ali residia⁵².

Muitas das pessoas que iniciaram como operários de alguma das indústrias desta zona espacial, posteriormente foram saindo e criaram seus próprios negócios, geralmente próximo às empresas, pois era ali que residiam. Isso contribuiu em muito para o desenvolvimento desta área.

⁵¹ Hoje pertencente ao município de Gaspar.

⁵² Informação fornecida através de entrevista realizada na data de 03/03/2004.

Assim como as demais indústrias têxteis de Blumenau, as indústrias da Unidade Espacial das Itoupavas tiveram seu período de maior expansão entre as décadas de 1960 e 1970. A Cremer, por exemplo, duplicou sua área construída entre os anos de 1970 e 1971. Esta afirmação aplica-se também às indústrias Electro Aço Altona e Gaitas Hering.



FIGURA 5.30 – Vista parcial do bairro Itoupava Seca, na década de 1950, onde aparece em destaque, a Electro Aço Altona.

Fonte: BAUMGARTEN, 2004, p. 162.

5.3.2.2 Ensino: as *schulgemeinde* formam os futuros empreendedores

Uma das duas primeiras escolas particulares a funcionar em Blumenau foi fundada em Itoupava Seca, em 1863. No ano seguinte, uma nova escola particular, surge em Itoupava Norte. Na escola de Itoupava Seca, aconteciam diversas festas. Veja-se uma destas festas relatadas por Kormann:

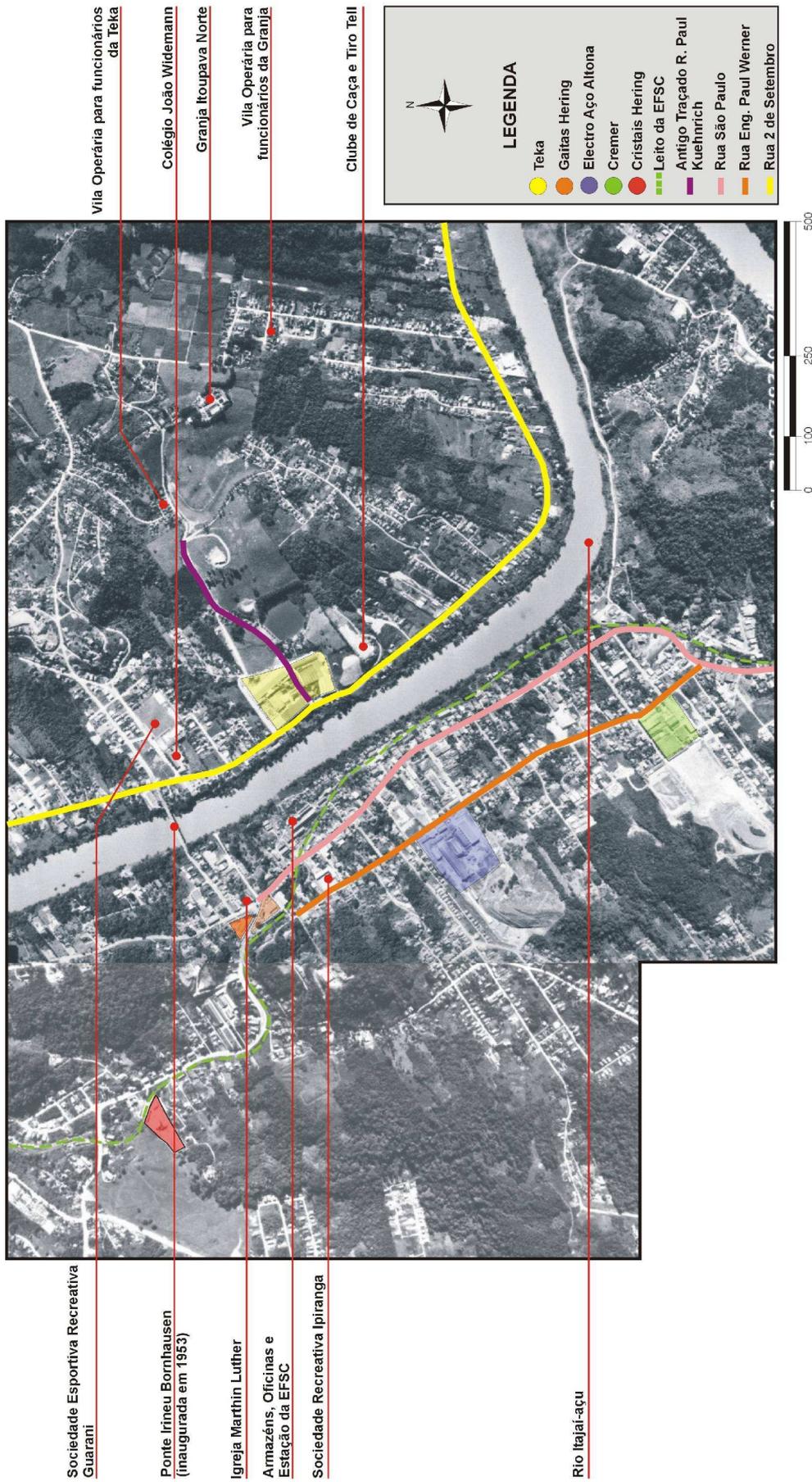


FIGURA 5.31 - Foto aérea de 1972, que mostra a localização das principais indústrias e as principais referências urbanas da Unidade Espacial das Itoupavas, nesta época.

Fonte: Aeromapa Brasil S/A, 1972.
 Edição: Silvana Moretti e Bruno Beduschi, 2006.
 Escala Gráfica.

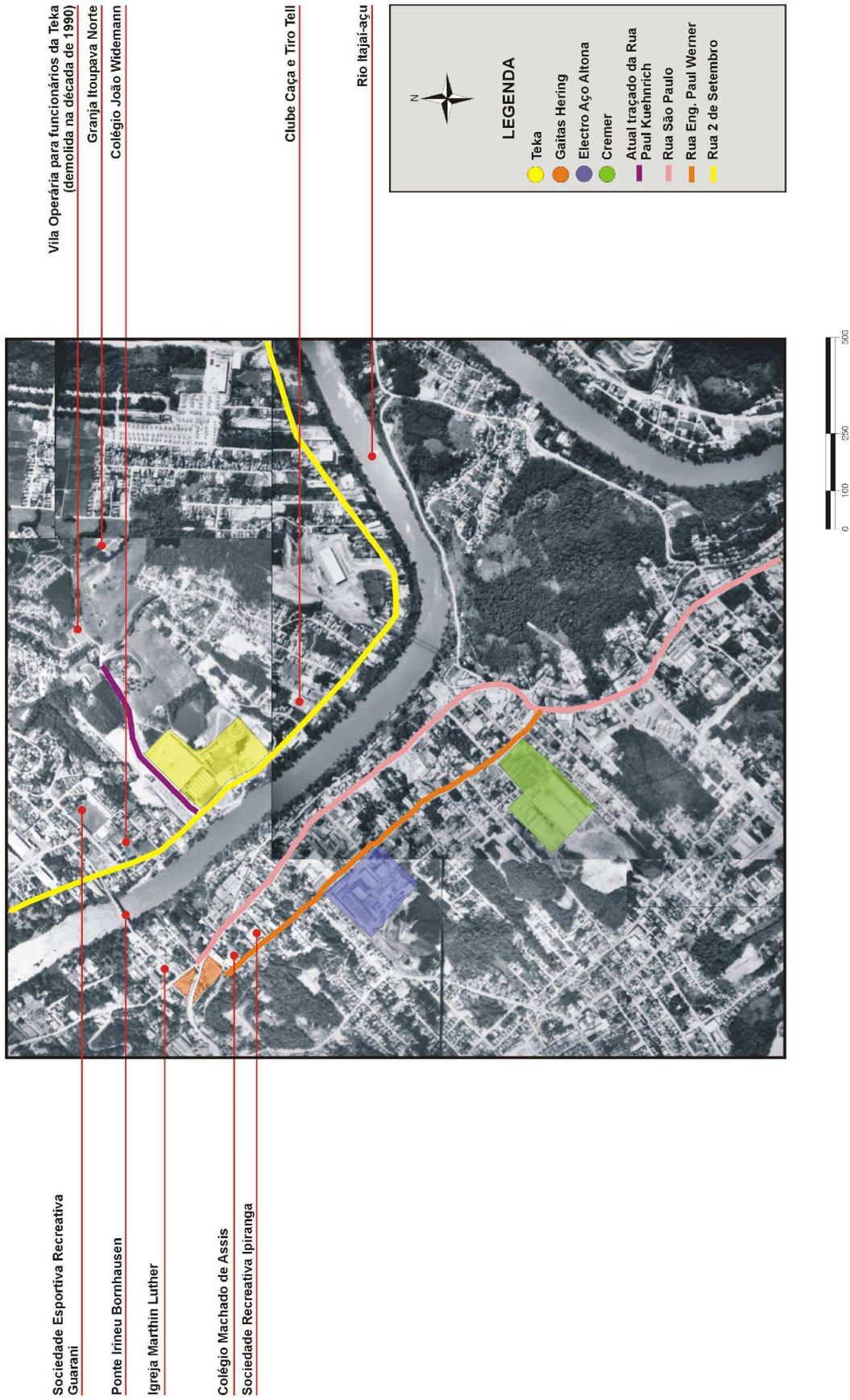


FIGURA 5.32 - Foto aérea de 1981, que mostra a localização das principais indústrias e as principais referências urbanas da Unidade Espacial das Itoupavas, nesta época.

Fonte: Aerofoto Cruzeiro, 1981.
Edição: Silvana Moretti, 2006.
Escala Gráfica

No dia 7 de março de 1909, a Escola Particular de Itoupava Seca, realizou uma festa escolar para consagrar a sua nova bandeira. Mandada confeccionar na Alemanha por Louis Boettcher, a bandeira apresentava de um lado as cores da bandeira nacional com as armas do Brasil ricamente bordadas e do outro lado as cores da bandeira alemã [...]. Na ocasião, os alunos cantaram 'Minha casa paterna', canção patriótica de Rudolph Damm [...]. Em seguida, realizou-se a festa popular com rifas de donativos e trabalhos manuais executados pelas senhoras que também serviram café e doces aos alunos e adultos. A festa foi encerrada, à noite, com um baile. (1994, p. 165-166, v. 2, grifo da autora).

Em 1912, chegou a Blumenau o professor Max Humpl, para atuar como professor na escola particular de Itoupava Seca. Além de tocar violino, piano e órgão era também pintor. "Com esses predicados, Humpl integrou-se à Comunidade Altonense, sendo convidado para todas as festividades [...]".(KORMANN, 1994, p. 196, v. 02).



FIGURA 5.3310 - Escola Particular de Altona (Itoupava Seca).

Fonte: CURTIPASSI, 2001, p. 144.

Muitas escolas foram fechadas no período da Segunda Guerra, sendo que algumas foram posteriormente reabertas, outras não mais. Porém, o governo

municipal em 1939, criou quinze escolas entre eles o Grupo Escolar Machado de Assis, em Itoupava Seca. (KORMANN, 1995, p. 112, v. 2).

O movimento para implantar o ensino superior em Blumenau teve início em 1953, quando foram promovidos debates com a participação dos setores econômicos, culturais, e imprensa, porém, somente em 1964 o objetivo se concretizou: a FURB (Fundação Regional de Blumenau) foi fundada em 2 de maio, com a Faculdade de Ciências Econômicas. A primeira sede do ensino superior em Blumenau foi a Escola Barão do Rio Branco, na Unidade Espacial do Centro. Os três primeiros blocos definitivos da instituição foram concluídos em 1969, no bairro Itoupava Seca. Na década de 1970, também em Itoupava Seca, foram implantados nas antigas oficinas da Rede Ferroviária Federal os laboratórios de Engenharia Civil, Química e Instituto de Pesquisas Tecnológicas. (KORMANN, 1994, p. 114, v. 2).

5.3.2.3 Vida social e cultural: as associações são responsáveis pela sociabilização de todas as classes sociais

No início do século XX, era comum as pessoas se reunirem em redor de uma mesa de *Skat* ou de cerveja para conversar sobre assuntos relacionados à Colônia. Este hábito era conhecido como *Stammtisch*. A cerveja fazia parte da vida do blumenauense desde o início da Colônia, tanto é que em 1905, havia em Blumenau oito cervejarias (KORMANN, 1994, p. 192, v.1), sendo que a maioria delas estava localizada em Altona, como já citou-se.

Altona sediou nos primórdios da colonização as primeiras cervejarias de Blumenau. Em 1860, quando Blumenau contava com mais ou menos 190 famílias, Heinrich Hosang, que imigrara em 1858, ativo e empreendedor, com prática de cervejeiro, instalou em Itoupava Seca nos fundos de sua residência a primeira fábrica de cerveja em Blumenau. (KORMANN, 1994, p. 191, v.1).



FIGURA 5.34 – Grupo de amigos à mesa (*Stammtisch*). O primeiro à esquerda é Hermann Hering com seu irmão Bruno, na Sociedade de Atiradores.

Fonte: DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 182.

Heinrich Hosang, dirigiu sua fábrica até 1888. Após seu falecimento, a viúva e o filho Otto continuaram a fabricação até 1898, quando o filho Franz e o genro Hermann Schosslund se associaram sob a razão de Schosslund & Hosang. A sociedade funcionou até 1906, quando Franz assumiu sozinho a direção da fábrica. Em 1923, por motivo de doença, Franz vendeu a fábrica para a firma *Bock de Neu Breslau*, atual município de Presidente Getúlio. (KORMANN, 1994, p. 191, v.1). Também cervejaria importante de Altona, foi a de Karl Rischbieter, que chegou a Blumenau em 1861 em companhia dos pais e sete irmãos. Adquiriram uma propriedade em Salto do Norte⁵³. Em 1873, Karl foi para o Rio de Janeiro aprender a profissão de cervejeiro e em 1875, instalou a sua primeira cervejaria. Em 1913, a cervejaria foi adaptada à eletricidade e as marcas “Bavaria”, “Favorita” e a “Schwartzbier” eram fabricadas numa média de 100.000 garrafas anuais. (KORMANN, 1994, p. 192-193, v. 1). Outra cervejaria de Itoupava Seca foi a de Otto Jennrich. Este nasceu em Blumenau e morou com seus pais na localidade de Warnow⁵⁴ até os 14 anos, quando se empregou na Cervejaria Hosang. Por motivo de doença, Jennrich foi despedido. Gustav Persunh, comerciante local, o recolheu

⁵³ Localidade próxima a Itoupava Seca e hoje um bairro de Blumenau.

⁵⁴ Atualmente, um bairro do município de Indaial.

em sua casa, emprestou-lhe 600 mil réis e deu-lhe um terreno para construir a fábrica. Jennrich mandou pintar na entrada da cervejaria, em letras góticas: *Cervisiam bibunt homines. Coetera animantia bibunt ex fontibus*⁵⁵. A Cervejaria Jennrich foi durante muitos anos ponto de reuniões alegres dos apreciadores de cerveja. Mais tarde, a fábrica passou para a responsabilidade da Cervejaria Blumenauense, sendo depois incorporada ao patrimônio da Antártica Paulista. No cinema instalado em Itoupava Seca por Adolph Schmalz, Hans Lorenz e Viktor Gaetner, juntamente com o ingresso, ganhava-se três garrafas de cerveja *Jennrich-Einfach*, que eram bebidas na sala de projeções. (KORMANN, 1994, p. 193-194, v.1).



FIGURA 5.35 - Cervejaria Jennrich.

Fonte: Arquivo pessoal de Adalberto Day.

Na medida em que a comunidade altonense crescia, começaram as reuniões que formaram associações como as de canto, teatro e música. A primeira sociedade fundada em Altona, foi a *Freundschaftsverein* (Sociedade da Amizade) em 1864.

⁵⁵ Os homens bebem cerveja. Os outros animais bebem água.

Dessas reuniões também surgiram outras sociedades e entre elas, uma 'sui-generis', que por volta de 1900, marcou a vida social de Altona, foi o clube 'Fidele Brueder' (Irmãos Alegres), uma sociedade integrada de homens solteiros e que excluía automaticamente quem contraísse matrimônio. Essa sociedade promovia noites de entretenimento principalmente de caráter beneficente. (KORMANN, 1994, p. 195, v. 1, grifos da autora).

A música também fazia parte da cultura desta unidade espacial e coube a Max Humpl a reativação do Coral Masculino *Eintracht* de Altona, em 1914, sociedade que funcionou por mais de 25 anos. (KORMANN, 1994, p. 197, v.1). Outro grupo, o Coral Misto de Altona foi fundado em 1928, como coral de Igreja. Max Humpl e Luiz Probst, com a participação da diretoria da Comunidade Evangélica de Altona, convidaram os moradores do bairro para participarem deste. A primeira apresentação foi no lançamento da pedra fundamental da Igreja da Cruz, no dia 29 de julho de 1928.

Na mesma época também foi formado o grupo musical *Das Altoner Quartett* (O Quarteto de Altona), integrado por Otto Jennrich (cervejeiro), Richard Parucker, August Franke e a Senhora Krueger. (KORMANN, 1994, p. 195, v.1).

Algumas sociedades, apesar de bem estruturadas e registradas, tiveram curta duração, como o Grêmio Musical de Itoupava Norte, de 1911 e o *Gesangverein Theodor Körner*, de 1915.

Além do canto, a comunidade de Altona, destacou-se, também na imprensa escrita. Hermann Baumgarten Sênior, em 1879, instalou o primeiro jornal de Blumenau: o *Blumenauer Zeitung*. Este jornal começou a circular em 1º janeiro de 1881 e era redigido em alemão. Hermann Baumgarten Sênior faleceu em 1908, mas seus filhos deram continuidade ao jornal, principalmente Julius e Hermann. Desde criança, seus cinco filhos estudaram música: Alfred (violino), Lina (citara), Hermann (trompete), Julius (violino) e Frieda (violino). Hermann, apesar das atividades na tipografia, começou a estudar música aos 14 anos de idade. Participou do Conjunto Musical Lyra de Ernst Bernhardt e também do Club Musical. Alguns anos mais tarde, passou a tocar no conjunto musical da Igreja da Cruz. (KORMANN, 1994, p. 198-199, v.1).

Quanto ao esporte, também esteve muito presente na vida cotidiana desta unidade espacial. A história da Sociedade Recreativa e Esportiva Ipiranga de Itoupava Seca, iniciou em 1864, quando o Pastor Hesse num artigo publicado no *Kolonie Zeitung*, jornal de Joinville, comenta a fundação de uma *Geselligerverein* em Altona. Esta sociedade era a *Freundschaftsverein*, já citada anteriormente. Os anos se passaram e os remanescentes da Sociedade Amizade, em 1893, fundaram a *Geselligerverein Teutônia*, que além da Sociedade de Atiradores e Ginástica, tinha uma seção de canto, uma de teatro e um conjunto musical. Os fundadores, Pedro Cristiano Feddersen (comerciante), Karl Friedenreich, Karl Hertel, Richard Parucker, Gustav Persuhn, Andreas Grassmann, Otto Jennrich (cervejeiro), Gottlieb Reif, Karl Rischbieter (cervejeiro), August Schoenau, Carl Liesenberg, e também outros sócios reuniam-se constantemente, geralmente na casa de Otto Jennrich, para discutir assuntos referentes à sociedade. (KORMANN, 1994, p. 220, v.1). Como se pode observar, novamente importantes comerciantes, empreendedores e industriais cervejeiros da época, estavam envolvidos nas atividades sociais e culturais do bairro.

Segundo Kormann, em fevereiro de 1923, começou a funcionar em Itoupava Seca, o Clube Náutico Ypiranga e em 1928, formou-se o Sport Club Altonense. (1994, p. 228, v.1). A Sociedade Recreativa e Esportiva Ipiranga foi fundada no dia seis de abril de 1939, pela fusão da Sociedade Teutônia, Coral Masculino *Eintrach*, Club Náutico Ypiranga e Sociedade Ginástica *Gut Heil* Altona. Em 1940, um ano após a fusão, foi realizada uma grande festa para inaugurar a quadra de basquete, a primeira da cidade. As equipes de basquete deste clube, conquistaram muitas vitórias, entretanto em 1940, o remo ainda era o maior destaque. (KORMANN, 1994, p. 231-232, v.1).

“Em 1929, Arnold Hertel e Walter Staedele idealizaram um clube de futebol que acrescido de mais integrantes resultou, na fundação do América Futebol Clube de Itoupava Norte”. (KORMANN, 1994, p. 240, v.1). Kormann ainda cita que este nome foi utilizado por pouco tempo, pois em 1930, os fundadores do clube o registraram sob o nome de Sociedade do Jogo de Bola Guarany. Os jogos eram realizados em amplo terreno doado pela Comunidade escolar de Itoupava Norte⁵⁶.

⁵⁶ Atual Escola Básica João Widemann.

Inicialmente não havia sede adequada, somente um galpão onde depois dos jogos eram realizados os bailes. Na época, cada associado contribuía com 500 réis mensais, porém Rolf Kuehnrich, proprietário da Teka, contribuía com importâncias bem maiores. Em 1944, a sociedade teve a denominação alterada para Guarani Futebol Clube e, em 8 de julho de 1955, passou a denominar-se Guarani Esporte Clube. (1994, p. 240-241, v.1).



FIGURA 5.36 – Equipe de remo da Sociedade Recreativa e Esportiva Ipiranga, em 1952, treinando no Rio Itajaí-açu, no bairro Itoupava Seca. Ao fundo, a ponte Irineu Bornhausen, em construção.

Fonte: Arquivo Pessoal de Harry Kreutzfeld, publicada na coluna Almanaque do Vale do Jornal de Santa Catarina, em 21 de fevereiro de 2006, p.19.

Apesar de sociedades culturais emudecerem com a nacionalização, novas sociedades surgiram na unidade espacial das Itoupavas, principalmente na década de 1950, como a Sociedade Esportiva Caça e Tiro Itoupava Norte e o Clube de Caça e Tiro Tell, em 1952.

Quanto ao cinema, o Cine Mogk de Itoupava Norte, foi um marco, pois constantemente sediava peças teatrais, concertos, cinema, espetáculos e outras

promoções. Até bem pouco tempo, o Cine Mogk funcionou mantendo a tradição, mas lamentavelmente foi desativado. (KORMANN, 1994, p. 201, v.1). Além deste, funcionou em Itoupava Seca, o Cine Carlitos, porém não foi possível precisar em que período da história do bairro.

Quanto ao divertimento do operariado, nas décadas de 1960 e 1970, o Senhor Hélio Simão, ex-funcionário da Teka diz que:

[...] quem freqüentava o Caça e Tiro como sócios eram alemães, isso é coisa deles, isso não é coisa nossa. Eu já digo nossa porque a gente é de origem italiana, né! Então era coisa deles... Então depois, com muito tempo, ele foi abrindo o espaço pra fazer algum baile que não fosse social né, se o baile fosse social, não sócio não entrava. Então tinha um monte de processos, tinha um monte de regras que eram cumpridas, né! E normalmente você via o pessoal daquela associação dentro daquele salão, você não via alguma outra pessoa que não fizesse parte daquele bloco. Era muito organizado. Depois com a necessidade do dinheiro alguns foram abrindo o espaço pra bailes, foram abrindo espaço pra discoteca também (informação verbal)⁵⁷.

Este mesmo entrevistado, quando questionado sobre o seu divertimento nos finais de semana, responde:

Muita festa, né... Não se ia a salões, era a vizinhança né... No final de semana era nas casas... Bailinho de gaita e de pandeiro e violão... E o povo da redondeza, naquela amizade. Outro muito grande na minha infância, na minha adolescência era o cinema que tínhamos com abundância aqui dentro de Blumenau. [...] depois, fora outras coisas era festa de igreja. (informação verbal).⁵⁸

Nos subúrbios, principalmente nas vilas operárias, havia o hábito de realizarem-se bailes nas próprias residências. Geralmente eram festas-surpresa e o dono da casa só ficava sabendo quando os convidados chegavam. Alguém tomava a iniciativa, chamava-se um gaiteiro e em seguida os vizinhos já estavam todos lá e o baile começava. Esta informação também foi confirmada pela Senhora Maria José

⁵⁷ Entrevista realizada em 13 de janeiro de 2006.

⁵⁸ Idem.

Tesch⁵⁹ e pelo casal Dulce e Arlindo da Veiga⁶⁰: “o nosso passatempo era ir à casa de amigos. A gente passava a tarde cantando, comendo e a noite chamava todo mundo pra dentro e dava café...” (informação verbal)

O Senhor Hélio cita também um outro local, onde sempre estavam instalados circos ou parques de diversões na Itoupava Norte, próximo ao Colégio João Widemann, em frente ao Cine Mogk:

Esse lugar ali era lugar de encontro dos finais de semana, porque aquilo nunca passou sem ter um teatro, nunca passou sem ter um circo e nunca passou sem ter um parque. Todo final de semana. Saía um circo, entrava um parque ou entrava outro circo; saía um parque entrava um teatro... (informação verbal).⁶¹

Em 1974, a Altona fundou a AACCA – Associação Atlética e Cultural Altona, no distante bairro da Itoupava Central. Portanto, até então os funcionários não possuíam uma associação, muito menos próximo à indústria, apesar de existirem registros da década de 1960, citando as equipes de futebol e bolão, da Electro Aço Altona, que disputavam os campeonatos do SESI.

A Cremer possuía, um jornal de publicação bimestral intitulado Noticiário Cremer, que foi editado entre 1966 e 2000. Segundo o expediente deste jornal, era coordenado e editado por seus funcionários, porém o formato dos artigos, que enalteciam de uma forma exagerada a empresa, sua diretoria e a “boa relação” entre os patrões e os funcionários, dá a entender que a publicação era de responsabilidade da empresa ou esta possuía grande participação na aprovação dos artigos, senão vejamos:

De há muito vem êste Noticiário, tecendo elogios e divulgando as cordialíssimas relações humanas existentes nesta Firma. Não fazemos isto para agradar a uns ou a outros, visto não ser êste o papel de um informativo honesto. O motivo da divulgação é, em primeiro lugar, fazer justiça à

⁵⁹ Ex-funcionária da Cremer e da Teka e moradora do bairro Itoupava Norte há quarenta anos, em entrevista realizada na data de 19 de janeiro de 2006.

⁶⁰ Ex-funcionários da Teka, onde se conheceram, em entrevista realizada na data de 13 de janeiro de 2006.

⁶¹ Entrevista realizada na data de 13 de janeiro de 2006.

orientação seguida pela Diretoria da Cremer S.A., no sentido de propiciar o melhor ambiente possível aos seus empregados, e em segundo lugar, provar a todos o que nós sempre afirmamos: as sadias relações humanas são ainda a principal base do progresso de um empreendimento.

Os homens que compõem o Corpo Diretivo da Cremer entendem de administração. Sabem que uma indústria é um fenômeno tanto econômico como social: sabem também que o homem é o único elemento comum em todos os esforços que visem a produção. Para isto sabem dar atenção aos problemas humanos da sua Empresa.

Já houve quem disesse: 'Administrar é trabalhar através de outras pessoas'. Os Diretores da Cremer não aceitaram tal expressão. Os problemas, tanto materiais como humanos, são, de longa data, tratados com a maior importância, pela própria Diretoria. Por este motivo, a compreensão entre empregados e empregadores na Cremer, é tão sólida. (1969, p. 02, grifo do autor).

Este periódico, possuía as seguintes colunas: Poesias, Sociais (divulgava aniversários, casamentos, nascimentos, falecimentos, entre outros), Vamos Rir Juntos (piadas), Fotos e Fatos (acontecimentos importantes ocorridos na empresa, visitas ilustres, etc.), Página Feminina (conselhos de beleza, culinária, etc.), Página Esportiva, Conheça seu Local de Trabalho (apresentava todos os setores da empresa), O que vai pelo Mundo (notícias internacionais), Adivinhações e, Relações Humanas. A partir de 1969, outras colunas foram incorporadas como: Página da Criança (onde eram apresentados os filhos dos funcionários), Conhecimentos Gerais, Passatempos e Quebra-cabeças, A C.I.P.A. (notícias e alertas sobre acidentes no trabalho) e a Entrevista Bimestral, onde funcionários da empresa eram entrevistados e davam a sua opinião sobre diversos assuntos. Esta coluna foi muito interessante para esta pesquisa pois descrevia os hábitos e costumes dos funcionários, bem como o local onde residiam e outras opiniões pessoais. Foi publicada somente até 1972, mas apesar do curto período, foi possível colher algumas informações importantes.

Pôde-se perceber que os funcionários entrevistados não eram escolhidos aleatoriamente. Eram funcionários que estavam comemorando 25 anos de serviços prestados, os eleitos presidentes do Clube Esportivo, ou chefes de seção. Observou-se, também que todos eram do sexo masculino, com exceção de uma entrevistada, que na ocasião, havia sido escolhida Rainha das Operárias da empresa. Outra observação importante é que todos os entrevistados, residiam muito próximo à empresa, ou dentro da Unidade Espacial das Itoupavas e apenas um dos entrevistados havia nascido na cidade de Blumenau (os demais haviam migrado à

cidade por motivo de trabalho). Eram feitas, também, algumas perguntas tendenciosas como: Que acha das atuais relações humanas desta firma? Que julga do grande progresso que a Cremer teve nos últimos anos? E outras curiosas: O Senhor é contra ou a favor do divórcio? É contra ou a favor do Esquadrão da Morte? O que acha dos Discos Voadores?

Quando perguntados sobre os principais divertimentos, são estas algumas respostas: assistir a jogos de futebol⁶² (KRESPY, 1969, p. 04); gosto muito de cinema, teatro, televisão, boa música e de futebol⁶³ (KRESPY, 1970, p. 05); apreciar o esporte amador e jogar as minhas partidas de bocha⁶⁴ (KRESPY, 1970, p. 07); televisão em modo geral, aprecio muito jogos de futebol e de frequentar uma boa praia no verão⁶⁵. (OLIVEIRA, 1971, p. 06).

A Cremer, sempre incentivou suas operárias a participarem, a partir de 1966, do Concurso Rainha da Cremer. A vencedora disputaria o concurso Rainha das Operárias de Blumenau, durante a FAMOSC (Feira de Amostras de Santa Catarina)⁶⁶, numa iniciativa da Rádio Clube de Blumenau.

Em 1964, um grupo de funcionários resolveu fundar um Clube Esportivo. No início, não possuíam sede, mas com o apoio da Diretoria da Cremer, que cedeu um terreno nos fundos da fábrica e financiou os serviços de terraplenagem, aos poucos foram construindo suas instalações. (ZIMMERMANN, 1966, p. 16). O campo de futebol foi inaugurado em 1967 e a sede, em 1969. Nesta época possuía também canchas de bocha recém inauguradas em uma das “Festa da Amizade”, que segundo o Jornal Noticiário Cremer, tratava-se de uma reunião entre os empregados e os membros da diretoria da empresa. (1969, p. 02). A administração do Clube era de responsabilidade dos funcionários que escolhiam entre as chapas inscritas, a diretoria. Os principais esportes praticados eram o futebol de campo (masculino e feminino), futebol de salão, bocha e dominó. As equipes participavam dos torneios

⁶² Entrevista com Arlete Matilde Graf, Rainha das Operárias da Cremer de 1969.

⁶³ Entrevista com Gervásio José Vargas, supervisor de vendas da empresa e presidente do Clube Esportivo Cremer.

⁶⁴ Entrevista com Geraldo Kuchenbecker, mestre geral das tecelagens e presidente eleito do Clube Esportivo Cremer, para o biênio 1970/1972.

⁶⁵ Entrevista com Edegar Michel, supervisor da Fiação.

⁶⁶ Acontecia uma vez por ano em Blumenau, onde as principais indústrias catarinenses expunham seus produtos.

municipais, entre empresas, do SESI e entre setores, como também acontecia em outras indústrias.

O Clube Esportivo realizava também, como nas demais indústrias, festas comemorativas (Natal, Dia do Trabalhador, Dia da Criança, etc.) e de confraternização, como festas juninas. Quando da descrição da festa, no jornal Noticiário Cremer, notou-se, mais uma vez o enaltecimento da Diretoria da Empresa, pela redatora:

Ressalte-se, todavia, que a assistência recebida, por parte da Diretoria da Cremer foi vital para o bom êxito das festividades. Neste particular, queremos mesmo cumprimentar os Senhores Diretores pela bela demonstração de apreço e atenção que vêm demonstrando cada vez mais, para com todos os que colaboram nesta Fábrica. Atitudes tais, como as dos nossos prezados Diretores, enobrecem a Classe Empresarial, fazendo com que os empregados se sintam cada vez mais, parte da Firma a que emprestam seu trabalho. (KESPY, 1969, p. 12).

Porém, apesar de estranhar-se o exagero no enaltecimento da empresa no jornal interno, a Senhora Maria José Tesch⁶⁷, que trabalhou nesta empresa por quase dez anos, na década de 1960, diz que a Cremer era uma empresa em que os operários ficavam a vontade e todos eram muito bem tratados. Ela teve que pedir demissão para cuidar dos dois filhos pequenos, mas arrependeu-se depois, pois mais tarde teve que voltar a trabalhar e não encontrou um ambiente de trabalho tão bom quanto este, na Teka. Contudo, o Senhor Arlindo da Veiga, possui uma opinião diferente. Para ele “a Cremer era a firma que menos pagava, e a melhor era a Teka.⁶⁸ (informação verbal).

Na Cremer, havia também uma biblioteca interna, onde os funcionários tinham acesso livre e podiam retirar livros para levarem para casa. Existiam exemplares de livros técnicos, romances, contos, infanto-juvenis, de línguas, sobre relações humanas, domésticos, etc. Durante o primeiro semestre de 1966, quando foi inaugurada, foram realizadas 1.059 retiradas, dos 750 volumes existentes na biblioteca. Isto mostra que era um equipamento bastante utilizado e aproveitado pelo

⁶⁷ Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2006.

⁶⁸ Ex-funcionário da Teka, em entrevista realizada na data de 13 de janeiro de 2006.

operariado. O assunto mais escolhido para leitura eram os contos. (ZIMMERMANN, 1966, p. 05-06).

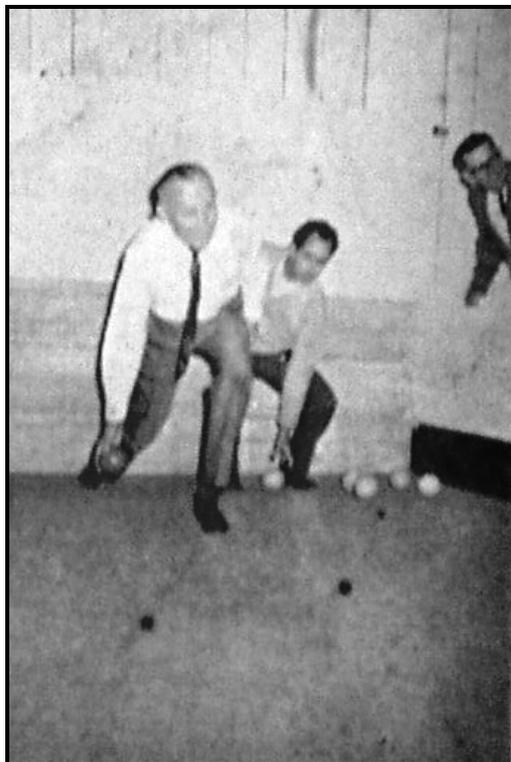


FIGURA 5.37 – Figura extraída do Noticiário Cremer, cuja legenda diz: “Partida inaugural, disputada pelo Sr. Heinz Schrader, Diretor Presidente da Firma, na qual demonstrou que, além de um grande administrador, é um ótimo desportista”.

Fonte: Jornal Noticiário Cremer, n.12, 1969, contracapa.

Com relação aos funcionários das grandes indústrias desta unidade espacial, alguns moravam nas imediações, porém outros, residiam a uma certa distância da empresa, até mesmo porque estas indústrias apenas aumentaram sua área construída e seu número de funcionários a partir da década de 1940 e principalmente entre as décadas de 1960 e 1970. Neste espaço de tempo em que o número de funcionários aumentou, o transporte coletivo em Blumenau já era mais eficiente e algumas empresas também possuíam ônibus próprios para transportar seus funcionários. A Altona, em 1930, possuía apenas 30 funcionários; em 1940, já eram 200; em 1960, 450 e na década de 1970, eram 600. Nada comparado ao número de funcionários das indústrias têxteis, no mesmo período.

Grande Festa de Natal da Família Cremer

PROGRAMA

Dia 22 de dezembro de 1968 a partir das 9,00 horas

Competições para crianças — Corridas: Agulha e linha — Ovo na colher
Ajuntar batatas - Dentro de saco - Pernas amarradas - Pulo do sapo.

Outras brincadeiras — Retirar com a boca moeda dentro de prato com
farinha — Comer maçã dependurada — Quebrar pote d'água com os
olhos vendados — Cabo de guerra — Pesca a prêmios.

Churrascada — A partir das 11 horas será servido churrasco — Haverá,
também, Cachorro Quente, Bebidas, etc.

Bocha — Será realizado um torneio de 48 a prêmios.

Bingo — Haverá bingo, também, a prêmios.

Futebol — Na parte da tarde haverá disputas entre equipes de gordos e
magros — casados e solteiros. Vai dá p'ra rir a valer.

Maior atração: FUTEBOL FEMININO - FIAÇÃO x CONFECÇÃO.

Papai Noel — Às 15 horas o Papai Noel distribuirá presentes para as
crianças. — Traga seus filhos para receber presente. — Os cartões
serão distribuídos na portaria, grátis.

Árvore de Natal — No local haverá uma bela árvore de Natal.

Tômbola — No mesmo dia serão sorteados os seguintes prêmios:

- 1 — Um Televisor Empire de 23" novinho em folha.
- 2 — Uma Vasa para cozinha - Oferta do Sr. Arno Luchtenberg
- 3 — Um Peru gordo - Oferta do Sr. Hoffmann

Colabore com o clube, ele é seu !

Se você ainda não é sócio, procure a portaria e assine agora
a sua proposta. A mensalidade é de apenas NCr\$ 0,30.

O PROGRESSO DO CLUBE DEPENDE DE VOCÊ!

Agradecemos antecipadamente a sua presença.

A DIRETORIA

FIGURA 5.3811 – Anúncio da Festa de Natal promovida pelo Clube Esportivo Cremer, onde se pode observar todas as atrações oferecidas aos operários.

Fonte: Jornal Noticiário Cremer, n.07, 1968, contracapa.



FIGURA 5.39 – Diretor Presidente da empresa, recebendo os cumprimentos do Papai Noel, na festa natalina do Clube Esportivo Cremer, em 1969.

Fonte: Jornal Noticiário Cremer, n.08, 1969, p. 12.



FIGURA 5.40 – Festa Junina, no Clube Esportivo Cremer, em 1969.

Fonte: Jornal Noticiário Cremer, n.10, 1969, p. 10-11.

Pôde-se constatar que os proprietários de algumas destas fábricas, residiam também nas imediações. Segundo o Senhor Hélio Simão⁶⁹, dentro do terreno da Teka existiam cinco casas, onde moravam o fundador, três cunhados dele, e seu filho.

5.3.2.4 Vida religiosa: a igreja luterana domina o espaço

As atividades da Comunidade Evangélica de Itoupava Seca iniciaram, com a realização do primeiro culto em alemão, na Escola Particular de Itoupava Seca. A seguir, foi construída a primeira igreja, inaugurada em 15 de setembro de 1929, onde hoje localiza-se a Electro Aço Altona, denominada Igreja da Cruz.

Porém, em dezembro de 1949, a Comunidade Evangélica de Itoupava Seca adquiriu a casa dos herdeiros de Pedro Cristiano Feddersen. Além de servir de morada para o pastor, serviu também para instalar um jardim de infância sob a responsabilidade da Sociedade Evangélica de Senhoras de Itoupava Seca, que também tinha sua sede no mesmo prédio. (KORMANN, 1994, p. 38, v. 2). Em outubro de 1954, foi lançada, neste mesmo local, a pedra fundamental da Igreja Martin Luther, que iria substituir a Igreja da Cruz e seria construída em linhas bem modernas.

Quanto às igrejas católicas, não existiram em Itoupava Seca, apenas em Itoupava Norte. Inclusive, segundo o Senhora Dulce da Veiga, as famílias católicas, iam às missas nos domingos, na Igreja Matriz, localizada na Unidade Espacial do Centro⁷⁰.

⁶⁹ Entrevista realizada em 13 de janeiro de 2006.

⁷⁰ Ex-funcionária da Teka, na década de 1960, em entrevista realizada na data de 13 de janeiro de 2006.



FIGURA 5.41 – Igreja da Cruz, em 1932.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.



FIGURA 5.42 – Lançamento da Pedra Fundamental da Igreja Marthin Luther.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

5.3.3 Unidade Espacial do Bom Retiro

5.3.3.1 Desenvolvimento urbano: em função da Companhia Hering

Nesta pequena bacia foram demarcados dez lotes que constam no Mapa da Colônia de Blumenau de 1864 e, onde se encontrava o nome do Ribeirão Retiro (*Retiro Bach*). A tranqüilidade que inspirava o estreito vale, deu origem ao nome Bom Retiro.

A Companhia Hering deu início ao desenvolvimento do bairro, ali se instalando em 1897. O primeiro caminho que acompanhava o ribeirão deu origem à atual Rua Hermann Hering, denominação estabelecida em 30 de agosto de 1948. Esta via dava acesso ao parque fabril e ao longo desta, também foram instaladas a maioria das residências da família Hering, todas com alto padrão, em alguns momentos, confundindo-se com palacetes. Foi, segundo o Senhor Werner Siebert⁷¹ a primeira rua asfaltada de Blumenau. O asfalto cobria a via, próximo ao parque fabril e próximo às casas dos proprietários da indústria. Antes de serem implantadas outras unidades fabris da Companhia Hering, os funcionários vinham de diversos bairros da cidade para ali trabalharem. Vinham inclusive de outras cidades como Gaspar e Ilhota. A empresa era responsável pelo deslocamento destes operários, oferecendo ônibus. Segundo a Senhora Esmeralda Otte, “a gente saía antes da enxurrada de ônibus, porque junto não dava pra ir” (informação verbal)⁷². A Senhora Christa Siebert complementa que:

Tinham três turnos. Um às cinco da manhã, um a uma e meia da tarde e um às dez da noite. Antes disso, nos anos quarenta eram as bicicletas. A cooperativa dos funcionários que compravam em grande quantidade e aí era bem mais barato. Uma vez eu cheguei a contar, depois das dez, trinta ônibus. (informação verbal).⁷³

⁷¹ Informação fornecida em entrevista realizada na data de 24/01/2005.

⁷² Idem

⁷³ Ibidem.

Através de depoimentos, constatou-se que outras indústrias estiveram estabelecidas nesta unidade espacial até o início da década de 1980: o Curtume Otte, a Fábrica de Anil Azul Otte e as Meias Hering S.A.. O Curtume Oswald Otte S.A., foi inaugurado por volta de 1880. Possuía, na década de 1950, entre quarenta e cinquenta funcionários. A família Otte também possuiu uma fábrica de anil: A Azul Otte, porém tratava-se de uma empresa exclusivamente familiar, sem empregados, que pertencia a Heinrich Otte, irmão de Oswald Otte. A Fábrica de Meias Hering S.A. (MEHESA), constituiu-se em uma sociedade anônima, criada em 1953, pela fusão da Seção de Meias da Indústria Têxtil Hering Ltda, com a empresa “Filial Froeschlin”, que fabricava os mesmos artigos.

Na fase inicial de implantação da Companhia Hering no Bom Retiro, as moradias dos operários localizavam-se junto à empresa (na vila operária), e as da família dos industriais ao longo da rua Hermann Hering. Com o crescimento da indústria (que incorporou também o curtume Otte), as moradias dos operários foram sendo transferidas para o bairro da Velha, sendo aberta a rua Bruno Hering que passa na encosta do morro e faz a ligação para este bairro.

Quanto ao comércio, este é o depoimento do Senhor Agostinho Lang:

O que tinha era aqui em baixo, ali bem na subida da rua Augusto Otte, ali tinha um predinho de três pavimentos. Ali era um “secos e molhados” do Francisco Batistotti. Tinha um comércio e nos fundos tinha uma cancha de bocha. Então o pessoal saía da Hering às cinco horas ou cinco e meia, ou saía do curtume e se reuniam ali, todas as sextas-feiras eles saíam, cada um tomava uma cachaça ou uma cerveja, não sei se era gelada ou não, eles se reuniam, cada um tinha um banquinho em volta do balcão de madeira e o dono do estabelecimento ficava do lado de dentro sentado na mesinha dele. Sexta-feira principalmente. À noite, ou no sábado eles se reuniam para jogar bocha atrás desse comércio. Isso foi por um tempo, na década de 60. Final de 60, deve ter terminado, depois não me lembro mais da cancha de bocha. Existia o espaço físico da cancha mais não existia mais a cancha. (informação verbal, grifo nosso).⁷⁴

⁷⁴ Informações colhidas em entrevista realizada em 29/11/2004. A década de 60, a qual o entrevistado se refere, trata-se da década de 1960.

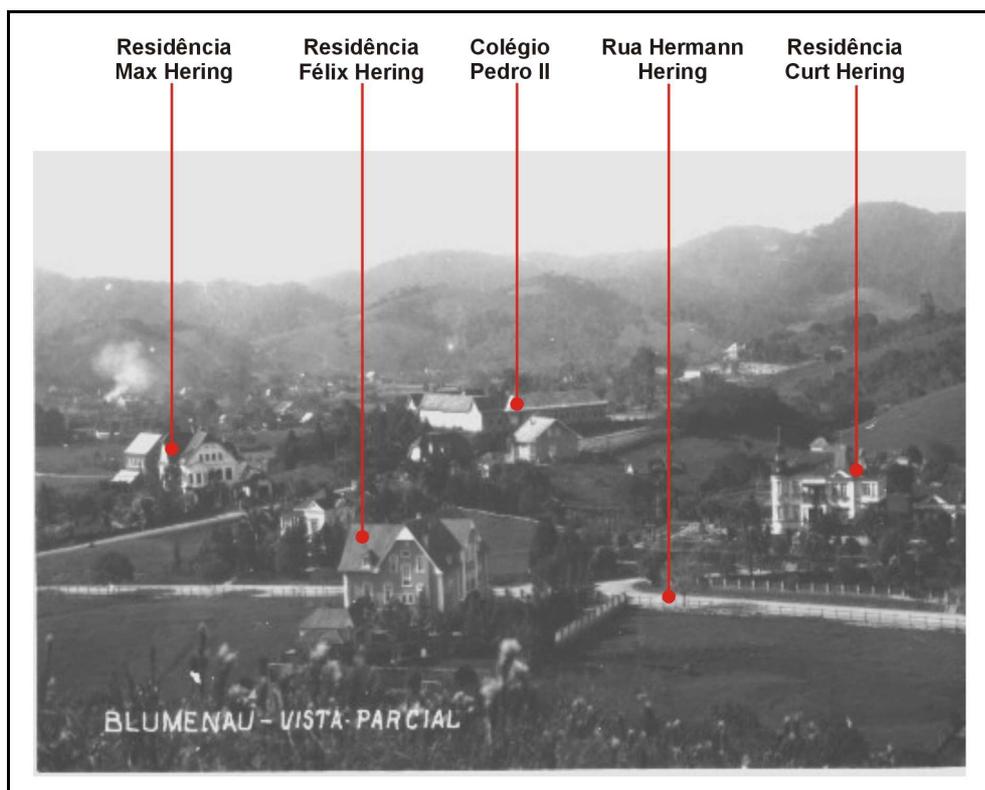


FIGURA 5.43 - Vista do bairro Bom Retiro, na década de 1920.

Fonte: Arquivo pessoal de Christa Siebert.
Edição: Silvana Moretti, 2005.



FIGURA 5.44 - Vista do bairro Bom Retiro, na década de 1940.

Fonte: Arquivo pessoal de Christa Siebert.



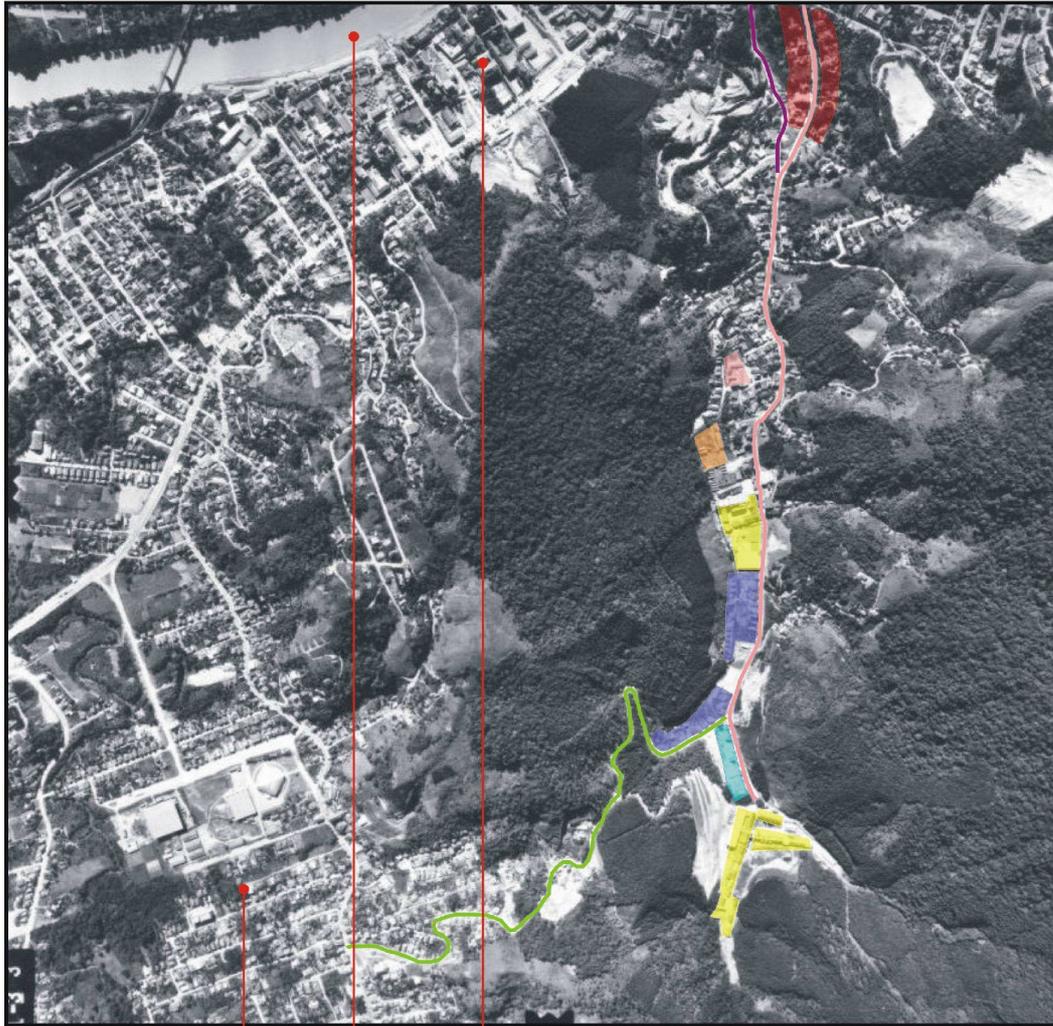
FIGURA 5.45 - Fábrica de Anil “Azul Otte”.

Fonte: Arquivo pessoal de Orlaff Otte.

5.3.3.2 Ensino: a empresa é responsável pela educação, no bairro

Quanto ao ensino, sabe-se que existiu, no Bom Retiro, na década de 1910, uma escola particular de primeiro grau, comprovada através de um boletim apresentado pela Senhora Christa Siebert, que pertenceu à sua mãe Edith Otte, datado de 1911. Não se encontrou outros registros que comprovassem a existência desta escola, por isso não foi possível precisar a sua localização. Também não foi possível saber quanto tempo esta escola esteve em funcionamento. Dona Christa lembra de ouvir sua mãe comentar que as filhas de Max Hering, estudaram ali, na mesma época. O ensino era realizado em alemão.

Posterior a isso, sabe-se da creche mantida pela Companhia Hering, para abrigar os filhos das operárias, durante seu período de trabalho. Esta creche foi inaugurada na década de 1940. Na década de 1960, então, uma pequena escola de primeiro grau, foi inaugurada no Bom Retiro. Ficava próximo da Companhia Hering, era mantida pela indústria e chamava-se Curso Primário Bom Retiro. Segundo o jornal Informativo Hering:



Bairro da Velha

Rio Itajai-açu

Unidade Espacial do Centro

FIGURA 5.46 - Foto aérea de 1972, que mostra uma maior multiplicidade de usos, nesta época, na Unidade Espacial do Bom Retiro.

Fonte: Aeromapa Brasil S/A.
 Edição: Silvana Moretti e Bruno Beduschi, 2006.
 Escala Gráfica.

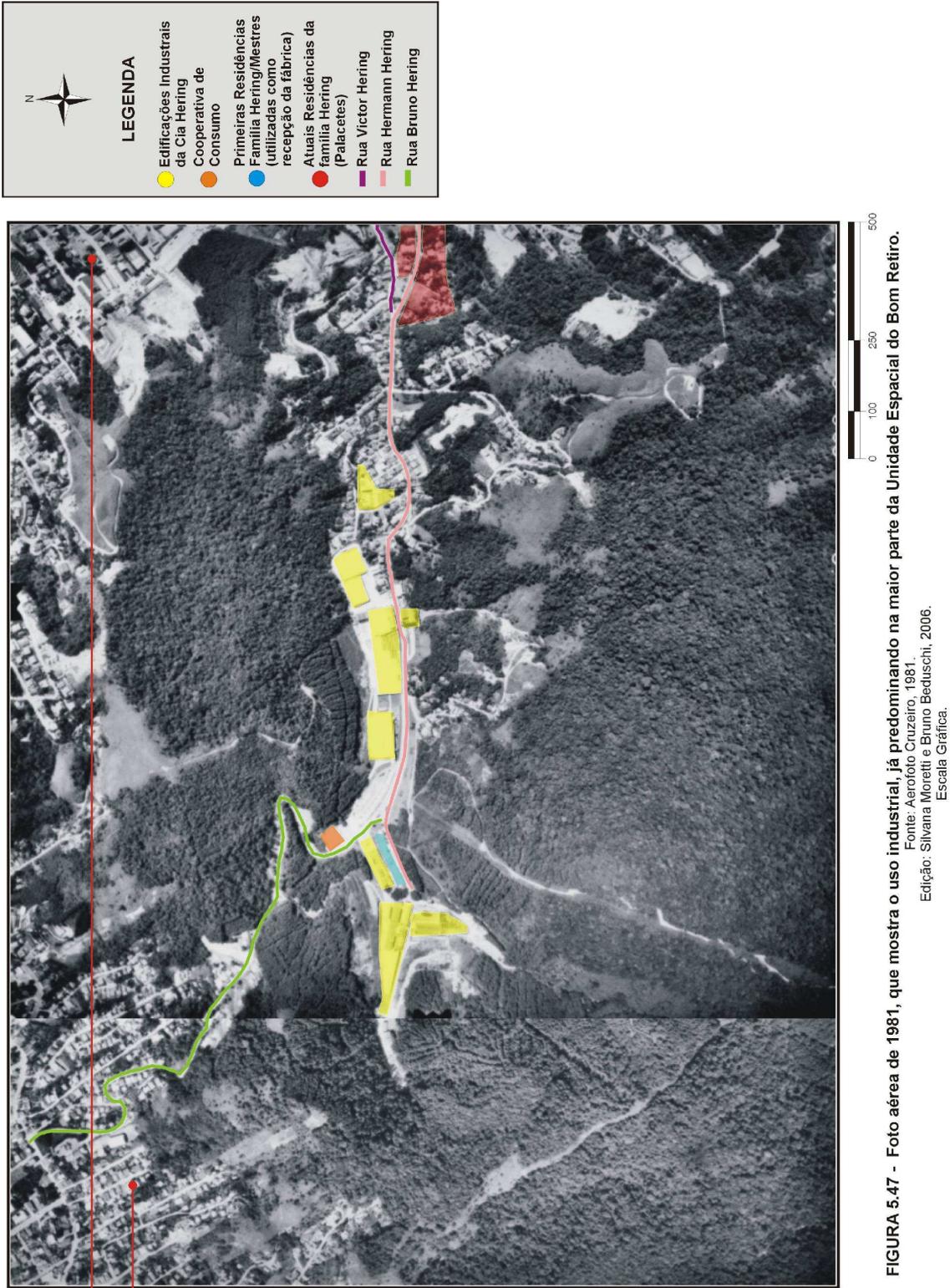


FIGURA 5.47 - Foto aérea de 1981, que mostra o uso industrial, já predominando na maior parte da Unidade Especial do Bom Retiro.
 Fonte: Aerofoto Cruzeiro, 1981.
 Edição: Silvana Moretti e Bruno Beduschi, 2006.
 Escala Gráfica.

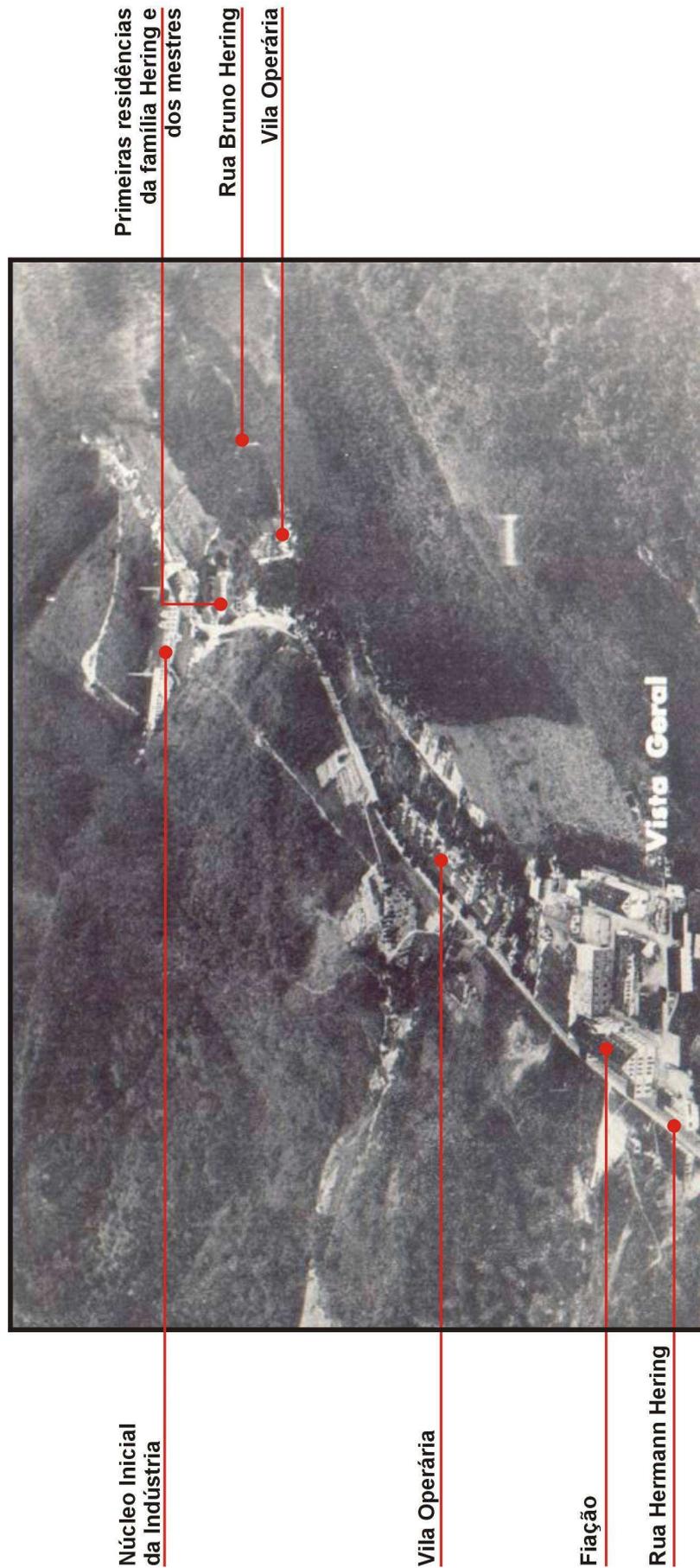


FIGURA 5.48 - Vista do Complexo Industrial da Companhia Hering, na década de 1950.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.
Edição: Silvana Moretti, 2006.

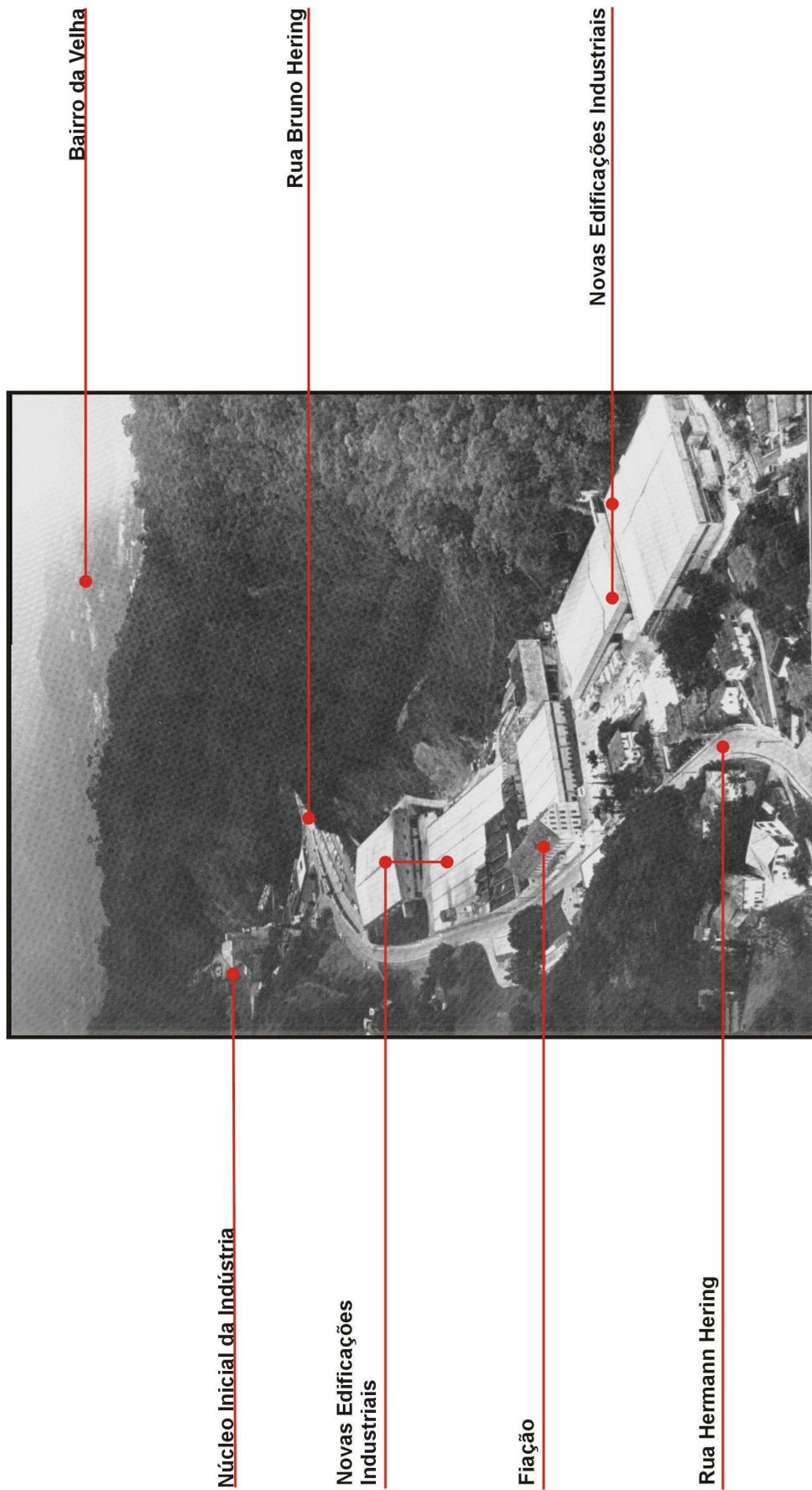


FIGURA 5.49 - Vista do Complexo Industrial da Companhia Hering, na década de 1980. Nota-se uma grande expansão do uso industrial.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.
Edição: Silvana Moretti, 2006.

A escola é destinada aos filhos dos empregados e operários da Cia Hering que lá recebem além de um ensino primoroso todo o material didático, uniformes e assistência médica, independentemente de qualquer ônus. E de acôrdo com convênio recentemente firmado, os 114 alunos da escola, recebem ainda 'Merenda Escolar'. (ASSOCIAÇÃO, 1965, p. 09, grifo do autor).

A maioria dos estudantes, antes disso, deslocavam-se até a Unidade Espacial do Centro para estudar. Segundo a senhora Esmeralda Moser Otte, que foi professora desta escola, esta esteve em funcionamento apenas entre 1962 e 1965. Teve apenas uma turma de primário (1º a 4º série) e depois teve suas atividades encerradas.

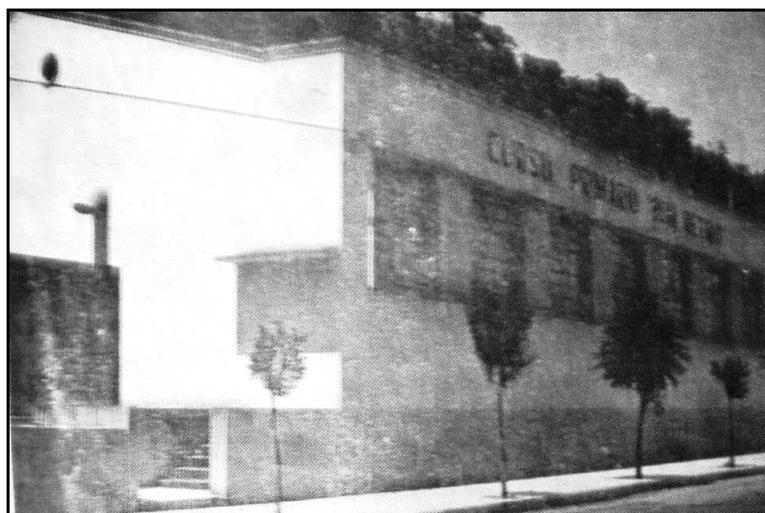


FIGURA 5.50 - Vista do Curso Primário Bom Retiro, em 1965.

Fonte: ASSOCIAÇÃO, 1965, p. 03.

Encontrou-se registros também, da Escola de Mulheres (*Frauenschule*), onde rígidas regras de etiqueta eram ensinadas às jovens moças de famílias abastadas de Blumenau, como símbolo de status e prestígio social. A sede era mantida em uma casa pertencente à família Hering, na rua Hermann Hering e cedida para este fim. Era também conhecido como Pensionato Evangélico de Moças de Blumenau e foi inaugurado pela Sociedade de Senhoras Evangélicas, em janeiro de 1929.

Do seu currículo fazia parte História da Arte, Geografia, Música e Culinária e

sua ênfase era no aprimoramento das virtudes domésticas, capacitando simultaneamente as jovens nas profissões que já se admitiam para a mulher - como a de 'Hauslehrerin', professora particular normalmente de pintura ou de música, ou de jardim-de-infância. Para ensinar as moças da boa burguesia blumenauense, três professoras vieram da Alemanha, as quais passaram a lecionar não apenas na 'Frauenshule', mas também na Escola Alemã da cidade. (RENAUX, 1995, p. 200, grifos da autora).



FIGURA 5.51 - Escola de Mulheres (*Frauenschule*), em 1920.

Fonte: RENAUX, 1995, p. 200.

5.3.3.3 Vida social e cultural: o bairro industrial depende da área central para se divertir

A primeira sociedade cultural fundada na Unidade Espacial do Bom Retiro foi a *Gemuethlichkeit Verein*, em 1894. Desativada durante a Primeira Guerra Mundial, reabriu após o conflito como Sociedade de Atiradores *Gemuethlichkeit*. Com a Segunda Guerra Mundial, a sociedade teve seu nome alterado para Sociedade de Atiradores Doutor Amadeu da Luz. Com dificuldades financeiras em 1945 realizou uma Assembléia Geral, onde passou, em doação, o patrimônio da sociedade em favor do Clube de Caça e Tiro Blumenauense, que foi fundado em 1944. (KORMANN, 1994, p. 262-263, v.1). Este, por sua vez, em 1969, teve suas instalações transferidas para a Rua Itajaí, bairro Badenfurt. Segundo o Senhor Werner Siebert, o Clube teve que mudar dali por causa dos tiros. "Porque começaram a construir casas ali perto, na Rua Cuiabá. Daí aquilo se supunha que

trazia certo risco” (informação verbal)⁷⁵.

Na cultura, a família Hering também teve destacada participação: Victor teve muita atuação na vida comunitária, participando ativamente de diversas sociedades. Foi presidente do Clube Náutico América e do Aero clube de Blumenau. Seguindo a mesma trilha de Bruno Hering, voltou-se para a ecologia, tendo sido distinguido com a Ordem da Árvore, em 1956, pelo perfeito desempenho do cargo honorário de delegado florestal. Isto, inclusive, lhe valeu o batismo de uma planta com o seu nome, pelo Pe. Raulino Reitz, destacado botânico do Município. (FIGUEIRA, 1980, p. 56).

No mesmo ano em que começava a sair na imprensa o primeiro romance de Gertrud Gross-Hering (filha de Hermann Hering), Nanny Poethig (também filha de Hermann Hering) assumiu temporariamente a presidência da Sociedade Teatral *Frohsinn*. (FIGUEIRA, 1980, p. 35). Curt Hering (filho mais moço de Hermann) desempenhou também papel destacado, contribuindo para o desenvolvimento da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes e outras sociedades recreativas, esportivas e culturais.

Todo domingo à tarde Hermann e Minna recebiam convidados em sua casa para tomar café, jogar bolão (as mulheres), e ‘skat’ (os homens), novamente reproduzindo os padrões europeus da época. De acordo com esses padrões, a sociabilidade e os passatempos masculinos inseriam-se em espaços separados - clubes, cafés, salas de bilhar e de cartas e a sociedade de Blumenau não era uma exceção [...]. (RENAUX, 1995, p. 164, grifo da autora).

Tão longe ia o gosto dos Hering pelas representações teatrais que na própria fábrica, segundo as memórias da família, eles juntavam mesas para servir de palco, malha branca para fazer a vez de pano de fundo do cenário e aproveitavam os momentos de folga para encenar. (RENAUX, 1995, p. 157).

Os funcionários da Companhia Hering, também formaram grupos de teatro nas décadas de 1960 e 1970. São eles o grupo Vale do Sol e o grupo Teatrhering.

⁷⁵ Informação fornecida em entrevista realizada na data de 24/01/2005.

Quanto ao esporte, segundo Kormann, em 1927, foi fundado o *Rot-Weiss Tennisklub* Bom Retiro, que registrou seus Estatutos em 1930. Com a nacionalização, o clube passou a denominar-se Tênis Club Blumenau. Na ocasião, também foi eleita nova diretoria que contou com Max Tavares d'Amaral, Arão Rebelo, Célio Pereira Oliveira, Gil Rochadel, Sebald Otte e Roland Otte. A comissão desportiva era integrada por Curt Probst, Fred Stingelin e Bernardo Hering. Max Tavares d'Amaral e Bernardo Hering, faziam parte da diretoria da Companhia Hering, nesta época e Sebald Otte, era proprietário da Fábrica de Anil. No mesmo ano, o Tênis Club de Blumenau organizou o movimento para a construção de sua sede, sendo o principal colaborador, o Cônsul Carlos Renaux, proprietário da fábrica de tecidos Renaux, de Brusque. A essa importância apreciável, foram somadas doações conseguidas de outros importantes comerciantes e industriais. (1994, p. 265, v.1). Porém, em conversa com alguns descendentes do Senhor Sebald, não se conseguiu confirmar a existência deste clube e muito menos sua localização.

No bairro Bom Retiro também existiu equipe de futebol: o Futebol Clube Bom Retiro, fundado em 1926 e que participava de todos os torneios, inclusive em outras cidades. Como tantos outros clubes de futebol da época, também desapareceu. (KORMANN, 1994, p. 265, v. 1).

Era um campo situado onde era o Caça e Tiro Blumenauense, a esquerda tinha uma área, que se você passar hoje você não consegue mais notar. Tinha na rua Richard Holetz, atrás tinha uma área enorme, [...] e aí era o campo do Bom Retiro. Tiraram dali depois e a Hering começou a ceder umas áreas, atrás da rua Piracicaba, onde era a vila deles. Depois eles fecharam, demoliram as casas. Existia um outro campo onde hoje é o estacionamento principal deles, aqui fora que era baixo assim. O ribeirão passava no canto de lá. Ali tinha uma quadra de futebol de salão e um campo de futebol. Isso na década de 60. Depois eles fecharam. Aquela casa de enxaimel que foi reerguida ali, foi a primeira sede da Associação da Hering, depois mudaram parte do parque para a Velha e construíram a associação lá atrás. (informação verbal)⁷⁶.

A Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering (AACTH) foi fundada em 1964, no começo, sem uma sede definida, mas com estatutos, nos quais eram descritas as suas finalidades:

⁷⁶ Informação fornecida pelo Senhor Agostinho Lang, em entrevista realizada em 29/11/2004.

a) incrementar a prática de esportes amadoristas como: futebol, basquetebol, voleibol, futebol de salão, bocha e outros; b) estabelecer jogos permitidos em sociedade, para recreio dos seus associados tais como: xadrez, damas, dominó, etc...; c) promover reuniões e diversões de caráter social – esportivo, cultural e cívico; d) criar e manter uma biblioteca, incentivando os seus associados à boa leitura; e) criar e manter um jornal de circulação interna. (ASSOCIAÇÃO, 1964, p. 08).

A Associação Recreativa dos funcionários da Hering foi implantada, no início, próximo à indústria, no local onde esteve a vila operária. Segundo o depoimento do Senhor Agostinho Lang, tratava-se apenas de algumas quadras esportivas. Logo em seguida, a empresa forneceu uma de suas edificações históricas para a sede: “Graças a compreensão e dinamismo dos nossos Diretores, aliados a um interesse fora do comum a tudo que diz respeito aos empregados da ITCH, podemos dizer que a nossa Associação já dispõe de uma sede”. (ASSOCIAÇÃO, 1965, p. 05).

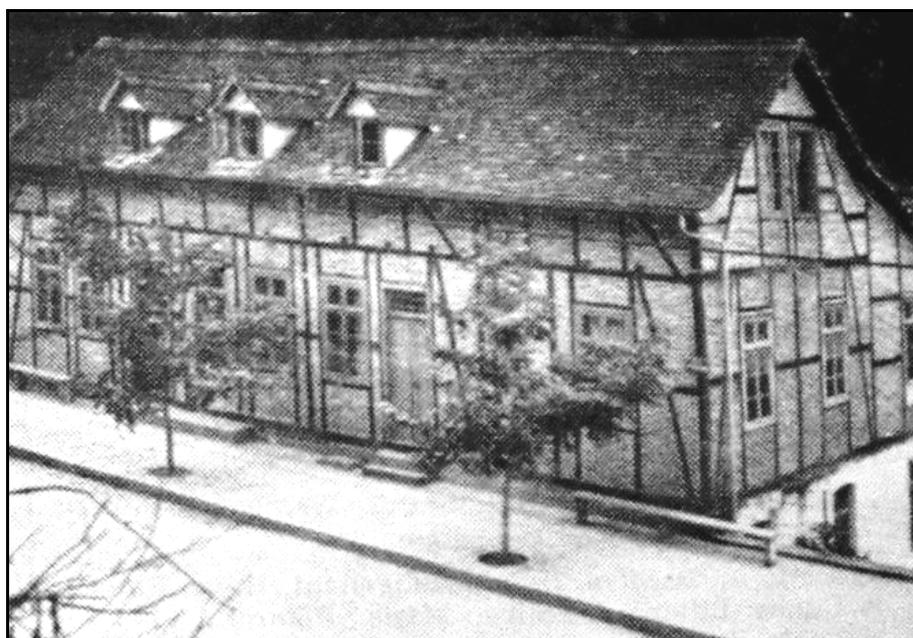


FIGURA 5.52 – Sede da Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering, em 1965.

Fonte: ASSOCIAÇÃO, 1965, p. 05.

Como a maioria dos operários da Hering, na época, morava no bairro da Velha, a empresa doou à comunidade deste bairro, também, o clube recreativo Vasto Verde, antes da construção da Associação Desportiva. Ali eram praticadas as

diversas modalidades esportivas, que dependiam de maior infra-estrutura: futebol de campo, futebol de salão, vôlei, basquete, ciclismo e tênis de mesa. Logo, a falta de espaço adequado, fazia a indústria transferir parte da produção e a sede da Associação Desportiva, para o bairro da Velha, em 1974.:

As equipes da Companhia Hering, chegaram a representar Santa Catarina no Campeonato Brasileiro de Voleibol, por convite da Confederação Brasileira. Sabe-se da participação das equipes da Hering, também, na Olimpíada dos 100 anos da Karsten e principalmente nas competições promovidas pelo SESI. Muitos dos atletas (todos funcionários da indústria), tornaram-se destaques em suas modalidades a nível estadual e alguns até mesmo a nível nacional.

Conforme pesquisa no jornal Interno O Peixinho⁷⁷, dentro da Associação Desportiva Hering eram desenvolvidas e estimuladas pela diretoria, as seguintes atividades: formação de corais, concursos de cartazes, concurso de trabalhos manuais, festas juninas, festas pelo Dia do Trabalhador, bailes, bingos, concurso “Garota Hering”, grupo de escoteiros para os filhos dos funcionários, olimpíadas internas, aulas de ginástica, aulas de esportes (basquete, vôlei, futebol, judô, etc.)⁷⁸, torneio de bocha, torneio de tênis de mesa, competição entre as corporações do Corpo de Bombeiros de todas as unidades fabris, torneios entre os setores da matriz (várias modalidades esportivas), corrida rústica, torneios de canastra, de pesca, de futebol (masculino e feminino), entre outras.

Além da sede principal, a Associação Desportiva da Hering, possuiu sede também nas unidades fabris das cidades de Indaial, Ibirama e Rodeio. Por este motivo eram também realizados, torneios entre filiais, além de torneios entre setores das unidades. Observou-se também, que estes torneios geralmente eram realizados nos diversos turnos (matutino, noturno, etc.) para que todos os funcionários pudessem participar.

Havia também para os sócios, um camping, na Praia de Armação.

⁷⁷ Jornal da Associação Desportiva Têxtil Hering, que substituiu o Jornal Informativo Hering.

⁷⁸ Para os funcionários e seus dependentes.



FIGURA 5.53 – Festa Junina na Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering, em 1970.

Fonte: Jornal Informativo Hering, Ano IV, nº 52, p. 06.



FIGURA 5.54 - Figura retirada do Jornal da Associação Desportiva Hering, mostrando uma festa comemorativa ao Dia do Trabalhador, em 1985, onde estiveram presente, cerca de 8.000 pessoas.

Fonte: Jornal O Peixinho, Ano 5, nº 52.



FIGURA 5.55 – Figura retirada do Jornal da Associação Desportiva Hering, mostrando os diversos times que disputariam o torneio interno de futebol de salão.

Fonte: Jornal O Peixinho, Ano 7, nº 78.

5.3.3.4 Vida religiosa: uma atividade inexistente no bairro

Não encontrou-se registros de igrejas implantadas nesta unidade espacial, no período de estudo, dado confirmado pelos moradores e ex-moradores entrevistados. Os templos religiosos estavam localizados no bairro da Velha, surgidos a partir da implantação da rua Bruno Hering e de onde vinham a maioria dos operários que trabalhavam nesta fábrica. Os industriais e quadros superiores, freqüentavam e ajudavam a manter os templos principais, localizados na Unidade Espacial do Centro.

5.3.4 Unidade Espacial da Rua Itajaí

5.3.4.1 Desenvolvimento urbano: o caminho para o litoral foi responsável pela evolução urbana

Esta unidade espacial localiza-se hoje, no bairro Vostardt⁷⁹, na margem direita do Rio Itajaí-açu, sendo que, inicialmente, era constituído por quatorze lotes coloniais, conforme consta no mapa da Colônia de 1864.

A rua Itajaí recebeu o nome oficial em 18 de agosto de 1942, pois é nesta via que inicia-se a ligação entre as cidades de Blumenau e Itajaí. Paralelamente à esta rua seguia a Estrada de Ferro Santa Catarina.

O Vorstadt abriga um importante marco da história do município: o Hospital Santo Antônio. O funcionamento do hospital motivou por muito tempo que a atual rua Itajaí fosse chamada de rua do Hospital. Este hospital foi construído em 1870, pelo Doutor Blumenau. Em 1874, durante um forte temporal, o barracão, onde funcionava o hospital, desabou. Com isso, o Governo Provincial construiu um novo prédio para atender as necessidades locais, concluído em 1876. Na ocasião, também, foi construído um necrotério, quartos individuais, enfermaria e um anexo, para abrigar doentes mentais, que por falta de vagas não podiam ser internados no manicômio de Florianópolis. Esta edificação foi demolida em 1943, quando se deu início a construção do atual prédio. Nesta mesma rua, foi construído o Centro de Saúde de Blumenau, inaugurado no dia 3 de maio de 1945.

A ponte Adolfo Konder, conhecida como Ponte dos Arcos, é outro marco importante. Foi erguida em 1933, e por ela passou a estrada de ferro, possuindo uma extensão total de 407,50 m, compreendendo um trecho em viaduto.

Como já havia sido citado, esta unidade espacial teve sua significância e desenvolvimento intensificado a partir da década de 1940, quando ali foi implantada a Sul Fabril.

⁷⁹ Palavra que tem sua origem na língua alemã e significa “antes da cidade” ou “entrada da cidade”.



FIGURA 5.56- Hospital Municipal da Rua Itajaí.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 159.



FIGURA 5.57 – Vista da Estrada de Ferro Santa Catarina, correndo em paralelo à Rua Itajaí, na década de 1950.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.



FIGURA 5.58 - Vista da Sul Fabril na década de 1960.

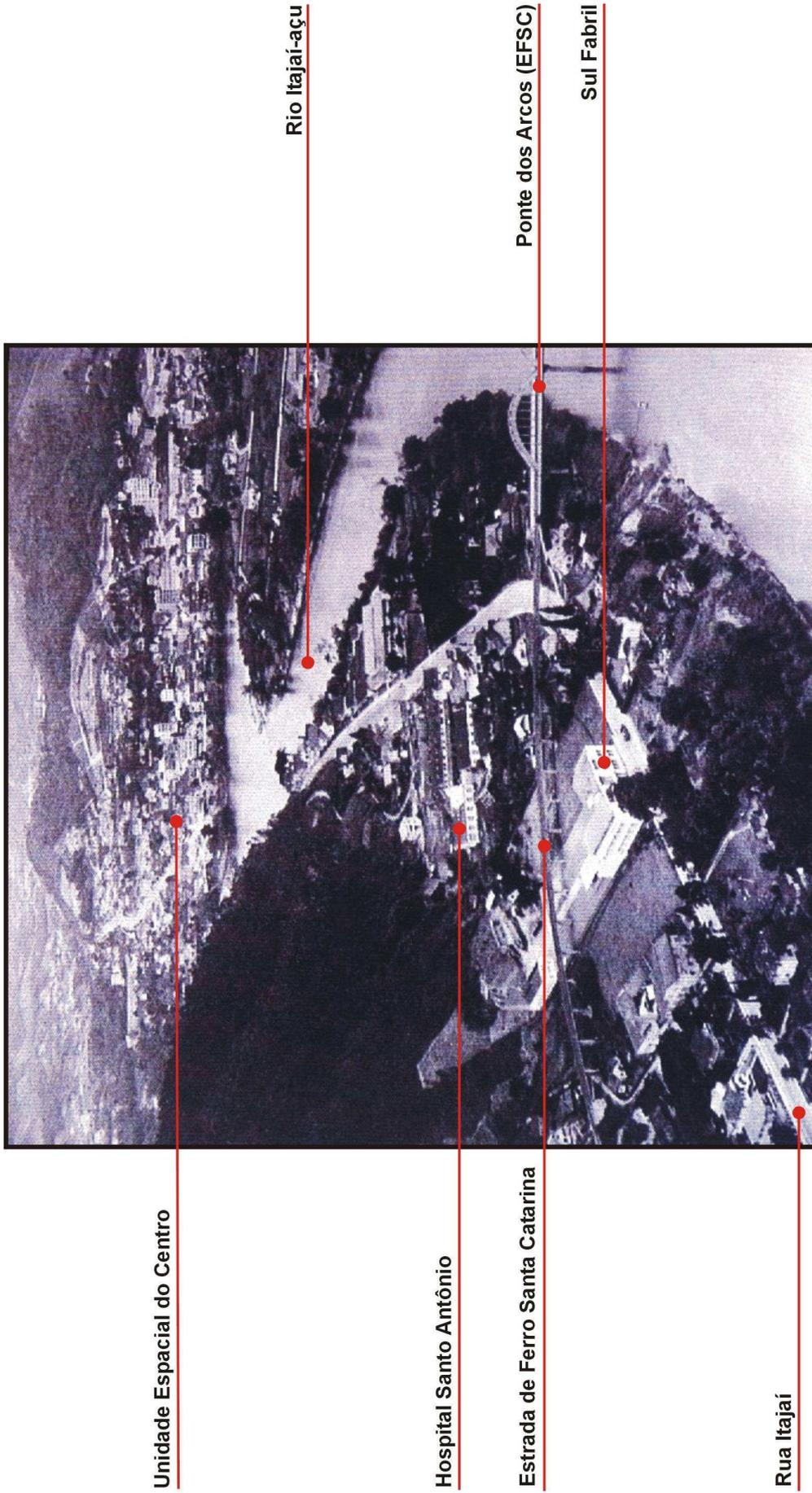
Fonte: VIEIRA, 1986.

5.3.4.2 Ensino: uma atividade dependente da área central

Não se encontrou o registro de instituições educacionais, nesta unidade espacial, no período temporal desta pesquisa.

5.3.4.3 Vida Social e Cultural: poucas atividades se desenvolveram no interior da unidade espacial

Poucas foram as referências encontradas quanto às atividades sociais e culturais desenvolvidas nesta unidade espacial, sendo que estas somente se intensificaram após o desenvolvimento da Sul Fabril, como veremos adiante.



Unidade Espacial do Centro

Hospital Santo Antônio

Estrada de Ferro Santa Catarina

Rua Itajaí

Rio Itajaí-açu

Ponte dos Arcos (EFSC)

Sul Fabril

FIGURA 5.59 - Aspecto geral da Unidade Espacial da Rua Itajaí, na década de 1950.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.
Edição: Silvana Moretti, 2006.

Quanto as associações, sabe-se de uma de canto que teve “curta duração e que chegou a lançar a pedra fundamental da sua sede no Vorstadt, no dia 26 de dezembro de 1928, foi o Coral Masculino *Sängerlust*.” (KORMANN, 1995, p. 186, v. 3, grifo nosso). Sabe-se também, que em 1969 mudou-se para a rua Itajaí o Clube Blumenauense de Caça e Tiro que se localizava no bairro Bom Retiro, como já se havia citado anteriormente. Porém não há registros significativos das atividades destas sociedades.

A maioria das informações sobre a vida social e cultural desta unidade espacial, pôde-se colher através de um jornal interno da Sul Fabril, de circulação mensal: “O Radar Sul Fabril”⁸⁰. Através deste jornal, pode-se descobrir os hábitos do operariado e verificar suas principais atividades cotidianas, pois mensalmente um dos funcionários era sorteado para responder perguntas de ordem geral, entre elas, seus principais lazeres e o local onde moravam, na coluna “O Álbum da ‘Família’”. Constatou-se, principalmente, que a grande maioria dos entrevistados, não residia próximo a empresa. Isto se dá provavelmente, por ter sido esta, a última indústria têxtil de grande porte a se instalar no Município e, em uma localidade que já havia se desenvolvido em função de outros fatores, como a estrada para Itajaí e a Estrada de Ferro Santa Catarina. Portanto, muitas pessoas ali já residiam e poucas vieram a ali se instalar, em função do desenvolvimento da indústria. Neste período, também o transporte já se tornara mais facilitado, o que incentivava as pessoas a se deslocarem todos os dias para o trabalho. Encontrou-se um registro da década de 1970, afirmando que a empresa fornecia condução aos seus empregados: “Nossos operários tem à sua disposição ônibus de todos os bairros, em horários especiais para sua condução à nossa indústria”. (VIRGILL, 1975, p. 02).

⁸⁰ Jornal de distribuição interna, publicado pela administração da empresa entre 1963 e 1965 e depois assumido pelos funcionários até 1997. Apresentava as seguintes colunas: Curiosidades, O Álbum da Família, Eventos Sociais (divulgação de aniversários, casamentos, noivados, batizados, falecimentos, visitantes, etc.), Curiosidades, Coluna Feminina (culinária, dicas de beleza, atividades domésticas, etc.), C.I.P.A. (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), Esportes (divulgando as atividades da S.D.R. e de atividades esportivas acontecidas no município), Humorismo (piadas e fofocas), Horóscopo, Divirta-se Aprendendo (passatempos), A Secção da Criança (onde eram apresentados os filhos de alguns funcionários), entre outras esporádicas. Apesar de ter mudado o formato com o decorrer dos anos, foi mantendo praticamente as mesmas colunas, durante o período em que foi publicado.

Este jornal passou a circular em 1963, e nesta época, os principais lazeres eram o cinema, os jogos de futebol (inclusive entre as mulheres) e já os passeios até a praia, antes um hábito cultivado apenas pelas classes mais abastadas. Como exemplo, tem-se a entrevista realizada com a funcionária Victória Gauche, em julho de 1965, uma jovem de 22 anos, que trabalhava na seção de costura. Quando questionada sobre quais eram seus divertimentos preferidos, ela responde: “Gosto de assistir bons filmes, e quando possível, fazer passeios, nunca esquecendo da praia. Ouvir boa música e ler”. Quando questionada se torcia para algum time de futebol, responde: “Sim, sou ardorosa torcedora do Campeão Catarinense de Futebol, o Grêmio Esportivo Olímpico”. (GERMER, jul. 1965, p. 01). Em um outro exemplo, a entrevistada, Maria Tillmann, solteira, que trabalhava como contra-mestre da costura de malha, quando perguntada quanto aos seus passatempos responde: “Praia, nos fins de semana, isto é, em época de veraneio. Assisto também futebol, torcendo pelo Olímpico”. (SERPA, 1965, p. 03).

Quanto aos entrevistados do sexo masculino, que já haviam constituído família, percebe-se outras formas de lazer, como pode-se observar na entrevista com o operário Arno Böhr, casado e pai de três filhos. Quando questionado sobre seu divertimento predileto, ele responde: “Caçar e pescar”. E quando perguntado sobre suas ocupações aos domingos, responde: “De manhã vou à missa com a família, e a tarde aproveitamos para fazer visitas ou receber visitas, com exceção dos domingos em que vou caçar e pescar”.(GERMER, jan. 1965, p. 03). Outro entrevistado responde a mesma pergunta da seguinte forma: “Vou à missa, ao cinema, ao futebol e aproveito para visitar parentes e amigos, naturalmente com minha esposa”. (GERMER, fev. 1965, p. 01). Pôde-se constatar, também, principalmente entre os entrevistados do sexo masculino, que a maioria, participava das atividades desenvolvidas pela Sociedade Desportiva e Recreativa Sul Fabril, cujo time de futebol, era conhecido como “Poderio da Rua Itajaí”.

As equipes da S.D.R. Sul Fabril, participavam também dos diversos campeonatos existentes na cidade, como por exemplo, o Torneio Vasto Verde e o campeonato do SESI. As principais atividades desportivas incentivada pela S.D.R. Sul Fabril eram: futebol de campo, futebol de salão, atletismo, bocha, dominó, vôlei, ping-pong e canastra. Promoviam também campeonatos internos, entre os setores e entre equipes internas como: Os solteiros X Os casados, Os gordos X Os magros,

etc. Pôde-se verificar, também que uma modalidade que foi muito prestigiada pela diretoria da S.D.R, na década de 1970, foi o remo. Ao que parece, outras indústrias tiveram equipes de remo, mas apenas encontrou-se registro em uma edição do Radar Sul Fabril de 1971, que relatava uma competição patrocinada pelo SESI, entre as equipes da Hering, Gráfica 43, S.D.R. Sul Fabril e Electro Aço Altona, sendo que nessa oportunidade a equipe da Hering foi a vencedora. (ROCHA, 1971, p. 05).



FIGURA 5.60 – Equipe de remo da S.D.R. Sul Fabril.

Fonte: O Radar Sul Fabril, ano VIII, n. 96, p. 05, jan. 1971.

Outras atividades incentivadas pela S.D.R. eram: bailes, Dia do Lazer (no dia do trabalhador), festas e sorteios de rifas (geralmente o prêmio era uma bicicleta). A partir de 1966, a S.D.R., passou a eleger todos os anos, entre as operárias, a sua rainha, que iria concorrer, também ao título de Rainha das Operárias de Blumenau. A S.D.R. promovia também, excursões para cidades próximas para proporcionar aos associados, atividades de lazer. Uma das primeiras excursões aconteceu em julho de 1968 e se dirigiu a Balneário Camboriu. Segundo o jornal O Radar Sul Fabril:

Participaram cêrca de 350 pessoas, sem contar as crianças menores de 10 anos, lotando sete ônibus especiais. Amanhecendo um dia nublado, cumpriu-se à risca o programa, partindo a caravana às 7,15 hs. [...] O desembarque deu-se em frente ao late Clube Camboriu, que se tornou o palco da brilhante festa Sul Fabril. (HARTMANN, 1968, p. 01).

O mesmo jornal descreve as atividades realizadas durante este dia sendo: brincadeiras de corrida de saco, bastão e outras, durante a manhã; almoço com completa feijoada e após o almoço, “seguiu-se animadíssima tarde dançante abrilhantada pelo *Jazz Society* de nossa cidade [...]. Os mais animados e alegres receberam prêmios pelas suas participações nas mais variadas brincadeiras”. (HARTMANN, 1968, p. 01). Outras excursões aconteceram posteriormente sendo que cada vez um número maior de ônibus saíam lotados da frente da empresa.

Independente da S.D.R., a empresa também promovia festas em datas especiais como o Dia das Mães e o Natal, onde eram realizadas interpretações artísticas, cânticos, declamações de poesias, apresentação do Coro Misto da empresa e sorteio de prêmios.

A Sul Fabril, possuiu, também um grupo de teatro e um de mímica, composto por funcionários. O Grupo de Artes Teatrais, fundado em 1967 funcionou até 1969, quando se desfez. Em 1977, por iniciativa de alguns funcionários, foi reativado. (KORMANN, 1995, p. 108, v. 3). O grupo de mímica iniciou suas atividades em 1982.



FIGURA 5.61 – Saída da excursão para Balneário Camboriú, em 1968.

Fonte: O Radar Sul Fabril, ano V, n. 66, p. 01, jul. 1968.



FIGURA 5.62 – Festa em comemoração ao Dia das Mães, em 1966.

Fonte: O Radar Sul Fabril, ano 4, n. 40, p. 01, mai 1966.



FIGURA 5.63 – Um dos Diretores da empresa saúda os presentes à Festa de Natal em 1966, tendo ao fundo o Coro Misto da Sul Fabril.

Fonte: O Radar Sul Fabril, ano IV, n. 48, p. 01, jan. 1967.

5.3.4.4 Vida religiosa: é na Unidade Espacial do Centro, que a comunidade encontra apoio espiritual

São poucas as referências urbanas, sendo que não se tem notícia de igrejas nesta unidade espacial, no período temporal da pesquisa.

Como vários dos operários citaram a atividade religiosa como cotidiana, entende-se que os mesmos frequentavam as igrejas dos locais onde moravam, pois como já foi citado, poucos eram os funcionários que residiam próximo à indústria.

5.3.5 Unidade Espacial do Centro

5.3.5.1 Desenvolvimento urbano: o local do início da Colônia Blumenau

A Unidade Espacial do Centro, formada, hoje pelos atuais bairros Centro, Jardim Blumenau e Ponta Aguda, foi por muito tempo, o único local habitado da colônia. No começo, as primeiras indústrias de Blumenau ali se instalaram, depois, o que mais prevaleceu, foi a atividade comercial, residencial e de lazer, mas sempre ligadas de alguma forma ao desenvolvimento econômico do Município.

Conforme descreve Castells,

As atividades atraídas pelo centro são então atividades de caráter muito geral, tributárias ao mesmo tempo de sua proximidade mútua e de uma certa equidistância, bem mais social que ecológica, com referência ao conjunto da área urbana. O que equivale a identificar, em termos de cálculo econômico, o mesmo tipo de atividades cuja análise ecológica da ocupação do solo constatava a implantação central: troca, distribuição, gestão, emissão da informação. (CASTELLS, 1983, p. 273-274).

Santos também contribui quando diz que as características mais marcantes do centro urbano são a de constituir o nódulo principal da rede de vias urbanas e de apresentar uma forte concentração de serviços de todos os níveis, especialmente comerciais. (SANTOS, 1981, p. 193).

A praça Hercílio Luz, núcleo inicial da colônia, inicialmente era uma área com grande gramado contíguo ao porto, próximo à desembocadura do ribeirão Garcia. Por muitos anos foi também local de travessia do Rio Itajaí-açu com uma balsa, até ser construída a ponte Adolfo Konder, que faz ligação com a Ponta Aguda.

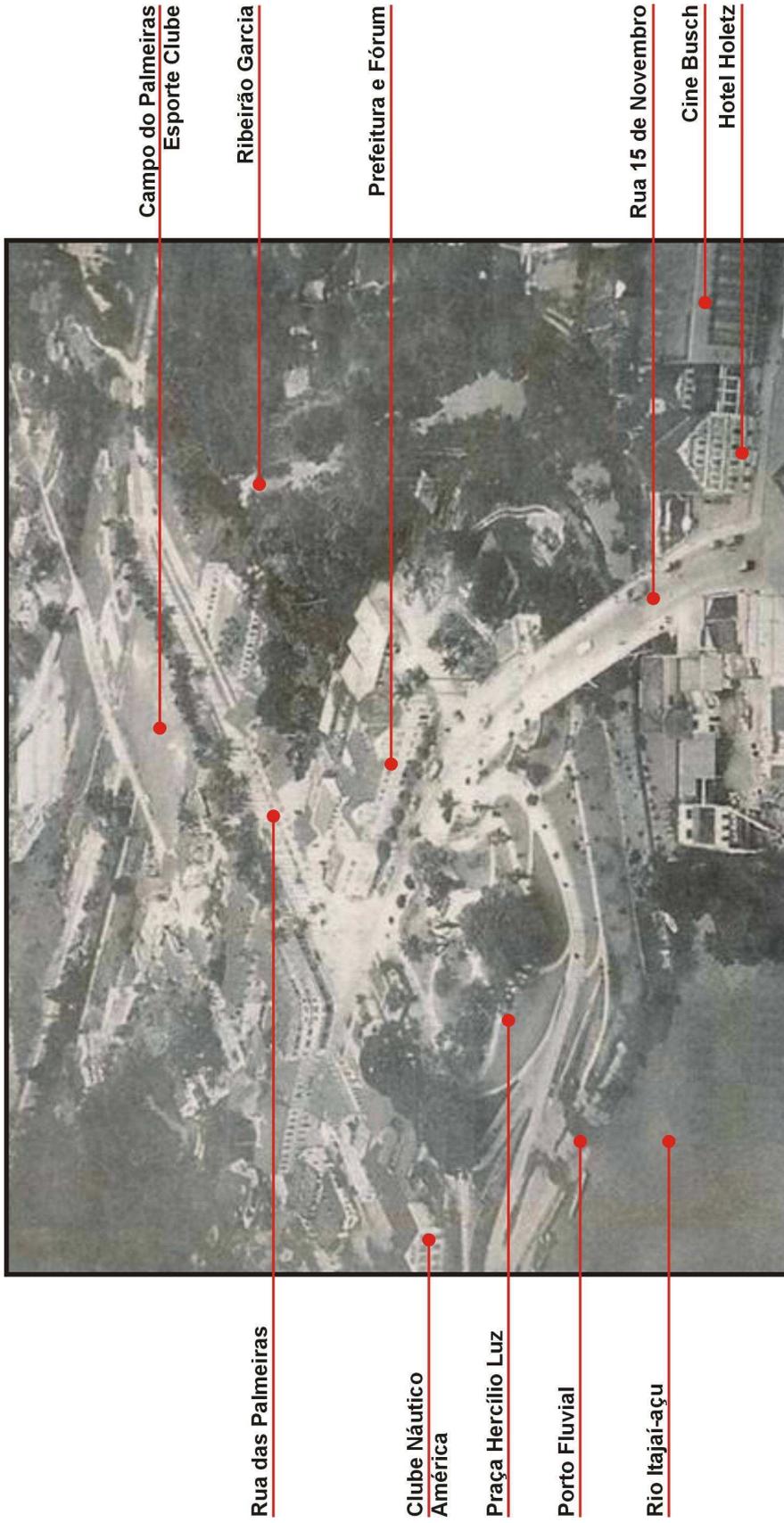


FIGURA 5.64 - Vista de parte da Unidade Espacial do Centro, e núcleo inicial da Colônia Blumenau, na década de 1940.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

Edição: Silvana Moretti, 2006.

A primeira rua surgiu em 1852, com o nome de *Palmenalle*, onde foi construído o primeiro hotel, de alvenaria, denominado de Hotel Brattiz, que depois teve seu nome alterado para Hotel Boa Vista. Num dos quartos, o Doutor Blumenau instalou a direção da Colônia. A partir de 1942, seu nome passou a ser Alameda Duque de Caxias, porém foi e é mais conhecida como rua das Palmeiras.

A rua 15 de Novembro foi a rua comercial mais importante da Colônia, característica que mantém até os dias de hoje. A origem da rua 15 de Novembro, nasceu da história da procura de uma vaca perdida no mato. Para encontrá-la, os colonos abriram uma picada, bastante tortuosa. Com o uso freqüente desta picada, a população apelidou-a de *Bratwursttrasse* (Rua da Lingüiça). Mais tarde foi retificada e em 1890 recebeu a denominação de rua 15 de Novembro, em função da recente Proclamação da República. Outra via comercial importante da cidade foi a Rua 7 de Setembro, que teve seu primeiro trecho aberto por volta de 1915. Esta também mantém as mesmas características de uso até os dias atuais. Segundo Deeke, em 1916, a cidade se compunha praticamente de uma só rua,

a chamada Rua Principal, que acompanha o contorno do Rio. As ruas laterais têm poucas casas. À exceção da Alameda Dr. Blumenau, da Rua dos Atiradores, da Rua da Velha e outras, os nomes oficiais das ruas são alusivos a datas patrióticas. A Rua Principal denomina-se Quinze de Novembro. Existem ainda as Ruas Sete de Setembro, Treze de Maio, etc. Mas, como ainda não há placas identificadoras de ruas, permanecem no uso cotidiano as antigas denominações, como *Stadtplatz* (Centro), *Affenwinkel* (Recanto dos Macacos), *Vorstadt* (Entrada da Cidade), *Hauptstrasse* (Rua Principal), *Kaiserstrasse* (Rua do Imperador), *Gespensterstrasse* (Rua do Fantasma), etc. (1995, p. 19, grifos nosso).⁸¹

A Avenida Presidente Castelo Branco, criada para descongestionar o tráfego da Rua 15 de Novembro, foi iniciada em 1951 sobre um aterro que contorna a margem direita do Rio Itajaí-açu. Foi denominada em 1975, em homenagem ao Presidente do Brasil, depois da revolução de março de 1964, porém hoje, é mais conhecida como Avenida Beira-Rio.

⁸¹ A partir de 1919, a Rua do Imperador passou a chamar-se Alameda Rio Branco e a Rua do Fantasma, Rua Ângelo Dias.



FIGURA 5.65 – Vistas da Rua 15 de Novembro, todas de um mesmo ângulo. De cima para baixo e da esquerda pra direita: a primeira na década de 1910; a segunda, na década de 1920; a terceira na década de 1950 e a última, na década de 1960, onde se pode observar a construção da torre da nova Igreja Matriz Católica.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.



FIGURA 5.66 - Vista da Rua 7 de Setembro, na década de 1950. A esquerda, a edificação da Estação Rodoviária.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

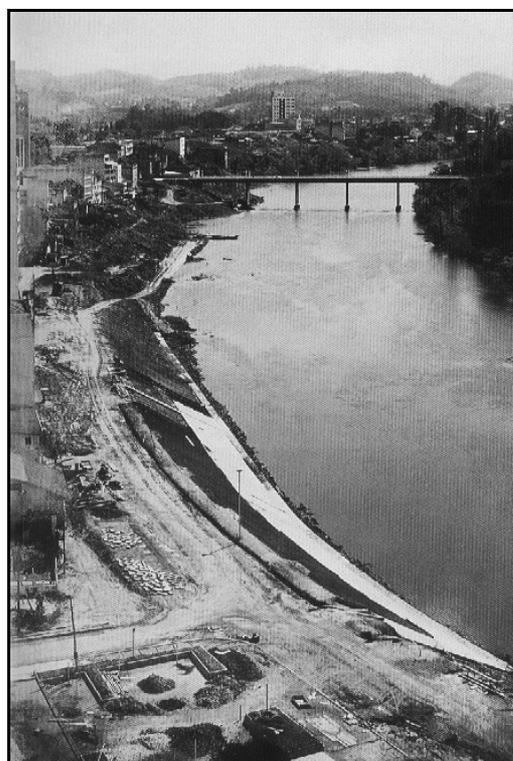


FIGURA 5.67 - Implantação da Avenida Presidente Castelo Branco.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 159.

Em 1949, surge a primeira ocupação irregular de Blumenau, denominada Favela Farroupilha. Estava localizada no morro da Boa Vista, próximo à ponte da Estrada de Ferro Santa Catarina e possuía cerca de cem barracos. Por determinação judicial, os moradores foram expulsos.

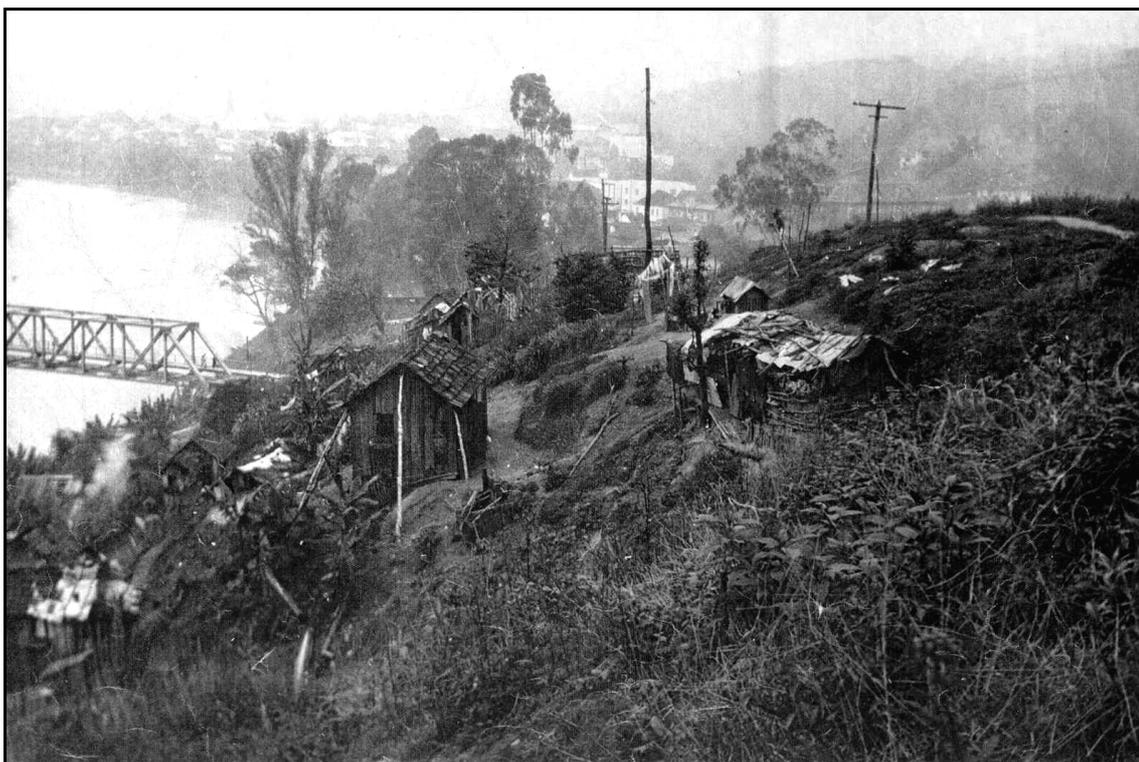


FIGURA 5.68 - Vista da favela Farroupilha. Ao fundo a ponte da EFSC e a área central de Blumenau.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

O bairro Ponta Aguda se desenvolveu mais rapidamente quando foi construída a Ponte dos Arcos da Estrada de Ferro, em 1950. Outra ponte responsável pelo rápido crescimento do bairro foi a Ponte Adolfo Konder, inaugurada em dezembro de 1957, ligando a rua 15 de Novembro com a rua República Argentina. A Praça Juscelino Kubitschek foi inaugurada no dia sete de setembro de 1979, numa área facilmente inundável, onde existia a passagem da balsa para a Praça Hercílio Luz. O local hoje é conhecido como “Prainha”.



FIGURA 5.69 – Vista do porto de Blumenau, no início do século XX. Pode-se observar o Vapor Blumenau ali atracado e, em destaque, a balsa que unia a sede da Colônia ao local conhecido como Ponta Aguda.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

Era na Unidade Espacial do Centro que estavam localizados os principais equipamentos de serviço, como os hospitais e organizações assistenciais, sendo difícil encontrá-los em outras unidades espaciais. A seguir, descrever-se-á o histórico e a importância de cada um deles.

No dia 27 de abril de 1895 chegam à Blumenau as irmãs Ana Niemeyer, Paula Emping e Rufina Weyermann, da Ordem Católica da Divina Providência e passam a residir na *Gespensterstrasse*. Atendiam ao ensino de crianças, às senhoras idosas e a serviços de enfermagem. Em 1897 foi construído o Convento Sagrada Família, sendo que de 1906 a 1909 as irmãs destinaram um quarto no convento para receber doentes. Ainda em 1909 foi inaugurado um prédio ao lado do colégio que elas também administravam, com capacidade para 20 doentes, que em 1916 passou a ser denominado Hospital Santa Isabel.



FIGURA 5.70 - Hospital Santa Isabel, no início do século XX.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 159.

Em 02 de setembro de 1907 foi fundada a *Evangelischer Frauenverein* (Sociedade Evangélica Senhoras de Blumenau), com 15 associadas, para atender a doentes e carentes, em dois quartos, numa casa na rua do Imperador. Com o correr dos anos, a pequena casa não comportava mais o número de pacientes e a diretoria resolveu construir um prédio, para implantar uma maternidade. O terreno foi adquirido por Johanna Hering, filha de Hermann Hering, em 1920, que o doou para a Sociedade. Nesta ocasião, Gertrud Gross, também filha de Hermann Hering doou a quantia de duzentos mil réis, soma vultosa na época, e que foi depositada como fundo para construir a maternidade. (KORMANN, 1994, p. 92-93, v.2). Em 1920 foi lançada a pedra fundamental da Maternidade *Johannastift*, inaugurada três anos depois, que recebeu este nome em homenagem a Johanna Hering. Com o passar do tempo, este prédio já não era mais suficiente para a demanda e em 1951, foi inaugurado um novo prédio na rua Pastor Stutzer, local livre de enchentes que recebeu o nome de Maternidade Elsbeth Koehler, em homenagem à presidente que dirigiu a entidade por várias décadas. Posteriormente, a maternidade foi transferida para o Hospital Santa Catarina. Com isso, em 1976, neste prédio foi instalado um lar para idosos.

No mês de setembro de 1915 foi fundado o Hospital Santa Catarina de propriedade do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. (SILVA, 1988, p. 233). Em fevereiro de 1916, foi lançada a pedra fundamental da edificação que o

abrigaria. Para concretizar a obra e angariar os fundos necessários, foi eleita uma Comissão de Construção integrada por Alwin Schrader, Max Hering, José Deeke, Otto Rohkohl, G. Arthur Koehler e o Pastor da Comunidade de Blumenau. Após a inauguração, em junho de 1920, a Comissão de Construção foi dissolvida, sendo eleito um Conselho Diretor pelas mesmas pessoas citadas acima. (KORMANN, 1994, p. 89, v. 2).

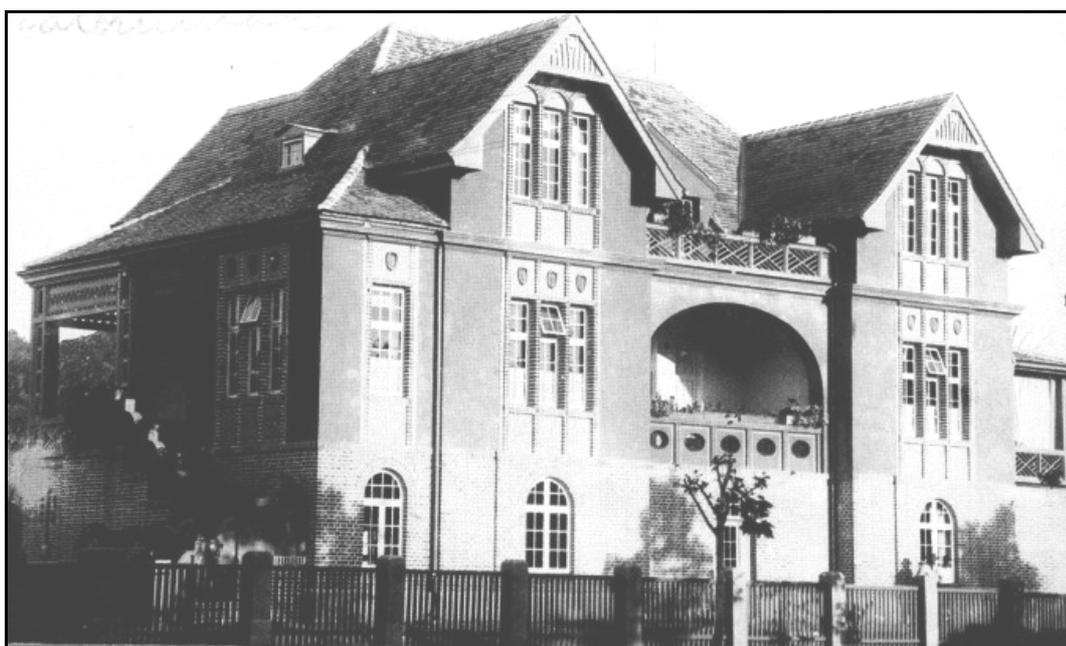


FIGURA 5.71 - Maternidade *Johannastift*, logo após a sua inauguração.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 158.



FIGURA 5.72 - Hospital Santa Catarina, no início do século XX.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 159.

5.3.5.2 Ensino: lugar das principais escolas

A primeira escola da sede da colônia foi inaugurada em 1855, sendo esta uma escola pública para o sexo masculino. Já em 1877, o padre José Maria Jacobs funda a primeira escola particular desta unidade espacial: o Colégio Católico São Paulo⁸².

Haviam, na sede, duas escolas particulares, regidas pelos professores Russeler e Wetzell, que eram protestantes, mas porém, concorrentes. Vários moradores, dos mais destacados da Vila, reuniram-se, e depois de organizarem-se em sociedade, conseguiram que uma escola, resultante da fusão das duas outras, entrasse em funcionamento em 1889, sob a denominação de *Neue Schule*, que quer dizer, Escola Nova. (SILVA, 1988, p. 249). O terreno para a construção foi cedido pelo Doutor Blumenau com a condição de que a escola não tivesse qualquer vínculo religioso. Já no ano seguinte, em assembléia geral, a Sociedade resolve entregar a orientação geral dessa escola ao pastor Hermann Faulhaber, dirigente da Comunidade Evangélica Luterana. A ele, principalmente, se deve o desenvolvimento da Escola Nova. Tendo se casado com uma blumenauense, Faulhaber integrou-se na comunidade, participando ativamente da vida social e cultural de toda a região: dirigiu sociedades, estimulou a criação de escolas e de associações artísticas e culturais. Sob a direção de Faulhaber, a Escola Nova marcou época, não apenas pela eficiência do ensino, como pela atividade intelectual de seus professores, escolhidos entre os mestres mais cultos de Blumenau, destacando-se entre eles o biólogo Fritz Müller. (SILVA, 1988, p. 250). Após alguns anos, a primeira construção não comportava mais o número de alunos. Assim, decidiu a Sociedade Escolar pela construção de um prédio maior, mais adequado à finalidade. Em 1915 foi adquirido um terreno na rua Marechal Floriano Peixoto e nove anos depois foi inaugurado novo prédio. Nesta época já era conhecida como Escola Alemã.

⁸² No ano de 1899, o Colégio passa a ser Seminário e em 1904, tem o nome alterado para Colégio Franciscano Santo Antônio, tornando-se o primeiro estabelecimento secundário da região.

Um fato pitoresco na história da Escola Nova eram as festas de Solstício que se realizavam em junho com fogueira, declamação de poesias, rifas e troca de presentes. Também eram constantes as excursões e o hábito de alojar alunos visitantes em casas particulares. Em certa ocasião, os alunos da Escola Alemã do Rio de Janeiro visitaram Blumenau, sendo recepcionados em Badenfurt. Aos visitantes foram proporcionados jogos, ginástica, natação, excursão ao Salto Dittrich, encerrando com churrascada na propriedade dos Hering. (KORMANN, 1994, p. 147, v. 2).



FIGURA 5.12 - Ao fundo, edificação da Escola Alemã de Blumenau (construção de dois pavimentos).

Fonte: RENAUX, 1995, p. 102.

As Irmãs da Divina Providência criam, também, em 1896, uma escola para meninas. Essa escola foi se desenvolvendo e no ano de 1925 foi inaugurado o Colégio Sagrada Família. A colaboração do povo blumenauense foi fundamental na manutenção do Colégio, que proporcionava ainda o ensino de música, trabalhos manuais e pintura. (KORMANN, 1994, v. 2).

Em 1937, durante o período ditatorial, uma série de decretos foi emitida pelo Governo, para dificultar o funcionamento das escolas existentes e a criação de novas escolas particulares. A Escola Nova, transformada em estabelecimento de nível secundário, teve o seu professorado e direção substituídos por elementos de

confiança dos nacionalistas e o seu nome foi alterado para Colégio Pedro II. (SILVA, 1988, p. 258).

Em 1953, a Comunidade Evangélica de Blumenau fundou a Escola Primária Barão do Rio Branco.

5.3.5.3 Vida social e cultural: o núcleo desta atividade na colônia e no município

Tão logo o número de famílias de imigrantes foi crescendo, na sede da Colônia Blumenau, a vida social desta deixou de limitar-se às visitas periódicas, entre umas e outras, feitas particularmente, nos primeiros meses do estabelecimento. Quando o agrupamento, começou a desenvolver-se, as famílias foram, naturalmente, encontrando meios de entreter-se. Os homens reuniam-se, à noite, em torno das mesas de *skat*, em casa de algum deles, bebericando, palestrando e cantando. As mulheres encontravam-se nos *Kraenzschen*, durante os quais, entre conversas dos assuntos do dia, ou de notícias recebidas de parentes da Alemanha, ocupavam-se em trabalhos de costura e bordados. (SILVA, 1988, p. 194).

No dia dois de dezembro de 1859 foi fundada nesta unidade espacial, a primeira sociedade de atiradores: o *Schuetzeweerein* Blumenau.

Enquanto nessas festas, verdadeiros e marcantes acontecimentos sociais, os sócios atiradores se ocupavam, desde cedo, na disputa do melhor tiro, suas famílias e convidados e, praticamente, toda a população da 'Stadtplatz' e arredores, entregavam-se aos mais variados divertimentos. Já então se organizara uma banda de música, com meia dúzia de elementos, um bombo, pistão, baixos e, quase sempre um ou dois violinos. E, nesse dia, sempre havia festas, música, baile até alta madrugada. (SILVA, 1988, p. 195-196, grifo do autor).

Os alemães tinham singular atração pela arte do canto e, onde quer que se encontrassem, formavam logo coros, com ou sem acompanhamento instrumental. Ao pastor Hesse, primeiro pastor luterano da Colônia, se deve a fundação do primeiro coral desta unidade espacial: a Sociedade de Canto e Música *Liederkrantz*,

fundada em 1909 com o nome de *Klub Unter Uns*. Além das apresentações e bailes, os associados também promoviam excursões. Um exemplo foi uma excursão acontecida em 1910, “de carro, com música, até Gaspar Pequeno, no salto de Frederico Busch.” (KORMANN, 1995, p. 204, v. 3).

Mais tarde, após a Segunda Guerra, os concertos de música também tornaram-se comuns. Segundo a Senhora Erica Flesch⁸³, que fez parte da Orquestra de Câmara de Blumenau:

A cidade vivia em função disso, porque era pequena e a gente se comunicava mais fácil que agora. Então se dizia: “Olha, vai ter concerto.” Eram impressos programas até sem data. Mas quem tinha perna e gostava de música ia, quem gostava de concerto e de uma coisa melhor também ia. Ensaivamos uma ou duas vezes por semana, mas vou ser sincera, não passava uma semana sem ensaios. [...] Eram músicas clássicas, ligeiras, românticas, músicas de Natal, músicas bonitas, tudo que agradasse ao ouvido. (ERICA, 2001, p. 66).

Outra arte que se desenvolveu, como já citado foi o teatro. Uma passagem de Kilian, encontrado na Revista Blumenau em Cadernos, mostra a importância do teatro na vida da comunidade blumenauense, já no início do século XX.

Zittlow [...] indaga neste momento a Schwazer: “Bem, como vão ser distribuídos os papéis da nova peça? O papel de chefe florestal, cabe naturalmente ao Salinger, e Curt Hering representará o guarda florestal; Gustavo Lunger Shauen ou Max Feddersen faz papel de amante, Max Clasen o rival, a esposa do chefe florestal será representada por dona Nanny, a mocinha será sua filha, Sr. Schwazer; para os papéis menores temos ainda minha filha e a senhorita Salinger [...]” (KILIAN, 1961, p. 151-152).

Normalmente, onde funcionavam os clubes dos atiradores havia um palco para teatro. No ‘Schützenhaus’ blumenauense um grupo de artistas amadores saído do seio da sociedade colonial teve grande apoio para a melhoria do seu palco e vestiário em 1872, quando foram subscritas ações no valor de 500 réis cada. (RENAUX, 1995, p. 108, grifo da autora).

⁸³ Entrevista concedida à pesquisadora Cristina Ferreira, na data de 01 de junho de 2000, para o projeto “Resgate da Memória Oral do Vale do Itajaí”, desenvolvido em parceria com o Instituto Blumenau 150 Anos, em homenagem ao sesquicentenário de fundação do Município e publicada na revista Blumenau em Cadernos.

Este grupo foi organizado por Roese Gaertner, em 1860, e viria a se tornar em 1895, a *Theaterverein Frohsinn* (Sociedade Teatral Alegria) a principal de Blumenau. Segundo Jamundá apud Renaux (1995, p. 152):

No 'Schützenhaus' também acontecem apresentações de peças teatrais por um grupo de amadores da Sociedade Frohsinn, que no tempo em que eu vivi em Blumenau estava sob a direção do Cônsul Victor Gaertner e de sua esposa. Principalmente em pequenas peças de comédia apresentavam valiosos espetáculos. Também os cenários eram vistosos e pintados aqui mesmo. Após estas apresentações teatrais acontecia um baile, abrilhantado pela orquestra Rüdiger (grifo do autor).

Roese achava, que os sócios do *Schützenhaus* já eram muito numerosos e nem todos dispunham da necessária sensibilidade para compreender os enredos e a atuação dos artistas amadores. Preferiu então empenhar-se em uma campanha, para a construção de uma sede própria para o seu grupo teatral. Mais uma vez conseguiu a adesão de grande número de associados para a causa. Os subscritores das primeiras ações do teatro foram os membros das velhas e tradicionais famílias blumenauenses. (RENAUX, 1995, p. 153-155).



FIGURA 5.74 – Edificação do *Theater Frohsinn*, logo após a sua inauguração.

Fonte: RENAUX, 1995, p. 155.

A nova sede, localizada na Rua das Palmeiras, foi inaugurada em abril de 1896, com a representação da peça *Ein toller Einfal* (Uma idéia louca). Com a inauguração, a vida social de Blumenau tomou novo impulso: além das peças, encenadas pela própria sociedade, apareciam em seu palco, companhias e grupos de outros pontos do país e até mesmo vindos da Alemanha. As peças representadas eram sempre de autores de expressão como Shakespeare, Goethe e Molière. Os seus salões se abriam, também, para a realização de bailes e outras reuniões sociais. (SILVA, 1988, p. 202- 203).



FIGURA 5.75 - Elenco do Teatro *Frohsinn* de 1900 a 1902.

Primeira fila, sempre da esquerda para a direita: Hermann Ruediger, Frau Brandes, Hermann Hering, Fräulen Berta Brandes, Gustav Salinger, Minna Hering e Paul Schwartzter. Segunda fila: Max Hering, Carl Friedenreich, Margarete Hering, Bruno Lungershauen, Fräulen Anna Zittlow, Bruno Hering, Hedy Haertel, Johanna Hering, Rudolph Krause. Terceira fila: Paul Hering, August Zittlow, Arthur Koehler, Maria Gross, August Franke, Ernst Steinbach, Prof. Carl Haertel e Curt Hering. Quarta fila: Nanny Kegel, Edith Gaertner. Pedro Christiano Feddersen, Fräulen Else Gaertner, Marie Lungershausen, Victor Gaertner e Gertrud Hering. Quinta fila: Otto Stroebel, Heinrich Froener, Heini Krause, Júlio Probst, Anna Brockes, Alwin Schrader e Elli Rischbieter.

Fonte: RENAUX, 1995, p. 157.

Roese Gaertner faleceu em 1900. O teatro *Frohsinn* fechou suas portas temporariamente após sua morte, até ser reaberto pela filha da fundadora Elsa, que

continou a dirigi-lo ao lado do Senhor Salinger. Em 1917, o *Frohsinn* fechou por mais algum tempo, em função da guerra. Quando novamente reabriu, Nanny Hering, assumiu a direção até que nova assembléia elegeisse Augusto Zittlow para o cargo. (RENAUX, 1995, p. 156). Em 1936, a Sociedade Teatral *Frohsinn* fundiu-se com a Sociedade de Canto e Música *Liederkranz*, recebendo o nome de Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes.

Muitas vezes, como já citado, acontecia a apresentação de companhias de teatro alemãs em Blumenau. Em 1912, se apresentou o *Deutsches Theater in Südamerika G.m.b.H.*, que já havia visitado as principais capitais do país nas quais viviam alemães (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre) e agora faria oito apresentações em Blumenau. Este evento teve enorme repercussão em toda a região e até fora dela. O teatro estivera lotado todas as noites e os hotéis também lotados com visitantes de Brusque, Itajaí e até Desterro. Nestes dias, a Estrada de Ferro Santa Catarina colocou à disposição da população, comboios especiais e passagens com preços reduzidos. (RENAUX, 1995, p. 157-159). Quando da vinda das companhias de teatro alemãs a Blumenau, o elenco se hospedava na casa da família Hering.

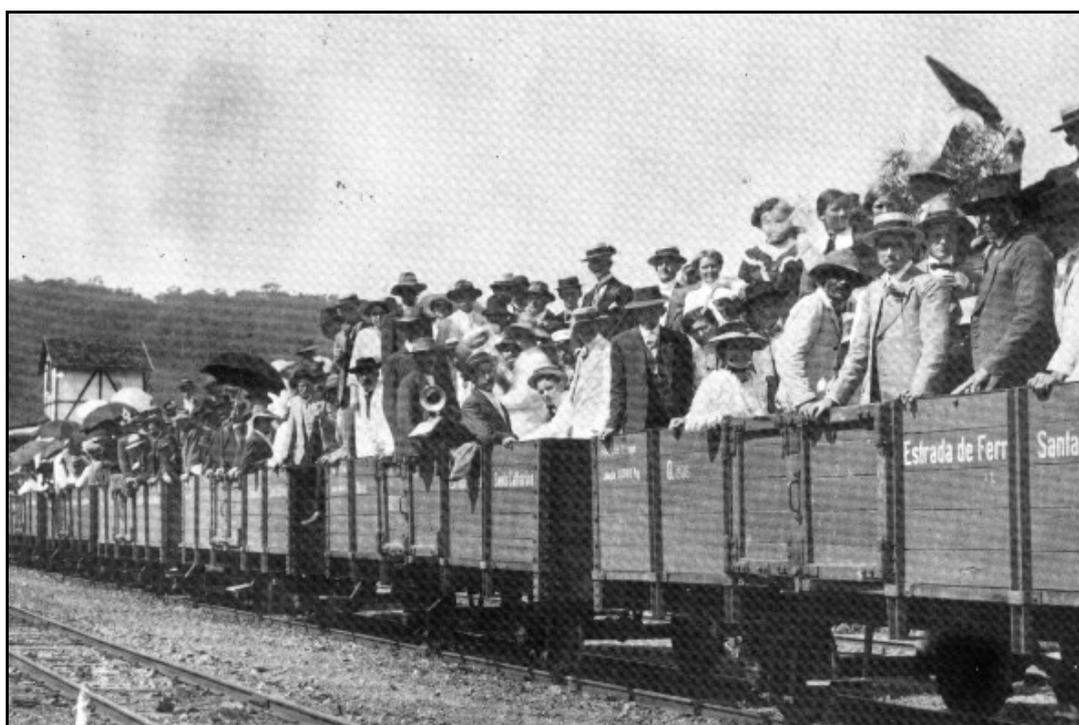


FIGURA 5.76 - Trem lotado, a caminho de uma das festas na Colônia, em 1915.

Fonte: DIAS; TEIXEIRA; SANCHES, 1987, p. 178.

A Senhora Cecília Lischke, descreve, que na década de 1920, em certa ocasião veio todas as noites, com seu irmão, de carro, assistir teatro em Blumenau, já que nesta época, morava em Pomerode, distrito de Blumenau⁸⁴:

Eu me referi à *Deutsche Theater und Operetten Gesellschaft Marzell u. Urban*, e esta durante uma semana e creio que até mais, apresentou toda noite uma opereta. Para vê-la, meu irmão e eu viemos todas as noites de Pomerode a Blumenau para assistir operetas. E isto queria dizer muito porque as estradas eram péssimas. (HISTÓRIA, 2002, p. 67, grifo nosso).

Mais tarde, após a guerra, este tipo de atividade continuou, no Teatro Carlos Gomes, conforme descreve Cecília Lischke:⁸⁵

[...] depois de muitos e muitos anos é que apareceu uma companhia de teatro alemã por aqui. Antigamente tínhamos aqui com frequência companhias de teatro, de operetas e nosso próprio teatro fazia suas apresentações. Quando eu era mocinha e depois quando casada tomamos parte em apresentações, meu marido e eu. Nós dois, por exemplo, apresentamos uma opereta 'Das Winzrliese'. Foi um divertimento enorme também para nós que tomamos parte e a peça foi muito bem aceita e tudo funcionou fantasticamente sob a direção de Heinz Geyer. Foi um sucesso enorme e nós apresentamos esta opereta algumas vezes. E também foram encenadas peças de teatro como, por exemplo 'Alt Heidelberg' onde Kaethe Werner teve o papel principal. Naquela época fazia-se muito teatro, quando Nanny Poettig tinha a direção do teatro; mas não no caso da 'Winzrliese', dirigida por Heinz Geyer. [...] sempre tinha alguma coisa. Se não havia apresentação ou concerto, o nosso 'Club Musical', o atual 'Musik Verein' do Carlos Gomes sempre se encarregava de executar alguma coisa. [...] Aqui depois da guerra criou-se um novo grupo de teatro sob a direção da Frau Sleemann. Esta veio de fora e ensaiou teatro com nossa gente. Selma Sleemann era seu nome. Foram apresentadas peças muito bonitas com os nossos daqui, todos amadores. Ela mesma era uma artista e à noite fazia serões de declamação, de poesia, uma artista muito boa e aprimorada. De repente este grupo retirou-se, não fez mais teatro. [...] Houve então também grupos de teatro em português, que fizeram suas apresentações falando em português, mas estes, no caso, eu nunca fui assistir; nós já éramos então um pouco mais velhos e não fomos mais ao teatro. (HISTÓRIA, 2002, p. 68-69, grifo do autor).

Os salões dos hotéis, também foram importantes pontos de encontro e

⁸⁴ Entrevista realizada em dois de dezembro de 1998, e publicada na Revista Blumenau em Cadernos em 2002.

⁸⁵ Idem.

manifestações culturais da vida urbana, principalmente nesta unidade espacial. O principal foi o tradicional Hotel Holetz, construído em 1902 e que hospedou durante muito tempo as pessoas mais ilustres que por Blumenau passaram. Neste hotel, havia um grande salão, onde se realizavam bailes, teatro e cinema. Digno de menção é também o Hotel Elite. Embora de construção simples, hospedava também pessoas ilustres que vinham em visita à cidade. Localizava-se na Rua 15 de Novembro e dispunha também de um salão de festas, onde se reunia a elite blumenauense. (HEUSI, 1983, p. 280).

Outro hotel importante desta unidade espacial, foi o Hotel Pauli. Funcionava em um prédio de construção enxaimel e estava localizado na rua 15 de novembro, esquina com a atual rua Floriano Peixoto. Após o fechamento do hotel, o prédio que dispunha de um grande terreno, foi adaptado para abrigar a 9ª Companhia Isolada de Metralhadoras Pesadas. (HEUSI, 1983, p. 274).



FIGURA 5.77 - Vista do Hotel Elite, na década de 1940.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 191.



FIGURA 5.78 - Vista do Hotel Pauli, em 1900.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

Alguns clubes e restaurantes também contribuía para a vida social desta unidade espacial. O Club Germânia foi fundado, segundo seus Estatutos, em 1911, “para contribuir para a vida sociável de seus sócios”. Os associados, logo após a fundação, adquiriram o imóvel de Paul Hering com uma casa de alvenaria, localizado à Rua 15 de Novembro. Durante muitos anos, o Club Germânia, ao lado do Teatro *Frohsinn*, da Sociedade de Atiradores e da Associação Ginástica Blumenau, promovia o entretenimento e a confraternização entre os blumenauenses. O Club Germânia, foi vendido em 1946 e este dinheiro foi aplicado na formação do patrimônio da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes. (KORMANN, 1995, p. 181-182, v. 3). “Por volta de 1940, apesar da Segunda Guerra Mundial, continuavam em plena atividade os restaurantes com pista de dança e música ao vivo, principalmente por conjuntos musicais, como a Varanda Toenjes, famosa pela sua confeitaria e churrascadas.” (KORMANN, 1995, p. 238, v. 3).

Na Unidade Espacial do Centro era comum, também, as reuniões em torno de uma mesa de bar, para conversar. Veja-se este relato encontrado nas páginas da Revista Blumenau em Cadernos:

Agora mesmo, o Sr. Steinbach sai de sua loja e dirige-se ao bar vizinho, de Oscar Gross, para um pequeno bate-papo, pois é sábado a tarde e neste dia, sempre se reúnem alguns bons amigos no bar de Gross, para saborearem uma boa cerveja da Jennrich, do Hosang, ou do Rischbieter, segundo o gosto ou a preferência. Aliás o carro de mola do Sr. Carl Rischbieter já está parado em frente ao bar do Gross e seu dono já se acha sentado com alguns amigos numa das mesas, tendo a sua frente a cerveja preferida, a 'Kleine Schwarze' (a pretinha). (KILIAN, 1961, p. 222, grifo do autor).



FIGURA 5.79 - Encontro de blumenauenses no bar de Oscar Gross, para beber cerveja e conversar.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 85.

Em 1917, no salão Katz, foi inaugurado o Cinema Ideal. Em 1919, o cinema que funcionava no salão Holetz, recebeu o nome de *Busch's Kino* (Cine Busch), nome do empresário que iniciou o negócio. (KORMANN, 1984, p. 41). Alguns anos mais tarde foi também inaugurado o Cine Blumenau, sendo que as sessões deste cinema culminavam com uma parada na confeitaria Socher ou no Cine Bar onde a juventude se encontrava para tomar sorvetes.



FIGURA 5.80 – Vista do Cine Busch, ao lado do Hotel Holetz, na década de 1940.

Fonte: Arquivo Pessoal de Adalberto Day.

Quanto ao esporte, diversas foram as atividades e clubes surgidos nesta unidade espacial, no período da pesquisa. Em 1873 foi criado o *Turnverein Blumenau - Sociedade Ginástica*.

Até ter sede própria, o que só aconteceria mais tarde, as aulas de ginástica eram praticadas junto ao 'Clube dos Atiradores de Blumenau'. Para termos uma idéia da programação que tanto entusiasmava na época, convém olhar a apresentação feita em agosto de 1900, data do 27º ano de fundação da Sociedade. Naquela data as 'Schaeturnen', os shows de ginástica incluíam: 'desfile e início das evoluções livres no campo do Clube dos Atiradores; apresentação da diretoria; ginástica com bastão, com corda e na barra; cabo de guerra, saltos e jogos'. Todo o espetáculo, como diz o 'Blumenauer Zeitung', sendo animado por 'grande música de festa'. As aulas de ginástica ocorriam às quartas e às sextas-feiras à noite, em que o professor Arthur Koehler, redator do jornal 'Der Urwaldsbote', contava com *frequência numerosa e pontual*. Na sua ausência, Oskar Gross dava as aulas e devemos saber que ambos eram amadores, com funções no comércio local. Normalmente as reuniões recreativas incluíam peças teatrais e noites de música e canto em seu programa. [...] (BLUMENAUER ZEITUNG apud RENAUX, 1995, p. 153, grifos da autora).

Segundo os estatutos, os objetivos da sociedade Turnverein eram a “prática e a difusão da ginástica olímpica, esportes e jogos, principalmente o punhobol, bem como o intercâmbio esportivo, social e cultural com outras sociedades”.(KORMANN, 1988, p. 119).

A Associação Ginástica Blumenau teve vida longa e apresentava, além de números de ginástica, reuniões recreativas, excursões e noites de entretenimento com música, canto e teatro. As noites de entretenimento eram freqüentes e a inclusão de números artísticos e ginástica rítmica careavam bom público para os espetáculos. (KORMANN, 1988, p. 119-120).

Dessa sociedade, surgiria o primeiro clube de futebol do Município, em 1910, depois dela desligado em 1920 sob a denominação de Clube Blumenauense de Futebol.

Durante o período de 1917 a 1919, praticamente cessaram as apresentações, principalmente as noites de entretenimento, o que não impediu que as atividades esportivas, apesar de reduzidas, continuassem. [...]. Em 1920, voltaram as noites de entretenimento no Teatro Frohsinn, além dos costumeiros números de ginástica, música e teatro [...]. (KORMANN, 1995, p. 150-151, v. 4).

Em outubro de 1921, uma festa realizada rendeu boa quantia para os fundos da construção da sede própria. Assim, a pedra fundamental foi lançada no dia 15 de outubro de 1922. Em 1923, a sociedade recebeu do comerciante Stolz, de Hamburgo (Alemanha), aparelhamento novo incluindo barra fixa desmontável, paralelas e cavalo. Finalmente em 1924, o prédio da Associação Ginástica Blumenau foi inaugurado com festa popular da qual participaram o Coral Masculino *Liederkrantz*, a *Musikkapelle* Werner e os ginastas com apresentações, encerrando as festividades com o baile de inauguração. (KORMANN, 1995, p. 151-152, v. 4).

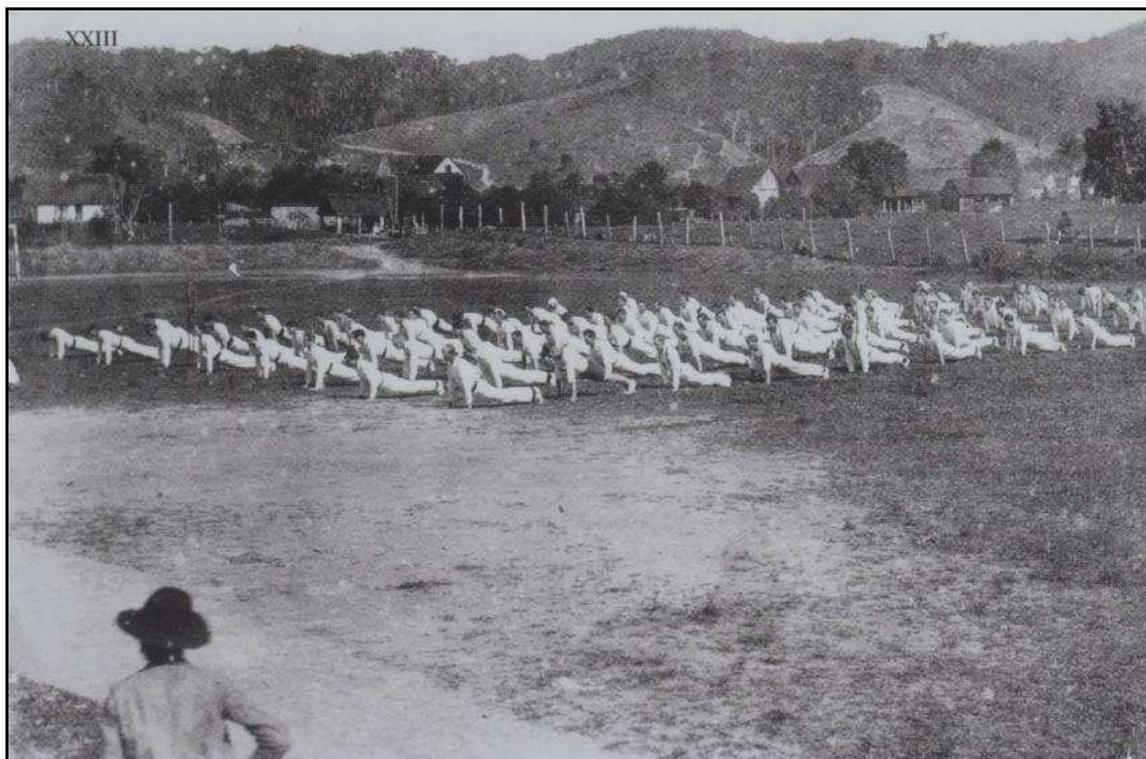


FIGURA 5.81 – Treinamento do *Turnverein*.

Fonte: CURTIPASSI, 2001, p. 62.



FIGURA 5.82 - Equipe do *Turnverein* Blumenau, em 1933.

Fonte: Arquivo pessoal de Orlaff Otte.

Em 1938, foi implantada a “nacionalização” e uma forma que o governo encontrou de afastar os professores que comandavam os exercícios de ginástica em alemão foi o arrendamento do prédio, campo e instalações, por tempo indeterminado, ao 32º Batalhão de Caçadores, em 1939. Três meses depois, o Comando do Batalhão devolveu as chaves do prédio, pois o arrendamento aproximou o Batalhão da Associação Ginástica, o que ficou comprovado quando a sociedade comemorou o seu sexagésimo sétimo aniversário, em 1940. Entre as competições de ginástica realizadas, sete provas foram em aparelhos e dedicadas aos oficiais do 32º Batalhão e durante a festa de comemoração a música ficou por conta da banda musical do próprio Batalhão. Porém, mesmo assim, a Associação Ginástica Blumenau foi fechada, em 1942 pelo Governo Estadual e as dependências passaram a ser utilizadas pelo Conjunto Educacional Pedro II. (KORMANN, 1995, p. 153-154, v. 4). Outras sociedades esportivas surgidas nesta unidade espacial, serão descritas a seguir:

O Grêmio Esportivo Olímpico considera como data de sua fundação o dia 14 de agosto de 1919. Porém, foi registrado, primeiramente como Blumenau Sport Club, depois, como Sociedade Desportiva Blumenauense e finalmente, como Grêmio Esportivo Olímpico, em 1947. Em 1939, inaugurou com grandes festejos o seu estádio. O time era conhecido carinhosamente entre seus torcedores como “Alvirubro” e “Poderio da Baixada”. Porém, com o decorrer dos anos, a profissionalização e as dificuldades financeiras minaram a estrutura do Olímpico, que desativou o futebol continuando apenas com outras modalidades esportivas. (KORMANN, 1995, p. 156, v. 4). Conforme relato da Senhora Erica Martins Flesch⁸⁶:

Na área de esporte minha turma praticava no Olímpico, perto da minha casa. Nós jogávamos voleiboll, uma colega minha da Empresa Schrader, onde cheguei a trabalhar, disse: “Olha nós estamos precisando de gente para jogar voleiboll, tu jogas?” [...] Bom, lá eu só jogava voleiboll numa turma de moças. Havia o voleiboll masculino e feminino e o basquete era só masculino, porque naquele tempo as moças não jogavam basquete. (ERICA, 2001, p. 62).

⁸⁶ Entrevista concedida à pesquisadora Cristina Ferreira, na data de 01 de junho de 2000, para o projeto “Resgate da Memória Oral do Vale do Itajaí”, desenvolvido em parceria com o Instituto Blumenau 150 Anos, em homenagem ao sesquicentenário de fundação do Município e publicada na revista Blumenau em Cadernos.

O Palmeiras Esporte Clube surgiu em 1918, com o nome de Brasil Esporte Clube e seu estádio foi inaugurado em 1928. Atuou durante seis décadas, chegando ao final de 1970, em condições precárias, contando apenas com os diretores Júlio Probst, Arno Buerger e Ivan Carlos Rizzeto. Nesta época, um projeto de marketing mostrou “os benefícios que a transformação do Palmeiras Esporte Clube traria para Blumenau, originando o Blumenau Esporte Clube.” (KORMANN, 1995, p. 157, v. 4) O Palmeiras jogou sua última partida em 1980.

Os jogos entre o Olímpico e o Palmeiras eram conhecidos como o “Clássico das Multidões” e as torcidas se concentravam em locais específicos: o Café Pinguim, era reduto Palmeirense e o Café Polar, da torcida do Olímpico.

O Clube Náutico América foi fundado em 1920, no salão do Hotel Holetz. Posteriormente, construiu-se sua sede num terreno ao lado da Praça Hercílio Luz. Um ano após a fundação, foram batizadas as primeiras *yoles*, “Nina”, “Luz” e “Nahyd”, ocasião em que também foi realizada a primeira regata intermunicipal com a participação dos Clubes de Regatas Marcílio Dias e Almirante Barroso, ambos de Itajaí. (KORMANN, 1995, p. 160, v. 4, grifos da autora). Em 1930, o América já tinha o seu galpão e nele foram realizadas grandes festas populares. Com um bom palco e tendo sua sede muito bem localizada, não faltaram artistas para se apresentarem e exporem seus trabalhos, entrando o clube também no círculo cultural e artístico da cidade. Apesar das diversas promoções realizadas no clube, é evidente que o remo sempre foi destaque e muitas regatas foram promovidas.

Outro esporte que aparece com destaque nesta unidade espacial é a natação que era praticada em piscinas naturais, desde a primeira década do século passado. “[...] sobre um grande trapiche de madeira, foram construídas seis cabines para trocar de roupa e uma espécie de piscinas delimitadas por divisões de madeira, onde os iniciantes aprendiam a nadar. No bairro conhecido por Altona havia outro estabelecimento de banho junto ao rio [...]”. (RENAUX, 1995, p. 198).

5.3.5.4 Vida religiosa: local das igrejas matrizes

Os católicos de Blumenau, em 1864, eram apenas em número de 466 e os luteranos eram 2.022 pessoas. Como os protestantes já possuíam um local para seus cultos, os católicos iniciaram um movimento para a construção de uma capela na sede da povoação, em local que o fundador destinara para esse fim. Esse movimento foi incentivado pelo Doutor Blumenau “que auxiliou, como e com quanto pôde, a construção do rancho, que serviria de templo provisório, dedicado a São Paulo Apóstolo [...]”.(SILVA, 1988, p. 218). Os colonos evangélicos tinham como local para cultos, o barracão de hospedagem de imigrantes, o que também gerava constantes reclamações do diretor da Colônia ao Governo Imperial. (SILVA, 1988, p. 218-219). Em 1865, o governo autorizava a construção das igrejas católica e luterana na Colônia. As pedras fundamentais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana - Paróquia Centro e da Igreja Católica São Paulo Apóstolo foram lançadas em 1868, sendo o arquiteto Henrique Krohberger, responsável pelas duas construções, que duraram oito anos.

Apesar de o desenvolvimento do protestantismo se ter operado de maneira notável, o seu templo principal na cidade, quase não sofreu modificações: apenas, os vitrais colocados na parede dos fundos do altar e a ligeira modificação da fachada, com o acréscimo de uma pequena torre. No mais, o templo protestante se conserva como foi inaugurado. O mesmo não aconteceu com a matriz católica. Tendo sofrido modificações e acréscimos em 1926, que lhe alteraram a feição original, a bela construção foi demolida em 1956 para dar lugar ao atual e moderno templo. (SILVA, 1988, p. 235).

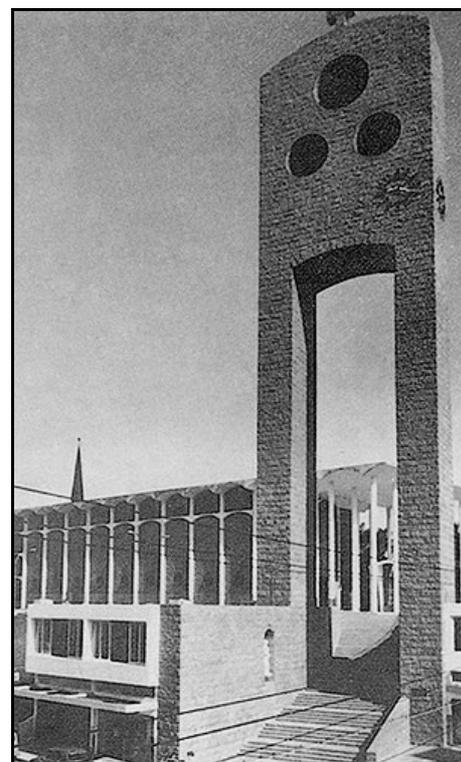
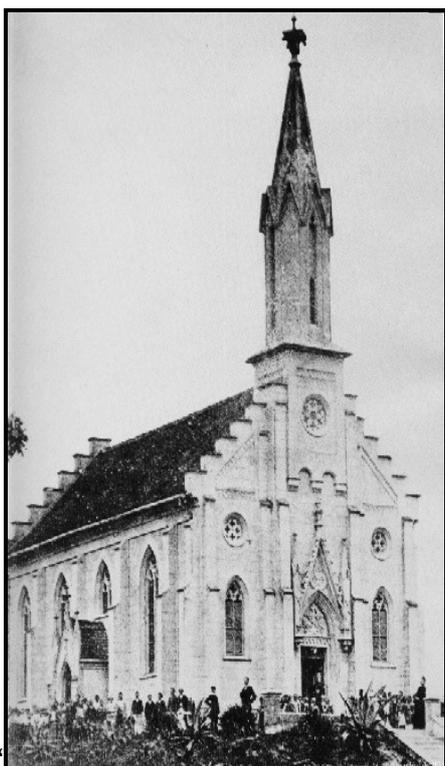


FIGURA 5.83 - Igreja Católica São Paulo Apóstolo, em suas várias fases. De cima para baixo e da esquerda para a direita: edificação original, inaugurada em 1877; edificação reformada em 1926 (observar nova torre); construção da nova torre, após a demolição do templo antigo e inauguração do novo, na década de 1960; novo templo, completo, na década de 1970.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal José Ferreira da Silva.

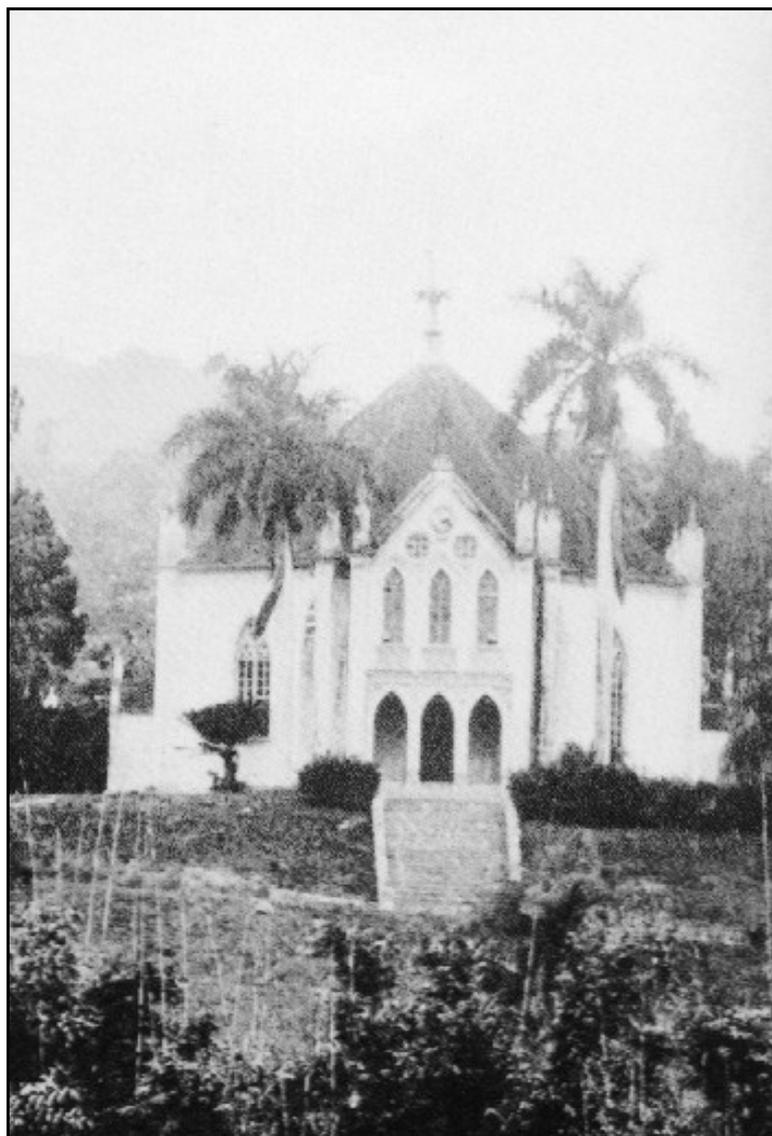


FIGURA 5.84 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana, da Unidade Espacial do Centro, em 1877.

Fonte: PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 58.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que aqui se conclui, não esgota seu tema, em função de sua amplitude. Outros aspectos além dos apresentados poderiam estar aqui discutidos, porém entende-se, que a pesquisa deve continuar pois há muito ainda a ser desenvolvido. Além disso, a cidade está em constante mutação e assim como estudos passados serviram de fonte para esta pesquisa, a mesma poderá se tornar uma fonte importante para pesquisas futuras. Contudo, por outro lado, foi possível reunir informações realmente inéditas, em seu conjunto.

A pesquisa inicial e leitura realizada para posterior redação, foram extremamente prazerosas, já que se pôde mergulhar na história do desenvolvimento da cidade e de sua vida urbana, descobrindo dados até então desconhecidos. Mais prazeroso ainda, foi o contato pessoal com os entrevistados: funcionários antigos das fábricas, ex-funcionários, descendentes dos operários e industriais, moradores e ex-moradores das vilas operárias e entorno das indústrias; na maioria, pessoas já com idade avançada, que recordavam com muita nostalgia o seu passado e que com imenso prazer e emoção relatavam suas experiências de vida. A descoberta do material histórico utilizado, algumas fotografias que se encontravam no fundo de gavetas e que enriquecem agora esta pesquisa, também foi muito satisfatória.

Entende-se que a principal intenção que se tinha antes de iniciar a pesquisa, de resgatar, organizar, analisar e compreender os dados ligados à formação dos bairros de Blumenau em suas relações com as indústrias, para conhecer melhor este aspecto da formação do seu espaço urbano e das relações estabelecidas entre o espaço e a sociedade, foi alcançada.

Entende-se também que os objetivos pretendidos foram cumpridos, assim como as perguntas norteadoras foram respondidas, principalmente através do desenvolvimento dos capítulos 03, 04 e 05. Conseguiu-se, através da fragmentação em capítulos e dos estudos teóricos iniciais, registrar a influência da industrialização na formação do espaço urbano e desenvolvimento da vida urbana de Blumenau.

Além disso, foi possível verificar as particularidades e características dos bairros blumenauenses que tiveram influência direta das indústrias no que diz respeito aos vários usos, costumes e atividades ali praticados; estudar como se deu a dinâmica de crescimento dos bairros industriais blumenauenses; verificar a influência do assistencialismo no surgimento destes bairros; verificar a influência da cultura germânica na forma urbana presente em Blumenau; e entender qual a influência desta forma na localização das primeiras indústrias do Município.

Como já se havia escrito, a historiografia sobre Blumenau, aborda apenas superficialmente a questão espacial. Estranhou-se a inexistência, junto das principais indústrias blumenauenses de arquivos históricos e iconográficos, que pudessem abrigar tais documentos e a escassez de outros mais significativos, junto ao Arquivo Histórico Municipal de Blumenau. Sabendo-se que algumas situações históricas podem ter gerado tal problema, pretende-se agora, com a conclusão desta pesquisa, ir à busca da formação destes arquivos ou bancos de dados e da preservação dos remanescentes arquitetônicos do princípio destas indústrias, como edificações fabris e residenciais. Tem-se esta facilidade por estar vinculada como funcionária pública à Prefeitura Municipal de Blumenau.

Sentiu-se, também a necessidade do resgate e da restauração de fotografias e cartografia histórica, pois a dificuldade para encontrá-los e utilizá-los foi bastante grande.

É evidente e já comprovada, através de estudos e pesquisas, a influência da industrialização no desenvolvimento urbano de Blumenau e após esta pesquisa, conclui-se que contribuíram também para o desenvolvimento da vida urbana do local onde estavam implantadas.

Os espaços estudados, não possuíam delimitação física precisa e foram se moldando no decorrer do período temporal definido para a pesquisa. Pois como afirma Correa, a partir de meados do século XIX a industrialização vai gerar padrões locais intra-urbanos, envolvendo áreas que eram periféricas, mas não distantes do espaço urbanizado. Tratavam-se de indústrias localizadas junto às fontes de energia hidráulica que isoladas da cidade, tinham junto a si uma força de trabalho, residindo em vilas operárias, criando assim um espaço industrial constituído de lugar

de produção e de residência. Correa complementa que “deste modo a ação deles modela a cidade, produzindo seu próprio espaço e interferindo decisivamente na localização de outros usos da terra.” (CORREA, 1995, p. 15). Assim como ocorreu com a Revolução Industrial, na Europa, a industrialização de Blumenau irá reforçar o papel das cidades como pólos, em que o rural vai se subordinando de maneira progressiva às necessidades do urbano, e onde o modo de vida urbano passa a ser predominante.

Com relação ao assunto principal abordado, as características principais dos bairros surgidos e o desenvolvimento da vida urbana, foi de extrema importância ter como referência principal, a tese de Mamigonian (1965), que na década de 1950, desenvolveu o “Estudo geográfico das indústrias de Blumenau”, e descreveu o processo de industrialização, as características geográfico-econômicas das indústrias e o quadro espacial da atividade industrial no Município. Apesar das semelhanças no surgimento de algumas unidades espaciais blumenauenses, muitas possuíam características muito peculiares e particularidades que se identificou e descreveu, resgatando as características físicas e sociais, desde a formação do espaço urbano até o desenvolvimento da vida urbana. Mamigonian observa que a atividade industrial foi o principal aspecto de modelamento do quadro espacial em Blumenau, de tal forma que “não existia aglomeração urbana antes do aparecimento das indústrias”. (1965, p. 132). Como já se pôde constatar, a descentralização ocorrida em função de diversos fatores foi responsável pelo surgimento de uma estrutura urbana polinucleada, em Blumenau.

Para explicar a descentralização, em função do processo de industrialização, Mamigonian (1965), dividiu a cidade em unidades espaciais onde as indústrias apareciam como centro das influências. Para o autor, cinco destas unidades espaciais estavam na aglomeração principal. Destas, três foram consideradas mais importantes e com maior influência na formação do espaço urbano e duas foram consideradas secundárias: As unidades espaciais das Itoupavas, do Garcia e do Bom Retiro, foram consideradas as principais e as unidades espaciais do Centro e da Rua Itajaí, foram consideradas as secundárias. A Unidade Espacial da Rua Itajaí se desenvolveu em uma época posterior às demais e estava dependente do Centro e, a Unidade Espacial do Centro dava suporte às demais. Para o autor, cada uma das três unidades espaciais principais possuía um forte grau de integração interna e,

conseqüentemente, de autonomia em relação à área central, tese não totalmente confirmada por esta pesquisa: concluiu-se que apenas as unidades espaciais das Itoupavas e do Garcia possuíam esta autonomia, enquanto que a Unidade Espacial do Bom Retiro estava completamente vinculada e dependente da Unidade Espacial do Centro.

Das unidades espaciais detectadas por Mamigonian, duas tiveram a sua evolução iniciada a partir de uma implantação industrial. Este foi o caso das unidades do Garcia e do Bom Retiro. A Unidade Espacial das Itoupavas teve suas principais indústrias implantadas a partir da década de 1920, época que marca um processo de maior desenvolvimento desta área. Antes disso, se desenvolveu em função de outras condicionantes.

As unidades espaciais secundárias, do Centro e da Rua Itajaí, tiveram um desenvolvimento semelhante ao das Itoupavas, porém, apenas na Unidade da Rua Itajaí, uma indústria importante viria a se implantar, na década de 1940: a Sul Fabril. A Unidade do Centro se desenvolveu praticamente em função da atividade comercial, porém, também com muita influência das indústrias.

Observa-se também, que os períodos que se definiu como terceira e quarta fases da industrialização em Blumenau, foram aqueles em que mais se perdeu a memória urbana e a identidade cultural. Em parte, pela campanha de nacionalização, em parte pelo modernismo que se instaurou no Brasil e conseqüentemente no Município, quando boa parte dos costumes e do patrimônio existente desapareceu. Experiências próprias mostram que na sociedade atual, pouco tem sido o interesse por este aspecto. A grande maioria das pessoas se ocupa com o seu presente, alienando-se de sua própria história, sem enraizar-se no passado. Não percebem que preservar a memória urbana de uma cidade é preservar sua identidade cultural e social, tornando possível um presente e um futuro constituídos a partir de raízes do passado.

REFERÊNCIAS

ARTEX 50 anos. Folheto comemorativo dos 50 anos da empresa. Blumenau. 1986.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA E CULTURAL TÊXTIL HERING. Estatuto da Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering. **Informativo Hering**, Blumenau, ano I, n. 01, p. 08, jul. 1964.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA E CULTURAL TÊXTIL HERING. A.A.C.T.H. - Sede. **Informativo Hering**, Blumenau, ano II, n. 09, p. 05, dez. 1965.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA E CULTURAL TÊXTIL HERING. Curso Primário Bom Retiro. **Informativo Hering**, Blumenau, ano II, n. 09, p. 03, dez. 1965.

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CLASSISTA TÊXTIL HERING. Mais de 8 mil pessoas na festa da Associação. **O Peixinho**, Blumenau, ano 5, n. 52, p. 06-07, mai. 1985.

BAUMGARTEN, Christina; SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DO MATERIAL ELÉTRICO DE BLUMENAU. **A forja do progresso: a história da Indústria metalúrgica, mecânica e do material elétrico na Região de Blumenau e a formação das lideranças sindicais**. Blumenau: SIMMEB, 2003. 211p.

BAUMGARTEN, Christina. **A engenharia do sonho: registro histórico dos oitenta anos da Electro Aço Altona S.A.** Blumenau: BH. 2004.

BERTOLLI, Marina. Blumenau e a história do rádio. **Resenha Distrital do Garcia**. Blumenau, set. 2004, p.04.

BLAY, Eva Alterman. Dormitórios e vilas operárias: o trabalhador no espaço urbano brasileiro. In: VALLADARES, Lícia do Prado; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Habitação em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 143-154.

_____. **Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985. 332 p.

BLUMENAU. Decreto-lei n. 45, de 2 de junho de 1939. Adota em todo o território do Município, o Código de Construções. **Lex**: Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BLUMENAU. Lei n. 37, de 12 de novembro de 1948. Aprova o Código de Posturas. **Lex:** Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BLUMENAU. Lei n. 215, de 7 de maio de 1951. Altera a área do perímetro urbano da cidade. **Lex:** Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BLUMENAU. Lei n. 717, de 28 de abril de 1956. Divide o perímetro urbano da cidade em zona central e bairros. **Lex:** Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BLUMENAU. Lei n. 774, de 25 de fevereiro de 1957. Inclui no perímetro urbano da cidade uma faixa de terra. **Lex:** Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BLUMENAU. Lei n. 842, de 30 de setembro de 1958. Regulamenta a inclusão de vias públicas no perímetro urbano da cidade. **Lex:** Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BLUMENAU. Lei n. 926, de 23 de dezembro de 1959. Regulamenta o disposto nos artigos 6º e 7º do Código de Posturas, dando delimitação às zonas urbanas e suburbanas dentro do perímetro urbano da cidade. **Lex:** Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BLUMENAU. Lei n. 1044, de 05 de outubro de 1961. Inclui no perímetro urbano da cidade diversas vias públicas. **Lex:** Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BLUMENAU. Lei n. 1528 de 27 de setembro de 1968. Dispõe sobre a fixação dos limites do perímetro urbano da cidade e da outras providências. **Lex:** Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BLUMENAU. Lei n. 2021 de 09 de agosto de 1974. Fixa o novo perímetro urbano da cidade de Blumenau. **Lex:** Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 15 fevereiro 2005.

BOLLAFI, Gabriel. Para uma nova política habitacional e urbana. In: VALLADARES, Lícia do Prado; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Habitação em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 167-196.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: FAPESP, 1998. 342 p.

BRUECKHEIMER, Max. Memórias de Max Brueckheimer. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo X, n. 9-10, p. 161-203, set./out. 1969.

CAREZIA, Roberto; ROCHA, Balbino. Ruptura com as formas do passado: entre a modernidade e a tradição. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLII, n. 03/04, p. 70-101, mar./abr. 2001.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 506 p.

CASTRO, Antônio Barros de. **7 Ensaios sobre a economia Brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972. 2v.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2.ed. Florianópolis: UFSC, 2001. 453 p.

CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 94 p.

CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. 123 p.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. 123 p.

CURTIPASSI, Daniel. **Blumenau: planeta verde**. Curitiba: Laz Audiovisual, 2001. 162p.

DAY, Adalberto. Amazonas Esporte Clube. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLIV, n. 05/06, p. 107-111, mai. /jun. 2003.

DEEKE, José. **O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995. 295 p.

DIAS, José Roberto de Souza; TEIXEIRA, Vera Iten; SANCHES, Denise Paraná. Santa Catarina: **Imigrantes & indústria**. São Paulo: Rios, 1987. 192 p.

ERICA Martins Flesch: história de vida. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLII, n. 01/02, p. 54-74, jan./fev. 2001.

FERREIRA, Cristina; ABREU, Anne C. P. Os clubes de caça e tiro. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLVI, n. 11/12, p. 65-87, nov./ dez. 2005.

FIGUEIRA, Archibaldo. **A Hering de Blumenau: um século 1880-1980**. Blumenau: Laborgraf, 1980. 169 p.

GERMER, Haraldo. O álbum da família. **O Radar Sul Fabril**, Blumenau, ano 2, n. 24, p. 03, jan. 1965.

GERMER, Haraldo. O álbum da família. **O Radar Sul Fabril**, Blumenau, ano 3, n. 25, p. 02, fev. 1965.

GERMER, Haraldo. O álbum da família. **O Radar Sul Fabril**, Blumenau, ano 3, n.30, p. 01, jul. 1965.

GOLL, Alex; SCHREIBER, Osmar. **Clube Social e Recreativo Caça e Tiro Garcia Jordão – Centenário de Fundação – 1880- 30 de maio – 1980**. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1980. 25 p.

GUERRAND, Roger-Henri. Espaços Privados. In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges, et al. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v. 04, p. 325-411.

GUTZ, Rolf. As indústrias de Itoupava Norte. in: **Centenário de Blumenau: 1850 - 2 de setembro - 1950**. Blumenau: [s.n.], 1950. p 180-183.

HARTMANN, H., et al. Espetacular promoção da S.D.R. Sul Fabril: fabuloso piquenique no Balneário de Camboriú. **O Radar Sul Fabril**, Blumenau, ano V, n. 66, p. 01-02, jul. 1968.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998. 349 p.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 121 p.

HERING, Ingo. Indústrias. Desenvolvimento da Indústria de Blumenau. In: **Centenário de Blumenau: 1850 - 2 de setembro - 1950**. Blumenau: [s.n.], 1950. p. 161-188.

HERING, Maria Luíza Renaux. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí**. Blumenau: FURB, 1987. 334 p.

HEUSI, Nestor Seara. Blumenau de ontem e de hoje. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 4, nº24, p 270-283, nov. 1983.

HILLESHEIM, Jaime; BRUNS, Camile. Associações escolares: elementos históricos para o debate sobre associativismo civil em Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLIII, n. 03/04, p. 60-66, mar./abr. 2002.

HISTÓRIA DE VIDA: Sra. Cecília Lischke. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLIII, n. 07/08, p. 50-93, jul./ago. 2002.

HUMPL, Max. Pedro Cristiano Feddersen. In: **Centenário de Blumenau: 1850 - 2 de setembro - 1950**. Blumenau: [s.n.], 1950. p. 392-396.

INSTITUTO DE PESQUISAS E PLANEJAMENTO URBANO DE BLUMENAU - IPPUB. **Perfil Blumenau 1996**. Blumenau, 1996. 284 p.

INTEGRAÇÃO. Texto distribuído aos funcionários da Companhia Têxtil Karsten. Blumenau, 1981.

KARSTEN – 100 anos. Folheto Comemorativo do centenário da empresa. Blumenau, 1982.

KILIAN, Frederico. Vida de Blumenau há 60 anos. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 4, nº. 8, p. 150-154, ago. 1961.

KLEINE, Theodor. O desenvolvimento do comércio em Blumenau. In: **Centenário de Blumenau: 1850 - 2 de setembro - 1950**. Blumenau: [s.n.], 1950. p.189-195.

KORMANN, Edith. Associação Gynnastica Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 4, n. 29, p. 119-124, abr. 1988.

_____. **Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)**. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. v.1. 271 p.

_____._____. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. v.2. 221 p.

_____._____. [Florianópolis]: Ed. do Autor, 1995. v. 3. 290 p.

_____._____. [Florianópolis]: Ed. do Autor, 1995. v. 4. 220 p.

_____. Cinema em Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 1, n. 25, p. 18-42, jan. /fev. 1984.

KRESPY, Rosemary. Festa junina na Cremer. **Noticiário Cremer**, Blumenau, ano IV, n. 10, p. 11-12, mai./ jun. 1969.

_____. Entrevista bimestral. **Noticiário Cremer**, Blumenau, ano IV, n. 13, p. 04, nov./dez. 1969.

_____. Entrevista bimestral. **Noticiário Cremer**, Blumenau, ano IV, n. 15, p. 04-05, mar./abr. 1970.

_____. Entrevista bimestral. **Noticiário Cremer**, Blumenau, ano VI, n. 17, p. 06-07, set./ out. 1970.

KUEHNRICH, Rolf. **TEKA** – minhas recordações. Blumenau: Acadêmica, 1995. 80 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 178 p.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 3, ano XXVII, p.63-155. jul. /set. 1965.

MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política. In: GORENDER, Jacob et al. **Karl Marx**. Coleção Os Economistas. São Paulo: Victor Civita, 1982. p. 03-27.

MELHORAMENTOS **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997. 572 p.

MORETTI, Silvana M. **Os problemas ambientais gerados pelo desenvolvimento urbano de Blumenau**. 1999. 139 f. Monografia (Especialização em Engenharia Urbana e Ambiental). Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

OLIVEIRA, Francisco S. Entrevista bimestral. **Noticiário Cremer**, Blumenau, ano VI, n. 22, p. 06-07, jul. 1971.

PARÓQUIA EVANGÉLICA LUTERANA BOM PASTOR. **Igreja Bom Pastor – Paróquia Garcia**. Folheto Comemorativo dos 25 anos de lançamento da pedra fundamental da Igreja Bom Pastor. Blumenau: Odorizzi, 2003, 23 p.

PELUSO Jr. Victor Antônio. Tradição e plano urbano. In: **Estudos de geografia urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1991. p. 355-396.

PEREIRA. N. A história contada pelos pioneiros. **Jornal Mensageiro Artex**. Edição histórica dos 40 anos de fundação da Artex. Videira, 23 mai. 1976.

_____. Esta é a nossa empresa. Orgulhe-se dela. **Jornal Mensageiro Artex**. Edição Histórica dos 40 anos de fundação da Artex, Videira, 23 mai. 1976.

_____. Os clubes da Artex. **Jornal Mensageiro Artex**. Edição histórica dos 40 anos de fundação da Artex. Videira, 23 mai. 1976.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita. Blumenau e sua contemporaneidade. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLI, n. 09/10, p. 99-112, set./out. 2000.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita; FERREIRA, Cristina; WEISS, Ula. **A fibra tece a história**: a contribuição da indústria têxtil nos 150 anos de Blumenau. Blumenau: Sintex, 2000. 348 p.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1988. 372 p.

PIMENTA, Margareth de Castro A. Cultura teuto-brasileira e a cidade industrial de Blumenau em Santa Catarina. **Revista Dynamis**, Blumenau, v.6, n.24, p. 62 a 83, jul./set. 1988.

QUEIRÓZ, Maria Isaura. Dialética do rural e do urbano: exemplos brasileiros. In: BLAY, Eva Altermann. **A luta pelo espaço**: textos de sociologia urbana. Petrópolis: Vozes, 1978. 179 p.

RENAUX, Maria Luíza. **O outro lado da história**: o papel da mulher no Vale do Itajaí- 1850-1950. Blumenau: FURB, 1995. 238 p.

ROCHA, Jaime, et al. S.D.R. agora no remo. **O Radar Sul Fabril**, Blumenau, ano VIII, n. 96, p. 05, jan. 1971.

SANTA CATARINA. Departamento Estadual de Geografia e Cartografia. **Atlas geográfico de Santa Catarina**. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1958. [148]p.

SANTA CATARINA. Gabinete do planejamento e coordenação geral. **Atlas de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1986. 173 p.

SANTIAGO, Nelson Marcelo; PETRY, Sueli Maria Vanzuita; FERREIRA, Cristina. **ACIB: 100 anos construindo Blumenau**. Florianópolis: Expressão, 2001. 205 p.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

_____. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1981. 214 p.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1991. 60 p.

SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994. 124 p.

SERPA, Osny. O álbum da família. **O Radar Sul Fabril**, Blumenau, ano 3, n. 26, p. 03, mar. 1965.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no vale do Itajaí-mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974.

_____. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1990.

SEYFERTH, Giralda; FUNDAÇÃO Catarinense de Cultura. **Nacionalismo e identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. 223 p.

SIEBERT, Claudia. **A evolução urbana de Blumenau**: o descontrolo urbanístico e a exclusão sócio-espacial. 1999. 189 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Estruturação e desenvolvimento da rede urbana do Vale do Itajaí. Blumenau: FURB, 1997. 118 p.

SIEBERT, Claudia; MAXIMO, Ana Raquel. **O papel do estado na produção do espaço urbano de Blumenau**, 2002, 92 f. Relatório Final de Pesquisa em Iniciação Científica. Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

SIEBERT, Claudia; OTTE, Marina. O papel da indústria na produção do espaço urbano de Blumenau de 1970 a 2000, 2002, 105 f. Relatório Final de Pesquisa em Iniciação Científica. Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

SILVA, Irineu J., et al. C.E. Cremer: o elo que une diretores e empregados da família Cremer. **Noticiário Cremer**, Blumenau, ano IV, n.12, p. 02, set./out. 1969.

SILVA, Irineu J., et al. Ecos da festa da amizade – Triângulo e Cremer. **Noticiário Cremer**, Blumenau, ano IV, n.12, contracapa, set./out. 1969.

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. 2. ed. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988. 299 p.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. São Paulo: Nacional, 1968. 377 p.

VIDOR, Vilmar. **Indústria e urbanização no nordeste de Santa Catarina**. Blumenau: FURB, 1995. 248 p.

VIEIRA F^o., Ady. **As raízes da industrialização**. Florianópolis: Ed. do autor, 1986. 204 p.

VIRGILL, Derly. A assistência social na Sul Fabril. **O Radar Sul Fabril**, Blumenau, ano 12, n.148, p.01-02, mai. 1975.

WAIBEL, Leo. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. 326 p.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura da imigração alemã**. Porto Alegre: UFRGS, Nobel, 1983. 296 p.

_____ **Vida e morte da cidade teuto-gaúcha**. In: Weimer, Gunter (org.) **Urbanismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p. 57-74.

ZIMMERMANN, Roberto. Primeira diretoria do Clube Esportivo Cremer. **Noticiário Cremer**, Blumenau, ano I, n. 01, p. 15-16, dez. 1966.